



A MORTE VISITA LISBOA

FERNANDO PERDIGÃO



a morte
visita Lisboa

FERNANDO PERDIGÃO



O AR molambo de Andrade, seu andar trôpego e o corpanzil disforme, tudo seria desculpável, aos olhos do delegado Otávio, não fosse o comissário um ser intratável, sempre pronto a arrebatrar favores e cuspir desaforos. Mais jovem que o subordinado, o delegado ansiava pelo momento em que um dos dois se aposentasse ou desistisse. Os olhos miúdos do detetive — como exigia ser chamado, já que comissário “era um garçom maquiado que vivia nas nuvens” — fitavam bovinamente o superior, mas Otávio sabia que aquele cérebro inescrupuloso trabalhava incansavelmente para fazer do planeta um lugar inóspito.

Por trás da mesa, o delegado fez um gesto para que Andrade se sentasse mais próximo. O detetive recusou, optando pela confortável poltrona no canto da sala, um pouco afastada. Oscilou, antes de começar o lento movimento de baixar o traseiro ao assento. O desequilíbrio permanente do corpo assimétrico, mal sustentado pelos pés diminutos, era uma provação visual imerecida, pensou Otávio, sentindo o impulso de ordenar ao subordinado que se dirigisse para a cadeira indicada. Recuou da ideia, ao imaginar a longa dissertação de Andrade, reclamando de baixos salários, encostos aos quais faltavam ergonomia ou bom gosto e sabe-se lá o que mais o pulha inventaria para tornar o dia ainda mais miserável do que estava sendo.

Finalmente acomodado, o detetive arregaçou os lábios de maneira presunçosa. Para ele, a ideia de que um filho da elite — pouco afeito às ruas sujas e sua gente encardida — comandasse a delegacia em que mourejava era uma afronta inominável. E as mãos! Que mãos! Dedos finos, longos, mais adequados ao piano do que ao confronto físico. Deviam ser úteis na digitação dos romances policiais afeminados que ele criava nas infindáveis horas vagas, livrecos onde bandidos tinham sobrenome e policiais tinham motivos para sorrir.

— Apesar da eficiência do meu trabalho, não há como tratar do volume de comportamento tóxico despejado pelo senhor na minha mesa. É melhor escolher

um colega desocupado, um dos vários, para encaminhar essa nova investigação — disparou o detetive, prevenindo-se contra uma possível designação para mais um caso.

Otávio tirou os óculos, livrando-se ao menos da horrível visão que tinha diante de si.

— Não se trata disso, comissário — disse o delegado, usando, como provocação, o título oficial do cargo que Andrade exercia. — Não o chamei aqui por isso.

Apesar do prazer que obteve com o ar contrariado do subordinado, sua presença ainda o incomodava. Ao fim de um momento de indecisão, Otávio decidiu que era melhor acabar logo com aquilo:

— Eu fui indicado a um congresso e... bem, é o aniversário de 40 anos da Laura, e ela quebrou a perna. O fato é que não podemos sair do Brasil.

— Não sabia que trabalhava em dupla com a esposa.

O delegado suspirou, fazendo força para ignorar o gracejo.

— Existe esse convite... essa representação, bem, indiquei você para me substituir.

Andrade mastigou o beijo, pensativo, enquanto o delegado aguardava, ansioso. Pronto, ia começar a ladainha, percebeu Otávio, ao ver que os lábios do detetive se recompunham numa forma humana.

— Por que eu? Não quero dever favor.

— Os potenciais candidatos foram avaliados por nós e o escolhido foi vo... cê — respondeu o delegado, apontando-lhe o dedo numa brincadeira pueril que mereceu um olhar reprovador.

— “Nós”? — perguntou Andrade, franzindo o cenho numa carranca desagradável.

O delegado se mexeu na cadeira, incomodado.

— Havia uma comissão...

O sorriso pretensioso do detetive desanimou o delegado a continuar.

— Eu faço esse favor, delegado. Mas você fica me devendo mais uma.

Otávio respirou fundo e contou até 30 (já tinha contado até 10 e não funcionara) para tentar esboçar um sorriso.

— É em Lisboa. O Congresso Lusófono de Investigação Criminal.

Um sinal de interesse mesquinho surgiu no rosto do detetive.

— Qual o tema da minha palestra?

— Não tem palestra, Andrade. Você vai apenas assistir e depois fazer um relatório. São três dias...

— Preciso de dez dias, pelo menos, para me adaptar à mudança de fuso.

— Cinco dias.

— Dez dias é o mínimo para alguém com minha estatura física e mental passar pelas agruras de dois voos transatlânticos — rebateu ele, indicando o próprio corpo, cujas carnes balançavam com sua agitação. — E tenho que levar a inspetora Lurdes para me auxiliar.

Otávio o fitou com ódio.

— Auxiliar em quê, Andrade? E pode esquecer que não existe orçamento para ela ir.

— Eu resolvo isso.

O detetive atravessou o salão dos investigadores dirigindo-se ao fundo, onde ficavam sua mesa e a carteira escolar em que instalara a assistente, até que houvesse verba disponível para um *upgrade*. A juventude da inspetora, a devoção que dedicava a Andrade e, por que não dizer?, a pouca atração que o rosto magro e irregular, emoldurado por cabelos secos, curtos e alourados, despertava no detetive o conduziram a uma relação de paternal condescendência. Sentia mesmo um profundo afeto pela assistente.

— Chefe, mais casos? Tô atolada — disse ela, apontando uma pilha de pastas.

— Esquece essa montanha de querelas provincianas. Está na hora de você ganhar experiência internacional. Consegui autorização para você assistir comigo ao mais importante Congresso de Investigação Criminal do mundo... lusófono. Em Portugal.

Os olhos dela brilharam.

— Não acredito! Meu pai sempre me pediu para visitar os parentes em Évora. E minha mãe sempre quis que eu fosse a Fátima para conseguir um... para arrumar a vida.

— Pode deixar a carolice de lado. Nós vamos a Lisboa para um congresso de renome mundial. Consegui inscrevê-la e farei constar o fato em sua ficha laboral. Só vai ter que pagar a passagem e o hotel.

— Acho melhor deixar para outra vez — respondeu ela, murchando.

Andrade a fitou intensamente enquanto sua boca se contorcia numa expressão pesarosa.

— É uma pena porque, nesse caso, vai ter que trabalhar em dupla com o Antenor.

A inspetora não escondeu o mal-estar.

— Ele é horrível, chefe. Aquele mau hálito, a mania de prensar as colegas...

Andrade deu de ombros.

— Ordens de cima. Se mudar de ideia, são dez dias de férias em Lisboa. Tenho um camarada que mexe com turismo e pode financiar a sua passagem em três anos.

O detetive relaxou o corpo e fez um gesto de despedida. Com passos irregulares, mas altivos, atravessou novamente o salão lotado sem cumprimentar os agentes espalhados pela duas filas de estações de trabalho e desapareceu, descendo a escada, decidido a encerrar o dia de trabalho mais cedo.

Mal chegou a seu apartamento, a menos de seis quadras da delegacia, Andrade partiu para o aparador sobre o qual se amontoavam várias fotografias da falecida mulher, Marta, numa atmosfera de santuário. Marta, que elegera viver na quadra da praia, após anos de felicidade no subúrbio do Méier, e morrerá ali, atravessando a avenida da orla, atropelada por um playboy bêbado. Pegou uma das fotos, onde a mulher acenava para ele ao lado de um pônei, em um hotel fazenda no interior do Rio de Janeiro, e declarou circunspecto:

— Se der, Marta, faço sua vontade e passo em Fátima. Se der.

Com cuidado, devolveu o retrato ao lugar de sempre e rumou para a cozinha. Dó, a empregada que herdara da falecida, uma nordestina miúda, de temperamento azedo e língua afiada, parou-o na soleira.

— Já limpei os quartos, a sala e fiz a janta. Agora, tô lavando o chão da cozinha e num quero desconforto.

O aborrecimento nublou a fisionomia do detetive.

— Meus sapatos estão mais limpos que os seus dentes, zangada. E nem penso em entrar aí, até passar o cheiro do veneno que você usa. Quando terminar de enxugar gelo, passa no meu quarto que preciso de você lá.

— Vou quando der. Só tem o senhor morando, mas parece que teve visita de urso ou... de mulher sem educação.

— A única iletrada que passeia aqui é você — retrucou ele, dando-lhe as costas.

Andrade examinava no armário os dois casacos de frio que possuía — uma grossa japona azul-escura, toda empelotada pelo uso, e um gomado de plástico marrom —, quando Dó se postou à porta, com as mãos nas cadeiras.

— Dondé o trabalho pesado? A roupa de cama cheirava a pecado e botei de molho numa lavanda abençoada que o pastor recomendou.

Andrade virou o rosto para ela e coçou a cabeça, indeciso entre reagir à menção ao pastor ou cuidar do que precisava. Resolveu deixar a educação do gnomão bravo para depois:

— O que é que você acha melhor para o frio? — perguntou ele, mostrando os casacos.

— Num tem frio aqui pra tanto — ela resmungou.

O detetive a encarou com desdém.

— De onde você veio e aonde chegou não tem mesmo. Mas estou de partida para a Europa. Portugal, conhece? Sou convidado de honra em um congresso internacional onde estarão reunidos os maiores cérebros do mundo no combate ao crime. Eu sei que para ser mulher ainda lhe falta meio metro, mas ainda assim é quem tem mais hormônios femininos na casa. Qual desses dois é o mais elegante?

Dó se aproximou e mexeu nas duas peças. Deu umas cheiradas e franziu o nariz:

— Tão com cheiro de defunto.

Andrade se inquietou. Aproximou o rosto dos casacos e inspirou. Fez uma cara feia.

— Olha o que você deixou acontecer. Dois casacos de marca postos em risco por sua negligência criminosa. Você não sabe que precisa arear minhas boas

peças de uso eventual?

— Boas de ir pro lixo. Tão na beirada da petição de miséria.

Andrade sorriu como um lobo faminto.

— De lixo e miséria, devo admitir, você e sua turma entendem. Mas essas roupas são de excelente qualidade quando mantidas corretamente, o que não foi feito e espero que corrija. E, doravante, faça o obséquio de tratar meu guarda-roupa com a mesma delicadeza com que nós, policiais, tratamos dos seus semelhantes: com vigilância constante.

Ela balançou um dedinho.

— Sovar os casacos num resolve. E o pastor disse que resposta boa pra gente bruta é sorriso.

Ela mostrou os dentes pequenos. Andrade tirou os dois casacos dos cabides entregando-os a Dó, que os recebeu com expressão de nojo.

— Vou botar no sol, pra ver se dá jeito. Se vai dar é com Deus, porque entranhou um fedor de lembrar o capeta. Se quiser, encomendo mais lavanda abençoada — disse, encarando o patrão.

O detetive agitou as mãos e se afastou, impaciente.

— Vai, vai! Use suas crendices, mas tire esse cheiro, que vou levar os dois casacos na viagem. Posso precisar de algo mais formal para uma provável recepção na embaixada.

— E donde vai é mesmo?

— Lisboa. Se quiser alguma coisa de lá, pede logo, ou vou trazer sardinha em lata.

Dó, que ia saindo soterrada pelos dois casacos, torceu o pescoço para trás, inquisidora:

— E lá é frio que dói?

— Se tivesse ar condicionado e geladeira funcionando eu poderia explicar melhor.

Ela o ignorou e, com um ar acusatório, ergueu a japona, enfiando o dedinho por dentro de um buraco, entre a manga e o ombro.

— Vou consertar, mas o senhor devia pensar em dar pra quem precisa. Remendo em roupa de rico é sinal de coração miserável — decretou, pondo a

mãozinha no coração.

As bochechas de Andrade estremeceram.

— Frase do pastor, não é, ovelhinha? Pois não se faça de Madre Teresa que o seu culto nem santo tem.

Nos três dias que antecederam a viagem que, afinal, faria com Lurdes — convencida pela possibilidade de financiar a passagem com 36 cheques pré-datados —, o detetive suspendeu as atividades das investigações sob sua alçada para dedicar-se a espalhar a notícia do convite internacional que recebera. Primeiro visitou Osório, proprietário da padaria da esquina, de quem recebeu a promessa de uma lista dos restaurantes com o melhor custo-benefício de Lisboa. Cumprida a missão com o portuga ilustre, gastou o resto do tempo circulando pelo comércio local, avisando uns e outros do destino glorioso que o aguardava em terras lusitanas.

Na tarde da véspera da partida, seguiu para o shopping Princesinha do Mar, em Copacabana, um modernoso e maltratado complexo de lojas e torres residenciais, que reputava como o epicentro da explosão migratória que dera início à decadência do bairro. Abrigando lojas de armas, academias de luta, antiquários, lavanderias coreanas e igrejas, continha, na visão de Andrade, todo o necessário para alimentar a criminalidade, “fornecendo os equipamentos, treinando os marginais, receptando os objetos roubados, lavando evidências criminosas e consolando suas almas danadas”. Além de tudo, a construção era um monstro: blocos cinzentos, maciços, com paralelepípedos de concreto plantados como antenas, servindo de residência aos que eram, por nascimento, criminosos, suspeitos ou informantes. A marginalidade só precisava sair dali para cometer seus delitos e a polícia só precisava entrar ali para encontrar seus autores.

O detetive parou numa cabine de chaveiro, na calçada, defronte ao shopping. Ela servia de cobertura para as atividades ilegais de Alfinete, ex-detento, cujas mãos leves haviam amealhado um patrimônio respeitável até ser chamado a pagar sua pena. A partir do retorno às ruas, o marginal havia decidido atuar

como empresário, provendo os meios de abrir portas e indicando alvos abonados e pouco inclinados a dar queixa na polícia.

Andrade bateu na bancada da cabine.

— Tem alguém honesto aí dentro? — berrou rudemente.

Alfinete, que girava uma chave no torno, ergueu os olhos. A testa calva e os óculos professorais acentuavam a expressão serena de quem já vira de tudo e sabia o valor de estar vivo para contar.

— Daqui não vejo ninguém — respondeu, com ar malicioso.

A afronta foi devolvida com uma ameaça:

— Se a irmandade dos fiscais souber a origem dos furtos sofridos pelos associados você vai ser entregue aos refugiados sírios para servir de recheio às esfirras.

A ameaça enquadrou o chaveiro.

— Desculpe, detetive. Foi no automático.

— Pois pode voltar a usar a marcha lenta se não quer bater de frente com o muro da lei.

— O que é que o senhor manda?

— Só passei pra avisar que fui convidado para um congresso internacional como palestrante e que talvez descreva seu *modus operandi* pós-internação judiciária.

Um vinco de preocupação aflorou no rosto de Alfinete.

— Não faça isso, detetive. Vai estimular o crime e estragar o nosso negócio. Pense bem, isso pode inibir o fluxo de informações que alimenta a ação policial de alto nível.

— Dá um exemplo recente?

Alfinete escreveu rápido num papel e o deslizou pela bancada, sussurrando:

— O furto da cobertura no Leme? Nome e endereço do pilantra.

— Chave sua?

— E eu lá sou dedo-duro? — retrucou, ofendido.

Andrade se apoiou na bancada para pegar o papel, discretamente, enquanto entregava uma chave para Alfinete, como disfarce. Num tropel desalinhado, deixou o informante e caminhou para a entrada do shopping, preparando o

espírito para o suplício que enfrentaria. Com as mãos empurrando a barafunda de clientes que estavam ali atrás das pechinchas, avançou para as escadas rolantes. Foi até o piso superior e de lá seguiu por uma gigantesca escada em caracol até a laje da construção, onde um pátio descoberto, povoado por latões de lixo, abrigava cubículos de depósito para as lojas comerciais dos andares inferiores.

Em meio àquele ambiente desolador ficava o escritório da administração do shopping, para onde agora ele se dirigia com o objetivo de avisar seus colaboradores involuntários: Dirceu, o subsíndico, Walberto, o porteiro-chefe, e Janete, sua esposa, de que estariam numa cidade “despoliciada”, vivendo por sua conta e risco, nos próximos dias.

Após uma descrição glamourizada do Congresso Lusófono de Investigação Criminal do qual participaria, Andrade, que estava de pé diante dos três, sentados em linha, ouviu com paciência os votos de sucesso proferidos pelo subsíndico Dirceu, professor de História aposentado, cuja saudade cerimonialista era satisfeita em momentos como aquele:

— Que as velas e os ventos o levem a singrar os mares revoltos do pensamento criminal com a mesma segurança que suas ações promovem no seio da nossa comunidade.

Com a vaidade massageada, um sorriso manchou o ar solene que pensara em imprimir à mensagem que trazia:

— A minha ausência será por poucos dias, mas aconselho aos que puderem que façam o mesmo que eu: sair da cidade. Sem minha presença, os malandros vão se sentir tentados a abusar dos cidadãos indefesos, começando pelos vizinhos — e, nesse ponto, ele olhou um a um.

— Não vai ter lei? — perguntou Walberto, franzino e assustadiço.

— A lei da selva não é favorável aos que pararam de crescer cedo demais.

Dirceu coçou a testa, nervoso, enquanto o porteiro-chefe virava para a mulher, Janete, uma morena atrevida que detestava o detetive pelos modos, cara e voz. Ela lançou um olhar pouco amistoso para Dirceu e Walberto, e quando se virou para dizer o que pensava a Andrade, o detetive ergueu a mão:

— Guarde suas observações para quem quer ouvir a senhora.

E lhes deu as costas, tomando o caminho de volta para a rua.

LOGO NO início do voo até Lisboa, Andrade iniciou uma guerra para afastar a velha senhora que ocupara o lugar ao lado de Lurdes e o impedia de estender-se por dois assentos, negando o conforto que merecia. Afinal, cansada dos ruídos estranhos e das incessantes descrições de cenas de violência urbana, a mulher desistiu, indo procurar outro lugar, o mais distante possível das impropriedades do detetive. Rapidamente, ele transferiu Lurdes para o assento ainda quente da mulher e se refastelou.

— Acho que ela se amedrontou com as descrições de brutalidade policial — observou Lurdes, compungida.

Andrade deu de ombros, satisfeito.

— Essa gente come carne mas não quer saber como é feita. Quer segurança, sem ter de saber como é conquistada.

— Eu...

O detetive aproximou um dedo gordo dos próprios lábios e a interrompeu:

— Por favor, inspetora, só me acorde quando a comida chegar.

Duas horas depois, o atendimento ao pedido não foi recebido com alegria. Andrade escabeceava de sono, dando garfadas rápidas entre reclamações e impropérios. As porções eram diminutas, o pão dormido e o vinho de segunda. Mesmo assim, arrebatou a taça de Lurdes e, não saciado, pediu outra no retorno do carrinho de bebidas. Em pouco tempo, voltou a dormir, entregando Lurdes ao desfrute das delícias oferecidas pela companhia aérea. A inspetora viu dois filmes que ainda estavam passando nos cinemas e comprou uma réplica do avião no *free shop* de bordo. Afinal, prestes a pousar, adormeceu.

Quinze minutos após aterrissem em Lisboa, Andrade disputava corrida com outros passageiros para ser um dos primeiros nas cabines de controle de passaportes. A seu lado, Lurdes ia tranquila, tirando discretas fotos com o

celular. Quando chegaram ao saguão da Imigração, o tamanho da fila indicada dos não residentes na União Europeia indignou-o:

— Não me lembrei de solicitar um passaporte diplomático!

— Minha fila é aquela, chefe.

Lurdes apontou a fila dos passageiros europeus, uns poucos gatos-pingados que passavam rapidamente após uma simples apresentação do passaporte num *scanner*. Andrade se virou para ela, destilando revolta:

— Esqueça, Lurdes. Aquela é a fila dos colonizadores. Alguém precisa lembrar a essa gente a dívida que eles têm para com aqueles que os sustentaram por séculos.

Ela deu um sorriso satisfeito:

— Eu tenho passaporte português, chefe. A família da minha avó é de Évora — acrescentou, deixando o detetive de boca aberta ao rumar para as catracas com *scanners*.

A surpresa de Andrade converteu-se em espessa contrariedade, por conta da subversão completa da hierarquia. Com o rancor trincando os dentes, avançou sozinho para sua fila. Durante uma hora, arrastou-se por ela, num zigue-zague interminável, drenando inteiramente sua reserva de bom humor. Foi encontrar Lurdes no *free shop*. Havia uma intenção hostil, ao examinar o rosto da inspetora.

— Eu nunca tinha reparado no seu buço, Lurdes. Com os ares da terra natal, ele floresce mais rápido.

Lurdes levou a mão ao lábio superior enquanto Andrade resfolegava na direção da saída. Fazia frio e ele portava o casaco gomado que ainda cheirava a lavanda usada por Dó na limpeza. A lembrança da empregada o consolou por um brevíssimo momento.

O táxi os deixou à porta do hotel, na Avenida Duque de Ávila, perto da Praça Duque de Saldanha, centro nervoso do bairro das Avenidas Novas. Durante o percurso, Lurdes fora obrigada a traduzir para o taxista as perguntas de Andrade, por força da herança cultural dela. Ficara sabendo, pelo detetive, que havia sido reservado um único quarto duplo, com porta de comunicação interna, a fim de

que a conta fosse integralmente paga pelo governo brasileiro. A solução fora sugerida por seu agente de viagens informal, Peixoto, um jornalista amigo que se especializara em turismo lendo as revistas do ramo. O hotel se localizava fora da zona turística, segundo o motorista, mas numa ótima vizinhança. Assim que chegaram, Andrade passou uma tarefa à sua subordinada.

— Você, que fala a língua, resolva tudo com esses portugueses. Espero aqui. Ah, e me traga um mapa da cidade — acrescentou, entregando a ela o seu passaporte e aboletando-se num sofá logo na entrada.

Minutos depois, Lurdes voltava da recepção.

— Tudo resolvido. Podemos subir — disse ela, entregando-lhe um mapa e o passaporte.

Andrade, que esperava problemas, fitou-a incrédulo.

— Vai sair tudo numa conta só?

Ela acenou positivamente.

O funcionário que os levou ao apartamento abriu a porta de comunicação com um sorriso malicioso, insinuando compreender a situação ambígua do casal não casado. Uma mirada agressiva de Andrade o ajudou a recuperar a postura profissional. Explicou o funcionamento da TV e da calefação. O detetive o empurrou para fora e com um solene meneio depositou 1 euro e 20 na palma da mão do rapaz. Instantes depois, Lurdes surgiu do quarto contíguo, excitada.

— Sabe o que tem aqui, chefe?

— Água encanada — retorquiu Andrade, incapaz de superar o mal-estar do aeroporto.

— Também. Mas olha a gentileza deles... Minha cama tem um papel de boas-vindas e um chocolate.

Andrade suspirou.

— Será que ainda vai estar muito frio lá fora? Eu congelei na chegada.

— Bobagem, inspetora. Estamos ainda no início do inverno. Em pouco tempo se aclimata. Você vai ver. O inverno aqui nunca foi forte o bastante para que os nativos desenvolvessem a altura ou criassem uma sociedade avançada. Por isso são considerados os pigmeus da Europa. Em todos os membros — acrescentou,

para afastar de Lurdes qualquer pensamento acerca de uma aventura amorosa no estrangeiro.

— São que nem a gente no Brasil, não é, chefe?

— Me diga você, que tem sangue dos dois lados. A minha altura denota a ascendência nórdica de que hoje sou vítima. E, por favor, vá se arrumar que quero sair logo.

— Vamos direto ao congresso? A abertura é hoje...

— Não, hoje é dia de nos adaptarmos ao fuso horário. Primeiro vamos olhar as redondezas, almoçar em uma verdadeira tasca lisboeta e, mais tarde, quero dar uma passada na embaixada para registrar minha presença no território ultramarino.

Lurdes abriu a boca, surpresa.

— Brasileiro tem sempre que se registrar? Não sabia.

— A embaixada não daria conta de acompanhar cada desesperado que vem procurar milagre econômico perto de Fátima, inspetora. No nosso caso, como estamos em missão oficial, a serviço da pátria, é bom deixá-los de sobreaviso.

— Para...?

— É para isso que servem as embaixadas, Lurdes. Para bajular as autoridades em trânsito.

Durante meia hora Andrade e Lurdes se embrenharam pelas ruas vizinhas sem que o passeio pelos arredores inspirasse qualquer comentário elogioso por parte do detetive:

— Veja bem, Lurdes, o estado dessas construções. É o que acontece quando um povo perde o gosto pela aventura e se apequena.

— Do que o senhor está falando?

— Das fachadas, inspetora. Você notou ali atrás uns prédios sendo construídos sem derrubar as fachadas?

— Isso é ruim?

— É sinal de uma alma decadente. Querem morar no passado porque o presente é ingrato.

Lurdes ficou pensando na frase até ser interrompida pelo detetive, que retirou do bolso traseiro seu mapa da cidade e pediu a ela que segurasse uma de suas pontas para que pudesse examiná-lo. Depois de um instante ruminando, guardou-o, decidido:

— Segundo o mapa, se descermos essa avenida, chegaremos à Praça Marquês de Pombal, o Centro da cidade. Dali, uma outra avenida, a da Liberdade, nos levará até a Praça do Rossio, o Centro Histórico. À noite podemos ouvir um fado ali perto, em Alfama, entre o Castelo de São Jorge e o rio.

— Já vi que vou adorar.

— Vamos fazer isso depois de passarmos na embaixada.

— O senhor não vai querer descansar do voo?

— Devia ter descansado no avião, inspetora. Estamos em missão, sabia?

— Tudo bem. Esta noite vou dormir como um passarinho.

Uma expressão de desconsolo tomou o rosto do detetive.

— Não espere demais da cidade, Lurdes. Você vai ver apenas roupas secando nas janelas, vielas estreitas e construções rudimentares. Sem um estofo cultural apropriado não poderá entender a relação entre a arquitetura precária e a miséria histórica que levou essa gente a deixar o país em barquinhos toscos. As Grandes Descobertas, Lurdes, não passaram da soma do insucesso cultural com o desespero individual.

— E um pouco de atração pela aventura. O senhor mesmo disse — lembrou Lurdes.

— Vá lá que seja — aceitou ele.

A hora seguinte foi gasta ainda rodando o bairro. Lurdes, agradada de cada distinção que podia observar em relação ao Brasil; e Andrade, confortado pela aparência pacífica dos transeuntes.

— Como tem lojinha de comida aqui, chefe! — mostrava ela, encantada com as vitrines repletas de conservas, azeites e vinhos.

— A única distração intelectual do país é comer. E o maior exercício é mastigar.

— Não pode ser. Olhe só por quantas livrarias a gente já passou. Contei cinco até agora. Onde moro não tem nenhuma. E o pessoal daqui, olhe! É tudo gente

magra.

— São visões de mundo diferentes, Lurdes. Não devemos comparar. No Brasil usam as escolas públicas para tirar os pivetes da rua e acostumá-los a viver entre grades. Aqui, continuam a ensinar a ler e escrever.

— Que horror, chefe!

— Se um dia você for à França, aí vai ver o que é ter livraria em todo lugar. Uma em cada esquina, que nem camelô no Brasil.

O assombro de Lurdes fez com que um lábio desgrudasse do outro, provocando um estalido. O detetive a censurou com um olhar firme, temeroso de que ela repetisse algo do gênero quando estivessem diante do embaixador.

— Acho que é melhor almoçarmos antes que os restaurantes fechem.

— Fechem?

— Para o almoço. Estamos em Portugal, Lurdes.

O hotel ficava a duas quadras do centro cultural mais importante da cidade, a Fundação Calouste Gulbenkian. Além do comércio variado, a região era plana, com calçadas muito largas que convidavam a passear. Raras construções passavam dos cinco andares, assegurando um descanso para os olhos. Em torno da Praça Duque de Saldanha, três quadras adiante, o trânsito era intenso e prédios comerciais mais altos hospedavam galerias movimentadas.

Lurdes distinguiu de longe o hotel e o apontou para o detetive, que tomou um rumo transversal, afastando-se dele. De repente, ele estacou, remexendo como louco nos bolsos. Do traseiro, recolheu uns papéis amassados.

— Eu peguei indicações de restaurantes de alta culinária, mas honestos, com o Osório, um amigo do setor gastronômico que é português. É humilhante dizer, mas o reembolso de despesas tem um teto.

— O padeiro da esquina onde o senhor mora — identificou Lurdes, deixando escapar um riso breve.

Andrade franziu a boca.

— Não seja esnobe, Lurdes, porque eu mesmo não sou. O Osório é um profundo conhecedor da cozinha portuguesa autêntica e também dos vinhos. Só

compro com ele. Não devemos menosprezar os que não puderam servir à sociedade de uma forma nobre — disse, em tom de repreensão.

Lurdes assimilou a bronca, envergonhada. Para mudar de assunto, apontou para as ruas circulares que contornavam a praça.

— Ali tem uma fila de táxi.

— Hoje prefiro almoçar numa tasca das redondezas mesmo. É bom conhecermos a vizinhança.

A frase foi acompanhada por um torvelinho ruidoso saído de sua barriga.

— A salutar manifestação do corpo avisando que é hora de repor energias — justificou. — Ainda temos meia-hora até a fome precisar de remédio.

Andaram a esmo por um tempo, até pararem diante de uma enorme loja chinesa cuja variedade de produtos espantou a inspetora. Com ar sábio, Andrade lhe deu um conselho:

— Se você tiver lembrancinhas para levar, sugiro comprar aqui. Os chineses vendem nessas lojas os encalhes que fabricam para as principais marcas do mundo. Como são desprovidos de vaidade e orgulho podem vender mais barato. É a face saudável do budismo.

— Podemos entrar?

— Entrar num pé e sair no outro. O almoço, lembra?

Entraram na loja, que se estendia para a frente e descia numa ladeira, parecendo ocupar a antiga garagem do prédio. Entusiasmada com os preços e a diversidade, Lurdes foi enchendo uma cesta com perfumes, jogos infantis, objetos de casa e lápis divertidos.

— Não é possível que você tenha tanta gente para presentear — reagiu o detetive em vias de perder a paciência.

— São lembranças, chefe. Não vai levar nada pra Suely?

— A Suely não precisa de nada — disse, mal-humorado, referindo-se à quase namorada. — E homens não têm esse hábito de estabelecer amizades superficiais à base do escambo.

Ela se virou para as prateleiras, sorridente:

— Ah, as meninas vão amar.

Enquanto Lurdes seguia pelos corredores atulhados, o detetive ficou imaginando quem seriam as meninas. Provavelmente amigas de infância, solteironas de riso frouxo, que passavam colônia masculina para sentir o cheiro de homem no corpo. Algum tempo depois, a voz da inspetora o arrancou dos sonhos.

— Já acabei.

— Vamos ter que voltar ao hotel para deixar isso tudo — reclamou Andrade.

— Eu aguento carregar.

— Você não vai me acompanhar a um encontro na embaixada travestida de muambeira.

Ela pensou um pouco.

— Eu preciso ir?

Ele a olhou com incredulidade. Sua assistente queria trocar uma audiência com um embaixador de verdade por um dia de shopping. Ao menos não teria que administrar a falta de familiaridade dela com tais ambientes.

— É claro que não precisa ir. Você não é a representante oficial do Brasil no Congresso Lusófono mais importante do mundo. E, na verdade, nem posso assegurar sua presença na reunião de hoje. Talvez o embaixador prefira um encontro reservado, sem assessores.

— Obrigada, chefe. Vou aproveitar para dar outra passeada no bairro. As meninas me encomendaram tanta coisa. É sardinha, bacalhau...

Andrade fez pouco caso.

— Almoçamos juntos e, depois, sigo sozinho para a embaixada, enquanto você desperdiça seu tempo como quiser. Ah, e quando eu perceber que está cometendo uma gafe, o que é normal quando uma pessoa está no estrangeiro pela primeira vez, alertarei você com um puxão no casaco.

Depois de uma longa pesquisa nos cardápios expostos nas entradas dos restaurantes, o detetive se decidiu por uma tasca simples que constava da lista do Osório, achada numa subdivisão da pochete presa à cintura. Eram poucas mesas, e um balcão de vidro expunha as sobremesas. Um garçom veio atender, de sorriso no rosto. Andrade pediu uma taça de vinho da casa e Lurdes, água

natural. Com ar satisfeito, o detetive abriu o botão da calça bege de brim que botara na mala pensando nas ocasiões solenes. Para o frio, contava com a japona imensa e, aconselhado por Osório, comprara camisetas regata para usar debaixo da camisa social. O próprio padeiro lhe emprestara um cachecol discreto com o símbolo do Benfica num canto.

Na rua, a temperatura mal chegava aos 14 graus. Lurdes vestia a usual jaqueta de couro preto, mas acumulara três camadas de roupas por baixo. Sua calça era de brim cinzento e ela usava as botas pretas de batalha. Uma Joana d'Arc do subúrbio carioca fantasiada de motoqueiro nazista.

O garçom retornou com as bebidas.

— O senhor teria uma água gelada? — pediu Lurdes, devolvendo a garrafa.

— A senhorita pediu natural — observou o garçom.

Andrade interveio.

— Natural só é quente assim no Nordeste brasileiro. Enquanto provo esse vinho da casa, troque a água da senhorita. Fria, por favor.

— Fresca — corrigiu o garçom.

O detetive o encarou, surpreso com a audácia do rapaz. Ele era baixo e tinha os dentes desalinhados. O pandemônio dentário, imaginou Andrade, devia ser resultado da reação de um cliente menos paciente do que ele.

— Se a inspetora é fresca, é coisa de gênero, e o senhor não tem nada a ver com isso. Por Deus, vá trazer a água, antes que sua arcada volte a ser alvo de abalos desconfigurantes.

O garçom, aturdido, se retirou.

— Eles são meio rudes, mas basta se impor e colocar Deus no meio que fica tudo bem, inspetora.

— Minha família também é assim.

— Eu havia me esquecido de suas raízes ibéricas — ironizou o detetive, com despeito. — Em breve não vai dar pra esconder o bigode — apontou o dedo para os lábios dela.

Lurdes levou a mão acima da boca e tocou de leve.

— É mentira! Para, chefe!

— O problema aqui, inspetora, é que eles têm uma péssima impressão dos brasileiros que emigraram. Aconteceu o mesmo conosco. Desde a Descoberta, Portugal manda sua pior gente para o Brasil e nós respondemos à altura. Um esgoto migratório que, se vazasse, contaminaria o Oceano Atlântico para sempre.

— Ah, eu conheço exceções. Tenho um primo que veio trabalhar num restaurante em Évora e é um cara legal mesmo. Honesto, católico, noivo.

Andrade enfiou a cara no cardápio para encerrar a conversa. Seu rosto foi se colorindo à medida que passava os olhos pela ementa e os pratos de carne suína. Deteve-se nas bochechas de porco preto, iguaria que não era comum encontrar no Brasil. Vinha acompanhada de batatas ao murro. Lurdes escolheu um bacalhau. Fizeram os pedidos. O ambiente acolhedor, a comida ideal (em preço, volume e qualidade), tudo, somado a três taças de vinho, contribuía para levar o detetive ao estado de graça.

— Lurdes, aproveite seu dia livre. A partir de amanhã, você também estará em missão oficial. Terá de anotar tudo que for dito nas palestras que presenciar, enquanto caberá a mim proceder à revisão e à clarificação do material coligido. Não se esqueça de que o resumo será usado em palestras na Academia de Polícia, portanto: correção no texto e apuro técnico. Qualquer dúvida, não se furte a me dizer.

Andrade já havia pagado a conta e recolhido a nota para reembolso. Os dois estavam do lado de fora. O vento frio fazia Lurdes bater o queixo. Andrade a olhou sem misericórdia.

— Você devia ter se aclimatado em caminhadas pela serra de Nova Friburgo, conforme sugeri antes de viajarmos.

— Eu me acostumo logo, chefe.

O detetive deu de ombros, meio descrente, e deixou-a, seguindo para a praça na qual haviam visto os táxis. Lurdes ainda acenou para ele, mas Andrade já ia longe. Sozinha, enfim, esfregou as mãos para esquentar, tomando a direção da loja chinesa novamente.

A embaixada do Brasil era uma extensa construção horizontal de fachada rosa, de dois andares, adornada por delicadas torres. Tinha pequenas sacadas no piso superior. Ficava numa quinta elegante, localizada ao norte do Centro. Na recepção, Andrade anunciou que gostaria de ser recebido pelo embaixador. A recepcionista lhe perguntou se havia agendado uma reunião, ao que o detetive respondeu apresentando sua carteira policial e dizendo:

— Estou em missão oficial.

— O senhor poderia adiantar o assunto? — ela questionou.

O teto do recinto era alto, com afrescos imponentes espalhados pelas paredes. As portas, imensas, eram exemplo de talento e esmero no trabalho em madeira. Era possível divisar, por trás da jovem, uma fonte e um pequeno jardim interno.

— Posso adiantar que não é uma fiscalização para avaliar os gastos supérfluos na provisão do ócio palaciano.

A funcionária manteve a postura elegante, enquanto erguia o fone e falava baixinho. Em seguida, indicou um conjunto de cadeiras de época.

— O senhor será atendido, comissário.

— Detetive. Comissários são paisagistas, e eu sou mais um jardineiro atrás de ervas daninhas — corrigiu-a, passeando o olhar por ela e pelas dependências como se fossem uma coisa só.

Ela concordou sem emitir qualquer som. Pouco depois, ele foi levado à sala do primeiro-secretário da embaixada. Parte das paredes era forrada de azulejos retratando cenas históricas. Saindo detrás da mesa de trabalho em madeira, coberta por fios de tinta dourada, o diplomata adiantou-se para recebê-lo. Era magro, de altura mediana, cabelos acinzentados e um arguto olhar melancólico.

Após os cumprimentos, ele o encaminhou a um conjunto de sofás, onde, na mesa de centro, repousavam uma chávena de chá e finas louças. O pratinho com *biscuits* trouxe à memória do detetive um embaixador transviado com o qual se deparara numa investigação anterior. Os *biscuits* eram deliciosos indícios da afetação que contaminava os corpos diplomáticos no mundo inteiro.

— Sinto muito, oficial — disse o primeiro-secretário, sorrindo, sem esconder o forte sotaque português. — O embaixador tinha compromissos inadiáveis, mas

solicitou-me que o recebesse e pusesse a embaixada à disposição do senhor, nas matérias de... cunho oficial.

Andrade examinou o homem sentado à sua frente com antipatia. Tinha unhas manicuradas e pele muito branca. Um tom rosado pintava as bochechas.

— Senhor Raimundo Chaves, pois não? — perguntou o detetive, repetindo o nome que lhe fora anunciado. — Bem, eu vim para registrar que, durante minha estada oficial no país, os serviços diplomáticos podem contar comigo para dar cabo de eventuais ameaças ao Brasil e a seu bom nome.

O homem sorriu polidamente de novo e entregou a Andrade um cartão.

— Ficamos muito agradecidos, oficial. Este número de telefone permitirá que o senhor me encontre a qualquer tempo, caso necessário.

— E eu posso ser encontrado neste endereço.

Andrade lhe estendeu um lenço de papel roubado de Lurdes, onde estavam escritos o nome do hotel e o número do seu quarto. O outro examinou o papel com a sobancelha ligeiramente arqueada. Para quebrar o silêncio embaraçoso, o diplomata perguntou:

— Que missão o traz a Lisboa, senhor Andrade?

— A representação do país no Congresso Lusófono de Investigação Criminal. Como expoente incontestado da elite de segurança brasileira fui convidado a repartir nossa experiência em contenção de selvageria urbana.

— Espetacular — exclamou o outro, sem altear a voz.

— Até os americanos estão interessados em nossas técnicas, agora que passaram a administrar as cidades que devastam.

— Posso imaginar — disse o secretário, ainda apático.

— Não se furte a recorrer a meus serviços, se preciso. Sei bem a capacidade de nosso povo e das autoridades da chancelaria de colocar em risco a já depauperada reputação de nosso amado país.

Um leve tremor percorreu a fisionomia do secretário.

— Tomamos todos os cuidados para manter elevado o nome do país.

— Não é vergonha nenhuma recorrer ao serviço de um profissional. Não estou falando de um psicólogo ou astrólogo, mas de alguém que pode resolver

situações embaraçosas criadas por mãos inexperientes, cérebros vazios e ócio remunerado.

A pele macia do secretário enrugou-se. Para surpresa de Andrade que, finalmente, estendia a mão para os *biscuits*, o homem ergueu-se, convidando-o a fazer o mesmo. O detetive ainda lançou um olhar sobre os biscoitinhos que, na empolgação, deixara de provar.

— Peço imensas desculpas, senhor Andrade, mas deixei uma reunião para atendê-lo e preciso retornar. O senhor me entende, é claro... deveres de Estado.

Uma expressão de desagrado assomou às faces do policial.

— Que Estado?

— Perdão?

— Ninguém pega esse sotaque português passando dois anos aqui...

— Ah, o senhor é muito perspicaz. De fato, meu pai era português e passei parte da infância no Porto. Meus amigos dizem que resta um fio melodioso de fado na minha voz.

O tom soturno de Andrade destilava malícia:

— Meus colegas de investigação diriam que bate aí dentro um sino português, quando deveria soar um tamborim brasileiro.

O secretário suspirou, sorrindo diplomaticamente:

— Sou devotado integralmente à causa brasileira — declarou, apontando a assistente, que havia surgido para acompanhar Andrade até a saída, enquanto estendia a mão, que o detetive tomou sem vontade.

— Agente duplo — resmungou Andrade, saindo da sala.

Ao entrar no quarto do hotel, a porta de comunicação entre os dois cômodos estava aberta e Andrade viu Lurdes ajeitando as compras numa mala extra que havia trazido.

— Como foi lá na embaixada? — perguntou ela ao ouvi-lo, sem parar o que fazia.

— A falsa cortesia que esconde segredos inconfessáveis, inspetora. Esses trânsfugas estão acostumados a viver num limbo legal. Moram num país onde

não podem ser alcançados pela justiça local e pensam residir fora da jurisdição nacional.

— E se o embaixador mata alguém?

— É conduzido até a embaixada para tomar um calmante e receber atendimento psicológico.

Lurdes terminou de arrumar as lembrancinhas na mala e foi até a soleira da porta entre os quartos.

— Sério?

O detetive assentiu com gravidade. Ela insistiu:

— O pessoal da ONU também?

— Os funcionários da ONU são como índios mundiais: inimputáveis.

A expressão horrorizada de Lurdes satisfez o detetive, que deu meia-volta e foi recostar-se à cama, ensaiando um bocejo.

— Me acorde às sete, Lurdes. Fiz uma reserva numa casa de fado.

O FANTASMA da noite de fado ainda assombrava a inspetora Lurdes, quando se levantou na manhã luminosa. Após duas garrafas de vinho, o detetive insistira em juntar sua voz à da dupla que se alternava no palco com canções melancólicas. Dois casais brasileiros idosos o haviam instado a parar, ao que Andrade respondera de maneira arrogante, dizendo que cantava porque era membro de um reputado coral amador do Rio de Janeiro. A garçonete interviera explicando que era proibido aos clientes cantar, e o detetive, com extrema má vontade, passara a movimentar os lábios e os braços exageradamente para expressar seus sentimentos musicais. Uma experiência que a inspetora teria dificuldades de esquecer e não pretendia repetir.

O café da manhã fora a contento de Andrade, com pastelaria portuguesa e queijos diversos. Estava bem disposto quando saíram do hotel em busca de um táxi que os levasse ao Centro de Congressos, que ficava à beira do Tejo, próximo a Belém. Já no carro, Andrade comentou:

— Essa área que margeia o rio, de Alfama a Belém, é a verdadeira Lisboa, Lurdes.

— É bem turística, não é?

— O que não se presta a turismo geralmente não presta, inspetora. Veja onde está o nosso hotel. É perto de tudo, o que é bom. Com muitos serviços, o que é bom também. Mas estamos em Lisboa?, eu pergunto. Mais parece uma mistura de Flamengo com Catete, uma área estacionada nos anos 50.

— Pelo menos tem pouca gente e não tem bagunça — ponderou Lurdes.

— Bom ponto, inspetora. Os animais degeneram com o aumento da densidade — concordou ele.

Desceram do táxi em frente a um prédio envidraçado de dois andares, de formato curvilíneo, marcado por uma cúpula estupenda. Era separado da beira do rio por uma movimentada avenida.

— Aqui é perto da Ele Xis Faquitori — comentou Lurdes. — Vi num site de turismo que vale a pena conhecer o lugar.

O detetive olhou-a de cara feia. A inspetora havia adquirido um chip telefônico português e fizera o percurso do táxi grudada na tela do celular.

— Lurdes, você não é mais criança para fazer visita de fábrica. Nem comunista. E bota na sua cabeça que perfume europeu não serve pra brasileira. Eles não tomam banho, não suam, a aromatização é outra.

Ela riu, enquanto seguia o detetive em direção ao prédio.

— A fábrica que eu falei não é fábrica mais não, chefe. O site diz que virou lugar de restaurantes e lojinhas. Legal de conhecer.

— Vamos ver. O intervalo de almoço pode ser curto para um recreio.

Logo na entrada do Centro de Congressos, duas jovens distribuíam as credenciais dos participantes do evento. Os dois pegaram seus crachás e rumaram para o gigantesco salão principal. Uma série de estandes, distribuídos pelas laterais, comercializavam produtos de interesse dos agentes policiais. Lurdes se encantou com um drone em miniatura, em forma de barata.

— Isso é para país africano, onde as baratas são tratadas como animais de estimação. No Brasil, seriam caçadas como fonte de proteínas.

A inspetora largou o bichinho. Passearam pela exposição, até Andrade se deter em frente a um estande que anunciava uma revolução em armas não letais: um spray com gás sonífero de efeito imediato.

— Veja a que ponto chegamos, inspetora — comentou o detetive com amargura. — Ao invés de acabar com os marginais, vamos botar pra ninar.

— Pode ser para ter em casa.

— Vai acabar sendo usado por estupradores nas universidades federais.

Mais adiante, um painel anunciava as diversas palestras do dia nos auditórios dos dois andares. Andrade foi até lá, bateu um dedo rotundo no cartaz e leu em voz alta as opções, animado:

— O crime étnico em Cabo Verde. O comportamento feminino como indutor ao crime sexual. O vudu como instrumento de tortura espiritual e psicológica. A privatização integral de áreas urbanas como política de pacificação e remuneração indireta.

Andrade se voltou para Lurdes com ar divertido.

— A comunidade lusófona é muito diversificada. O que nos une é a língua e o atraso. Eu vou à última palestra e você vai à primeira. Depois que terminar, nos encontramos aqui.

Durante duas horas, o detetive dedicou-se a conhecer os métodos africanos para manter sua força policial em ação, diante da escassez de recursos e da ausência de ética. Ao terminar, aplaudiu com entusiasmo o esforço do palestrante em mostrar que a franquias exclusiva de áreas urbanas para facções criminosas era não apenas redutora da criminalidade em seu entorno como de interesse social, ao subsidiar as forças de segurança.

Quando Andrade já rumava para o ponto de encontro com Lurdes, deparou-se com ela, alvoroçada.

— Chefe, chefe! Eu vi o seu nome num mural de recados. Pedem para o senhor entrar em contato com a embaixada brasileira.

As bochechas de Andrade inflaram e desabaram, num suspiro prolongado.

— Afinal, o secretário-zinho sofreu uma severa reprimenda pela recepção amorfa que me foi dada, inspetora. Vou recomendar que esse embaixador seja promovido a um país do primeiro mundo.

Lurdes o conduziu até o mural onde vira a mensagem.

— Me empreste seu telefone, inspetora.

— O senhor devia ter posto um chip local no do senhor.

— Vou pôr. Em breve.

Minutos depois, Andrade devolvia o aparelho.

— Eles vão nos mandar os contatos de um agente policial português — declarou, com um esgar de felicidade que distorceu suas feições de maneira atroz. — Pelo que entendi, Lurdes, a morte visitou Lisboa.

A inspetora arrepiou-se de excitação.

Era quase hora do almoço e, num acesso de generosidade para com Lurdes, o detetive concordou em encontrar o inspetor-chefe Oliveira num dos restaurantes da LX Factory, como queria Lurdes. O lugar era agradável, mesmo para o exame criterioso de Andrade. Um pouco tumultuado, havia ressalvado ao chegar, com

turistas entrando e saindo das lojas de roupas e de objetos de *design*, mas muito interessante. O complexo espalhava-se por três ruas paralelas que dividiam espaço com galpões e prédios de escritórios anteriormente ocupados por uma empresa têxtil. As ruas internas eram separadas do mundo exterior pelos muros da antiga fábrica.

O restaurante, escolhido pela inspetora, era decorado com relógios de vários tamanhos e estilos, peças de antiquário, presos às paredes. As mesas eram ladeadas por cadeiras diferentes, num acentuado modernismo que incomodou Andrade. Não viera a Lisboa para ver um simulacro de Ipanema, ainda que povoado por gente honesta.

Foram levados até uma mesa junto aos janelões, de onde podiam ver o movimento lá fora. Pediram as bebidas.

O homem que se apresentou aos dois, 15 minutos depois, era pouco mais velho do que o detetive. Tinha um ar rosado e um nariz batatudo, que Andrade atribuiu a um vício etílico de longa data. Era magro, porém barrigudo, e meio calvo. Vestia terno e gravata sem muita elegância. Um bigode meio vazio completava o quadro nada impressionante. Uma caricatura do inspetor de polícia brasileiro do século XIX. Seu rosto redondo se iluminou ao estender a mão para os cumprimentos.

— Inspetor Joaquim Oliveira — saudou alegremente. — Muito prazer — dirigiu-se a Lurdes, tomando sua mão e simulando um beijo.

A Andrade, ele concedeu um aperto mais de braço que de mão, levando o detetive a suspeitar que o português fosse ligado a seitas exóticas. Os três se sentaram.

— Creio que os senhores serão uma grande ajuda, apesar desta não ser propriamente uma operação conjunta. A embaixada aproveitou a presença do senhor em Portugal, e também da senhora, conforme nos deixou avisado o senhor Andrade, para nos solicitar que acompanhassem o caso. Como já devem saber, este crime terrível ocorreu três dias atrás e está a comover a comunidade brasileira de Lisboa.

— O brasileiro tem o coração na cabeça. Às vezes, falta espaço para o cérebro. Imagino o trabalho que essa comunidade deva dar ao senhor. De antemão, peço

desculpas pelo comportamento dos meus compatriotas — replicou Andrade, num esforço diplomático.

— Não, de modo algum. É gente pacífica, trabalhadora e que não se envolve em problemas.

O detetive apertou os olhos, entre espantado e desconfiado.

— Não se fie muito nisso, inspetor-chefe. A qualidade da matéria orgânica do nosso povo é até pior que a de vocês.

O Oliveira o fitou, atônito. De repente, gargalhou, espalmando a própria perna.

— Entendi! É o famoso humor carioca.

Andrade lançou um olhar contrafeito a Lurdes, que sorria em excesso, cativada pela simpatia do inspetor-chefe Oliveira.

O garçom apareceu e eles rapidamente escolheram os pratos. A pedido de Oliveira, uma garrafa de vinho foi trazida à mesa. Com suave perseverança, o inspetor-chefe convenceu Lurdes a acompanhá-los numa meia taça, deixando Andrade surpreso.

— A inspetora não bebe — comentou o detetive.

— Ah, meia taça é uma gotinha. Não acha, inspetora?

— Acho que sim — concordou ela, aceitando a bebida com aparente prazer.

O detetive interveio para encerrar a troca de gentilezas.

— No Brasil não se bebe em serviço.

— Menos mal, pois, que estamos em Portugal, onde uma taça é considerada promoção da saúde — Oliveira ergueu a taça num brinde.

Andrade concedeu um grunhido. Em seguida, perguntou, deixando claro a quem pertencia a conta:

— Quais são os detalhes do caso que motivaram o seu convite para o almoço?

O inspetor-chefe abaixou a taça e olhou para os dois com um semblante triste.

— Uma verdadeira tragédia. Está em todos os jornais. Uma jovem brasileira foi encontrada morta, com requintes de crueldade, à porta de um armazém abandonado, lá para os lados do Parque das Nações. É uma zona nova, desenvolvida durante a Exposição em 1998, na zona oriental da cidade.

— Uma Barra da Tijuca sem praia — traduziu Andrade, mirando Lurdes, que assentiu.

Oliveira prosseguiu.

— A rapariga foi mutilada. O assassino extraiu os seus órgãos internos, desfigurou o seu rosto, arrancou-lhe os dentes e raspou-lhe os dedos.

— Oh! — exclamou Lurdes, horrorizada, tapando a boca com as mãos.

Andrade franziu os lábios, numa censura eloquente.

— Me perdoe o faniquito da inspetora. Eu sempre defendi que o início da carreira policial fosse numa comunidade pobre onde se pudesse ver de tudo em matéria de atrocidades para que os jovens amadurecessem logo profissionalmente.

Mais uma vez, Oliveira fitou Andrade com espanto. Depois, relaxou, apontando um dedo na direção do colega.

— Mais uma piada. Já percebi que o senhor usa e abusa disso. Talvez seja uma forma de suportar a pressão. Mas peço que refreie esses seus ímpetos. Não me parece uma postura adequada. Continuemos. Tivemos uma dificuldade imensa com a identificação. Sem impressões digitais...

— ...e nada dentro — completou Andrade, contrariado com a admoestação.

— É. Por acaso, no segundo dia da investigação, ontem mesmo, foi relatado o desaparecimento de uma jovem com as mesmas características da vítima, o que permitiu uma imediata identificação.

— Quem relatou e quem identificou? — perguntou Andrade.

— Uma filha do marido da vítima registrou o desaparecimento da madrasta. É da nossa rotina confrontarmos os registros de desaparecidos contra os de vítimas não identificadas. A policial de atendimento pediu a esta senhora, de nome Adalgisa, que fizesse a gentileza de nos aguardar para proceder a uma identificação. Fui informado, logo antes de chegar para nosso almoço, que a senhora foi com nosso pessoal e a identificação foi positiva, apesar da mutilação, graças a uma tatuagem nas partes íntimas. É claro que nos certificaremos deste fato através de um exame de DNA.

— Que tatuagem?

A voz do inspetor-chefe transparecia um profundo constrangimento ao responder:

— Um arco-íris discreto na entrada do ânus da vítima.

— Devia ser um alvo para os clientes não fazerem confusão e faltou dinheiro para a outra metade — registrou Andrade, com uma risada maldosa que adicionou mais embaraço ao assunto.

Em seguida, faminto e desinteressado, o detetive prosseguiu:

— Acho melhor continuarmos a conversa profissional no seu escritório, inspetor-chefe — observou, enfiando o garfo num pedaço enorme de bacalhau. — Vai deixar o almoço mais leve.

— Concordo — disse Oliveira, girando a taça para preparar mais um gole do vinho, que sorveu com deleite. — Logo após ao almoço.

— O que o senhor aconselha a dois turistas perdidos na noite? — indagou Lurdes.

— Já foram aos fados?

— Ontem — grunhiu Andrade.

Oliveira colocou um dedo sobre a boca, pensativo.

— Podem ir aos touros. Conhecem?

— Nunca fui! — respondeu Lurdes num grito seco, animadíssima.

— Distração cruel de gente iníqua e pusilânime.

O comentário grosseiro do detetive foi contestado por Oliveira:

— Também não sou fã. Mas vale uma visita para conhecer melhor. A performance dos cavalos, perante os touros, é impressionante. E cá não se mata o touro, evitando a brutalidade espanhola. Além disso, os cornos são serrados, e embolados, para proteger os toureiros.

— Não é de espantar que tenham escapado a Napoleão — retrucou o detetive.

A frase dura gerou um momento tenso. Antes de Oliveira se decidir por uma resposta, Andrade apontou um dedo enorme na direção do outro e ambos esboçaram um sorriso. Sem graça.

— De facto, somos um povo pacífico.

— Que o digam os africanos — ironizou Andrade, acabando de uma vez por todas com a harmonia do ambiente.

Lurdes interveio.

— Vamos, chefe! As meninas vão adorar saber que eu fui.

— A senhora tem filhas? — o inspetor-chefe se virou para Lurdes, ignorando, ostensivamente, o colega brasileiro.

— Não, são umas amigas de infância.

— Ah, eu gostaria de ter podido apresentar a senhora à minha sobrinha, Rosa. É solteira, bem disposta e gosta da pândega. Iam se entender às maravilhas. É uma pena ela não estar cá.

A conversa enveredou pelas regiões de Portugal que mereciam uma visita. O inspetor-chefe Oliveira também tinha familiares afastados em Évora e Lurdes buscou com afinco um parentesco comum, sem sucesso. Ao fim dos cafés, Oliveira pagou a conta e os convidou a irem com ele até a Polícia Judiciária. Alegando compromissos no congresso, Andrade adiou a conversa:

— Amanhã, na Polícia Judiciária.

Tão atônita quanto o policial português diante da postergação, Lurdes aguardou sua saída para protestar:

— Chefe, temos que agir imediatamente. É um caso de homicídio!

— Não há tanta pressa assim, Lurdes. Psicopatas também descansam e os mortos continuam mortos.

— Mas...

— Duplo expediente é inaceitável, Lurdes. Já basta o que me exploram num único. E não estou atrasando esse encontro por capricho ou negligência. Vamos esquecer esse congresso e ir direto para o hotel nos prepararmos para essa investigação binacional, a quatro mãos, dois países e, pelo que ouvi desse Manoel chamado Joaquim, uma única cabeça.

Rumaram para o hotel. Lá chegando, enquanto Andrade tirava um cochilo no quarto ao lado, Lurdes usava suas habilidades no computador para reservar dois ingressos para a tourada. Simultaneamente, informava-se na internet sobre o caso da brasileira assassinada. Depois que o detetive acordou, contou o que havia feito. Os protestos dele contra a brutalidade da tourada só cessaram quando Lurdes lembrou-se de mencionar que o ingresso era um presente dela.

O local do espetáculo, visto de fora, assemelhava-se a um estádio de futebol de pequenas dimensões. Um grupinho de manifestantes barrava a entrada,

segurando cartazes que denunciavam a crueldade do esporte. Alguns seguranças garantiam a entrada dos espectadores. Balançando o corpanzil como um lutador de sumô, Andrade avançou sobre os ativistas, distribuindo cotoveladas nos jovens franzinos que se aglomeravam nos portões da Praça de Touros do Campo Pequeno.

— O inspetor-chefe Oliveira é um doce, não é chefe?

— Minha impressão é de que vamos ter de resolver esse caso amargo sem usar açúcar, inspetora.

Acomodaram-se nos lugares. O espaço oval lhes permitia uma vista completa da arena, forrada por um belo chão de terra alaranjada. Logo se ouviram sinos e o início do espetáculo foi anunciado. Em pouco tempo, os dois policiais brasileiros foram tomados pelo show. Lurdes, aflita com os chifres que cruzavam o ar tirando tinta do toureiro e dos cavalos, e Andrade, torcendo pela besta, que insultava o animal a cada erro. O sentimento comum se restringia à revolta contra a covardia infligida ao touro, fincado por espadas e setas durante o confronto.

O detetive apontou com desprezo os entusiastas que berravam em frenesi.

— Veja só, Lurdes. Está próximo o dia em que vão aleijar o touro antes dele entrar na arena. Animal é para ser comido, não vilipendiado.

— É mesmo. Os bichinhos não merecem. Dá um pouco de raiva ver o que estão fazendo com eles.

— Os romanos, pelo menos, tinham a desculpa de alimentar os leões. Caçou, tem que comer. É uma lei divina e natural. Vale pros animais e pros homens.

— Não vale pras mulheres? — reclamou Lurdes, com pose de feminista.

— Mulher que vai à caça termina caçada. Veja o exemplo dessa brasileira de má índole.

As pessoas ao redor começaram a se levantar com a aproximação do primeiro dos dois intervalos do espetáculo e o detetive disparou:

— Vamos embora, inspetora. Isso aqui já deu o que tinha pra dar.

— É só o primeiro intervalo, chefe.

— Eu sei — respondeu ele, encaminhando-se para o túnel de saída.

A Praça de Touros não era longe do hotel, talvez oito quadras, e eles decidiram caminhar. Lurdes fechou o casaco de couro com as mãos para reduzir o impacto do vento. Andrade percebeu o sofrimento da assistente.

— Isso que você está usando só serve para desfilhar em enterro de PM. Não afugenta nem o frio nem o bandido.

— Não tem problema, chefe. É um frio gostoso.

Carinhosamente, o detetive arqueou o cotovelo para que a inspetora enfiasse ali o braço e seguiram os dois, calibrados pelo andar oscilante do corpanzil de Andrade, através de uma alameda que desaguava na Praça Duque de Saldanha. Dali, atravessaram a Avenida da República em direção ao hotel. Era uma noite clara, sem nuvens, e nem o ar frio desestimulava os bares, que punham suas mesas na calçada larga da avenida Duque de Ávila para um público animado. Já próximos do hotel, pararam numa esplanada para uma bebida.

— O que o senhor tem de bom para esquentar a jovem? — perguntou Andrade ao garçom.

Lurdes tentou recusar, mas acabou cedendo, diante da insistência do detetive. Deu um gole na aguardente e sentiu a garganta em chamas. Foi obrigada a acompanhar o chefe na segunda dose. As três seguintes vieram docemente. Andrade a carregou cambaleante até o hotel, depois ao quarto, ouvindo de Lurdes um lamento sem fim sobre a falta de alguém em sua vida, apesar das promessas do tarô. Com cuidado, pousou-a na cama, tirou-lhe os sapatos e cobriu-a com o lençol. Por um tempo, acompanhou seu ressonar, entremeado de murmúrios, com um olhar emocionado. Ele não tivera filhos, mas sentia fluir um carinho paternal por aquela menina. A imensa responsabilidade de orientar seu destino não o intimidava.

O DIA começou cobrando o preço da noite anterior. Da cama, Andrade acompanhava os sons do quarto ao lado dando notícia de que o aparelho digestivo de Lurdes não aguentara o tranco da estrepolia noturna. Havia deixado a porta de comunicação entreaberta, preocupado com ela.

— Tudo bem por aí? — gritou.

— Só uns probleminhas, chefe. Vou tomar um banho e vai ficar tudo bem.

Meia hora depois, o detetive desfrutava um café da manhã completo, com bacon, ovos e embutidos variados, enquanto a inspetora tomava um suco de melancia, com bolachas de água e sal.

— Você tem certeza de que pode ir à Polícia Judiciária?

— Tenho, chefe.

— Estamos em missão oficial, inspetora. Não fica bem vomitar na sede de uma força policial coirmã.

— Juro que aguento.

— Sei. Bem, a ideia é a seguinte. Nós vamos lá, ouvimos a história triste da vítima, corrigimos o rumo da investigação local, descobrimos o nome do cafetão e do último cliente e decidimos qual dos dois é o culpado.

— E se ela for prostituta de rua sem cafetão?

— Nesse frio, só pobre decente vai pra rua trabalhar. Além disso, ela não devia ser tão estragada, já que conseguiu atravessar o oceano com o que o corpo rendia. Não vale a pena complicar um caso simples. Pegamos o cafetão, arrancamos dele o nome do último cliente e pomos os dois pra sentir um bafo quente na nuca. Caso encerrado.

O rosto da inspetora empalideceu.

— O que houve, Lurdes?

Ela respirou fundo.

— Deu uma enjoada, mas já passou.

— É melhor ir ao banheiro esvaziar o bucho — recomendou ele, estreitando os olhos.

— Não, não mesmo.

— Então, vamos — disse Andrade, erguendo-se.

A sede da Polícia Judiciária era uma construção formada por blocos superpostos, empilhados como num Lego. A fachada prateada, vazada por janelas num desenho assimétrico, remetia a uma imagem de ficção científica. O interior, moderno e amplo, em contraste humilhante com a delegacia na qual trabalhava, não diminuiu o detetive, consciente de que processos medievais, herdados da Inquisição, ainda deviam ser norma por ali. Os portugueses teriam muito a aprender com os seus métodos de investigação singulares.

Enquanto seguiam para a recepção em aço escovado, Andrade viu-se obrigado a fazer um comentário para sua assistente, que não tirava a expressão embasbacada do rosto.

— O trabalho policial não é feito de aparências, Lurdes.

Ela não respondeu de imediato, com o olhar perdido no pé-direito alto e nas imensas sacadas que brotavam das paredes superiores.

— Isso é... demais, chefe — disse, sentindo até tonteira com a grandiosidade do lugar.

Uma das recepcionistas explicou como chegar à Unidade de Combate ao Crime contra Estrangeiros, chefiada pelo inspetor-chefe Oliveira.

Na sala de Oliveira, os dois brasileiros foram conduzidos a um canto em que ficava um conjunto de poltronas leves, em madeira clara e *design* futurista. Ao lado de uma delas, havia uma mesa de apoio, em aço e tampo de vidro, com algumas revistas largadas.

— Seu escritório é lindo. Todo o prédio! — elogiou Lurdes, tão logo o inspetor-chefe entrou. Ia prosseguir nos elogios quando um ligeiro puxão no casaco deu o sinal de alerta. As feições corroídas de inveja do detetive a calaram.

— Obrigado, inspetora. Ainda bem que gostou. E o senhor, o que acha, detetive?

— Bonito. Lembra os salões onde a elite brasileira aparece para fazer barba, cabelo e bigode.

O inspetor-chefe não se dignou a responder. Ato contínuo, passou a descrever o papel da Polícia Judiciária como investigadora dos crimes, explicando ainda que sua unidade fora criada havia dois meses, em função da importância econômica que o turismo havia ganhado no país. Eram apenas seis inspetores e duas assistentes, além dele. A avaliação final do tamanho da unidade seria feita no fim do ano.

— Pode ficar descansado. Vamos resolver o caso sem uma rapidez que sugira excesso de pessoal e sem uma lerdeza que indique incompetência. No tempo certo — disse Andrade.

Quando Oliveira servia um café apenas para os dois, já que Lurdes pedira um chá apontando a barriga, uma mulher irrompeu na sala, pedindo desculpas pelo atraso. Era alta, de cabelos castanhos e olhos claros, num tom de mel esverdeado, que mudava conforme a luz os tocava. O nariz, ligeiramente curvo e instigante, lhe conferia um elemento nobre. As maçãs cheias das faces davam vitalidade à boca, cujos lábios tinham aparência macia como almofadas delicadas. Tanto Andrade quanto Lurdes ficaram um momento paralisados pela visão da estátua grega em movimento. O inspetor-chefe sorriu, consciente do efeito que sua subordinada provocava. Fez as apresentações e ela sentou-se perto deles.

— A inspetora Dora está conosco nesta investigação. O que já conseguiu apurar, inspetora? — perguntou Oliveira.

— Ainda não chegaram os relatórios da autópsia. Infelizmente, a senhora Adalgisa, filha do marido da vítima não pôde conversar conosco ontem, porque ficou fortemente abalada ao identificar o corpo e disse que necessitaria dar a notícia ao pai, que está enfermo.

A voz cadenciada, numa modulação que embalava sonhos, inebriaram Andrade, impedindo que reagisse prontamente às informações que fluíam. Foi Lurdes quem primeiro se manifestou, apesar de vivamente impressionada com a outra.

— Do que a brasileira morreu? — perguntou a inspetora brasileira.

Dora desviou o olhar para ela. Lurdes recebeu aqueles olhos como um presente.

— A causa da morte foi uma facada nas costas que atingiu o coração. A morte foi quase imediata. As vísceras e os órgãos foram extraídos depois de morta. Ainda não é oficial, mas tudo indica que a facada foi dada por um destro, que estava atrás da vítima.

— Que objetos ela portava? — interveio Andrade, fuzilando sua assistente com um olhar autoritário.

— Apenas uma pulseira de ouro no tornozelo e duas embalagens de preservativos já abertas, uma em cada bolso.

— Duas? — surpreendeu-se Oliveira.

— O senhor não imagina a produtividade de uma caipira brasileira. Dá mais que vinho no Alentejo — tornou Andrade, finalizando com uma risada que só Lurdes acompanhou, timidamente.

Oliveira esperou que acabassem de rir para dizer:

— Inspetora, o detetive Andrade é um brincalhão, um verdadeiro carioca. Não deixe que as piadas dele a impressionem, positiva ou negativamente.

A inspetora portuguesa retomou a narrativa.

— Os preservativos eram de marca diferente. De espessura diferente. Vão ser examinados para ver se encontramos algo neles.

— Qual era o nome dela? — perguntou Lurdes.

— O nome, no Brasil — esclareceu Andrade —, pode dizer muito do estrato social e dos hábitos de uma pessoa. Vejam o que digo. Qual o nome da rampeira?

— Lucicléia — informou a inspetora portuguesa.

Os três fitaram o detetive aguardando que ele desse continuidade a seu raciocínio. Andrade raspou o queixo com a mãozorra, saboreando o momento:

— Lucicléia. Essa aí vem de pelo menos três gerações de mau gosto crescente. Um Cláudio conheceu uma Célia num forró no interior, geraram uma Clélia, que amarrou os trapos sujos com um Lucindo, que queria vencer na cidade grande, onde foram despejar essa Lucicléia num subúrbio miserável.

O detetive parou, à espera de aplausos. Os três continuaram a olhá-lo, desconcertados.

— Como eu disse, dá pra saber a trajetória social de uma família pelos nomes — insistiu, soberbo, espichando a coluna.

Oliveira e sua inspetora o congratularam com uma vênia.

— E o que mais temos, inspetora? — perguntou Oliveira, para auxiliá-la.

— Ela era brasileira, natural de Minas Gerais. O marido é o senhor Manoel Filmeira. A morada não era a mesma que estava registrada na segurança social, por isso demoramos mais tempo a localizá-lo. Finalmente, conseguimos a morada atual através de um vizinho antigo, que estava fora.

— Marido?! — surpreendeu-se, subitamente, o detetive. — A prostituta era casada?

— Eu já havia mencionado que a vítima era casada — observou o inspetor-chefe.

Andrade negou, ofendido, fingindo convicção.

— Duvido muito. Ando ocupado com os casos que deixei no Brasil mas minha memória é uma lenda na polícia do meu estado. Bem, isso não importa. Assim que me trouxerem o cafetão da vítima podemos chegar ao último cliente e decidir qual deles cometeu a barbaridade.

— Não sabemos ainda se a vítima era prostituta — ponderou Dora.

A beleza da jovem não justificava sua petulância.

— Com duas caixas de preservativos no bolso, garanto que não era irmã Marista.

— Precisamos avançar na investigação para ter certeza — insistiu Dora. — Interrogando o marido, por exemplo. O inspetor-chefe insistiu que eu esperasse o senhor...

— A pressa livra mais criminosos que os juízes, como a senhora vai descobrir se continuar na profissão — contrapôs Andrade, debatendo-se na poltrona escorregadia, na ânsia de sair dali. — Antes de interrogar o marido, preciso analisar a cena do crime e o corpo da vítima. Mas urgente mesmo é identificar o cafetão. Apesar de não ser simples, já que eles não se registram — concluiu com desdém.

— A inspetora vai acompanhá-los até o Instituto de Medicina Legal e depois ao local do crime. Encontramo-nos em casa da vítima, concordam? — propôs

Oliveira.

— Perfeito — respondeu o detetive, dando uma olhadela na direção de Dora, para ver o efeito de sua resposta gentil.

Ela desviou o olhar.

No Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, a inspetora portuguesa apresentou Andrade e Lurdes a um assistente do legista e saiu, dizendo que os esperaria no corredor. O corpo na maca era de uma morena de coxas apetitosas, avaliou o detetive, que devia ter sido bonita. Pena que as feições estivessem destruídas. Os seios, deixados intactos, eram um belo ornamento, de tamanho médio, empinados. Tinha cabelos longos e escuros, encaracolados nas pontas, e uma atraente pele cor de jambo, ainda livre das rugosidades etárias. Tudo somado, e repondo as carnes e os órgãos nos lugares certos, o detetive ousaria afirmar que ela decerto fora um sucesso na arte de colocar homens de quatro.

O estado real, no entanto, era impactante: uma mulher já acinzentada, estendida em uma maca metálica, com a barriga aberta em Y e um atordoante vazio interior. Lurdes tentou sufocar o mal-estar olhando para o teto. De repente, saiu em disparada. Andrade ignorou a fuga, inclinando-se para examinar os olhos da morta.

— Ela usava drogas?

— Não sei, mas estará no relatório do médico-legista — respondeu o assistente.

— Sei... — disse o detetive, dando as costas ao rapaz.

No corredor, Dora consolava Lurdes, abalada com a visão da defunta murcha. Andrade passou por elas, resolutivo. Com gestos frenéticos, instou-as a se moverem.

— Deixem de frescura, inspetoras. Ainda temos uma cena de crime para analisar.

Lurdes e Dora caminharam para a saída, tocadas como gado pelo detetive, enquanto um pensamento malicioso o perturbava. Estaria Lurdes seduzindo a inspetora Dora ao se desmanchar em fragilidades femininas?

Do instituto foram conduzidos de carro pela inspetora Dora até o lugar onde o corpo fora encontrado. Foram 15 minutos de silêncio sepulcral, cortado aqui e ali pela respiração pesada do detetive. A área ao redor da cena do crime era tomada por galpões abandonados e oficinas gastas, à semelhança de uma região portuária desativada. Dora atravessou um portão aberto que levava a um pátio com vários latões de lixo espalhados. No local, que não podia ser visto por quem estivesse na rua, ainda havia a silhueta do corpo desenhada a giz no chão e manchas de sangue em profusão.

— Ninguém limpa essa sujeira? — reclamou Andrade, apontando os latões virados.

— A propriedade pertence a um espólio confuso. Está meio abandonada — explicou Dora.

Lurdes, que vinha atrás, se achegou, postando-se ao lado da inspetora portuguesa. Andrade começou a rodar pelo pátio, examinando cada canto. Num determinado momento, agachou-se para ver um objeto, que largou de volta, enojado. Ao erguer-se, o próprio peso o desequilibrou, mas foi seguro por Lurdes.

— A perícia já fez o seu trabalho — disse Dora, visivelmente contrariada.

A inspetora portuguesa vestia uma camisa de seda, parcialmente coberta pelo sobretudo. O vento ora escondia, ora revelava o contorno sinuoso dos seios. Andrade imaginou por um momento se deveria convidá-la para um estágio em Copacabana ao fim da investigação, onde poderia dourar seu lombo no sol após ele enlouquecer sua cabecinha com as verdadeiras técnicas policiais.

— A perícia não conhece as mentes criminosas como eu — respondeu com superioridade.

— Podemos ir, chefe? — indagou Lurdes, abraçando-se a si mesma, de frio.

A inspetora Dora tirou um cachecol da bolsa e passou para Lurdes, que agradeceu com um olhar doce. Furioso, o detetive foi até as duas e dirigiu-se à brasileira:

— Espero de você, inspetora, um comportamento profissional.

A expressão ofendida de Lurdes recebeu um eco ultrajado de Dora.

A residência da vítima era modesta, num bairro ao norte do Centro, a dois quilômetros do hotel em que Andrade e Lurdes se hospedavam. Ficava em um terreno pequeno e cá e lá eram ouvidos ruídos de animais, dando a impressão de estar em uma zona de transição entre o tecido urbano e o campo. Sem nada da beleza dos bem tratados jardins de revistas, o pequeno espaço livre da propriedade era tomado por mato e brinquedos infantis abandonados havia décadas. Dora deixara os dois na porta da casa e fora embora. Ao entrarem, encontraram o inspetor-chefe Oliveira tomando café em um sofá no centro da sala, um ambiente modesto, toscamente decorado com mobiliário de madeira rústica. Mais afastado, em uma cadeira de balanço e coberto por uma manta grossa, um senhor amarelado parecia ter sido esculpido em cera.

A mulher que os recebeu à porta era a filha da estátua de cera, que, por sua vez, era o marido da vítima. Apesar da meia-idade, a pele encarquilhada feito papel de embrulho amassado sugeria a Andrade um fim próximo. Com gestos apressados, a senhora os convidou a sentar. Ainda de pé, o detetive lançou uma acusação:

— A senhora foi rápida ao denunciar o desaparecimento da vítima. Gostava muito dela ou se precipitou, antecipando algo que só o assassino saberia?

As feições da velha se contraíram como se tivesse ingerido veneno.

— Eu gostava que ela sumisse daqui e aconteceu.

Enquanto se sentava, Andrade mantinha o olhar cravado na mulher, dividindo com os outros o espanto com a aparente confissão. O inspetor-chefe Oliveira tomou a palavra para explicar:

— A senhora Adalgisa me dizia, antes de chegarem, que dois dias atrás foi visitada por uma rapariga de nome Bernadete, amiga de Lucicléia, a vítima. Bernadete queria saber se tinham notícias da amiga.

— Quando essa Bernadete veio aqui, dizendo que não via a desalmada havia dois dias e não conseguia falar com ela nem pelo telefone, soube logo que era caso de morte ou prisão. Aquela ali não largava o celular para ir a casa de banhos. Coisa de quem tem vida escondida.

— E foi logo dar parte do desaparecimento? — o detetive voltou à carga.

— Assim que a tal de Bernadete terminou o copo de água com açúcar e saiu daqui. Primeiro consultei meu pai para saber se era o certo.

Todos endereçaram o olhar para o pai, mais boneco do que gente. Um silêncio delicado tomou conta da sala, até que Andrade o rompeu:

— Que intimidade tinham vocês duas para a senhora saber onde ficava a tatuagem de sinalização da Lucicléia?

Constrangida com a pergunta, Lurdes levantou-se e foi até o velho. Adalgisa, contudo, não pareceu se embaraçar com a questão.

— Meu pai me disse lá atrás, antes do AVC, que, afinal, tinha descoberto o caminho das Índias. E pedido para a sujeita marcar. Podridão!

A boca da velha retorceu-se, como se queimasse viva.

— Não me espanta o AVC — observou o detetive, tornando a olhar para o velho imóvel, com o qual Lurdes tentava conversar. — Para fazer um motor velho desses funcionar, só usando muita gasolina azul.

O detetive voltou-se para a filha. Adalgisa não chegava aos 50 anos, mas parecia um farrapo. Os cabelos desgrehados, o vestido de tecido grosseiro e os dentes pouco tratados fizeram Andrade refletir sobre se a ciência deveria aumentar a expectativa de vida indiscriminadamente.

— Meu pai era um homem decente até casar com essa moça, seis anos atrás. Ela limpava as casas da vizinhança, fez serviço aqui em casa e virou a cabeça dele. Depois, o deixou assim. Era um homem forte, um touro, e teve um AVC de tristeza, que eu sei, mesmo que o doutor diga que foi de remédio sem receita.

O detetive não pudera ver o rosto da morta, mas tinha certeza de que ela concedera umas boas alegrias ao inválido. Profissionais do sexo eram uma ótima opção para animar os anos de decrepitude. Nenhuma mulher de bem esfregaria seu corpo num saco de pele embolorada, manchada e sebenta, a não ser que estivesse em estado similar, o que era uma ideia pior que a morte.

— Por que seu pai se casou com a senhorita Lucicléia?

A expressão que surgiu na cara de Adalgisa podia ser utilizada pela Disney para retratar os momentos de excitação das bruxas.

— Dizia que tinha pena da rapariga e queria dar-lhe uma oportunidade de ficar cá a viver — alguns pingos de saliva escaparam —, mas eu acho que estava

enfeitiçado. Ela fechava-se com ele no quarto, para fazer...

— ...o caminho das Índias — ironizou o detetive.

Adalgisa fixou nele seu rosto vincado.

— E essa amiga, Bernadete, mora por aqui? — inquiriu Lurdes, que havia desistido de ressuscitar a múmia e voltara ao sofá.

Pela primeira vez a senhora pareceu perceber a presença da inspetora. De início, com jeito de poucos amigos. Logo, porém, algo na jovem fez suavizarem seus traços.

— A morta morava na vizinhança. Primeiro sozinha, depois veio essa Bernadete com um irmão. Quando virou a cabeça do meu pai e mudou para dentro da minha casa, a malta se transferiu para os lados de Alvalade.

— A vítima tinha inimigos aqui, além da senhora? — indagou Andrade.

O inspetor-chefe se aprumou, surpreendido com a parte da pergunta do detetive que era uma afirmação. Já Adalgisa não deu importância.

— Acho que sim. Um tempo após casar com ele — apontou o pai —, já depois do AVC, passou outro tempo fora, viajando. Disse que ia fazer curso. Curso de pouca-vergonha, porque já voltou trocando o trabalho de dia pelo de noite.

— O que isso quer dizer? — perguntou Oliveira.

— Toda a gente sabe que quem trabalha de noite não presta e acaba por se meter em confusões.

— Não tiro a razão da senhora — concordou Andrade. — E onde ela trabalhava nas noites?

— Nunca perguntei. Os amigos dela devem saber.

— Que amigos? Dê lá...

— A senhora tem um retrato da Lucicléia? — cortou Lurdes, objetiva, para estupefação do detetive.

Adalgisa se levantou e foi a um corredor que dava para os quartos. De lá retornou com uma foto do casal, que passou a Lurdes, que a estendeu a Andrade. Este a tomou com um puxão raivoso. Ainda com uma expressão carrancuda, examinou a fotografia cuidadosamente para, enfim, entregá-la a Oliveira, que a olhou rapidamente e a devolveu a Lurdes.

— Podemos ficar com a foto? — indagou a inspetora.

Adalgisa deu de ombros, indiferente.

— Podemos falar com seu pai, agora? Enquanto isso a senhora providencia o nome e a morada dos amigos de Lucicléia, está bem? — sugeriu Oliveira.

— Pode falar, mas ele nem vai notar. Está completamente alheado. Foi o que o médico disse.

Ainda assim, Oliveira se levantou e foi até o idoso. Fez sinais que ele não percebeu, falou em seu ouvido, mas não obteve resposta.

— De vez em quando acorda, mas não é sempre que diz coisa com coisa.

O inspetor-chefe sentou-se novamente. Andrade fez um sinal para que esperasse e, num andar oscilante, foi até o homem na cadeira de balanço. Quando já estava a um passo de tocá-lo, lançou um murro na direção do rosto do velho. Este permaneceu imóvel. A filha deu um grito esganiçado.

— Foi apenas um teste, senhora — explicou o detetive, dando mostras de irritação com o insucesso da experiência. — Eu não bateria num moribundo.

— Senhora Adalgisa — disse o inspetor-chefe. — Nós estamos saindo.

A mulher continuava imóvel, aparvalhada.

— Antes de irmos, precisamos da morada e do telefone desses amigos da sua madrasta — disse Oliveira.

A palavra “madrasta” pareceu ter o condão de despertar a velha.

— Ah, por acaso eu tenho. A morta mesmo o deixou. Acho que sabia que ia entrar em confusão — disse, deixando a maldade pintar seu rosto.

Adalgisa saiu da sala para buscar o endereço de Bernadete. Retornou com um pedaço de papel que entregou aos policiais em silêncio e eles saíram.

Na calçada, Andrade estalou as costas, aparentando boa disposição.

— Mais um caso resolvido, inspetor Oliveira. A múmia paralítica não poderia acabar com a bonitinha mas ordinária, mas a bruxa Adalgisa poderia. Basta levar a mulher à delegacia e acender a fogueira que ela vai confessar esse crime e quantos mais estiverem em aberto.

Com as bochechas relaxadas à altura do queixo, o detetive acrescentou:

— Fico com pena que minha situação de estrangeiro não permita esquentar a orelha da criminosa, mas sei que nosso colega — bateu no ombro do inspetor-

chefe — sabe bem como extrair uma confissão de uma velha ensandecida.

A expressão bonachona de Oliveira ganhou contornos de sisudez.

— Por cá não trabalhamos assim, meu caro amigo. Seguimos as normas legais.

A boa vontade do detetive foi drenada pela crítica.

— Sei. Que o digam os moçambicanos que emigram para o Brasil, ainda com as marcas de chicote nas costas.

Oliveira ruborizou-se, e sua boca tremeu, como se começasse a se afogar.

— A colonização é um processo histórico superado — bradou, nervoso. — Temos excelentes relações com os nossos povos irmãos.

Andrade ia responder quando os puxões de Lurdes em seu casaco, lembrando-o de que devia ser diplomático, o contiveram. Sua assistente usar o seu código era um abuso — mais um deles — sobre o qual os dois falariam mais tarde.

— Desculpe se o ofendi, meu caro. Estimo muito seu país. Vamos colocar uma pedra sobre a história. Varrer o assunto para debaixo do tapete, como se faz no Brasil.

Andrade deu o maior sorriso que os dentes trincados pela raiva permitiam e estendeu sua mão. Quando Oliveira a acolheu, o detetive puxou-o para um abraço, enquanto fitava Lurdes com ar de quem fazia uma concessão desmedida.

Ao se separar do detetive, o inspetor-chefe sugeriu:

— Conheço um restaurante muito bom aqui perto. Especializado em frango. Cordon Bleu.

O detetive sorriu satisfeito. A inspetora Lurdes cochichou no seu ouvido:

— Isso é que é coragem, chefe. Encarar um frango de candomblé. Eu tô fora. Vou de peixe.

A ternura voltara ao olhar que Andrade lhe endereçou em resposta.

O almoço transcorreu em paz. A barriga pesada devolvera o espírito leve ao detetive. A refeição gratuita e a possibilidade de dar adeus ao congresso e desfrutar Lisboa sem compromissos o deixavam em estado de graça. À noite, oficializaria ao delegado Otávio, por e-mail, a solicitação da embaixada para que acompanhasse o caso de Lucicléia. Quem sabe poderia pleitear diárias diplomáticas, além de recheiar seu currículo para uma futura vaga na Academia

de Polícia, a aposentadoria dourada com que todo policial sonhava? Ao final da refeição, os assuntos de trabalho retornaram à pauta:

— Como lhe expliquei, vamos seguir as pistas que possam apontar a senhora Adalgisa como autora do crime. Vamos verificar seu álibi e, se for preciso, revistamos sua casa. Caso haja indícios que a comprometam, podemos chamá-la para um interrogatório na sede.

— Perdoe a insistência, senhor Oliveira. É que no Brasil nunca erramos ao assumir que todo cidadão suspeito é culpado de algum crime. Pelos peitos que vi no necrotério e pelo rosto que vi na foto, a vítima podia acordar até periquito embalsamado. E como qualquer criança que viu desenho animado sabe, uma bruxa não perdoa a beleza de outra mulher.

Oliveira, tentando evitar polêmica, sorriu amarelo.

— E aonde vamos agora? — perguntou Lurdes.

— Nós vamos para o hotel — disse Andrade.

Lurdes ficou pasma.

— E não vamos conversar com os amigos da vítima? — interpelou, decepcionada.

O detetive respirou fundo algumas vezes, até consentir, contrariado.

— Ok. Se o inspetor-chefe Oliveira não se incomodar, vamos juntos. Mas assim que a bruxa for para o interrogatório, nossa missão termina. Não duvido que ela pertença a uma seita local de adoradores do diabo, ou coisa que o valha. No caminho para cá, vi uma loja da maçonaria.

— A maçonaria é muito respeitada em Portugal.

— Não passa de uma macumba sem dança com trajes de faraó. Cada cultura tem seu carma, inspetor-chefe — retrucou Andrade, dando um tapa consolador no braço de Oliveira.

O ENDEREÇO indicado por Adalgisa ficava num bairro de classe média, Alvalade. Parecia um bom local, muitos furos acima, em distinção e serviços, do lugar em que o marido e Lucicléia moravam. Encontraram o prédio sem dificuldades. Um avião passou sobre eles, ruidosamente.

— Eles atravessam Lisboa inteira — comentou Oliveira, vendo a surpresa dos brasileiros.

— No Brasil só passam perto assim quando estão caindo — replicou Andrade.

Após identificarem-se pelo interfone, os policiais ouviram o ruído da tranca se abrindo e entraram no prédio. Tomaram o elevador e, no apartamento, foram recebidos por um jovem solícito, Tonho, que se apresentou timidamente como irmão de Bernadete. Em seguida, indicou a sala larga, em formato de meia lua, para onde seguiram. Numa das paredes retas, um sofá de três lugares. A parede principal fazia uma longa curva. No meio dela, uma TV de 50 polegadas. Ao lado da TV, portas de vidro conduziam a uma sacada da largura de uma pessoa. Andrade foi até lá, curioso, e Tonho apressou-se a abrir a porta que dava para a sacada. Um vento frio penetrou na sala. Andrade fechou a porta com um golpe brusco.

— Melhor assim — rosnou, culpando o rapaz pela bofetada de ar gelado que recebera.

O jovem era franzino, de cabelo preto, estiloso, com uma franja que lhe cruzava a testa. Exceto pelo rosto magro, dominado por um par de olhos assustados e narinas amplas, que denunciavam a origem agreste, ele lembrava os personagens de desenhos animados japoneses. De altura mediana, Tonho se movimentava meio curvado, como gente alta, o que não era. Era inseguro, deduziu o detetive, um talento natural para, sob pressão, vomitar os podres da família Buscapé.

A segunda moradora, Vanessa, também amiga da vítima, tinha tez de madeira clara, com fartos cabelos ligeiramente avermelhados, nos quais mexia a toda

hora com os dedos. As coxas, aparecendo sob a saia curta, prenunciavam uma mina preciosa para quem soubesse explorar. As bundas eram dois nacos rígidos que satisfariam um sátiro. Sentindo-se em férias, o detetive não hesitou em mostrar voracidade no momento do aperto de mãos. Contrariado, viu que a jovem não correspondia ao afago, o que atribuiu ao natural estupor da fêmea em flor que se depara com seu primeiro macho alfa.

A terceira moradora era uma jovem de braços batatudos e corpo de pera, a tão falada Bernadete, irmã de Tonho e amiga de infância de Lucicléia. Tantos títulos, avaliou Andrade, e nada que prestasse. A informação sobre o assassinato foi dada pelo inspetor-chefe Oliveira com um tato excessivo, obrigando o detetive a recheiar a narrativa do policial português com detalhes escabrosos sobre as mutilações sofridas pela vítima. O espetáculo para exhibir o maior padecimento possível começou por Bernadete, com um pranto histérico.

Ele aguardou, impaciente, que a gordinha sossegasse e os outros amigos também manifestassem suas dores. Pobres costumavam esgotar sua energia pranteando amigos e queixando-se dos patrões, refletiu Andrade, concentrando sua atenção na amiga que não havia sido mencionada pela bruxa Adalgisa. Vanessa era a única a manter a compostura, evitando o choro, de olhos baixos. Durona, apreciou ele, examinando com prazer os lábios polpudos e a boca larga, de guerreira. Dela, seu olhar caminhou para Tonho, que parecia estar desmilinguindo. Ligeiros tremeliques percorriam seu corpo e os olhos haviam saltado para fora. Era um exibicionista que precisava ser sacudido para não tomar conta da festa.

— Melhor nos acalmarmos para não começar uma disputa pelo troféu Lamúria — rugiu Andrade.

— Os senhores podiam voltar outro dia? A notícia abalou a gente — protestou Tonho, cabisbaixo.

— A amiga de vocês foi assassinada — ponderou Oliveira. — Cada segundo que passa ficamos mais distantes do assassino.

Lurdes amparou Bernadete, ainda soluçando, e ajudou-a a sentar-se. Finalmente, todos os moradores do apartamento se acomodaram no sofá

encostado à parede. Andrade se aboletou numa poltrona, Oliveira na outra, e duas cadeiras foram arrastadas por Lurdes.

— São poucas perguntas, mas fundamentais para darmos andamento à investigação — insistiu Oliveira.

— O que os senhores querem saber? — perguntou Vanessa, enquanto acarinhava a mão de Bernadete, inconsolável.

— Nome e endereço de todos — adiantou-se Lurdes, que estivera muda até ali. A pergunta pareceu animar Tonho.

— Eu moro... aqui. Nós três moramos... aqui — e, fazendo um volteio com o dedo, apontou para o chão.

A impropriedade da gracinha irritou Andrade.

— É bom saber que tem um palhaço morando no circo.

Oliveira sentiu que devia acalmar os ânimos do detetive.

— A senhora Vanessa podia me descrever como conheceu a senhora Lucicléia?

A boca de Vanessa era solta, com molejo, como se estivesse habituada a mascar chiclete. Com a mão esquerda espanou uma sujeira invisível da saia.

— Ela foi num salão de cabeleireiro em que eu trabalhava quando estava de férias em Londres.

— A Lu foi fazer um curso lá — corrigiu Tonho, emburrado com a resposta grosseira à sua divertida brincadeira.

Vanessa continuou, sem lhe dar atenção:

— Ficamos conversando e pegamos amizade. Saímos pra caramba até ela voltar pra Lisboa. Ela falava tanto daqui que acabou me convencendo a vir pra cá.

— Você chegou de mala e cuia — reclamou Bernadete, lamurienta.

— Nesse tempo ela já praticava a prostituição? — a voz cavernosa de Andrade capturou a atenção das duas.

Bernadete deu uma pausa nas fungadas.

— A Lu não era nada disso. Era um anjo batalhador que conseguiu tudo na luta. Esse apartamento era ela que pagava, sabiam?

Nem Tonho nem Vanessa conseguiram disfarçar o constrangimento.

— Então, agora vão ficar na rua — retrucou Andrade, sem traço de pena. — Eu não quero perder tempo em euro, por isso vou revelar ao D'Artagnan e às mosqueteiras que sobraram um segredo da falecida: ela não era uma menina de Fátima. A amiga de vocês era uma mundana, só queremos saber onde trabalhava.

— Ela começou como arrumadeira — disse Bernadete, como se fosse contestação. — Eu sou arrumadeira graças a ela.

A fisionomia do detetive coloriu-se como uma abóbora de noite das bruxas. Ele estendeu o rosto, deformado pela ira, para Bernadete, que se encolheu.

— Grande conquista! Enquanto escalava o morro da devassidão, ela deixava migalhas imorais pelo chão, para ajudar a amiguinha a trilhar seu caminho — concluiu, dando uma pancada na mesa que soou como um tiro.

Ao ver que a atitude granjeara respeito, continuou:

— Não estamos num conto de fadas feminista! Ou vocês — passou o olhar pelos três, vagorosamente — nos contam o que essa quenga fazia, onde fazia e com quem, ou vamos deportar todo mundo num voo com escala em um presídio nordestino.

Indignado pelo tom ameaçador com que Andrade tratava as testemunhas, o policial português aliviou a pressão.

— Se nos contarem o que sabem, nada vos acontecerá.

A contrariedade do detetive com a intervenção desastrosa de Oliveira, comprovada pelo relaxamento facial das testemunhas, materializou-se num ronco gutural que manteve todos em suspense. Diabo de país infértil, pensou Andrade, que mendiga novos cidadãos nas camadas mais reles das outras nações. Antes que ele formulasse seu desagrado, Oliveira prosseguiu:

— Onde é que vossa amiga trabalhava atualmente?

Tonho interveio:

— Ela estava fazendo uns negócios.

Andrade apontou um dedo grosso como um cano de um revólver na cara do jovem, que retraiu-se.

— Negócios? Você quer dizer que ela trabalhava na rua, por conta própria?

Vanessa o interrompeu, revoltada:

— Ele não disse nada disso! A Lu era arrumadeira, trabalhou anos assim. Depois virou dançarina. Agora, tinha deixado de dançar e virado empresária.

— Empresária de quê? — indagou Oliveira.

Os três se entreolharam. Vanessa ergueu o queixo, abusada.

— Eventos.

— De que tipo? — insistiu Oliveira, intrigado.

Andrade pôs a mão no ombro do inspetor-chefe e explicou:

— Evento, nesse ramo, é bacanal.

Um protesto ensandecido veio de Bernadete.

— Vocês não podem acusar a Lu de nada! — disse a todos, mas mirando especialmente Vanessa.

— Evento não é bacanal, Bernadete. É festa — explicou Vanessa, sem perder a calma, enfrentando o olhar de Andrade.

O tom de Bernadete voltou a ser choroso.

— A Lu era minha amiga desde que éramos pequenas. Amiga demais da conta. Chamou eu e Tonho pra vir pra cá. Me deu os clientes dela de arrumação. Chamou a gente para morar com ela e nem quando casou largou a gente na mão. Dormia aqui, dia sim, dia não. Era família. E deixou você morar aqui! — berrou para Vanessa, antes de baixar a cabeça, exausta.

— Vocês podem não saber o que ela estava fazendo hoje em dia, mas sabem o que ela fez anteriormente. Eu preciso que anotem o nome e a morada dos locais onde ela trabalhou como mulher a dias e, depois, como dançarina — disse o inspetor-chefe, com delicadeza e autoridade.

Tonho se levantou e foi até a mesa de jantar, onde apanhou um papel e uma caneta, que passou a Bernadete. Lurdes se inclinou, tirou um bloquinho do bolso e começou a copiar o que ela escrevia.

— A turma também pode ir confessando onde fatura seus trocados. Começando pela empombada aí — Andrade indicou Vanessa.

Ela balançou os cabelos.

— Sou *hairdresser* num salão na Avenida da Liberdade.

Andrade fitou-a com antagonismo.

— E o mocinho de cabelo gosmado?

— Eu estudo Letras na Universidade Nova de Lisboa.

Bernadete passou o papel para o inspetor-chefe, que o examinou.

— Bem, agora preciso que me falem dos amigos da senhora Lucicléia.

— Nós éramos a família dela, como falou a Bernadete — disse Vanessa.

— Ela não saía com as colegas de queijo, nem com os clientes? — duvidou Andrade.

— Queijo? — espantou-se Lurdes, sem entender.

— Queijo, inspetora, é uma plataforma redonda onde dançarinas desnudas disputam o olhar lúbrico de faunos embriagados.

O silêncio que se seguiu foi quebrado pela voz subitamente firme de Bernadete:

— Nós nunca conhecemos ninguém do trabalho noturno dela.

— E ela não tinha inimigos? — aventurou-se Lurdes, desejosa de participar.

Os três fizeram gestos de negação.

— E como foi o último dia dela? — quis saber Andrade.

— Nem sei que dia foi — observou Vanessa.

— Essa aí sabe, porque foi procurar a galinha na casa do galo de gesso — afirmou o detetive, com o dedo novamente em riste apontado na direção de Bernadete.

Demorou uns segundos para decodificarem a frase do detetive.

— Ela não avisava se ia dormir aqui ou na casa do marido. Tinha a chave do apartamento e o quarto dela aqui — explicou Bernadete. — E a gente se falava várias vezes todos os dias. Fui na casa deles porque tinha duas noites sem notícias da Lu. Fiquei preocupada.

— Então ela mantinha um quarto aqui só para ela? — perguntou Oliveira.

Tonho assentiu, explicando:

— Eu divido o quarto com a mana.

O suspiro vigoroso do detetive terminou num silvo perturbador.

— Então, vocês eram os melhores amigos da vítima, mas pouco sabem da vida pessoal e profissional da madame. Não parece um pouco estranho?

— É a verdade — assegurou Vanessa.

— A verdade, senhorita, é o que sobra depois de rasparmos as mentiras de vocês. E não pensem que um assassino brutal, que arrancou a carne e os órgãos

de dentro de sua amiguinha para fazer algum tipo de ritual gastrocanibalesco, vai acreditar nisso. E, caso não acredite, ele pode querer acrescentar ao seu cardápio outras carnes... gordas — fitou Bernadete. — Quando o lobo vier, os porquinhos não precisam nos ligar.

O detetive levantou-se com um impulso vigoroso e rumou para a porta. Pasma, o inspetor-chefe despediu-se apressadamente e o seguiu. Lurdes deu um aperto de mão em cada um dos jovens e foi atrás.

A sala do inspetor-chefe Oliveira na Polícia Judiciária era um sonho para quem trabalhava numa carteira escolar e dividia o ambiente com 15 policiais. Antes de se sentar numa cadeira de braços, em frente ao inspetor-chefe, Lurdes deu uma espanada na própria calça. Andrade havia ido ao banheiro e os dois estavam a sós.

— Aproveitando que mais ninguém nos ouve, inspetora, gostava de lhe explicar uma coisa. Veja bem, não é uma crítica. Culturas diferentes têm maneiras próprias de conduzir uma investigação... E em Portugal... era bom que o seu chefe tivesse a noção disso, a brutalidade policial não é tolerada... como no vosso país.

Ela sorriu, meio sem jeito, meio orgulhosa.

— Ah, lá também não é. Quando a imprensa sabe, às vezes cai em cima. Tem sempre aquela gente de direitos humanos pra defender bandido quando a polícia agiliza a justiça. Mas o chefe não é bruto, não, é do tipo intelectual, só bate com as palavras. Tem muitos que reclamam, mas surra de verbo, como ele diz, não deixa marca... E sabe quantos casos ele resolveu?

Ela deixou a pergunta no ar por um tempo. Como não obteve resposta, continuou:

— Todos. Só tem ele assim dessa categoria. O delegado implica, diz que o chefe é boçal, que eu sei, mas 100% de achar criminoso é quase perfeito, não é?

Oliveira balançou a cabeça, ainda preocupado.

— Se ele se exceder e tocar em alguém...

— Ah, o chefe nunca machucou ninguém. O que ele diz, e já provou, é que a maçã podre só cai na mão de quem balança a macieira.

Oliveira coçou o queixo, pensativo.

— Pode acreditar... — Lurdes reiterou.

A entrada de Andrade interrompeu sua assistente. O detetive vinha batendo as mãos nas calças para terminar de enxugá-las.

— Recomendo fortemente que o senhor procure a enteada da vítima, a tal Adalgisa, entre os membros das seitas mais demoníacas de Lisboa. Vai encontrar o nome dela numa dessas que usam corpos humanos em sacrifícios.

— Não temos coisas assim em Lisboa.

— A distância cultural entre o primeiro mundo e sua cidade não deve enganá-lo, inspetor. Onde há matéria orgânica o crime se desenvolve e a torpeza prospera, dizia Darwin. Não duvide que aqui mesmo em Lisboa, enquanto conversamos, membros de confrarias sinistras se lambuzam com carne humana em festins macabros.

O inspetor-chefe acariciou o bigode tênue. De fato, já vira coisas horríveis na profissão. E a sociedade portuguesa era dada a construir seus castelos, restritos a certos círculos.

— Vou pedir à inspetora Dora que investigue essa possibilidade.

— Diga a ela para ter muito cuidado — recomendou Andrade.

Em seguida, se dirigindo à assistente:

— Como estamos, inspetora Lurdes?

Ela percebeu que o detetive queria um resumo do caso e pegou seu bloco de notas.

— Lucicléia Correia dos Santos Silva, 28 anos, brasileira, ex-arrumadeira, dançarina de cabaré, é encontrada morta numa área remota de Lisboa. Causa da morte: uma facada certeira pelas costas. O interior dela foi esvaziado, num sinal de crime ritual e...

Ela parou para observar a entrada da inspetora Dora. Calçava botas longas de camurça e sua blusa verde apontava o início do colo. Nos lábios, um batom vermelho acentuava a perfeição da boca. Desconcentrada, Lurdes tartamudeou. Rapidamente, o detetive, sem desgrudar o olho de Dora, tomou o palavra da assistente:

— ...e ela teve os documentos roubados, dentes roubados, dedos raspados e rosto destruído, tudo isso, supomos, para dificultar sua identificação. No passado, a vítima havia arrastado uns amigos mequetrefes para a cidade, visando acobertar sua vida devassa ou iniciar uma quadrilha. Também se casou com um ancião moribundo para conseguir um visto. Não contava que a assassina, a filha perturbada do ancião, tivesse conexões com o submundo da magia negra da cidade e a pusesse de oferenda num ritual escabroso.

Andrade passeou a vista pelos três com a postura de um palestrante erudito.

— Acabo de falar com o agente Antônio. Pedi-lhe que confirmasse o álibi da Adalgisa — anunciou Dora.

— Álibi? Sinceramente, nem num país de brinquedo um boneco de cera poderia ser considerado um álibi válido. É óbvio que a bruxa não via com bons olhos que a mocinha disputasse sua herança, ainda que fosse aquele casebre insalubre — bufou Andrade.

Dora amaciou um lábio no outro, antes de responder.

— O álibi não é do pai. Na noite do crime, ela foi ao bingo da paróquia e deixou uma amiga cuidando dele. O agente confirmou na paróquia e com essa amiga.

— Pois isso não muda nada — insistiu Andrade, apesar de momentaneamente desconcertado. — Ela é a mandante. Pode ser.... ah, um colega de seita pode ter liquidado a vítima, enquanto ela construía o álibi. Em crimes premeditados, cara inspetora, os álibis contam a versão dos criminosos.

Dora abriu a boca, mas não disse nada, apenas movimentou a cabeça em negativa. O inspetor-chefe Oliveira ergueu as mãos.

— Vamos com calma. Dora, faça uma tentativa de encontrar uma ligação de Adalgisa com quaisquer movimentos esotéricos da cidade.

Dora prosseguiu:

— A amiga disse ao agente que ambas eram Filhas de Maria, chefe. É um grupo de católicos muito estritos.

Um esgar de sucesso cobriu Andrade.

— Não disse?

— É um movimento católico respeitado — protestou a inspetora portuguesa.

— Talvez tenha sido um cliente da Lucicléia... — aventou Lurdes, de súbito, excitada.

Um olhar feio do detetive sustou o entusiasmo da subordinada.

— Na atividade investigatória, pelo menos em nosso país, a criação de hipóteses e mais hipóteses é o mecanismo utilizado pelos poderosos para impedir a elucidação dos crimes. Espero que não seja o caso aqui, e essas Filhas de Maria não estejam fora do alcance da lei.

— É claro que não — ofendeu-se Oliveira.

— Pois sugiro que sigamos os caminhos normais para a resolução de um crime: nos fixarmos num suspeito e, caso ele escape, passarmos a outro. Quem se beneficia diretamente com a morte de Lucicléia?

— Adalgisa! — gritou Lurdes, em apoio às palavras de Andrade.

— Ela é ou não é uma personalidade sinistra com um linguajar próprio de fanáticos desequilibrados?

— Sem dúvida — concordou a inspetora brasileira, olhando de um português a outro, como se os desafiasse a discordar.

— Então, devemos esgotar essa linha, antes de desperdiçar o dinheiro do contribuinte português. Nunca se esqueçam de que basta um culpado para cada crime.

Dora deu de ombros e trocou um olhar com Oliveira, que assentiu.

— Vou seguir essa linha de investigação. Mas creio que devemos também analisar alternativas mais... viáveis — ponderou Dora, e o olhar de contestação que direcionou ao detetive foi repellido com um fungar embravecido.

— A senhorita tem belos pés, mas não sei se neles caberiam as sandálias da humildade.

Oliveira o fitou sem conseguir concatenar uma resposta. Dora se eriçou. Quando ia responder ao comentário o detetive foi mais rápido, emendando:

— Enquanto a inspetora Dora pavimenta a estrada para a condenação da assassina, o inspetor-chefe poderia fazer a gentileza de nos levar ao hotel?

Oliveira os deixou à porta do hotel. Andrade entrou com Lurdes no saguão mas, assim que viu que o carro se distanciava, rumou para a saída novamente.

— Temos compras a fazer e precisamos de um lanchinho para nutrir o cérebro.

Depois de uma visita à papelaria e uma passada pela pastelaria, os planos foram revistos. Uma sesta se impunha e eles retornaram ao quarto. Uma hora de sono reparador, seguido de um longo banho de banheira, colocou o detetive em condições de dar novamente atenção ao caso.

— O senhor, então, não acha que a velha é a assassina? — espantou-se Lurdes.

— Aquilo foi apenas um teste para ver a sagacidade dos nossos colegas. É baixa, como você poderia anteciper apenas pelas piadas que conhece.

— Gênio, chefe — parabenizou-o Lurdes, sentando-se na beirada da cama enquanto Andrade perambulava pelo quarto dele.

No chão haviam largado as compras: fita durex, pilot e cartolina.

— É. E o teste confirmou o que eu mais temia. Eles não têm condições mentais de nos ajudar nessa investigação. Mais uma vez contamos apenas com nossos próprios recursos e nossa experiência.

— Por que você acha isso, chefe? O inspetor-chefe parece um cara distinto. E a inspetora Dora é muito séria.

— É verdade, Lurdes. Contudo, não temos aqui um crime qualquer para ser resolvido por mentes medíocres. É um crime bárbaro, sofisticado, feito com requintes de sadismo. Não vai ser resolvido por um par de investigadores acostumados a combater punguistas espanhóis. O povo daqui caiu no marasmo há mais de 50 anos, perdeu o ímpeto aventureiro e curvou-se perante suas ex-colônias.

— É mesmo?

— Eles veem novelas brasileiras tomando café africano.

Lurdes sorriu respeitosamente diante do que suspeitava ser uma analogia filosófica profunda.

— É isso mesmo, inspetora. Mas vamos ao caso. Você pode usar a cartolina, já que não temos um quadro-negro, para esquematizar a investigação. Vamos montar um quadro completo de suspeitos, com seus motivos e oportunidades. Amanhã, quando encontrarmos nossos colegas poderemos lhes dar uma orientação segura, sem ofender suas susceptibilidades. Não se esqueça de que

somos como embaixadores num território estrangeiro. Não podemos reduzir a diminuta capacidade deles frontalmente.

Um pensamento fez brotar um sorriso monstruoso no rosto do detetive.

— Até porque se diminuirmos nem vamos saber o que pensam.

Lurdes aprovou, dando uma risada. Andrade retomou o ar sério.

— Vamos lá, pegue a cartolina e se prepare para escrever.

O detetive deu uma última volta pelo quarto e lançou-se à cama para comandar de lá o processo.

— E não se esqueça do que eu disse há pouco. A solução do caso depende inteiramente de nós. Onde há fumaça, há fogo.

— Fumaça?! — Lurdes largou tudo, aflita.

— Calma, inspetora. Eu me referia aos rumores que sugerem que o português não é um bom modelo intelectual para um programa genético.

O detetive estendeu o dedo indicador em sua direção, imitando o gesto de Oliveira. Ela, devagarinho, esboçou um sorriso

— As cartolinas são suas, inspetora. Esboce nelas um quadro geral da investigação. Mãos à obra.

Enquanto Lurdes dedicava-se a elaborar as relações entre os personagens envolvidos na investigação, o detetive entretinha-se ordenando os restaurantes sugeridos por Osório numa sofisticada hierarquia de custo-benefício. Seu objetivo final era provar todas as partes do porco preto.

PASSAVA DAS 11 da manhã quando Lurdes apareceu alvoroçada na porta de comunicação com o quarto de Andrade, que acordou com o barulho.

— Chefe, a inspetora Dora ligou. Planejam fazer uma visita, mais tarde, ao último emprego da Lucicléia. Uma boate chamada Toca das Sereias. Ela também disse que os exames nas camisinhas mostraram que em uma das embalagens todas as unidades estavam furadas. Um furinho de nada, mas...

— Peça o favor de passarem aqui para nos pegar — devolveu ele, virando-se para o outro lado na cama.

Ao descer, uma hora depois, o detetive encontrou Lurdes no saguão de entrada do hotel em animada conversa com a inspetora Dora e o inspetor-chefe Oliveira. A alegria do grupo contrastou com sua irritação ao ser informado que o serviço de café da manhã já havia encerrado.

— Vejo que um crime hediondo não impede que a banalidade retome seu espaço na vida diária. Graças a esse pendor para a futilidade é que as guerras são toleradas pelo homem — disse ao aproximar-se do grupo.

— E pelas mulheres — acrescentou a inspetora Dora, em tom feminista.

Andrade a encarou com um desdém banhado em testosterona.

— Principalmente. São imbatíveis no exercício do genérico, incansáveis no exame da superficialidade.

A inspetora portuguesa contraiu o maxilar, ultrajada. Andrade não se intimidou e prosseguiu:

— Fiquei feliz ao saber que as camisinhas furadas provaram aos céticos o que afirmei de imediato: a tieta mineira se dedicava à mais antiga das aspirações femininas... pescar pai rico abrindo as pernas.

Ao ver que Dora poderia explodir, Lurdes se adiantou e dirigiu-se ao detetive:

— Eu estava contando a eles as histórias das últimas investigações que fizemos. Eles adoraram a velha comunista do caso dos três castelos. O senhor sabia que eles têm Partido Comunista aqui? — indagou.

— A preservação do passado é um traço importante dos portugueses. Ao contrário do Brasil, que pegou um atalho para a decadência sem passar pelo esplendor, Portugal teve feitos que assombraram o mundo.

O inspetor-chefe concordou, orgulhoso. Como estavam com fome — os portugueses por acordarem cedo e Andrade por perder o café do hotel —, resolveram caminhar até um restaurante algumas quadras adiante. O almoço, patrocinado pelos portugueses, estava cheio de novidades gastronômicas, deixando Andrade exultante. Como entrada, o detetive foi apresentado aos percebes, mariscos feiosos, semelhantes a pequenos pés de porco, que o encheram de entusiasmo.

— Um alimento repugnante como esse ser tão saboroso é um gesto delicado da natureza — filosofou Andrade.

— Como assim, senhor Andrade? — indagou Dora.

— Veja bem, inspetora. Comer um coelhinho delicado não é fácil para alguns. Há que superar a empatia natural, ao ver o animal desfigurado em tiras. Esse bicho aqui não provoca sentimentos complexos ao ser jogado numa panela. Ninguém tem dúvidas de que esses bichinhos nasceram para ser destruídos.

— Que horror! — reagiu a policial portuguesa, enojada.

— Nossa inspetora é vegetariana — alertou Oliveira, sorrindo.

— Isso explica seu pouco entusiasmo com a existência — troçou Andrade.

— O senhor acha-se muito divertido — contestou ela. — Mas é ofensivo.

— Inspetora! — repreendeu-a Oliveira.

Andrade ergueu a mão, condescendente.

— A juventude precisa expressar a frustração por sua inexperiência, inspetor-chefe. Melhor que desconte em alguém que não precisa de elogios fáceis, porque conhece os próprios méritos — concluiu, com um riso de canto da boca.

Dora mergulhou seu garfo na profusão de folhas que ocupava seu prato.

O clima do almoço foi melhorando a partir do momento em que Lurdes, açulada por Andrade, retomou o relato das antigas investigações dos dois. Quando o detetive mencionou o material precário utilizado pela perícia brasileira, com alguns exageros pontuais, os dois portugueses, que a princípio não queriam acreditar, desataram a rir.

— O saco de provas é mesmo de padaria? E foi atacado por ratos?

— Claro. Tinha sido usado para guardar um queijo.

Enfim, algum tempo depois, já num ambiente amigável, seguiram para a boate, no bairro do Intendente. Estacionaram numa ruela a duas quadras do local. Andrade deixou que Oliveira e Dora tomassem a dianteira para observar, deleitado, que o vento colava e soltava o vestido escuro de algodão contra o corpo da policial portuguesa, desenhando suas curvas. Na noite anterior, ele havia pensado bastante nela. E em Suely, a quase namorada. Mas principalmente nela. Duvidava que fosse um furacão desgovernado como Suely. Ele, porém, sabia que o sacolejo certo era capaz de despertar a libido de qualquer fêmea. Aquela ali, acostumada a receber carinho com a ponta dos dedos, quando sentisse um toque pesado de mão rude uivaria com gosto.

A boate não estava aberta ao público quando os policiais se identificaram e entraram no salão principal. Os preparativos para a noite tinham se iniciado e as meninas já estavam ali fazendo uma refeição reforçada para poderem varar a noite e a madrugada vendendo energia. Literalmente. Eram mais de 15 moças que se espalhavam por ali, sob o olhar de quatro garçons, dois atendentes, três seguranças e um gerente.

Os policiais foram conduzidos por um segurança até a presença de um homem que parecia mandar no local.

— Sou Nicolai — apresentou-se o sujeito, cujo mau aspecto, dado pelo nariz de lutador e pelas orelhas de couve-flor, era magnificado pelo resto do corpo: dentes tortos, cabeça raspada e músculos que estouravam a camiseta preta.

O inspetor-chefe Oliveira se adiantou, interpondo-se entre Nicolai e a sua inspetora. Andrade cambaleou em torno do homem, fazendo sinais para Lurdes que, instintivamente, entrou em alerta máximo.

— Gostaríamos de falar com o proprietário — disse Oliveira, com gentileza.

— Ele não está — respondeu Nicolai, com voz lúbrica, acompanhada de um olhar usado por dinossauros antes de devorar gente. — Podem falar comigo. Sou o gerente.

— Gerente é proprietário? Não, é um empregado que acha que é dono — rosnou Andrade por trás da nuca do gerente.

Nicolai se virou, erguendo a mão num gesto hostil. Já de prontidão, Lurdes deu dois passos e armou-se em posição de combate.

A tensão foi quebrada por Dora, que disse em tom sibilante:

— O patrão não vai ficar satisfeito se o gerente provocar um tumulto que leve à suspensão do alvará de funcionamento.

Com vozes saindo de todas as direções, o gerente se imobilizou, deixando o ódio se concentrar nos olhos de mel.

— O patrão tá fora e eu respondo o que vocês quiserem. Nunca tivemos problema com a polícia. A Polícia de Segurança Pública nos visita regularmente — contrapôs, num tom de quem mantinha relações estreitas com os agentes da lei.

— Nós somos da Polícia Judiciária — esclareceu Oliveira, sem alterar a voz cordata com que havia dado início ao diálogo. — Estamos aqui para obter informações de uma vossa antiga colaboradora, uma dançarina, de nome Lucicléia.

— As raparigas são amigas da casa — esclareceu Nicolai.

No intuito de restabelecer a autoridade com um choque, Oliveira lhe estendeu uma foto de Lucicléia assassinada. A imagem era aterradora, mas não provocou sequer um pestanejar em Nicolai, que a devolveu após um breve olhar. Em seguida, o inspetor-chefe lhe mostrou a foto dela viva, fornecida por Adalgisa.

— Não conheço. Pode ter vindo aqui se divertir, mas não era cliente VIP.

A exasperação de Andrade, contida pelo sincero desejo de não perturbar as relações diplomáticas com uma nação amiga, não resistiu à desfaçatez do marginal.

— E o que são essas jovens — mostrou ao redor — a quem vocês servem esse sopão vagabundo? As sem-cama da região? E é melhor tirar esse ar da cara, antes que eu ponha seu focinho pra combinar com os dentes, porque o que você faz é reduzir mulheres a mercadoria chinesa, barata e sem identidade.

Dora fitou Andrade com um inesperado respeito, enquanto Nicolai trincava os dentes. A inspetora portuguesa se postou à frente dele.

— É melhor nos contar tudo o que sabe da vítima.

Acuado, Nicolai arqueou as sobrancelhas grossas, em dúvida. Finalmente, decidiu.

— Ela dançava aqui umas noites, mas sumiu da casa há mais de um ano.

— Tinha algum cliente predileto? — perguntou Lurdes.

Ele se virou para ela:

— Não que eu soubesse.

— E as meninas? Quem era amiga dela? — indagou Dora.

Nicolai olhou para as meninas, que comiam em mesinhas redondas e declarou:

— Elas não têm amigas, têm concorrentes.

A desumanidade na voz do gerente foi o estopim para Andrade explodir. Enfiando mais uma vez a cara em sua orelha, sussurrou uma ameaça:

— Não banque o Tarzan só porque foi criado por macacos.

O rubor facial do gerente foi seguido por um movimento de ombros que pôs Lurdes em alerta. Ela começou a dar os saltinhos que precediam os chutes no *taekwondo*.

— O que você está escondendo, hein? — provocou o detetive. — É difícil acreditar que um açougueiro experiente como você não fosse passar a faca num filé suculento como a Lucicléia, tendo que se contentar, no dia a dia, com carne de segunda.

Dora se juntou ao policial brasileiro, do outro lado do queixo de Nicolai.

— Você a esquartejou, não foi, carnicheiro? — ela bradou, com chamuscas nos olhos, descontrolada.

— Inspetora Dora! — protestou Oliveira, metendo-se entre os dois.

Depois de atear fogo ao interrogatório Andrade se afastou, indo para o outro lado do salão, onde as meninas se alimentavam. Ali examinou o rosto de cada uma. As jovens eram, em sua grande maioria, escravas e comiam sem vivacidade. Na expressão de uma delas ele identificou, afinal, algo além, uma espécie de raiva. Marchou para a mesa da moça, uma morena roliça que mastigava com voracidade ao lado de sua companheira, uma loura carregada de maquiagem. Puxando uma cadeira vazia, sentou-se com elas.

Nicolai ameaçou dirigir-se para a mesa em que estava Andrade, mas seu movimento foi estancado pela mão espalmada da inspetora portuguesa. Nicolai fechou os punhos, levando Dora a puxar do bolso uma arma não letal e apontar para ele:

— O senhor está conversando conosco. Melhor que continue assim.

Oliveira, a princípio indeciso e pouco confortável com a atitude agressiva da subordinada, resolveu apoiá-la, postando-se também na frente de Nicolai e dizendo:

— O senhor aguarde aqui, imóvel, respondendo às perguntas das inspetoras, enquanto falamos com as raparigas.

Imitando Andrade, o inspetor-chefe foi puxar conversa com as moças em outras mesas. Enquanto isso, o diálogo do detetive com as duas jovens engrenava:

— Então, Lucicléia não era amiga de vocês...

— Nada — disse a roliça, Maya. — Se achava melhor que a gente. Depois que saiu, queria bancar a patroa. Veio aqui chamar umas meninas para trabalhar com ela. Prestar uns serviços — contou, escancarando a boca cheia de comida e despeito.

— Você foi? — perguntou Andrade.

— Eu não sou puta — disse Maya.

— Mas tem umas que foram — disse a loura triste, Susie.

— Polacas — resmungou Maya com raiva.

— Então, a tal Lucicléia não prestava?

— Nada. Se não tivesse saído com o patrão...

— Psssi... — fez Susie, assustada.

Um olhar apavorado assomou ao rosto de Maya.

— Esquece o que eu disse. Por favor, esquece o que eu falei.

Andrade deu um sorriso imperial e ergueu-se, empurrando a cadeira para longe. Com as mãos em concha berrou para o salão:

— Ninguém vai se machucar se falar o que sabe pra gente! Eu garanto!

O momento de estupefação passou e ele deixou as duas e foi sentar-se em outra mesa. Ouviu as mesmas histórias de arrogância e individualismo da vítima. Já se

havam passado dez minutos, quando outro berro interrompeu as entrevistas:

— Que merda é esta na minha casa?

O som vinha da porta. Não era uma voz de barítono, mas deixava no ar uma clara ameaça.

Os policiais se voltaram para a origem do som e viram um homem esguio, vestindo uma camisa de seda vermelha e uma calça preta. Seu rosto magro tinha uma pele marcada por ondulações, com uma pequena cicatriz no canto de um dos olhos azulados. Os lábios finos eram como traços de crueldade numa máscara de frieza banhada em loucura. Ele caminhou dois passos e parou, como se sua importância o tornasse monumental. Lurdes e Dora largaram o gerente, osso já roído, e rumaram para ele. Por sua vez, Andrade e Oliveira também deixaram as mesas onde entrevistavam as meninas e se dirigiram para a entrada, como se fossem tubarões e o homem, alguém ferido.

Oliveira se adiantou e fez as apresentações. Vladimir, Vlad, conforme sugeriu ser chamado, era o dono da boate. Ao contrário do gerente, não hostilizou os policiais. Chamou-os para uma mesa maior num canto, fez servirem bebidas e respondeu às perguntas sem perturbar-se. Sim, tinha cidadania portuguesa mas nascera na Romênia. Não, não acompanhava a vida das meninas que frequentavam o clube, como chamava seu bordel. Não, não ouvira falar da morte de Lucicléia, apesar de saber de quem se tratava. A mentira no final exasperou o detetive:

— Temos informação segura de que ela mantinha um relacionamento carnal com você.

O olhar de Vlad destilava veneno.

— Quem disse isso?

— Isso importa? — pressionou Oliveira com voz macia.

— É claro que não — disse Vlad.

O romeno balançou a cabeça e passou a mão na nuca.

— Essas meninas todas querem uma casquinha do patrão, achando que vão resolver a vida — acrescentou, desdenhoso.

— E acabam encontrando a morte — disse Andrade, e os nós de um dedo gordo passearam pela vizinhança do nariz de Vlad.

O incômodo com o dedo fez Vlad recuar.

— Eu não sei quem matou essa menina. Não fui eu. Nem teria motivos — defendeu-se, com displicência calculada.

— Onde estava à noite cinco dias atrás? — indagou Dora.

Ele suspirou, emitindo um brilho metálico nos olhos que provocou um calafrio na inspetora.

— Na boate... não... em casa, com minha mulher. Acho que uma prima dela nos visitava. Somos de origem cigana e prezamos a família — declarou com orgulho.

— Vamos precisar confirmar essas informações — afirmou Dora.

— Vamos ouvir o depoimento de todas elas — assegurou Oliveira.

Vlad examinou Dora com um interesse arrepiante. Depois, varreu o salão com um olhar assassino, que garantiu que a memória de todos ali dentro estivesse confusa quando os policiais tentassem retomar as conversas.

Dentro do carro, a caminho do hotel, Andrade lamentou que a polícia local não tivesse liberdade para sacudir um suspeito até “que os grãos da mentira assentassem no chão”.

— Não se pode contar com a população para defender a lei, Oliveira. Nem com a lei para garantir a justiça.

— E vamos contar com o quê, homem de Deus? — explodiu o inspetor-chefe.

— Gente como eu... como nós — retificou Andrade, gentilmente, incluindo a todos no elogio —, que nasce com alergia ao crime e tem por destino defender a sociedade dela mesma. Numa construção, se os pilares são poucos, têm de ser fortes.

Do banco de trás, Dora avançou a cabeça, chegando perto da de Andrade, que se sentava no banco do carona.

— O senhor acha que Vlad seria capaz de cometer uma tal atrocidade, detetive? Não me pareceu um homem desequilibrado.

Andrade se virou para trás em busca do olhar da inspetora portuguesa.

— O desprezo pela vida é adquirido ouvindo os ritmos musicais lascivos e comendo a culinária picante dessa gente. A cultura cigana, assim como a

brasileira, tem esses dois ingredientes. Ou seja, a resposta para sua pergunta é sim. Esse sujeito vem de um meio marginal, predisposto pela cultura e pelo sangue ao engodo e ao manuseio de armas brancas. É um tipo acostumado a estripar animais, que não vacilaria em fazer o mesmo com uma caça apetitosa como a vítima.

Do banco de trás veio um murmúrio de concordância. Dora e Lurdes trocaram olhares de convencimento. Oliveira deu uma olhada de soslaio, aborrecido com o rumo da conversa e ponderou:

— Não nos devemos precipitar. É um cigano, é um marginal mas... pronto. Há que ter motivo e oportunidade para se envolver num crime tão aberrante como esse.

— O motivo deve estar no meio das pernas, onde residem os pensamentos dessa tribo. Com um sujeito como ele, basta que a vítima lhe tenha passado uma doença venérea para que se decida a arrancar suas tripas. A academia de polícia daqui deveria ensinar História. Os bárbaros existem desde que Roma é Roma e insistem no cerco à civilização. Principalmente as tribos nômades, como a dele. Triste é ver que hoje em dia a civilização, ao invés de lutar, abriu os portões.

— Não podemos impedir o asilo por razões humanitárias.

Um esgar de pena corou as faces do detetive.

— Não se combate uma doença pegando a doença. Deviam levar essa turba migratória à Sibéria e deixar lá mofando por uma ou duas gerações, como faziam os russos. Reeducar do zero.

Dora abriu um sorriso tolerante.

— O choque cultural tem sido um problema na Europa.

Oliveira interrompeu a conversa, que seguia um caminho político preocupante:

— Hoje mesmo a inspetora Dora vai agendar as entrevistas com os antigos empregadores de Lucicléia.

O detetive refletiu um minuto.

— Compreendo que, apesar de já termos o culpado nas mãos, é preciso falar com todos os conhecidos da vítima para encher linguiça, não é? Aqui a expressão deve ser “fazer chouriço”.

A risada de Dora selou a melhora nas relações entre ela e o detetive. Ele lhe endereçou um olhar cúmplice.

— Acho que a avaliação geral é dos senhores. Mas a inspetora Lurdes e eu não vamos deixar vocês na mão no momento em que forem conversar com essa gente. Patrões, no Brasil, não são como no mundo de vocês, gente que tem dinheiro. Lá, temos uma elite que despreza sua gente e é nutrida pelo Estado através da conversão de saúde e educação públicas em iates e casas de campo. O único compromisso que eles têm é com o próprio bem-estar e só respeitam a força.

— A democracia tem a sua própria força — considerou Oliveira.

O olhar de Andrade foi demolidor.

— A democracia é como linguiça, tão boa quanto a carne usada no preparo. Basta um par de porcos doentes para estragar tudo.

O inspetor-chefe ficou tentado a aprofundar a discussão. Contudo, temendo a contaminação de sua inspetora pelas ideias estapafúrdias do detetive, achou por bem, mais uma vez, encaminhar a conversa para a investigação em curso.

— Então, ficamos acertados. A inspetora Dora vai agendar com os antigos patrões de Lucicléia e amanhã viremos buscá-los para as entrevistas. Estamos a reconstituir o dia da vítima e dos envolvidos, usando a geolocalização dos telemóveis e o uso de bilhetes de transporte e de cartões de crédito. Se quiserem, a inspetora Dora poderá enviar uma cópia das análises, para prepará-los para as entrevistas de amanhã.

Um resmungo acompanhou a resposta de Andrade.

— Há mais casos da ciência libertando inocentes do que prendendo culpados.

Os três ainda avaliavam a frase do detetive, quando o carro estacionou na porta do hotel. Andrade e Lurdes agradeceram a carona e desceram sem mais palavras.

O detetive terminava de colocar a japonsa, já pronto para sair, quando Lurdes apareceu na soleira entre os quartos. Vestia uma calça escura e um pulôver creme e parecia indecisa, como em busca de conselhos.

— Ainda não se aprontou, inspetora?

— Eu estava pensando no caso, chefe.

Andrade a examinou com paciência. Sabia que o crescimento profissional acelerado a que induzia sua assistente em algum momento produziria nela o desejo de ter opiniões próprias. Por ora, no entanto, havia de mantê-la de boca fechada para o seu próprio bem.

— O caso está resolvido, Lurdes. O cigano de rosto “encraterado” matou a “desdita decuja” por algum detalhe sórdido da relação entre eles. Francamente, não gostaria que isso atrasasse nosso jantar. A cervejaria que vamos conhecer é muito conceituada e não faz reservas. Não seria bom estar na pele da senhorita se chegarmos lá e não houver mesa disponível.

A decepção estampada no rosto de Lurdes arrefeceu o detetive.

— Em compensação, depois de nos sentarmos à mesa, estarei a postos, todos ouvidos, para ajudar a pôr nos trilhos a sua visão sobre o caso.

Um brilho iluminou o rosto da inspetora, que correu para terminar de vestir-se. Em minutos estavam saindo.

A cervejaria estava cheia, mas sem filas, e puderam se sentar de imediato. Faminto, o detetive pediu o vinho e as entradas: gambas no alho, uma farinheira e ameijoas. Enquanto aguardava, rasgou os plásticos que cobriam o queijo da Serra e o patê postos à mesa.

Após a primeira taça e o primeiro queijo, usou a boca para falar.

— Vamos lá, Lurdes, desembuche sua ideia.

A inspetora pigarreou, preparando a voz para o discurso.

— Ei, ei — gritou Andrade para o garçom que passava. — E as entradas?

— Já vêm, senhor.

Ele se virou para Lurdes.

— Dá para entender por que pararam primeiro na Bahia. Diga lá, inspetora.

— Bem, chefe. O que eu pensei é até uma coisa que o senhor disse: que o Vlad devia ter pegado uma doença da Lucicléia.

As entradas chegaram, tirando a atenção do detetive.

— Hum, hum... Pode falar — disse com entusiasmo, mergulhando fatias de pão na cumbuca fumegante para pescar os frutos do mar.

— O que eu pensei é que pode ter um motivo para o assassino ter tirado os órgãos da vítima, além da raiva.

— A fome? — arguiu Andrade, cortando nacos da farinheira. — Nunca endosseiei essa tese.

— Não, não é isso, chefe. E se fosse para ninguém reconhecer a vítima?

A boca cheia não impediu a resposta do detetive.

— Você reconhece alguém pelo fígado, inspetora? Deixe-me explicar-lhe o que aconteceu. Para dificultar a identificação, o assassino raspou as digitais, destruiu o rosto e arrancou os dentes da Lu. Já a extração dos órgãos, Lurdes, foi resultado do impulso homicida-bestial. Já viu multidão em arruaça? Começam quebrando uma vidraça, escalam para a queima de carros e terminam destruindo tudo. É sociologia e genética combinadas.

Lurdes ruborizou.

— Não é isso...

— Esse pâncreas é a cara do da tia Matilde — brincou Andrade, entre risos que mandaram restos de farinheira para todos os lados.

A inspetora fez um ar ofendido.

— O senhor não está entendendo, chefe. É que ela podia ter feito uma operação ou ter uma doença ou sei lá...

A insistência dela em não desistir da hipótese irritou o detetive.

— Ora, inspetora, a vítima não precisa do coração para ser reconhecida, nem sei se tinha um lá dentro. Essa sua ideia é a coisa mais ridícula que já ouvi em toda a minha vida de agente da lei. Vem do cinema, aposto. Beba um pouco para irrigar seu pensamento, que secou com essa abstinência toda.

Andrade enfiou o rosto no cardápio.

— Acho que aqui é o lugar ideal para experimentarmos a Sapateira e o Lavagante. Cada um de nós pede um deles e dividimos proporcionalmente.

— Proporcionalmente?

— A necessidade é ditada pelo peso. Foi onde o comunismo fracassou: na falta de critérios.

A FARRA gastronômica da noite anterior não impediu Andrade de mergulhar num festival de doces e bolos no café da manhã. Sentia-se bem. Lurdes saíra cedo para um passeio matinal. Retornara, tomara banho e saíra novamente. Ao voltar em definitivo, encontrou o detetive no saguão do hotel e, após ser provocada por ele, confessou o motivo de sua inquietude.

— É que estou tentando clarear a ideia que falei ao senhor ontem. É que veio de repente e depois embaralhou um pouco. Mas sei que é coisa boa.

— Faça como eu, esqueça. Eu admiro quem defende suas ideias quando as ideias prestam, inspetora. Nesse caso... recomendo que sossegue o facho ou vai terminar resfriada com esse entra e sai.

Naquele momento, o inspetor-chefe e a inspetora Dora entraram no saguão. Ela usava uma calça de veludo bege, botas curtas e um lenço longo no pescoço, cobrindo com sensualidade o que despertava interesse. O pulôver de caxemira desenhava o contorno dos seios. Andrade sentiu que estava a dois passos do paraíso: no primeiro, despia a dama; no segundo, preenchia seus vazios com amor de primeira qualidade.

Rápidos cumprimentos e rumaram para as entrevistas com os antigos patrões de Lucicléia, do seu tempo de trabalhos domésticos.

— Podemos ir a pé. É muito perto — comentou Oliveira.

Enquanto caminhavam, a inspetora portuguesa aproveitou para situar os policiais brasileiros sobre as pessoas que seriam entrevistadas.

— A vítima trabalhou como mulher a dias na casa de três casais de brasileiros. São os mesmos onde hoje trabalha a amiga Bernadete. O curioso é que são apartamentos no mesmo prédio. Parece que um deles foi o construtor e vendeu as unidades para os outros — disse Dora.

— Me cheira a lavagem de dinheiro — comentou Andrade.

— De políticos? — indagou Lurdes, receosa.

A confirmação do envolvimento de políticos bastaria para encerrar as investigações, como bem sabia a inspetora. Percebendo o temor dela, Oliveira anunciou, com orgulho:

— Aqui não tratamos os políticos de forma diferente das pessoas comuns.

— No Brasil, eles são mais ordinários que a média — aduziu Andrade. — Mas se concentram nos crimes por atacado. Se fossem colocados num zoológico, haveria placas alertando: “Não encha o bolso dos animais.”

Dora não conteve uma risada e Lurdes fez questão de acompanhar.

— Nossa classe política também é horrorosa — confidenciou Dora, sendo repreendida por um gesto de mão de Oliveira.

A crescente adoção do linguajar brasileiro por sua subordinada já havia acendido uma nota de preocupação no inspetor-chefe. A inspetora Dora era uma jovem de boa família, usualmente muito educada e discreta. A falta de compostura do policial brasileiro parecia ser contagiante.

— Hoje, os jornais voltaram a comentar o crime — mencionou Oliveira. — Questionam os avanços na investigação.

— Meu conselho é que o senhor prenda o aprendiz de vampiro e faça uma devassa naquela catedral da luxúria. Se, por uma hipótese remota, ele não tiver cometido o crime, nunca vai poder provar.

— Desculpe, detetive, mas nós é que temos de provar que foi ele quem cometeu o crime.

— É um método de investigação em desuso desde as cruzadas. Me admira um católico como o senhor não entender o conceito de pecado original que fundamenta essa metodologia. É um algoritmo que chega ao criminoso muito mais rapidamente do que se perdermos tempo examinando pistas que levam a todos os suspeitos do mundo.

— Faz parte dos procedimentos normais de uma investigação criminal segundo a Academia de Polícia Brasileira ou é de sua lavra? — indagou Oliveira, merecendo um sorriso convencido de Andrade.

— A Academia de Polícia no Brasil tem naftalina nos banheiros para manter a velharia acordada.

Dora se virou para Lurdes e trocaram risinhos escondidos. Oliveira se destacou do grupo, irritado.

— O inspetor-chefe ministra cursos especiais na nossa Academia de Polícia — revelou Dora, num sussurro.

Seguiram em silêncio até o prédio, localizado numa rua próxima ao hotel em que se hospedavam.

— Essa área é conhecida como Saldanha, por causa da praça. Não desta onde estamos, mas daquela pela qual passámos. O prédio é aquele — apontou Dora.

Era um prédio de esquina, de contorno abaulado e paredes rosadas. Os cinco andares dispunham de balcões estreitos que não dariam espaço para um suicida saltar. O inspetor-chefe, que ia à frente, teve o acesso franqueado pelo porteiro eletrônico e os aguardou com o portão aberto, já de humor restaurado.

— O inspetor-chefe Oliveira tem um temperamento invejável — murmurou Dora para os dois, que caminhavam a seu lado.

Da porta, ele os apressou.

— Vamos. Temos pouco tempo para as três entrevistas.

Andrade resfolegou ao passar por ele.

— No Brasil quem faz o horário é a polícia.

O primeiro casal, Carlos e Teresa, tinha por volta de 60 anos. Ambos trabalhavam na filial de um canal de televisão brasileiro, ele como diretor, ela como produtora. Eram simpáticos e puseram os policiais logo à vontade na espaçosa sala. A mulher foi à cozinha e retornou com um bule de café, xícaras e um prato de biscoitos amanteigados. O sofá era fundo e, ao deslizar pelo encosto, Andrade sentiu-se cair numa armadilha da qual teria dificuldades de sair. Fez algumas tentativas frustradas de alcançar os biscoitos que acabaram deixando todos tensos. Num gesto delicado, Teresa empurrou o prato na direção dele.

— Muita gentileza — Andrade disse, recolhendo-se ao encosto com a mão cheia de comida.

— Bem — começou Oliveira —, a nossa conversa, como a inspetora deve ter explicado ao telefone, prende-se com a necessidade de conhecer melhor o

círculo em que se movimentava a vítima, uma vossa antiga empregada.

Teresa era uma mulher de cabelos curtos, mas cheios, cujo rosto, ligeiramente quadrado, denotava muita iniciativa.

— Lu era muito diferente das empregadas normais.

— Ambiciosa — comentou Carlos, com um sorriso ambíguo.

— Ela cometeu algum furto aqui? — perguntou Andrade.

Carlos negou com um gesto enfático.

— Não, nada disso. É que se percebia nela a vontade de vencer na vida.

— A qualquer preço — completou o detetive, sem ser contestado pelo casal.

— Ela perguntava muito sobre o trabalho na televisão — disse Teresa.

— Quando se decidiu a abandonar o serviço de arrumação, até fizemos uma experiência com ela, como assistente da Teresa — revelou o marido.

Havia no ar triste da mulher sinais de nervosismo.

— Não deu muito certo.

Carlos deu uma risada e explicou:

— Ela foi pega seduzindo um *cameraman* na hora errada.

— Não entendi — cortou Dora. — Como o senhor sabe que ela seduziu e não foi seduzida?

Carlos perdeu o ar tranquilo.

— Me expressei mal. Os dois foram pegos.

— O fato é que ela não ficou nem um mês na TV. Como era um emprego *part time*... — Teresa deixou a frase por terminar.

— Ao pedir para sair ela disse o que ia fazer? Disse para onde ia? — indagou Andrade.

— Acho que era um trabalho em entretenimento — sugeriu Teresa. — Não sabemos o quê.

— E nas lides domésticas. Era competente? — quis saber Oliveira.

— Era muita ativa, mas esquecia as coisas, como se não desse importância ao que fazia.

Os traços da boca de Andrade se curvaram.

— Muito estranha essa atitude de colocar uma doméstica arrivista e irresponsável como assistente.

— Nossa filha insistiu muito — confessou Teresa, sem graça.

— A vítima tinha amigos que conhecessem? — perguntou Oliveira.

— Ela falava de um grupo de amigos do Brasil que morava com ela. A Bernadete, que hoje trabalha com a gente, é uma dessas amigas. Ela deve saber mais sobre as relações de Lu — respondeu Teresa.

Carlos coçou o nariz. Era marcante, ossudo, curvo e com narinas largas, combinando com as sobrancelhas pesadas, o que contrastava com seu espírito jovial e relaxado. Aquele ambiente cordial que começava a se formar era tudo o que Andrade considerava contraproducente em uma investigação.

— Vocês sabiam que ela era prostituta? — questionou o detetive, farto da conversa-fiada.

— Não. Nem ninguém afirmou isso nos jornais — observou Carlos.

— Os jornais não sabem de tudo. Só a lei conhece os porões da verdade — ameaçou Andrade.

— Que bom — respondeu Carlos em tom neutro.

Andrade o examinou à cata de sinais de desacato.

— Os senhores sabem algo sobre a vida pessoal da senhora Lucicléia? — insistiu Oliveira.

— Nada além de que tinha vindo do Brasil e queria trabalhar. Parecia uma boa pessoa, com energia, esperança. Tentamos ajudar... — disse a mulher e parou, trocando um olhar aflito com o marido —...mas, como eu disse, acabou não dando certo.

Houve um momento de silêncio, como se todos se lembrassem da morte dela.

— E como vieram a conhecer a Bela da Tarde? O senhor a encontrou em suas andanças pela noite de Lisboa?

Carlos empertigou-se.

— Eu não ando pela noite de Lisboa. Não por essa noite a que o senhor se refere.

Uma saliva de satisfação escapou pelos lábios do detetive ao ver que o homem perdera a serenidade.

— E se eu dissesse que temos testemunhas que o colocam nos braços da vítima como... Adão e Eva no Paraíso? — acusou Andrade, em um ataque de surpresa.

Teresa dirigiu ao marido um olhar carregado de suspeita.

— Eu diria que o senhor é maluco — respondeu o anfitrião.

— A Lu deu em cima do senhor nesta sala — a voz de Lurdes, que saiu em apoio à pressão do chefe, soou esganiçada, provocando efeito contrário.

Mais descontraído, Carlos não poupou a ironia:

— Já vimos cenas de duplas de detetives durões mais convincentes em novelas.

Foi a vez de Andrade se desarticular. Sem resposta, fitou Lurdes, furioso. Dora o salvou.

— A pergunta justifica-se, senhor Carlos. Temos informações de que a vítima tinha por hábito estabelecer laços românticos nos ambientes de trabalho.

A afirmação dura, vinda da boca de um anjo, eletrizou a todos.

— Ela tentou seduzir nossa filha! — explodiu Teresa, com as feições transtornadas.

— E conseguiu! — afirmou Andrade, com ar de superioridade. — Onde está sua filha, agora?

— Voltou para o Brasil, para terminar a faculdade lá — informou Carlos, sem esconder o embaraço.

— Descobriram tal facto quando a vítima ainda trabalhava para os senhores? — questionou Dora.

— Não — respondeu Carlos. — A Lucicléia já havia saído de casa e da emissora quando deu um pé na bunda da Letícia. Foi quando soubemos quem era nossa empregada.

— Carlos! — protestou Teresa, horrorizada.

O detetive passeou a língua pelo interior da boca, saboreando as informações.

— E vocês não puderam suportar o fato de que sua filha fora desvirginada, condenada a viver em Lesbos, e conceberam o plano de eliminar a corruptora. Com minúcias cruéis que só uma vida submersa em ficção poderia conceber. Sua filha participou da vingança?

A tensão provocada pela acusação direta foi neutralizada pela resposta de Teresa.

— Minha filha é assim desde os 15 anos — confessou, com os olhos baixos e avermelhados. — Já está namorando de novo — fez uma pausa inquietante. —

Dessa vez um transgênero — arrematou, exausta.

Pouco depois, subindo as escadas interiores do prédio para a entrevista seguinte, o inspetor-chefe Oliveira manifestou seu desagrado:

— O senhor não pode tratar assim as testemunhas.

— Não posso, mas devo — respondeu o detetive calmamente. — É o único modo de extrair a verdade de um brasileiro.

— É irregular — insistiu o outro. — Podemos sofrer uma reclamação oficial.

— Não se preocupe, meu caro. Ninguém vai reclamar — disse Andrade, dando um sorriso que pretendia ser amigável mas que lhe deformou o rosto. — Não uma família de estrangeiros que levou a prostituição para dentro do ambiente de trabalho português e educou a filha para escandalizar Sodoma e Gomorra.

— É um direito de cada um fazer suas escolhas sem incomodar os outros — protestou Dora.

— Aquela senhora pode até ter dupla nacionalidade — prosseguiu Oliveira, ainda preocupado.

— Dupla nacionalidade é pior do que dupla personalidade. A policidadania está a um passo da sedição. Eu, sim, os acuso! — bradou o detetive, altaneiro.

— Acusa de quê? — questionou Oliveira.

— Da verdade. De pensarem em si antes de pensarem no país. Aliás, apenas repito Kennedy, que acusou os compatriotas no dia de sua posse. É uma característica muito comum em sociedades multiculturais.

Chegando ao último andar, Andrade deu uma parada para tomar fôlego. Assim que se viu respirando normalmente, comentou acerbamente:

— Vejo que a formação do policial português não exige conhecimento de Psicologia ou História Universal.

Tocaram a campainha do apartamento que ocupava os dois últimos andares. A planta era idêntica à do anterior, exceto por ter uma escada que levava à cobertura, para onde foram conduzidos por uma empregada negra, de cabelos presos à nuca e postura elegante. Tinha olhos portentosos que se esticavam ao pousar no interlocutor. Quando ela saiu para chamar os patrões, os policiais trocaram impressões à meia-voz:

— Só pessoas muito ricas têm empregadas a tempo inteiro — observou Dora, impressionada, assim que ficaram a sós.

— Talvez seja melhor eu conduzir o interrogatório, inspetor-chefe — sugeriu Andrade, ainda com o ego inflado pela lição dada acerca de métodos de investigação. — Não apenas transito em ambientes semelhantes no Brasil, como bem conheço a lama de onde extraem tanta riqueza.

Dora abriu um bloco e leu os dados da família:

— Paulo Matias dos Santos Miranda. Nasceu em São Paulo. Empresário do comércio exterior com interesses em Angola e Moçambique. A esposa chama-se Amélia...

Dora continuou por mais uns minutos, enquanto aguardavam. Afinal, da escada surgiu uma mulher esbelta, no início dos 50, leve e rija como uma atleta. O cabelo louro, cortado à altura dos ombros, se retorcia nas pontas. Faltava carne ao monte de ossos, avaliou Andrade, e devia ser daquelas madames que dão canseira nos *personal trainers*, enquanto o marido corrompe autoridades. Eles estavam numa área coberta do andar superior, de onde divisavam os telhados de Lisboa. A mulher tinha a estranha capacidade de se dirigir aos policiais mantendo o olhar por cima deles, voltado para uma paisagem distante.

— Desculpe a demora, inspetor — disse ela, dirigindo-se a um ponto acima de Oliveira, com um sorriso cortado a faca no rosto de mármore.

— Não foi um problema, senhora — respondeu ele, com uma vênia.

O excesso de gentilezas incomodou Andrade.

— Podemos começar?

Ela lançou por sobre o detetive o mesmo olhar que devotaria a um indigente.

— Estou à disposição dos senhores e, claro, das senhoras.

— Ótimo — festejou Andrade. — Onde está o homem da casa para termos uma conversa séria?

Os lábios de Amélia sofreram um leve estremecimento.

— Meu marido tinha um compromisso e deve estar conosco assim que terminar.

Andrade deu um muxoxo e estendeu-se no encosto do sofá como se tivesse encerrado sua participação. Oliveira lhe deu uma mirada crítica e se voltou para

Amélia.

— A senhora recorda-se de Lucicléia Correia, uma ex-empregada?

— Claro.

— Conhecia o círculo de amigos da rapariga?

— É claro que não — contestou espantada.

— Tinha conhecimento de alguém com quem a senhora Lucicléia tivesse problemas?

Ela refletiu, com a vista ainda repousando para além deles.

— Não conhecia a vida dela. Era uma doméstica eventual, apenas para ajudar Dandra.

— Dandra? — o detetive pareceu acordar.

— É o nome de nossa assistente doméstica — explicou Amélia, complacente.
— É afrodescendente.

— Vamos precisar falar com ela — avisou Dora.

— Ela fala português? — indagou Lurdes.

— Melhor do que alguns de nós — replicou Amélia com ironia, irritando o detetive.

— Qual delas seu marido preferia? — cortou Andrade, mordaz.

A ousadia balançou a mulher.

— Como ousa? — ela se empertigou, com um brilho feroz nos olhos que, finalmente, se despregaram dos telhados de Lisboa.

Oliveira empalideceu, imaginando que aquele era o tipo de mulher capaz de registrar queixa na diretoria-geral. Ergueu a mão para Andrade, que a ignorou.

— Não me venha com chilikues. Não estamos no Brasil, onde o dinheiro berra. Aqui, quem urra é a justiça — e, ao dizer isso, buscou o olhar de Oliveira e de Dora esperando apoio.

Apesar da pontada de orgulho que a frase incitava, nenhum deles se manifestou.

— Meu marido nem sabe quem são as empregadas da casa.

— Que injustiça, Amélia!

O homem que interrompeu a troca de farpas era alto e ostentava cabelos negros levemente rebeldes. O rosto anguloso era bem proporcionado e carregava um

sorriso encantador. Aparentava menos dez anos que a mulher e a pele morena parecia banhada em tinta castanha, tamanha a uniformidade. Um calhorda elegante, catalogou Andrade, sem deixar de registrar que o sujeito havia impressionado Lurdes e Dora. As apresentações foram rápidas e Paulo sentou-se ao lado da mulher.

— Minha mulher exagera meu desinteresse pelas atividades domésticas. Eu conhecia bem a jovem que morreu. Ela limpava minha sala, por Deus! E também leio os jornais locais. Teve uma morte bárbara. No que pudermos ajudar, contem conosco.

Oliveira tomou a dianteira antes que o detetive aproveitasse a deixa.

— O senhor sabe se ela tinha inimigos que pudessem desejar-lhe mal?

— Não — disse Paulo. — Não sei nada da sua vida pessoal, mas era uma jovem animada, confiante, podia ter realizado seus sonhos, não fosse essa tragédia.

— E o senhor conhecia os sonhos dela? — perguntou Andrade, com um tom dubio.

Paulo lhe endereçou seu melhor sorriso, deixando Lurdes, ao lado do detetive, magnetizada.

— Eu nunca tive uma relação pessoal com a jovem, se é isso o que o senhor quer saber. Eu sou empresário, tenho negócios na África e passo muito tempo em viagens. Não a encontrei muitas vezes. E só a vi nesta casa — esclareceu.

Lurdes inspirou forte, animando-se a participar.

— O senhor viaja para onde?

Andrade exasperou-se.

— Para a selva, inspetora. Quais são seus negócios nesses países?

— Não vejo a relação dos negócios familiares com sua investigação, inspetor — intrometeu-se Amélia.

— Detetive — corrigiu Lurdes.

— Que seja — irritou-se Amélia.

Andrade se voltou com vagar.

— Por acaso a empresa do senhor não tinha espaço para uma jovem ambiciosa poder desenvolver seu talento?

O empresário permaneceu sereno, embora um leve tremor de pupilas fosse detectado pelo detetive, que o fitava com a intensidade dos juízes de concursos caninos.

— Isso é ridículo! — protestou Amélia.

— Começa a me parecer assim — concordou o marido.

O inspetor-chefe intercedeu, aflito com o rumo da conversa.

— Os senhores tiveram algum contato com a vítima desde que ela deixou de trabalhar cá em casa?

— Apenas notícias, muito eventuais, através da jovem que ficou no lugar dela. Bernadete é o nome dela — disse Amélia, mais calma.

— Nem isso tive — completou o marido, relaxando novamente.

— O senhor conhece os vizinhos de baixo? — indagou Dora, que merecia uma atenção permanente de Paulo, desde sua chegada.

Ele adiantou o rosto, esbanjando simpatia e naturalidade.

— A maior parte deles são amigos que conhecemos do Brasil. Eu construí o prédio e vendi os dois primeiros andares para conhecidos e fiquei com a cobertura.

— Quem mora no terceiro andar? — perguntou Dora.

— São chineses que conheci em Angola. O marido é executivo em uma empresa de energia. Mas eles vêm pouco a Lisboa.

— Atrás do Golden Visa — comentou ela, sem entusiasmo.

— Um programa do governo muito bem-sucedido — disse Oliveira, defendendo a medida governamental, que concedia vistos de residência em troca de investimentos no país.

O desvio de assunto aborreceu Andrade.

— Que tal voltarmos ao brutal assassinato da embaixadora da Legião da Boa à Vontade. Sabemos que ela não escolhia gênero para baixar as calcinhas. Quem dos dois caiu em tentação?

Um barulho no andar de baixo pôs Lurdes em alerta.

— Sossega, Lurdes, é a mucama — disse Andrade.

— Deve ser o Dudu chegando — avisou Paulo.

— Quem é Dudu?

— Meu enteado — disse Paulo.

— Meu filho — completou Amélia.

— Ele mora convosco? — perguntou Dora.

— Não, está de visita — respondeu a mãe. — Ele mora no Rio de Janeiro.

— Vocês não são paulistas? — surpreendeu-se o detetive.

— Somos. Ele prefere morar perto da praia — ironizou Paulo, recebendo um olhar feroz de Amélia.

— O Paulo está brincando com os senhores. Meu filho faz duas faculdades, Educação Física e Turismo. O Rio de Janeiro é o lugar ideal.

A boca de Andrade abriu-se sofregamente, espalhando dentes pelo campo visual de todos.

— Vagabundagem foi ofício, agora virou profissão — disse o detetive, ganhando um discreto apoio do marido de Amélia.

— Meu filho quer trazer alegria e prazer ao mundo com seu trabalho. Não quer se misturar com marginais — disse Amélia, numa agressão direta ao detetive que respingou nos demais.

— Há quantos dias esse raio de sol está em Lisboa? — sondou Andrade.

A discussão parecia ter animado Paulo, que se levantara, chamando Lurdes e Dora para mostrar a vista da varanda. Para desassossego do detetive, que acompanhava a cena com o rabo do olho, as duas haviam seguido o marido de Amélia, cujo desconforto com o movimento do marido também lhe chamou a atenção.

— Seu filho, minha senhora. Há quantos dias está em Lisboa? — insistiu Oliveira.

— Ah, bem... poucas semanas.

— Uma, duas, três? — insistiu Oliveira.

— Quatro — disse Paulo, que retornava à sala, junto com as agentes policiais.

— Paulo, você pode falar com o Dudu? — perguntou Amélia.

— Por que não descemos todos e terminamos a conversa lá embaixo? — propôs ele.

Proposta acatada, todos desceram.

Dudu era um rapaz alto, de compleição musculosa e belos olhos azuis. Olhos vivos e confiantes que passeavam pelo ambiente com displicência. Disse que não se lembrava da vítima, mas que devia ter conhecido, já que ele aparecia em Lisboa “quando dava”. Não havia nada em que pudesse contribuir, apesar do esforço de Andrade para saber se ele frequentava boates de *striptease*.

— Não, só em despedidas de solteiro. Em geral consigo conhecer quem eu quero — declarou, com indiferença.

Por sugestão de Andrade, após a entrevista com o último casal, que morava no segundo andar, pararam no quiosque da praça defronte ao prédio. Não havia sido uma entrevista difícil. Tobias e Lorena o nome deles. Tratava-se de dois médicos elegantes e sociáveis que haviam vendido a clínica de estética em Sorocaba, no interior de São Paulo, com filial na capital, para viver na Europa, passeando. Foram prestativos e gentis com os policiais. Não tinham filhos e Amélia, mulher do construtor do prédio, era uma cliente fiel da clínica no Brasil. Uma coisa levava à outra e haviam sido convencidos por Paulo a comprar o apartamento e conseguir o visto de residência em Portugal. Tobias e Lorena viajavam muito, mas estavam havia um mês na cidade, fato no qual aferrou-se o detetive para os manter como fortes suspeitos. A imagem de sucesso e despreendimento que emanava do casal tocara o sensível nervo social de Andrade, dando-lhe ganas de arrancar da cara deles o sorriso benevolente.

— Que casal carinhoso! — comentou Dora, ao se sentarem no quiosque. — Deu gosto ver como um tratava do outro.

— Eu não tiraria os médicos sem fronteiras da lista de suspeitos com base nessa simulação amorosa incongruente. Há uma clara incompatibilidade entre o longo tempo de união e o afeto demonstrado. E o marido é cirurgião, gente que desenvolve um apreço doentio por órgãos humanos, inspetora. A conexão do casal, se não pode ser motivada pelo carinho mútuo, deve conter ingredientes outros. Misteriosos e quiçá perversos.

— Não seria amor? — ironizou Dora, parecendo insultada pelos comentários. A ideia foi recebida com espanto pelo detetive.

— Não depois de 40 anos vivendo e trabalhando juntos. Uma exposição dessas é mais letal para o amor do que a radiação para as células.

— Meus pais são assim como esse casal — contestou Dora, em tom sério.

— Não quero ser desmancha-prazeres, mas, se olhar de perto o lago sereno, vai perceber as ondas de animosidade. Recomendo que continue sem dar atenção a seus pais, se não quer se decepcionar.

Tirando o foco da inspetora portuguesa, que ficara sem fala, o detetive se dirigiu ao restante do grupo.

— Não há rosas sem espinhos. Mas não devemos gastar tempo com essa gente. Eles integram uma parte da elite brasileira que veio buscar asilo fora do país depois que a miséria criada por ela mesma começou a ameaçar sua vadiagem cinco estrelas. Não são de enfrentar desafios, mas de fugir deles. De alma francesa, mas pernas portuguesas, se me entendem.

A fisionomia dos policiais portugueses era de profunda indignação. Oliveira se levantou e foi acender um cigarro longe deles.

— E o segundo casal? — perguntou Lurdes, aflita, ao ver que Dora não digeriria a teoria de Andrade. — Achei o marido com jeito bem infiel.

— A mulher sabe das escapadas dele — disse a inspetora portuguesa, depois de um tempo, dirigindo-se a Lurdes e evitando Andrade. — E fez várias plásticas, muito bem-feitas.

Oliveira acabou o cigarro e tornou a sentar-se entre eles. Foi a vez de o detetive sair para falar com o dono do quiosque. A atmosfera ficou mais relaxada.

— O que fazemos agora? — perguntou Lurdes.

— Já temos um perfil inicial da vítima — disse Oliveira. — A inspetora Dora está a mapear os seus últimos dias. Amanhã chega o relatório final da autópsia.

— Amanhã? — surpreendeu-se Lurdes.

— Ao final do dia, conforme o prometido — respondeu Dora.

— Trabalham rápido, hein? No Brasil, iam pedir dez dias úteis. Depois, iam dizer que faltou material. Depois, que havia uma emergência...

Andrade retornou com a boca suja de farelo.

— Seria bom montarmos uma operação de vigia naquela boate — disse ele, limpando a boca com a manga da japona.

— Eu posso ir lá, fingindo ser uma menina interessada no trabalho — sugeriu Dora.

Andrade discordou.

— Aquilo ali é uma espelunca. Não esqueceriam um rosto bonito como o seu. Não tem outra agente menos bem-apeçoada?

O elogio inesperado surpreendeu Dora.

— Estamos sem pessoal feminino.

— Eu posso ir — ofereceu-se Lurdes, timidamente.

Os três olharam para Lurdes. Havia, de novo, vestido várias camadas de roupa escura e atochado o casaco de couro por cima. Parecia uma boneca de uso militar.

— É muito arriscado — disse Andrade. — Você não está numa missão oficial, inspetora. E estamos falando de um psicopata para quem a vida humana vale tanto quanto a de qualquer animal. Um homem que trataria uma policial do mesmo jeito que a um pedreiro.

— Eu sei que o assassino é um louco, chefe. Mas esse foi meu juramento quando entrei na polícia. E não posso esquecer que também sou portuguesa.

Os policiais portugueses a fitaram sensibilizados. Dora afagou seu ombro e por um breve instante tocaram-se as mãos. Andrade tentou demovê-la da ideia, mas Lurdes continuou irredutível. Dora, então, se ofereceu para pintar os cabelos louros de Lurdes com tinta preta e fazer uma maquiagem pesada.

— Você vai ficar irreconhecível — prometeu ela.

— Espero que tenham vagas para a família Adams, murmurou para si mesmo o detetive, erguendo a voz em seguida:

— E não se esqueça, Lurdes. O assassino deve ser o dono da boate, mas pode também ser o gerente ou um cliente. Qualquer um que seja capaz de pisar lá dentro é suspeito desse crime e culpado de algum outro.

Já era noite quando deram início à ação. Os policiais portugueses haviam decidido não se expor nas proximidades da casa noturna, deixando duas viaturas, uma ao norte e outra ao sul, no aguardo de uma chamada do rádio. Andrade ficaria observando da esquina e daria o alarme ao menor sinal de perigo.

Andrade seguiu Lurdes com um olhar de dóida preocupação. Era uma menina, com marcas de cravo no rosto ossudo e juvenil. Sua menina.

Sob o olhar apreensivo do detetive, a inspetora Lurdes falou com o leão de chácara para, em seguida, ser engolida pelo covil de imundícies e baixezas.

Andrade aguardava havia uma hora quando viu o mandachuva chegando, junto com uma mulher que deslizava pelo braço do marginal com um requiebro atraente. Enquanto Vlad trocava umas palavras com o segurança, a mulher virava para os lados, agitada, procurando algo, ou temendo ser vista. Em dado momento a luz do poste incidiu sobre ela e o detetive teve a sensação de que e a conhecia.

— Claro! Criatura infame! — bradou Andrade consigo mesmo, ao lembrar-se de quem se tratava.

Vlad e a mulher entraram, deixando Andrade com o coração aos pulos. Mas não houve tempo para uma análise profunda. A porta tornou a se abrir e dois homens acompanharam Lurdes até o lado de fora da boate e a empurraram na rua. O salto de um dos sapatos quebrou e ela se desequilibrou, caindo sentada no chão. Levantou-se de maneira desajeitada e veio manquitolando até a esquina, de onde o detetive emergiu das sombras para ampará-la.

— O que aconteceu, inspetora?

Os olhos vermelhos denunciavam o choro que a maquiagem borrada confirmava. Andrade agarrou seus braços.

— Eles a reconheceram, a espancaram? — balançou-a, nervoso.

— Não, só me humilharam.

Ele balançou-a seguidamente.

— Como?

— Logo que eu entrei, um homem apareceu e me barrou, perguntando o que eu queria. Eu disse que era dançarina e queria trabalho.

Nova balançada.

— E daí?

— Ele chamou o gerente e os dois ficaram cochichando e rindo. Rindo de mim. Depois ele veio e... e... disse...

— Disse o quê, Lurdes?

— Que eu só servia pra trabalhar na rua. Que, se eu quisesse, me davam proteção por 300 euros por mês. Só não queriam ver mais minha cara na boate. Eu falei que não e eles foram me empurrando, empurrando pra fora... até quebrei o salto.

— Por que não aceitou, Lurdes? Era uma entrada, pela porta dos fundos, é certo, mas uma entrada na organização criminosa.

Ela começou a soluçar.

— Podia ao menos ter derrubado o homem — insistiu Andrade.

— Não deu, chefe. Eu tava...fraca... por dentro.

O detetive parou de balançar a inspetora e a abraçou, ligeiramente tocado pela emoção.

— Você pode não ser a mulher mais bonita do mundo, Lurdes, mas é... minha assistente. E a verdade é que... o cabelo escuro não lhe cai bem.

Lurdes deu início a um pranto longo que fez com que seu superior a largasse e se concentrasse na única informação trazida pela infiltração malsucedida: a ligação entre Vlad e Vanessa. Depois de uma rápida análise, decidiu que manteria o assunto em segredo. Divulgar a matéria poderia conduzir investigadores inexperientes na direção errada.

Já no hotel, deitado em sua cama, o detetive acompanhou os ruídos que vinham do banheiro do quarto contíguo. Tudo indicava que pela manhã Lurdes teria recuperado os cabelos claros. Assim que a ouvisse sair do banheiro, ele pretendia ir até lá para oferecer uns elogios fáceis que levassem conforto à sua assistente.

OS QUATRO policiais haviam começado o dia em reunião na sala do inspetor-chefe Oliveira. Dora fazia a apresentação auxiliada por um PowerPoint projetado na parede.

— No Brasil, acho que só autoridades têm um equipamento desses — cochichou Lurdes, animada.

Andrade registrou mais uma vez que a psicologia usada na noite anterior para recuperar a autoestima de Lurdes havia funcionado. Sem se perder em sutilezas, o detetive explicara a ela que o prazer masculino estava mais ligado à habilidade física do umbigo para baixo do que aos dotes estéticos do pescoço para cima. “Na cama, do pescoço pra cima, só a língua e a boca servem pra alguma coisa”, resumira de maneira enfática. Ao final da longa conversa, o empoderamento de Lurdes era tal que ela chegara a afirmar que a beleza “está nos olhos de quem vê”. Diante de tamanha besteira, Andrade sentiu que a tarefa estava cumprida e foi deitar-se.

— Eu vou pegar a marca do aparelho para ver se nós compramos... — disse Lurdes.

O detetive colocou o dedo na boca, em sinal de silêncio. Desde que acordara, Lurdes não parara de falar, e ele já temia que a dose de psicologia utilizada houvesse sido excessiva. O mar de eloquência já ameaçava sua saúde mental.

— Neste mapa — Dora apontou a tela —, os senhores podem acompanhar a movimentação do telemóvel da vítima. O cartão multibanco registra seis movimentos no dia, aqui assinalados a vermelho. São compras de cosméticos, o pagamento de um almoço rápido e outras coisinhas. As compras são corriqueiras e os estabelecimentos coincidem com o trajeto do telefone. O mais importante é o que acontece no fim. Às dez da noite, paga um jantar num café da Praça da Figueira e, logo em seguida, o aparelho movimenta-se na direção do Parque das Nações, zona onde seu corpo vai ser encontrado. Ela não tem carro e não houve registro de uso de plataformas de mobilidade urbana de qualquer natureza. Há,

sim, a identificação de uma ligação para o telemóvel dela, pouco antes de este movimentar-se para o destino final.

— Basta saber quem ligou! — bufou o detetive, cansado da cadeira incômoda.

Oliveira deu um sorriso complacente:

— O telemóvel que ligou para ela é um pré-pago vendido em supermercado.

— Aposto que o telefonema veio de um dos amigos miseráveis. A inveja é a marca da pobreza — disse Andrade, ignorando Oliveira.

— O senhor não entendeu. Não se pode saber a quem pertence a linha do telemóvel que ligou. O proprietário não é identificado.

— Hein!? — espantou-se Andrade.

— O celular que ligou não tem nome do dono, chefe — esclareceu Lurdes.

Andrade explodiu.

— E como vendem um celular sem que o comprador se identifique? É parte de algum programa europeu de incentivo ao crime?

— É parte do direito à privacidade — tornou Oliveira.

— Não me venha com essa frescura de direitos humanos e correlatos, homem. Isso é sério. A União Europeia, além de um *shuttle service* com a África, fornece serviços de lavanderia financeira e sigilo de comunicação? Querem concorrer com os americanos no crime organizado? Não aconselho. Eles detestam concorrência.

— Não vejo...

— E vocês ainda vão ter que competir com a desumanidade russa.

Dora se meteu, para levar a conversa de volta ao caso.

— Tentamos identificar o dono do telefone, o provável assassino, pelas outras ligações feitas de e para o telemóvel pré-pago, mas o aparelho só era usado para se comunicar com Lucicléia. Deve ter sido comprado com esse fim.

Andrade inspirou pesadamente. O corpo gigante pareceu ter um espasmo e, então, se acalmou.

— Não é o meu país mesmo. Que façam como quiserem — desdenhou, incluindo Lurdes no olhar. — Quanto ao que a senhora disse agora, tenho uma observação. Quem compra celular para falar com exclusividade é sócio de

negócio escuso. Por um lado ou por outro, já sabemos quem é o assassino, o conde Vlad.

Dora, atarantada, fitou Oliveira, que a instou a prosseguir a apresentação.

— Analisamos também as ligações feitas pelo telemóvel de Lucicléia e não vimos nada importante. Em geral, eram para amigos ou para esse telemóvel anônimo. Mas identificamos algumas para o bar de meninas.

— Para Vlad! — exclamou Lurdes, numa voz sufocada, enquanto apertava o punho.

Andrade a fitou, preocupado. A inspetora estava perdendo o controle.

A explanação de Dora continuou, sem nada que Andrade pudesse identificar como útil para a investigação. Ao fim, Oliveira disse que iriam ao café onde Lucicléia havia feito sua última refeição.

O café ficava em plena Baixa, área colada ao rio Tejo e repleta de turistas. Um Andrade contrafeito com o comportamento exuberante da assistente deixara-se ficar na varanda externa, enquanto os demais entraram para obter informações sobre Lucicléia. Num gesto imperioso, o detetive chamou um garçom que passava e pediu um sonho e um café. O garçom, Lourival, veio num pulo.

— É pra já, meu rei.

O sotaque baiano aumentou a irritação do detetive.

— Sem canela — disse num tom altivo que não conseguiu desestimular a conversa.

— Tá sem a patroa? — perguntou o outro, invasivo.

— Pode manter no bolso seu folheto de ofertas sexuais — interrompeu o detetive, com o pavio curto queimando a cera.

O garçom saiu desconsolado, mas voltou rapidamente com o pedido, melhorando a impressão de Andrade a seu respeito. Com a boca cheia, apaziguado, chamou novamente o rapaz, que já se distanciara, e perguntou seu nome. Lourival era um moreno sorridente e falante.

— O patrão pensou melhor e viu que a noite vai ser longa, solitária e fria — sugeriu o rapaz, insinuante.

— Se você não começar a diferenciar um homem de verdade de um genérico vai acabar amassando sua cara numa mão pesada.

Lourival deu um passo atrás e lançou as mãos ao alto.

— Muita calma nessa hora, meu rei. Não sou a mercadoria, não. Só faço a divulgação — ele piscou um olho, malandramente. — Cada piteuzinho, “muita boa”, como dizem aqui. O doutor vai lembrar do cheiro de cravo e canela e do gosto do dendê.

— Tem brasileira na parada? — quis saber Andrade, com súbito interesse.

— De A a Z — sorriu o garçom.

Lourival se apressou a tirar um caderno pequeno e abriu-o sobre a mesa. O detetive folheou as páginas, analisando os retratos e as descrições físicas listadas. A princípio, não reconhecia nenhuma das moças. Enquanto fechava o caderno com a intenção de o levar, avaliou o malandro à sua frente. Era um esperto agenciador de serviços ilegais, ou seja, um candidato natural a informante. Seria bom ter alguém para espremer naquela terra cheia de não-metques.

— Eu estou procurando uma amiga, que talvez você conheça. Uma brasileira chamada Lucicléia.

A reação de engolir em seco foi sinal suficiente. O corpanzil de Andrade começou a mover-se para cima, assustando o rapaz, que deu um passo em falso e derrubou a cadeira da mesa ao lado.

— Senta já aí — ordenou o detetive. — Se tentar correr, o pessoal de vigia te pega.

O rapaz olhou para os lados, indeciso. Tremendo um pouco, sentou-se.

— Que Xangô é rei e protetor — murmurou baixinho.

— Deixa de baianice que santo sério não quer relação com um tipinho como você.

— Eu só passo os clientes pra Lu. Ela disse que tava autorizada no serviço. Eu não fiz nada pra morrer assim — lamuriou-se com olhos de cão chutado pelo dono.

— Ninguém vai morrer... ainda — rosnou Andrade.

— A Lu morreu — lamentou-se Lourival.

— E essa lista que você me mostrou?

— É de um concorrente. Tem muitos. Mas a da Lu caía mais no gosto brasileiro.

— E como funcionava o negócio de vocês dois?

— O negócio era dela. Funcionava igual ao dos outros, só que mirando brasileiro, num sabe? A sua turma deve trabalhar assim também — especulou, supondo que Andrade pertencia a uma quadrilha concorrente. — Eu via um turista sozinho no café, com jeitão tarado e dava dica do serviço de acompanhante “Luz Paradise on board”. Era o nome da agência dela. Agência é modo de dizer, a Lu não tinha empresa ainda.

— Há quanto tempo fazia negócio com ela?

— Ainda faço. Vou fazer, né?, porque a sócia dela ligou pra dizer preu queimar a lista antiga e me preparar pra receber a nova, cheia de novidades. Disse que logo que tivesse na ativa, ligava. Eu queimei a velha e tô esperando a nova, que não veio ainda.

— Ahn?

Lourival se assustou, mostrando as palmas das mãos, em súplica.

— Erro de verbo, meu rei. Eu fazia negócio com a Lu antigamente, mas, nos agora, não vou fazer negócio com a sócia nem que Oxossi venha pedir. Quando a lista nova chegar eu queimo também. Pode saber que de hoje a sempre só vou indicar o serviço de vocês. Tem a sua lista aí?

Andrade o examinou com maldade. Com as costas da mão limpou a saliva como um vampiro após drenar o sangue da vítima.

— Não, mas você vai receber em breve. Enquanto isso pode continuar operando com os concorrentes. Você viu a Lu na noite do crime?

— Não, era minha noite de folga.

— Essa Lu era ambiciosa demais. Você é ambicioso demais?

— Não, não, que é isso? Sou da poupança.

— Como é o nome dessa sócia da Lu?

— Ela disse pra continuar chamando de Lu. Não deu outro nome.

— Você pode marcar um encontro com ela?

— Falei de se vermos. Só que ela disse que trata negócio igual a cartão de metrô. Sem contato.

— Me passe o telefone dela.

O rapaz tirou um celular do bolso para olhar o número.

— Me dá o seu telefone aqui. É pré-pago?

— Tem que ser. Pra trabalhar sem caganeira...

— Já entendi — disse o detetive, de cara feia, tomando o celular dele.

— Ei, ei!

Andrade se levantou, pondo o celular de Lourival no bolso.

— Compra outro pra você. Esse aparelho aqui é o caminho para eu encontrar a Nova Lu. Pendura minha conta. Eu te fiz uma gentileza, deixando você inteiro, você me faz outra. É assim que funciona. Eu volto e espero novidades — disse o detetive, afastando-se apressado e levando consigo também o caderno, antes que os policiais voltassem e o encontrassem com seu novo informante.

— Valeu, meu rei — agradeceu o garçom, meio atordoado.

Os policiais foram encontrar Andrade, dez minutos depois, junto ao carro estacionado.

— Onde é que se meteu? — questionou Oliveira, exasperado. — Procuramo-lo como a um tesouro. A inspetora o viu sentado e, logo a seguir, evaporou-se.

— Desculpe. Vi um sujeito passando na rua, um antigo informante brasileiro e o segui. Acabei conseguindo algumas informações sobre o caso.

— O quê?

— Primeiro me digam: como foi no café?

— Realmente a vítima esteve no café. Um empregado lembrava-se dela. Jantou uma francesinha, pediu a conta e saiu. Mas ele lembrou-se de uma coisa importante. Ela recebeu um telefonema que a deixou agitada. Por pouco não acabava de jantar — relatou Dora.

— A chamada para a morte — rugiu Andrade. — Vinda de um aparelho cujo dono não é possível identificar — acrescentou, encarando o inspetor-chefe como se fosse o responsável pelo descalabro.

— Minha impressão é de que as pessoas deste café sabem mais do que disseram — comentou Lurdes.

O detetive a repreendeu.

— Não julgue as testemunhas levianamente, inspetora. São peões importantes do xadrez policial.

Ela calou-se.

— E o que descobriu? — indagou Oliveira.

— Esse informante trabalhou com Lucicléia até sua morte.

— Em quê?

— Na rede de prostituição que ela comandava.

— Rede? — surpreendeu-se Dora.

Andrade passou um olhar severo pelos três.

— Pelo que percebi é uma rede que atravessa todos os níveis da sociedade luso-brasileira.

— Até entre os políticos? — perguntou Lurdes, sempre receosa dos embaraços à investigação que a presença de políticos traria.

O sim, sinalizado pelo detetive com um solene movimento de cabeça, pesou no ambiente. Andrade estendeu o celular de Lourival a Dora, que o pegou. Em seguida, passou-lhe o caderno.

— Esse celular pertence ao meu informante e recebeu um telefonema da sócia de Lucicléia depois que ela partiu em excursão pro Inferno. O número da Lu deve estar registrado nas chamadas, comprovando a história do informante de que a conhecia. Talvez a senhorita encontre outros números de telefone interessantes nas ligações do aparelho. E o caderno tem a lista de meninas que uma rede concorrente de Lu oferecia aos turistas.

— Eu preciso conhecer seu informador, detetive — disse Oliveira.

— O senhor sabe que não posso fazer isso. A confiança entre um policial e seu informante é mais sagrada do que entre o pecador e o confessor ou um maluco e seu terapeuta. É o elo mais puro da corrente da justiça, portanto o mais frágil.

— Mas ao deixar Lisboa...

— É claro. Ao deixar a cidade posso transferir o informante para o senhor ou para a senhorita — fez uma vênia na direção de Dora.

A perplexidade das mulheres agradou a Andrade.

— Veja a surpresa delas, inspetor-chefe. Senhoritas, há um protocolo para administrar um informante. Ele é como uma amante: só tem um dono, mas pode ser passado adiante quando se perde o interesse.

Os dois homens trocaram um sorriso cúmplice. Pela primeira vez, após dias entocado, o dedo de Oliveira apontou o detetive. Dora chegou a ensaiar um protesto, mas se retraiu. Eram homens, crianças que brincavam de bater e dizer bobagens, e ela tinha de aprender a relevar grosserias leves, próprias do gênero e do ambiente policial. Além disso, diante dos homens realmente maus, os modos e métodos do detetive brasileiro pareciam funcionar, extraindo o sumo de frutas aparentemente secas. Já estava se acostumando à visão daquela figura desconjuntada, com sua carranca cheia de expressões medonhas. Nunca fora mesmo mulher de ter atração pelos *playboys* que encantavam seus pais e amigas. Mas nunca iria tão longe em sua rebeldia, a ponto de apreciar um homem de maneiras brutas e preconceitos medievais como aquele detetive brasileiro.

— Voltamos à sede? — perguntou Oliveira.

Com o estômago roncando e cansado pela manhã de trabalho, o detetive recusou:

— Nós vamos para o hotel, Oliveira. É hora de colocar as informações na batedeira mental e produzir evidências.

— Eu posso ir com eles, chefe? — ofereceu-se Lurdes.

— Você vem comigo, inspetora — retrucou, afrontado por mais um sinal de independência de sua assistente.

Nem bem entraram no quarto do hotel, Andrade ordenou:

— Sente-se na beirada da cama, inspetora. Pena que não temos milho para a senhorita se ajoelhar.

— O que foi, chefe?

— Seu comportamento, Lurdes.

— Já sei. É por que eu estou falando demais?

Ele assentiu, aliviado por ver sinais de autocrítica na pupila.

— É que eu estou me sentindo livre como nunca, chefe. Posso dizer o que penso. Não é nosso caso, não é nossa casa. Isso não é bom?

— Eu posso imaginar, Lurdes, sua sensação de liberdade. Só que, no momento atual, ela rima com irresponsabilidade, que é o que de fato você está sentindo. É um sentimento agradável, mas não posso deixar que prospere. Apesar de ter sido tirada uma vida barata, ainda assim é uma vida e precisamos conduzir o caso com o que temos de melhor, suas anotações e meu saber. É importante que você observe aonde quero chegar e avance na direção em que estou indo, nunca em outro sentido.

— A inspetora Dora fala coisas diferentes do inspetor-chefe.

— Deve ser o método português, que, como o nome já diz, é português. Além disso, o inspetor Oliveira não é propriamente um exemplo de mentor a ser seguido. Só se aprende com quem tem algo a ensinar, inspetora.

Lurdes abaixou a cabeça.

— O senhor tem razão.

Então, ergueu a fronte, para indagar:

— Quando eu vou estar pronta para fazer coisas da minha cabeça?

— Só posso dizer que a senhorita tem evoluído muito. O tempo vai ser definido pelo seu poder de observação e capacidade de absorção. Exemplo — ele inflou o peito — você tem para seguir.

— Eu vou observar tudo.

— Concentre-se em mim, que é o essencial.

Lurdes deu um sorriso repleto de expectativas. Andrade relaxou. A conversa havia saído melhor do que imaginara. Tinha sua inspetora de volta aos trilhos.

Os dois almoçaram numa tasca próxima ao hotel e, a seguir, o detetive deu a tarde para Lurdes passear na área antiga da cidade, enquanto se recolhia ao quarto para recuperar as forças.

— Eu podia ter ido com a Dora até a Polícia Judiciária — disse ela, ensaindo uma reclamação.

— Você quer ou não quer evoluir na profissão, inspetora? Eu garanto que seguir os passos da Bela e a Besta não vai contribuir em nada para o seu crescimento. Aprenderia mais concentrando-se no exame do modo como trato

uma investigação, ao invés de focar-se no próprio umbigo. Saia, relaxe e reflita sobre seu comportamento.

Ela abaixou a cabeça outra vez.

— Eu gostaria de ir ao Castelo de São Jorge.

— Pois, então, vá. Com a minha bênção.

Rumaram, cada um para o seu lado, um pouco agastados.

Andrade só foi acordado horas depois, ao cair da noite, por uma Lurdes entusiasmada com os encantos das subidas ao castelo, que percorreu mais de uma vez. Ainda sonado, sem dar muita atenção ao falatório da agente, ele foi ligar a água para encher a banheira. Relaxando um pouco, poderia elucidar os detalhes do crime cujo desenho já traçara e faltava apenas colorir.

O DIA começou cedo, com Lurdes acordando o detetive para mais um encontro no escritório do inspetor-chefe Oliveira. Para surpresa dela, Andrade não reagiu mal à perspectiva de um café da manhã corrido.

— Deve ter saído a decisão de invadir aquele inferninho, Lurdes. Vamos logo, antes que eles façam bobagem.

Na sala do inspetor-chefe na Polícia Judiciária, três agentes locais ouviam as instruções de Oliveira e Dora. Quando viu os brasileiros entrando, o policial português apressou-se:

— Então, vão. E avisem à inspetora Dora sobre qualquer movimentação suspeita.

Com um gesto, ele sinalizou para que Lurdes e Andrade sentassem, enquanto os agentes saíam prestando breves cumprimentos aos dois.

— O que houve, inspetor-chefe? — indagou o detetive.

— Uma novidade no caso — respondeu Dora por ele.

— A autópsia revelou que a vítima estava grávida. Não poderemos identificar a paternidade... — disse Oliveira.

— ... por causa das horrendas mutilações do corpo — completou Dora.

Andrade explodiu numa gargalhada que fez de seu rosto um mapa do inferno.

— Qual é o motivo de tanto riso? — questionou o inspetor-chefe.

— Tudo segue conforme eu previra ao saber das camisinhas furadas. A cortesã das Alterosas conseguiu engravidar do empresário crimino-erótico, que resolveu o problema extraindo o mal pela raiz. Se a lei não o alcançar, quando espalharmos a notícia de que ele matou um bastardo ciganinho, a própria comunidade vai cuidar dele. Vamos encontrar o desgraçado dormindo em seu trailer, numa cama de facas. Mas antes... quando vamos ter a honra de espremer o vagabundo?

— Não podemos divulgar esses fatos. O inquérito é sigiloso. A lei daqui o exige — contrapôs Oliveira.

O beijo de Andrade avolumou-se para expressar o descaso pela visão estreita do colega.

— Uma pergunta: a lei serve à justiça ou a justiça serve à lei? Ou melhor, o senhor é um oficial da lei ou da justiça?

Sem resposta, mas satisfeito com o impacto das questões levantadas, o detetive calou-se.

— E o senhor não vai poder participar do interrogatório, sob pena de dar à defesa motivos para invalidar tudo — disse Oliveira, contrariado.

A frustração de Andrade se manifestou num ruidoso estalar de dedos. O cenho fechado demorou a suavizar.

— A burocracia não sai do caminho da justiça — criticou o detetive para, em seguida, continuar: — Vocês querem que fiquemos na retaguarda, dando orientações? Temos muita experiência com a boca suja e o sangue ruim dessa gente

— Há muitos ciganos no Brasil? — perguntou Dora, surpresa.

— Tinham sumido junto com os circos. Mas estão voltando com o tráfico de drogas sintéticas.

Dora assentiu, ao ver que Lurdes apoiava a afirmação com sinais enfáticos. Oliveira se levantou.

— Eles já devem estar chegando com o sujeito. Dora e eu temos que fazer o último ensaio para o interrogatório. Fiquem à vontade. Qualquer pedido, a rapariga que os recebeu pode tratar.

Os dois policiais saíram, deixando Lurdes e Andrade sem ter o que fazer.

— Não vou esperar, inspetora. Se a senhora quiser, fique aqui e me dê notícias do interrogatório.

— Aonde o senhor vai?

— Comprar um celular português, desses sem rastro, e fazer a ronda dos informantes.

— O senhor já tem mais de um informante em Lisboa?

— Vou recrutar o segundo hoje mesmo. Deixe-me ver suas anotações das entrevistas com as testemunhas.

Lurdes lhe passou o bloco e o detetive o folheou por um bom tempo. Afinal, devolveu-o a ela. Após consultar o relógio de parede, disse:

— Você fica aqui para ver como esses amadores dão cabo de um interrogatório crucial. Eu tenho que correr, mas acho que vai dar tempo.

— Tempo de quê, chefe?

— De fazer o que tenho de fazer.

A morena tomou um susto ao ser agarrada pelo braço. Os dedos gordos do detetive o pressionaram até extrair dela um gritinho.

— O senhor está me machucando.

Andrade abrandou a pressão.

— Eu tenho que trabalhar. Já estou atrasada. Meu turno começa às 11 horas — ela reclamou, tentando se livrar dele.

— Eu acompanho a senhorita — avisou ao largar seu braço.

Ela sorriu pela primeira vez. A boca ganhou malícia. Andrade respondeu com uma cara que convidava ao silêncio.

— Não finge que não gostou do que viu — ela disse, com ar provocador.

— A senhora é suspeita de um crime grave e seria melhor se comportar com o recato que a situação impõe.

Eles caminharam juntos até a estação do metrô. Com bom humor, a jovem o ensinou a emitir um cartão de viagens. O silêncio, por parte do detetive, era muitas vezes cortado por comentários insinuantes da jovem.

— Agora dei de usar sabonete líquido. A pele fica uma seda — e com audácia deslizou o dorso da mão sobre a de Andrade.

A falsa censura que o detetive manifestava não a detinha.

— Com o seu tamanho não deve ser fácil encontrar mulher com coragem para dançar colado.

Chegando ao salão de beleza onde ela trabalhava, o detetive ainda não havia conseguido iniciar uma conversa séria. Vanessa era falante e persuasiva e pulava de um assunto para outro, sabendo jogar na conversa uma pitada de sedução.

Sem conseguir detê-la, Andrade foi colocado numa cadeira e coberto por um avental, sob a alegação de que um corte de cabelo moderno o faria parecer mais magro sem perder a masculinidade. Seduzido pelos toques constantes de Vanessa em seu corpo, ele não se apercebeu da aproximação de um colega de trabalho dela, Erik, também brasileiro. Tinha cabelos espetados em mechas coloridas e um andar de passarela.

— É esse o presente que eu tenho que desembulhar, Van? — perguntou Erik, rindo.

Andrade protestou, desconfortável, dirigindo-se a Vanessa:

— Eu pensei que você ia cortar meu cabelo.

— Sou igual a médico. Não corto cabelo de amigo — afastou-se, com jeito de passista.

— Como o colosso quer fazer? — perguntou Erik.

— Em silêncio — rosnou Andrade.

Perto de sua hora do almoço, a jovem disse algo no ouvido do gerente, que deu risinhos excitados e agitou mãos animadas na direção da entrada, autorizando sua saída. O detetive, que a observava atentamente fingindo ler uma revista, já havia terminado seu corte, dado uma volta no quarteirão e retornado para esperá-la. Tinha voltado menos ansioso do passeio mas o aborrecimento com a desfaçatez da jovem começava a ultrapassar a sensação de bem-estar provocada por seus toques insinuantes.

— Pode levar a revista pra terminar de ler em casa — disse ela, puxando seu braço. — Vamos almoçar.

— O código de conduta me obriga a não pagar nem receber valores de suspeitos — mencionou, sério.

— A revista foi cortesia da editora e, no almoço, a gente pode juntar as mesas e separar as contas — ela respondeu, rindo. — E o seu cabelo... vai me agradecer pelo resto da vida.

Ele se observou no espelho. O cabelo mais curto acrescentava algumas gotas de testosterona à sua já exuberante masculinidade.

— Vou agradecer quando você fizer algo que me surpreenda — disse ele.

O salão de beleza era numa transversal da Avenida da Liberdade, eixo elegante de Lisboa.

— Eu conheço uma tasca aqui perto com preço legal. Nesse horário já pode ter vagado uma mesinha.

Atravessaram a avenida e se meteram por ruas menores, afastando-se da área comercial. Afinal, ela entrou por uma porta estreita de um prédio antigo e depauperado. Desceram dois degraus, dando numa sala que mal tinha espaço para as cinco mesas. As paredes eram forradas de azulejos brancos, decorados com motivos campestres. Um balcão à frente de prateleiras onde se viam garrafas de vinho era palco do agitado balé de um casal, ele de bigode, ela com um pano na cabeça. Portugueses de verdade, avaliou o detetive. Vanessa correu para a única mesa vazia, arrastando Andrade.

— Corri mas cheguei, senhor Vasco — ela falou para o proprietário, que sorriu em retorno. — Será que sobrou uma porção de cozido?

Ele acenou positivamente, emendando num sorriso. Enquanto se sentavam, ela explicou que adorava a comida do lugar.

— Eu sou tarada no cozido português da dona Fátima. Só tem hoje — acrescentou baixinho.

Andrade franziu o cenho, escondendo a satisfação, enquanto o português aparecia com um papel de mesa, copos, pães, queijinhos e uma garrafa de vinho.

— Vejo que você se trata bem — comentou o detetive, apreciativamente.

— Eu trabalho muito.

— Não me pareceu — discordou ele, com uma careta de desdém.

— Não é só no salão. Lá só vou dois dias na semana. Também cuido de uns apês de temporada.

— Não herdou nada da falecida? — replicou Andrade, mordaz.

— A Lu não era tão boazinha assim.

— Nesse momento, o proprietário da boate em que ela se desgarrava está sendo interrogado na Polícia Judiciária. O Vlad não sai mais dessa livre. O caso é cada vez mais escabroso: uma jovem batalhadora, arrumadeira, dançarina, vivendo em dificuldades, com um marido aleijado, é morta com requintes de perversidade inimagináveis. Uma sociedade, mesmo preguiçosa como a daqui,

quer apontar o dedo em alguém. E não foi preciso procurar longe. Ele é um culpado natural.

— Vlad nunca faria uma coisa dessas com a Lu.

— Como você sabe?

— Porque... porque ele era louco por ela.

— Sei. O pior da história é que ele vai cair e levar você junto.

Uma ponta de dúvida turvou o rosto de Vanessa. Arqueou as sobrancelhas e emudeceu. O detetive avançou sobre a mesa.

— Posso interceder junto ao inspetor-chefe, mas vai precisar mais do que um penteado moderno para ele deixar os amigos de Lucicléia ficarem na terrinha. Pode ir preparando os trapos, menina, que seu destino é voltar pro terceiro mundo.

A preocupação agitou-a.

— Eu não fiz nada.

— Fui testemunha única de você soltando as penas para o criminoso. Isso dá, no mínimo, uma acusação de cúmplice da quadrilha de Vlad e Lu.

— Eu não tenho nada a ver com os negócios dele — o protesto veio desesperado. — Eu saí com Vlad, sim, depois que a Lu largou dele. Mas só queria me vingar da Lu porque ela vivia se achando pra cima de mim. Ele também começou a sair comigo para provocar ciúme nela, que eu sei. Ele sempre foi louco por ela.

Ela terminou ofegante. Andrade esperou que o senhor Vasco deixasse os pratos na mesa e voltou à carga.

— Ninguém abraça um criminoso sem pegar o cheiro dele. Você... — o dedo roliço que coçava o nariz distendeu-se como uma mola, indo parar a um milímetro dela. — ...você está enrolada demais. Mesmo um pateta local pode ver o motivo de vocês dois. Muito bom ficar com o homem e com a sociedade nos negócios.

— Eu!?

— Você mesma. Tenho informações seguras de que você ficou com o comércio de mulheres usadas, junto com o cigano de cara furada. Eliminar a competição não me diz respeito. Em negócios sujos, é assim que se abre espaço. Não

concordo é com o que fizeram ao corpo. Essa violência não agrada sequer a meus sentimentos anticlericais.

— Você não pode acreditar que eu pudesse fazer uma coisa dessas, meu Deus! Com minha amiga! Eu sou gente! A Lu era de chutar cachorro morto, roubar noivo de comadre na beira do altar, mas era minha amiga, minha irmã. De coração. E como é que eu ia fazer negócio de sexo? Não entendo nada disso e ia morrer de medo de fazer coisa ilegal. Quem deve ter aprontado com ela, me ouve, é um dos patrões antigos. Ela se gabou, uma vez, de que tinha um patrão que em casa era um santo, mas que na boate corria atrás dela feito cachorrinho.

— Dá o nome dele pra fofoca virar testemunho.

— Não sei. Se soubesse dizia. Na boa que dizia — falou nervosa, perto de cair no choro.

O proprietário, vendo a exaltação da jovem, veio até a mesa.

— A comida está ao vosso gosto? — perguntou, encarando o detetive com uma das mãos agarrada a uma panela.

— Está tudo bem, senhor Vasco — tranquilizou ela. — É que uma amiga nossa morreu.

— Os meus pêsames — respondeu ele, afastando-se sem tirar os olhos da mesa.

Andrade respirou aliviado, mas não diminuiu a pressão sobre Vanessa.

— Já confessou que trocava coxas com o assassino da sua amiga. O aluguel de peitos e bundas é crime sem vítima, então não acho certo punir. Por outro lado, acabar com a vida de uma garota, mesmo ela sendo imprestável, é assassinato. De qual lado você está, menina? Do matador ou da vítima? Se é da vítima, vai ter de ajudar seus representantes, a polícia, a justiça e a lei, nessa ordem.

— Eu era amiga da Lu. O lance meu com o Vlad foi só de picuinha com ela. O cara não é vidrado em mim, não. Já tá até saindo com uma menina que trouxe da Bulgária. Feliz da vida.

Os lábios do detetive se afrouxaram com a repugnância que a imagem de um Vlad contente lhe trazia.

— Vamos tirar essa felicidade dele. Confesse, o que você pode me dizer para botar o Batmau chupando sangue contaminado no presídio mais próximo?

Uma dose de pavor enfeitou as feições da jovem.

— Do Vlad, não sei nada, juro. Veio da Romênia direto pra cá. O que eu sei é que tinha um brasileiro que ia na boate, perseguia ela e morria de ciúme. Eu não sei o nome dele, não, mas mesmo assim tenho medo de falar. Se ele souber que eu falei dele eu me dano, não é?

— Ele não vai saber. E, se souber, você está sob minha proteção.

— Você vai estar perto pra me proteger? — questionou, incrédula.

— A relação minha com um informante é tão íntima que pode gerar um filho.

— E não vai contar pra polícia que fui eu que falei?

— Informante meu só tem corpo: não tem rosto, não tem voz, nem identidade. E não se preocupe, esse brasileiro é só mais um da lista de homens usados por sua amiga para lubrificar as partes íntimas. Eu quero saber é do Vlad. Ele participava com Lucicléia no negócio de acompanhantes?

Ela o fitou mais uma vez, em dúvida. Então, confirmou:

— Participava. Mas o Vlad nunca faria mal a Lu. Tinha muito carinho por ela.

Andrade retribuiu a informação com umas palmadinhas na mão dela e deu por encerrado o interrogatório. Não podia pressionar demais um informante na primeira vez, ou ele começava a inventar coisas para agradar ou se proteger. Demorava um tempo até o informante perceber que havia sido mandado para o Purgatório. E que o policial que o controlava podia ser tão generoso quanto um Deus, se bem alimentado, ou tão vingativo quanto o Diabo, se enganado. Para já, o importante era que Vanessa confirmara a sociedade de Lu e Vlad e deixara escapar que o cigano se aproximara dela para se vingar de Lucicléia. A mineirinha fora audaciosa demais, ao desconsiderar o risco de mexer no coração e no bolso de um sanguinário sociopata.

Com tempo livre, Andrade aproveitou a convicção de ter o caso resolvido para tomar o metrô e ir visitar a Lisboa dos guias turísticos. Desceu na última estação, à beira do Tejo. No balcão de informações, perguntou onde ficava o Mercado da Ribeira. Era logo em frente. Perambulou pela construção, uma sucessão de quiosques mantidos pelos grandes restaurantes e empórios da cidade debaixo de um único teto. Pretendia usar as sardinhas em lata como padrão para as

lembranças. O grau de merecimento daria o tanto de latinhas para cada um, tendo Suely, a quase namorada, e Dó, a empregada de fé, como limites superiores: cinco latas cada.

Gostou das cervejas artesanais e aboletou-se num banco livre de um quiosque que as servia. Depois de meia hora de provas e alguns arrotos que esvaziaram os bancos próximos, usou o celular com um chip português, que, afinal, se decidira a comprar, para dizer a Lurdes que se encontrasse com ele no local. Ela tentou dizer algo, porém foi interrompida:

— Aqui você me conta. O lugar fica em frente ao Cais do Sodré, uma estação de metrô e trem. É um galpão enorme, cheio de biroskas de comida. Não tem como errar. Pega o metrô e sai no fim da linha. Estou dentro do mercado, num canto, numa cervejaria.

Lurdes demorou mais de três cervejas. Quando chegou, o detetive já tinha feito amizade com o atendente, um negro jovem, angolano, que se divertia com as descrições dos portugueses feitas por ele.

— A gente trata eles com jeito porque são meio lesados. Acho que ficaram assim com as viagens nas caravelas. Aquele balanço devia fazer mal ao cérebro.

— Chegaram desses na África também — disse o atendente, rindo.

A inspetora pareceu surgir do nada, surpreendendo Andrade.

— Tudo bem, chefe? — perguntou, notando que os olhos do detetive estavam embebidos em malte.

— Oh, Lurdes. Essa é minha inspetora querida, Ricardo — apresentou Andrade, enrolando as palavras.

O rapaz estendeu a mão para a inspetora, deu mais uma risada e se afastou. O detetive abriu os olhos, mas as pálpebras pesaram e eles tornaram a sumir nos buracos.

— É melhor a gente comer alguma coisa, chefe.

— Pode escolher, inspetora. Vou sentar ali no meio do salão.

Um tanto desajeitadamente, ele saiu do banquinho e caminhou na direção de uma grande mesa comunitária. O mercado ainda não estava cheio e ele conseguiu sentar sem vizinhos. Quando Lurdes retornou, com dois sanduíches de porco, ele ressonava com os cotovelos na mesa e o queixo apoiado nas mãos. A

inspetora o cutucou devagar. Ele acordou espanando ar, como se estivesse sendo atacado por insetos. Minutos depois, menos zozzo, comia seu sanduíche.

— Como foi o interrogatório, inspetora?

— Zero a zero, chefe. O Vlad negou tudo. Disse que só tinha saído com Lu duas vezes, não era sua namorada nem nada. E que não tinha negócios com ela.

O detetive derramou um pouco de água da garrafa nas mãos e molhou o rosto, para estupor de uma dupla de jovens japoneses do outro lado da mesa. Já tinha decidido que era melhor manter Vanessa para si, como informante, do que dividi-la com Lurdes e os portugueses, como testemunha. Sempre encontraria um meio de usar as informações que colhesse dela na investigação.

— A mentira é o maior patrimônio cultural dos ciganos, inspetora.

— Ele é cigano?

— Os vampiros pouparam esses tipos na Romênia. O sangue não era potável. Mas a raça dele só serve de indício, não é crime. O fato é que eu consegui informações demolidoras que o desmentem tacitamente, enquanto os portugueses faziam de conta que o interrogavam. Não só ele era amante da garota do bordel como não aceitava cortar os laços carnavais com ela, tinha ciúme patológico, acentuado pela floresta que brotava na sua testa.

— É o mesmo informante? — perguntou a inspetora, cheia de curiosidade.

— Não, outro.

— Quem é, chefe? — o pedido vinha com a o pescoço torcido para dar mais efeito.

— Você sabe que não posso dizer, Lurdes.

— É a amiga da Lucicléia, aquela gostosuda?

— É claro que não, inspetora. Aquela ali é suspeita, nunca confunda — mentiu, enfático. — E não insista que não vou revelar o nome.

Deu uma bocada no sanduíche para encerrar o assunto.

— Hoje quero jantar em paz e ter uma boa noite de sono. Amanhã vamos amanhecer na sala do inspetor-chefe e, se ele seguir meu comando, teremos o caso encerrado. Pegamos o Vlad por proxenetismo e extraímos a confissão pelo assassinato.

Com a noite chegando e o local tomado por turistas, o detetive aceitou a sugestão de Lurdes para retornarem ao hotel. Foi o tempo de tirar os sapatos, recostar-se e já roncava. Os barulhos alertaram Lurdes, no quarto contíguo. Ficou um minuto a observá-lo. A imagem lhe lembrava um hipopótamo sedado que vira num programa de vida animal, um vício televisivo que o próprio Andrade incutira nela. Pensando nele com carinho, ela foi ao armário, retornou com um edredom e o cobriu. Devia tudo a ele, seu chefe, mentor e protetor. E, por isso, o amava como ao tio mais próximo, Eládio, meio-irmão da mãe e primo do pai. Que lembrasse, nunca tinha tentado abusar dela na infância.

NÃO ERAM nove horas ainda quando o inspetor-chefe entrou apressado em sua sala e deparou-se com Lurdes e Andrade sentados à espera.

— O diretor convocou-me hoje de manhã bem cedo — disse Oliveira, cumprimentando os dois com um ar afogueado. — Está ansioso pelo fim do caso.

— Típico desses policiais de gabinete, que nunca viram um bandido fora das grades.

— O diretor Amado foi um investigador muito respeitado — refutou Oliveira.

— Aqui em Portugal, pode ser. Mas engula logo o sapo, que o que eu tenho para dizer nos deixa a um passo do fim do caso.

Em tom didático, Andrade proferiu uma longa exposição sustentando a culpa de Vlad, misturando informações distorcidas com análises psicológicas duvidosas. Passou, em seguida, a dar orientações sobre como as ações deveriam ser executadas. Ao perceber que os argumentos não dobravam as resistências do inspetor-chefe, apelou para uma revelação bombástica e mentirosa: tinha denúncias claras do informante de que a boate servia de entreposto ao tráfico de escravas brancas. Com satisfação, observou o efeito da informação falsa sobre a disposição dos policiais portugueses. Nem sempre a verdade era o combustível adequado para romper a inércia da justiça.

Era curioso que um povo com tamanha tradição no tráfico de escravos negros fosse tão sensível ao tratar do tráfico de escravas brancas. O inspetor-chefe e Dora estamparam no rosto uma fúria justiceira que no Rio de Janeiro terminaria com a matéria orgânica do cigano apodrecendo numa cova rasa em Maricá. Com o novo estímulo conseguiriam, sem dúvida nenhuma, o mandado de busca na boate e, lá dentro, o detetive encontraria as pistas para a morte de Lucicléia. Pistas que a barafunda mental de um mercador sexual não saberia apagar.

Ainda sob o impacto das supostas denúncias do informante de Andrade, Oliveira se manifestou de forma contundente:

— Nada da sua exposição me convenceria a violar a integridade do negócio deste senhor Vladimir, ainda que não veja com bons olhos sua atividade. Mas a denúncia de seu informador sobre o tráfico de escravas brancas é gravíssima e verossímil, já que sabemos que esse crime monstruoso anda de mãos dadas com as redes de prostituição.

— Então, vamos com tudo — vociferou Andrade, recebendo a concordância de Dora.

Num momento em que os dois policiais portugueses saíram para falar com a equipe, Lurdes acercou-se, confusa:

— O senhor não tinha dito que o informante falou em escravas brancas.

— Há coisas que um informante não sabe, mas um detetive de elite pode deduzir. Você ouviu o portuga dizendo: os dois crimes andam de mãos dadas. Além disso, não estamos buscando escravas brancas, queremos um meio de pôr abaixo aquele antro de iniquidades. Em algum lugar lá dentro há provas de crimes sinistros. Não importa onde estejam, não importa o que sejam, vou encontrar, Lurdes.

No início da tarde estava montado o cerco à boate. Mais de duas dezenas de policiais aguardavam a ordem para invadir a casa de shows eróticos. A tensão era grande quando o inspetor-chefe deu a autorização. Os agentes entraram em fila indiana com fuzis de assalto e coletes negros. Andrade esperou fora, ao lado de Lurdes, cujo braço segurara para conter seu impulso de entrar na primeira leva e a conduzir a uma pastelaria duas quadras adiante. Pediu doces conventuais para esperar o desenlace.

— É hora de deixar os braços da lei agirem, inspetora. Os cérebros devem guardar-se para o momento de indicar os próximos passos.

Meia-hora depois, quando considerou que a situação deveria estar pacificada, o detetive marchou para a entrada com a velocidade de um Patton cruzando a Europa. No grande salão não havia corpos a demonstrar qualquer reação dos vagabundos. Num canto do recinto, sob a vigilância de agentes, muitas jovens de aspecto cansado e roupas provocantes aguardavam. Além delas, apenas o gerente e três funcionários. Ainda não havia clientes.

Oliveira caminhou até Andrade e Lurdes:

— Não houve tumulto. E não encontramos nenhum vestígio de escravas brancas como denunciou seu informador.

— E o vampiro cigano?

— Nem sinal do senhor Vladimir. Um grupo esteve na casa dele e também não o encontrou.

— Será que houve vazamento?

Oliveira indignou-se.

— Não há dessas coisas no meu departamento.

— Só um inocente confia na polícia — replicou Andrade, saindo do salão e seguindo na direção de um corredor em que havia uma escada levando a um andar inferior.

No meio da escada, o detetive parou um policial que subia.

— O que há lá embaixo?

— Um depósito, uma adega e um escritório.

Andrade se virou para Oliveira, que tinha vindo atrás dele.

— É lá que o cara de lua esconde a *memorabilia* macabra. Deve estar num fundo falso de gaveta. Tudo que esses criminosos fazem vêm da mente doentia desses roteiristas de cinema.

Devagar, segurando onde podia, o detetive foi descendo os degraus, seguido pelo inspetor-chefe. Já no andar inferior, foi direto ao escritório, cuja porta havia sido arrombada pelos policiais. Deu um olhada geral no lugar. Depois, foi até a escrivaninha usada por Vlad e tentou abrir a gaveta. Estava trancada a chave. Com um sorriso de vitória deu passagem ao inspetor-chefe Oliveira.

— Vamos abri-la — gesticulou Oliveira para um auxiliar.

O detetive foi se postar no início da escada, receoso de que houvesse uma armadilha explosiva, como já vira em muitos filmes. O policial, usando um pé de cabra, abriu a gaveta. Dentro, apenas pilhas de relatórios de faturamento e fotos de Lu. O material foi ensacado para posterior análise. Instado por Andrade, o policial usou a ferramenta para furar o fundo da gaveta em busca de um esconderijo. O detetive só se deu por satisfeito ao reduzir o móvel a destroços.

— Não há mais nada, detetive — disse Oliveira.

— Melhor trazer o gerente aqui e me deixar falar com ele a sós — propôs Andrade, remoendo a frustração.

O inspetor-chefe empalideceu.

— Não posso admitir violência — retrucou com firmeza.

— Não vou tocar num sujeito que deve ter mais germes que um hospital público, inspetor-chefe. Se eu falar com ele sozinho, o sujeito certamente vai ficar mais à vontade para contar onde Vlad esconde seus segredinhos.

— Ameaças? — indagou Oliveira, em dúvida.

— Considerações sobre o futuro, eu diria.

Após receber reiteradas garantias do detetive de que não atentaria contra a integridade física do suspeito o inspetor-chefe concordou, avisando que estaria no início da escada, pronto a intervir ao menor sinal de abuso. Um policial levou o gerente algemado até Andrade e o deixou a sós. O detetive se abaixou e pegou um pé da mesa destruída. Tirou um canivete do bolso e começou a arrancar lascas da madeira, afiando a ponta.

— Os portugueses têm muito pudor com essas coisas. Mas eu estou de passagem, posso me divertir um pouco.

— Não vou dizer nada. O Vlad vai soltar a gente em dois tempos.

— O Vlad já saiu do país — inventou Andrade, afiando a ponta da madeira.

— É mentira — disse Nicolai, entredentes.

O detetive experimentou movimentos ninjas com o pau a que tentava dar a forma de lança.

— O seu programa de exercícios não inclui o cérebro. O Vlad saiu do país fugindo da acusação de assassinato. Eu tenho o testemunho de um imigrante ilegal brasileiro que trabalhou com a Lucicléia e que vai dizer o que eu mandar, ou passo a família dele pelo sistema penitenciário. Roleta brasileira, conhece? Um em cada oito sai que nem galinha de terreiro, andando sem cabeça.

As pupilas do suspeito se dilataram mas ele manteve silêncio.

— Sem o Vlad por aqui, vou pedir à testemunha para pôr você na cena do crime.

O suspeito cerrou os dentes, permanecendo calado. Andrade disse, então, em tom de ameaça:

— Me diz uma coisa: é verdade que no acampamento onde vivem os ciganos a brincadeira é pôr fogo na lança, engolir e soltar labaredas?

— Eu não falo nada — insistiu o gerente, lívido.

O detetive tornou a se pôr de pé, tomou distância, empunhando a lança em riste, e avançou na direção do suspeito, que continuou estático. A lança parou a um palmo do rosto do gerente.

— Vou achar onde o seu chefe esconde os segredos, nem que tenha que demolir essas paredes.

O gerente olhou para as paredes com uma expressão apavorada.

— Eu quero uma garantia! Uma garantia de que se falar vocês vão me tirar dessa.

— A garantia *soy yo* — disse Andrade, movimentando o braço como se fosse furar o suspeito.

O grito do gerente fez o inspetor-chefe irromper das escadas, detendo Andrade.

— Se falar tudo o que sabe, podemos conceder ao senhor uma colaboração premiada.

O detetive largou a lança com um resmungo contrariado:

— No Brasil, delação premiada só é concedida a político e empresário.

— Aqui não é o Brasil — respondeu Oliveira, chamando os policiais para levarem o gerente embora.

Lurdes e Andrade foram almoçar num lugar próximo, enquanto esperavam que os policiais portugueses se entendessem com o sistema judiciário para conseguir a liberdade do gerente em troca de suas informações. Ao retornarem ao porão da boate, duas horas depois, Dora e Oliveira os cercaram com expressões de júbilo.

— Conseguimos — disse Oliveira, deixando o sorriso largo alcançar a testa. — O senhor Nicolai só queria confessar crimes menores até perceber que só receberia favores legais nos contando tudo.

— Chegaram bem na hora — acrescentou Dora — Ele acabou de nos revelar que há um comando para uma passagem secreta naquela parede.

A inspetora portuguesa apontou a parede atrás da escrivaninha que Andrade havia destruído. O inspetor-chefe passou a mão por ela, contando. De repente,

pressionou um dos blocos, que saltou para a frente. Ele o removeu, deixando surgir uma argola. Fez força para puxar, mas nada se movia.

— Me ajudem aqui — chamou Oliveira, sendo acudido por vários agentes.

Andrade teve de empurrar um policial mas conseguiu cobrir a mão da inspetora Dora com a sua. Vagarosamente, cedendo ao esforço conjunto, uma porta se abriu na parede, descortinando um espaço com pouca iluminação. Os agentes entraram. Alguém apertou um interruptor e o ambiente iluminou-se. Não havia ninguém. Um barulho, como de cupins em atividade, podia ser ouvido, vindo de outro ambiente separado daquele por uma porta grossa.

— Tragam um aríete — berrou Oliveira, excitado.

Ao derrubarem a porta viram-se num salão amplo, quadrado, cheio de beliches e mulheres semidespidas que se agruparam, encolhidas, num canto.

— Calma — clamou Andrade. — Viemos salvá-las.

Uma algazarra de línguas eslavas tomou o local. Aos berros, várias jovens se lançaram sobre os policiais, que abriram os braços para acolhê-las. Até Lurdes, que chegava junto com a inspetora Dora, teve a grata surpresa de ver cair sobre ela uma loura de pernas longas e sinuosas.

— No Brasil também é assim, inspetor-chefe. O melhor fica sempre pra exportação.

A resposta de Oliveira foi agarrar uma mão do detetive e sacudi-la com vigor.

No início da noite, já de volta à sede da Polícia Judiciária, Oliveira repetiu o gesto.

— Parabéns, detetive. A sua ação ajudou-nos a dismantelar uma rede de tráfico de escravas brancas com ramificações que, segundo o delator, chegam a Israel.

- Esse Vaticano pagão é bom exemplo do que acontece quando se quer substituir a procriação pela imigração. Começaram bem, atraindo alemães desesperados, mas podem terminar mal, comprando russos no atacado. Contraíram o vírus do crime organizado, sem ter tempo de criar anticorpos, como os americanos.

— Há crime em toda parte. Não podemos ceder ao preconceito — contrapôs Oliveira.

— Sem preconceito não existiria a matemática. Não é ele que mina a sociedade. O homem mina a sociedade.

O inspetor-chefe suspirou, num esforço para afastar a antipatia que o outro lhe inspirava.

— De todo modo... parabéns - disse o inspetor-chefe, sem entusiasmo.

Inebriado pelo aroma de sucesso que emanava de si mesmo, Andrade fechou os olhos para melhor se intoxicar com a conquista. Meneou as mãos, com fingida humildade.

— A defesa dos estratos mais insignificantes da sociedade é a missão da minha vida, Oliveira. Nada mais cruel do que o sexo roubado, sem consentimento ou provocação. Essas mulheres só têm o corpo para vender.

— Essa gente devia receber uma dose do próprio remédio — disse Dora, enojada, referindo-se a Vlad e seus comparsas.

Um agente policial apareceu na porta da sala e acenou para Dora, que foi ter com ele. Com um gesto ela chamou Lurdes e os três saíram.

— Eu vou sugerir à embaixada um programa de intercâmbio de prisioneiros com Portugal — ironizou o detetive. — O sistema carcerário daqui é uma vergonha, parece administrado por hoteleiros. É um estímulo à criminalidade. Ameaçar com o Inferno depois da morte não intimida mais as pessoas.

— A dignidade humana tem de ser preservada, detetive — observou Oliveira.

— Ser humano não é genética, inspetor. É comportamento social. Mas não vamos discutir princípios e valores, porque é hora de ação. Como está a caçada ao criminoso?

— Já começou. O nosso receio é que ele atravesse a fronteira e nos escape. Até agora não temos provas de que, além do tráfico de mulheres, o senhor Vladimir seja responsável pela morte da brasileira. Apesar dos indícios... não temos provas — ponderou Oliveira.

— Minha experiência mostra que, com o culpado preso, as provas podem ser produzidas rapidamente — disse, piscando um olho. — Não gosto de ver o dinheiro do contribuinte sendo desperdiçado em investigações sobre o óbvio.

A inspetora portuguesa retornou à sala, tagarelando com Lurdes, o que impediu o protesto que Oliveira se preparava para fazer.

— Coscuvilhices da comunidade jornalística, senhores — disse Dora. — Os telejornais vão dizer que, além de traficante, Vlad é também o principal suspeito do caso Lucicléia. Estão chamando-o de “Vlad, o estripador lisboeta”. Dizem até que pode haver a descoberta de outros corpos escondidos.

Andrade regozijou-se pela devida valorização do trabalho policial. No embate tectônico entre o bem e o mal eram erguidos os valores de uma sociedade. Crianças brincando de mocinho e bandido, ao invés de perderem tempo em atividades esportivas, isto era a educação cívica e física de que um país precisava. A sociedade brasileira havia mergulhado no cinza, e já não distinguia o preto do branco, nele misturados. Talvez fosse hora de oferecer seu talento único a outros países, como os jogadores de futebol, e deixar a terra natal cultuá-lo a distância.

— Bem, companheiros transatlânticos, nós continuamos em Lisboa por mais dois dias, caso necessitem.

Adiantou-se e com um puxão colou o inspetor-chefe Oliveira a seu corpo, num abraço comovente. Ao largar, estavam ambos emocionados. Com discrição, o detetive limpou os olhos na camisa e foi na direção da inspetora Dora, que emudecera, ao lembrar a brutalidade contra a mulher que pudera combater graças à ação do policial brasileiro. Havia sido extremamente reativa à participação dos policiais coirmãos no início da investigação e, agora, se arrependia. Só não sabia se a tempo de fazer justiça ao detetive e sua assistente.

Andrade, de peito inchado e queixo erguido, se pôs diante da inspetora Dora como um general no momento de conceder uma medalha.

— Parabenizo-a pela destreza mental nos assuntos policiais. Confesso que cheguei a temer que a beleza travasse seu cérebro, mas vejo que soube evitar esse mal tão comum na sua subespécie. Caso eu pensasse em reprodução, a inspetora seria, decerto, uma séria candidata a ter um papel na história.

Andrade deu uma risada mostrando que brincava. Ocultava a esperança de que a frase acendesse uma chama, e que ela, em plena idade reprodutiva, ansiasse por material genético de exceção para trazer ao mundo uma pessoa única.

Dora deu-lhe dois beijinhos no rosto.

— Eu confesso que não via na sua técnica de investigação nada para além de grosseria e maus modos, detetive. Desculpe.

Ele apontou um dedo gordo e malcuidado em sua direção.

— Não é incomum ter minha eficiência confundida com truculência e minha sabedoria tomada por arrogância. O meu consolo é saber que os criminosos que compartilharam essa ideia meditam em cárceres mais sinistros que os da sua Inquisição.

Com uma torcida de pescoço conclamou Lurdes a irem embora.

— Não esqueçam. Passando pelo Rio de Janeiro, vocês lá têm amigos que podem garantir que as férias não terminem em tragédia.

Já fora do prédio, Andrade e Lurdes ainda ficaram um tempo admirando a construção belíssima, que o sol fazia brilhar como a prataria de um nobre.

— O que fazemos agora, chefe?

— Turismo, inspetora. Se encontrarem o gitano podemos ajudar no interrogatório. Caso contrário, temos dois dias de descanso até o retorno.

Ainda com a esperança de ser convidado a participar do interrogatório de Vlad caso o encontrassem, quando então reencontraria a inspetora Dora, Andrade negou o pedido de Lurdes de irem até Fátima, concedendo à inspetora um desejo menor: acender uma vela em uma igreja de cada uma das sete colinas de Lisboa. Se não era um sujeito capaz de rezar, não se constrangia em conversar com o Criador, em um tom ora amigável ora furioso, sobre temas complexos como a finitude humana e o direito à vida dos animais. Apesar do pouco apreço que devotava aos vegetarianos, sabia bem que uma vaca condenada a dar um bom bife merecia melhor tratamento do que um ser humano destinado a distribuir infortúnios.

No dia seguinte, véspera de retornar ao Brasil, um telefonema do inspetor-chefe Oliveira pôs fim às esperanças de encantar a inspetora Dora com seu estilo sutil e marcante de interrogador. Vlad aparecera. Morto. Sem os colhões e com uma faca espetada no coração. Segundo a perícia, dessa vez o assassino seria um canhoto. A despeito da violência empregada em ambos os crimes, esse segundo assassinato tinha um *modus operandi* diferente do usado no homicídio de

Lucicléia. Não pretendia ocultar a identidade da vítima, apenas tirar sua vida e macular sua hombridade. O corpo fora encontrado por vizinhos, que estranharam o odor putrefato saído da casa ao lado, propriedade Vlad, que a usava para encontros suspeitos.

— Há rumores de que existe uma quadrilha de tráfico de escravas brancas na Europa Central, os Crux. Dizem que a extração de testículos é a assinatura que deixam no corpo dos traidores. Mas são apenas rumores. Há tantas gangues novas que faltam assinaturas originais, estão umas copiando as outras.

Recostado à cama, Andrade semicerrou os olhos. Por um momento, pareceu adormecer.

— O senhor ainda está aí? — indagou Oliveira.

— Estou cá — respondeu ele, imitando o sotaque do colega. — Pensando nas desgraças da paixão. Sem as perturbações do coração, Vlad não teria assassinado a doidinha uterina e estaria se divertindo com o material que comercializava.

— Tenho de admitir que a inspetora Dora não está convencida a encerrar o caso da brasileira. Ela diz que não vê razão para Vlad ter extraído os órgãos dela. Lucicléia estava grávida, sim, mas já conseguimos identificar outros dois filhos ilegítimos de Vlad. Por que a violência dele, agora?

— A multigamia é um traço eloquente desses povos medievais — concordou Andrade, sem interesse.

Sua mente já havia encerrado o caso e tratava de elaborar o relatório que consagraria sua atuação heroica. Algo que pudesse se desdobrar em notícias de jornal, a fim de alimentar o mito do policial invencível. Massagear o ego abatido dos brasileiros com as memoráveis proezas de um compatriota era um efeito colateral positivo de seu notável sucesso no combate ao crime.

— Por isso a inspetora Dora não acredita que esteja claro que Vlad matou a brasileira. De qualquer modo, a investigação sobre o assassinato deve ser encerrada em poucos dias se não houver novidade.

A resistência da inspetora portuguesa contra a sua solução do caso acabou por irritar o detetive.

— Infelizmente, não estarei aqui para resolver o homicídio de Vlad. Porém, acho que concordamos que é um caso evidente de queima de arquivo e, como

tal, não deveria consumir recursos policiais. Se há uma regra brasileira de combate ao crime que merece ser exportada é a de não gastar dinheiro bom com defunto ruim. Assassinatos entre membros de gangues não são crimes, são benefícios colaterais. Quanto à morte da famigerada mineira, o conjunto de evidências acumuladas contra Vlad é tamanho que... bem, não imagino que mesmo um português se dê ao trabalho de processar um cadáver.

Assim que Andrade desligou, Lurdes apareceu na porta de comunicação.

— Novidades, chefe?

— Queima de arquivo, inspetora. Nosso criminoso, Vlad, foi liquidado pela própria quadrilha.

Lurdes partilhou com o detetive um sorriso vencedor.

Na manhã seguinte, antes de partir para o aeroporto, eles tiveram a grata surpresa de ver que os jornais enalteciam o trabalho dos policiais brasileiros que acompanhavam o caso.

— Não podemos esquecer de encher a mala com os jornais, Lurdes.

O TRAJETO do aeroporto a Copacabana infundiu em Andrade a sensação de ser um militar americano retornando da folga no Havaí para o fogo amigo no Iraque. De ambos os lados da pista, comunidades civis estropiadas, infiltradas pelo inimigo, assistiam à guerrilha urbana sem almejar protagonismo, vivendo na expectativa dos danos colaterais que recairiam sobre elas. Onde não há solução, não há problema, refletiu o detetive, desviando a atenção da paisagem e concentrando-a onde seu pensamento e ação podiam fazer diferença: na divulgação local de seus feitos internacionais.

Ao entrar em seu apartamento, largou as malas e seguiu direto para a cozinha, pronto a acusar Dó de algum malfeito apenas pelo prazer da discussão. Ao passar pela sala de jantar deparou-se, surpreso, com a mesa posta. Nela, o mais completo café da manhã que já vira. De broa de milho a canjica, de bolo de banana a ovo estrelado, a gnoma de cabeça chata havia se lembrado de tudo que ele gostava. Morando onde morava, ela devia ter saído de casa de madrugada para ter tempo de organizar tudo, pensou o detetive, assombrado com o gesto de carinho da empregada que controlava sua vida com mãos de fada na cozinha, olhos de águia nas visitas e língua de serpente na sua vida privada.

— Ah, vejo que o dinheiro que deixei sobrou — disse ele, indo dar um cumprimento desajeitado em Dó. — Parece coisa de funcionário do governo que esbanja orçamento que sobra num ano para pedir mais no ano seguinte dizendo que falta.

— Cumpru as promessas de dona Marta? — questionou ela, logo que se viu livre do abraço.

— Fique tranquila, que fiz uma peregrinação de beata pelas igrejas de Lisboa. Se não for suficiente para tirar Marta do Purgatório, você pode ir nas férias e preencher as lacunas. Deixei umas pedrinhas marcando o caminho.

Com ar satisfeito, ele se sentou à mesa, devorando duas broas para acordar o palato adormecido. Dó foi até a cozinha e retornou com um bule de café

quentinho.

— E como ficou tudo na minha ausência? — ele perguntou.

— Mais leve, ora.

A expressão de desprezo dele não diminuiu o ímpeto de Dó.

— Sem a diaba de olho falso aqui, dei limpeza de arruda e sal grosso. Se ela ficar de alergia, o senhor sabe o motivo.

— Respeite dona Suely, que um dia pode ser sua patroa.

— Na fresta que entrar o cheiro de enxofre, eu saio — disse, desabrida.

Depois, acrescentou uma fungada impertinente. A ideia de ter a quase namorada do detetive — uma índia de pele escura, cabelos negros escorridos, corpo voluptuoso, dançarina de boate e boca solta — como sucessora de Marta era mais forte do que a promessa que lhe fizera de cuidar do marido.

— Só tem um louco aqui. Não tem dois — arrematou, abusada.

— Você não sabe o que a espera — ameaçou o detetive, contendo o riso. — E como está a quadrilha de retirantes?

— O pequeno Eliseu deu pra ler que tá danado. Já sabe a Bíblia mais que o senhor.

— Leva uns livros da biblioteca da Marta pra descontaminar a criança. E tira ele de perto da batina do bispo porque você sabe o que tem lá embaixo, mas ele não.

Dó enrugou o rosto inteiro.

— É pastor, num é bispo. Num tem batina.

— Mas tem zíper.

— Num bem dizer, como fala o pastor, nosso culto é de pensar — ela pôs a mão no cocuruto — e de sentir — levou a mão ao peito. — Não é de se amostrar.

Andrade terminou a fatia do bolo antes de responder à provocação.

— De onde você tira a ideia de que pular num palco e gozar com milagre alheio é pensar? Ligou alguém na minha ausência?

Ela botou as mãos nas cadeiras.

— Faz pouco ligou um, com voz de padeiro, procurando o senhor.

— Deixou o nome?

— Era nome estrangeiro. Não tinha a, e, i, o, u.

— Ignorante. Não sabe que a língua portuguesa só tem vogais no Brasil. Basta preencher com elas para entender a fala de um dono de padaria.

— Num sabia e num confio de acreditar.

Os dois trocaram olhares de duelo. O detetive, afinal, desviou a visão para o que comia enquanto passava a pensar nas repercussões do caso. No rastro do sucesso, choveriam convites para investigações internacionais.

— Vá incomodar as plantas lá dentro que tenho de me preparar para enfrentar a bagunça que a sua gente faz na cidade. A Europa devia receber mais nordestinos para aprender a valorizar os árabes.

Quando Andrade entrou no salão dos investigadores foi recebido pelos colegas com uma morna salva de palmas puxada por Lurdes, que já havia distribuído exemplares dos jornais portugueses. Andrade desfilou entre eles, protestando falsa modéstia com abanos das mãos.

A inspetora o aguardava de pé, ao lado da carteira escolar que usava enquanto o orçamento da delegacia não lhe permitia ter mesa própria.

— Deixei um jornal de cada para o delegado Otávio.

— Tomara que ele saiba ler português castiço — disparou o detetive.

— Deve saber, porque pediu pro senhor ir lá quando chegasse.

Na sala do delegado a recepção foi mais formal do que calorosa.

— O secretário de Segurança me pediu que transmitisse os cumprimentos que recebeu da embaixada.

— Alguém na corporação sabe o valor dos outros — disse Andrade, com olhar de superioridade. — O sucesso tem afeição pela competência, dizem lá os lusitanos.

O delegado respirou fundo, inalando um ar que parecia envenenado.

— Era sua obrigação me manter informado do andamento do pedido de colaboração, Andrade. Quase fui pego de calças curtas.

— Foi um chamado ao dever, transmitido pela embaixada diante do clamor da comunidade brasileira, ao qual respondi por patriotismo. No meio da ação, o senhor deveria saber, é difícil encontrar tempo para escrever histórias — alfinetou, referindo-se às novelas policiais adocicadas que o delegado escrevia

nas horas vagas. — Mas estou preparando um relatório completo para o senhor, com cópia para os anais da Academia de Polícia.

A raiva contida pelo delegado explodiu:

— Fora daqui, Andrade! E nunca mais aja sem meu consentimento!

Assim que entrou no salão de investigadores, Lurdes foi ter com Andrade, mal contendo a expectativa. Andrade carregava um sorriso que misturava doses de escárnio, orgulho e desprezo suficientes para provocar uma guerra.

— Como foi lá, chefe?

— Compreendo que não é fácil ter um subordinado com minhas qualidades. Ele vai superar quando lembrar que a carreira dele surfa no meu sucesso. Que não há nada a extrair desse abrigo de desmiolados — disse, dando uma olhada no ambiente, repleto de mesas e colegas, uns mastigando pão enrolado em papel-alumínio, outros digitando preguiçosamente seus relatórios. — Somos nós, Lurdes, que iluminamos o lugar. Somos nós...

O celular de Lurdes tocou, merecendo um ar de reprovação do detetive. A inspetora ficou indecisa. Ele gesticulou com irritação, liberando-a para que atendesse. Ela levou o aparelho ao ouvido, disse “sim” e o passou ao detetive.

— É um policial português dizendo que o inspetor-chefe Oliveira quer falar com o senhor.

— Como ele sabe o seu número no Brasil? — questionou, enciumado.

Ao imaginar que o motivo da ligação pudesse ser uma comenda, a irritação dissipou-se.

— Acho que a inspetora Dora tinha meu número.

Resoluto, o detetive tomou o aparelho das mãos de Lurdes.

— Detetive Andrade falando. Pode passar o inspetor-chefe — autorizou, solene.

A noite anterior havia sido traumática para Oliveira. No momento em que ia jantar, um telefonema o avisou de que um corpo havia sido encontrado. Rapidamente, chegou ao local acompanhado pela inspetora Dora. Sob a chuva fina, os dois agacharam-se para examinar a mulher. O inspetor-chefe havia sido chamado porque um documento a identificava com nacionalidade, nome e

endereço. Um novo assassinato de uma jovem brasileira era, por si só, uma notícia muito ruim. E o cadáver, Bernadete, conectava-o diretamente ao assassinato de Lucicléia, caso finalmente arquivado a despeito da oposição da inspetora Dora. Agora, a imprensa armaria um circo, questionando o trabalho policial em torno do homicídio anterior e insuflando a opinião pública contra eles.

O inspetor-chefe ergueu-se.

— O senhor pretende avisar o detetive Andrade? — perguntou Dora.

— Deixe-me pensar uma noite. Vamos ter que conviver com as consequências disso — apontou o corpo —, mas não sei se merecemos voltar a conviver com aquilo.

Dora tornou a fitar a mulher esfaqueada no chão.

— Duvido que venha. Foram as ideias dele que levaram a considerar o caso Lucicléia resolvido. Seria muita coragem aparecer — respondeu ela.

Ao retornar à casa, bem mais tarde, o inspetor-chefe foi recebido pela mulher, Leonor, com um fortificante caldo verde borbulhando de chouriços. Sentaram-se os dois, em silêncio. Apreensiva com os sinais de tensão do marido, ela perguntou:

— O que houve, meu bem?

— É aquele caso que pensei ter encerrado. Surgiu um novo assassinato. Outra jovem brasileira. Além das críticas da imprensa...

— É como digo. Aposenta-te e vamos ter com minha irmã no Algarve.

— Não tornes com isto, Leonor. É meu trabalho e por ele tenho apego. O problema é este policial brasileiro que nos acompanhou na investigação do primeiro assassinato. Ele nos conduziu a conclusões que podem estar erradas. Além disso, é um beócio, intratável, arrogante, truculento...

Enquanto acrescentava adjetivos, avermelhava-se, a ponto de apavorar a mulher.

— Oliveira! Pare com isso, já! E não foi esse policial que o ajudou a desbaratar o tráfico de escravas brancas?

— É verdade, querida, foi ele mesmo. Não sei como, mas foi — volveu o inspetor-chefe, respirando fundo para acalmar-se. Com um sorriso, acariciou o

dorso da mão da mulher. — É que tenho dúvidas se o alerto sobre o desdobramento do caso imediatamente ou deixo para mais tarde.

Ela o fitou com a compreensão das mulheres sábias.

— Se você não avisar, ficará se sentindo culpado, se bem o conheço. Avise-o, não é de se imaginar que ele venha, pois não? Deve ter afazeres em seu país.

O inspetor-chefe concordou, mais animado. Pela manhã, informaria ao detetive que o caminho pelo qual os conduzira, poderia terminar em fiasco.

Andrade aguardou, com o aparelho afastado do rosto, tomado por uma presunção real. De súbito, levou-o ao ouvido e trocou os primeiros cumprimentos com o colega português mantendo uma expressão napoleônica. Depois, passou a ouvir. Sua expressão foi mudando, da empáfia inicial para o atordoamento.

— Não diga!

As bochechas inflaram, com a indignação estremecendo seu corpanzil.

— Não pode ser! Não permita que seja feita uma conexão entre os casos! — bradou, alterado.

Com um balançar de cabeça, devolveu o celular a Lurdes.

— O que foi, chefe?

— Mataram a gorda. Primeiro foi a magra, Lu, agora foi a vez de Bernadete ser estripada. O pior é que a polícia portuguesa está pensando em reabrir o caso da mineira folgazã.

A perplexidade enrugava a pele do detetive. Com as mãos nodosas sacudiu a barriga disforme, deixando Lurdes arrepiada.

— Isso significa...

— ...que a nossa reputação está em jogo, inspetora — completou Andrade, com voz trêmula, imaginando a cobrança dos jornais portugueses se vinculassem o assassinato de Lucicléia a este: a vitória seria convertida em derrota, muito a gosto dos ratos da imprensa. — Vou falar com o delegado Otávio.

O detetive teve de esperar toda a manhã e o início da tarde para ser recebido pelo delegado. Entrou na sala como um menino bonzinho, dando passos miúdos e cautelosos.

— O que foi agora, Andrade? Não há benefícios extras associados ao trabalho voluntário no estrangeiro, e o caso não vai ser incluído na sua folha de serviços. Ponto final.

— Não é isso, delegado. O fato é que se soltaram algumas pontas do caso português e acho que tenho de voltar lá para atá-las. Acabo de saber que, aproveitando minha ausência, assassinaram mais uma jovem brasileira.

A expressão de desconfiança tomou as faces do delegado.

— Outra viagem internacional? Com o Estado falido? Você está louco. Se querem ajuda por lá, peçam à Interpol. Eles têm orçamento para isso.

Andrade ruborizou-se diante da falta de sensibilidade.

— O senhor não entende o papel que nosso trabalho representou para a imagem brasileira em Portugal. Passamos de filho bobo e ingrato a um irmão sábio e intimorato.

— Bobo é você se quer me convencer com essa besteirada. Eles que tratem dos próprios casos. Eu sabia que a história que você contou era boa demais para ser verdade. Caso encerrado, pois sim! Agora vai constar dos anais da Academia de Polícia, sim, mas como um fiasco internacional: “tudo que não se deve fazer ao representar o Brasil no exterior”.

Apesar de a vergonha ter colorido seu rosto como fariam dois bofetões bem dados, Andrade não se entregou, resfolegando, inconformado.

— Se o Estado não pode ou não quer dar uma resposta a um cidadão covardemente assassinado no estrangeiro, eu vou por minha conta. Declaro-me em férias.

— É um prazer saber disso — retrucou o delegado Otávio, sorrindo largo. — Por favor, não se esqueça de acumular todo o tempo que puder. Esses dias sem sua presença me devolveram a alegria de trabalhar, me recordaram os motivos que me fizeram abraçar a profissão.

Andrade saiu furibundo, prometendo a si mesmo que voltaria àquela sala com sua consagração internacional restaurada e sua estatura profissional reafirmada. Ignorando as tentativas de Lurdes de discutir as investigações que ele deixaria para trás, o detetive pôs-se a tratar das promoções de passagens no trajeto Rio-Lisboa-Rio.

No final da tarde, despediu-se de sua assistente de maneira tocante. Numa espécie de solenidade privada, Andrade bateu com os nós dos dedos sobre a pilha de casos em andamento, transferindo-os para a responsabilidade de Lurdes.

— Você vai ter que amadurecer dez anos em poucos dias, inspetora. Estes casos agora são temporariamente seus. Sabe o surto de autonomia que a acometeu em Lisboa? Pois bem, chegou a hora de libertar aquele demônio. Investigue esses casos do seu jeito, mas com atenção ao que lhe foi ensinado por mim. Não se desespere se parecer estar além de suas forças, estarei a uma chamada no aplicativo do celular. Na volta, poderei corrigir eventuais descaminhos da inexperiência.

Com os olhos marejados, Lurdes o abraçou pela cintura. Já era tarde e o salão dos investigadores estava vazio. Gentilmente, ele retirou os braços dela e no andar oscilante que o caracterizava saiu do salão, deixando para trás a assistente emocionada.

Debruçado sobre a janela do apartamento, o detetive observava a silhueta do maldito shopping center, um buraco negro na noite estrelada de Copacabana. Por mais alguns dias descansaria a vista daquele monstrengo onipresente, colmeia que dava origem às abelhas que picavam a lei e a moralidade, rompendo o frágil tecido social do bairro. Suely veio do quarto, ainda lampeira, apesar da cansaça que ele havia lhe dado entre os lençóis.

— Tá vendo o quê no escuro, ursão?

— O esforço que dá substituir educação por conversa-fiada. Penso nas multidões de vagabundos que tenho de varrer dos trilhos, para dar passagem ao bonde da civilização.

— Hi! — exclamou ela. — Pode ficar com a filosofia que a barriga tá roncando. Vou preparar um bife pra dois, para te dar energia pruma segunda encarada.

Suely virou seu rosto e lhe tascou um beijo rodado.

— Ainda tô faminta de ti.

Os olhos castanhos da dançarina — que havia tirado as lentes verdes — o encararam com desejo. Ela deu uma apertada nas bochechas dele. Depois, largou

seu rosto, girando as cadeiras na direção da cozinha.

Mais tarde um pouco, após um segundo tempo na cama, a revelação não foi bem-recebida por Suely:

— Viajar de novo pra Lisboa por quê? Tem cheiro de quenga nessa história — acusou ela, empurrando o corpo de Andrade para longe.

— O que é isso? — bradou o detetive. — Estou voltando por imposição patriótica. Tenho obrigações com a segurança da comunidade brasileira em todos os cantos do planeta.

— Tu me disse no telefone que tinha resolvido o caso.

— Houve um novo assassinato. De outra moça. Outra brasileira, cuja insignificância não faz merecer ser ignorada. Entenda, Suely. Meus colegas precisam de mim para dar fim a essa série de crimes macabros, antes que Lisboa se veja debaixo de um toque de recolher autoinfligido pelo terror. E não podemos afastar a possibilidade de que sejam atos terroristas, Su. O brasileiro expatriado pode estar sendo alvo de grupos naziopatas antimiscigenação. Não se esqueça de que nosso país é visado por ter sido o único do mundo que adotou bairros multiculturais para a população pobre.

— E daí? Não tem polícia lá em Lisboa, não?

Andrade arqueou as sobrancelhas, imponente.

— Tem. Pensa no seu Osório, o padeiro da esquina, e vai ter ideia dos agentes da lei na terrinha.

Um olhar dardejante retribuiu o comentário. Suely começou a vestir apressadamente suas roupas.

— Volta lá pras suas portugues e me deixa em paz. E não vem chamando o aquecimento da morena aqui na volta, que vou te condenar ao frio.

Andrade ouviu a porta bater sem se mobilizar para deter a saída intempestiva de Suely. O amor podia ser recuperado depois, mas uma reputação como a sua era um cristal raro que, trincado, jamais reluziria em todo o seu esplendor novamente. Além disso, viajaria no dia seguinte, não tinha tempo para administrar a alma feminina.

o voo até Lisboa foi infernal. O humor de Andrade seguia conturbado pelo temor de que o assassino fosse um matador em série de verdade, um psicopata, cuja motivação estivesse além da cobiça e da vingança naturais no ser humano. Seria uma situação nova, um teste estressante para os métodos racionais brilhantemente desenvolvidos por ele no curso de décadas como homem da lei. Ao fim de um debate interno em que sistematicamente acordava os vizinhos de assento com interjeições agressivas, afastou a ideia do *serial killer* anormal, cultivada, como bem sabia, pelo cinema de Hollywood, para esconder o fato de que o modo de vida americano era uma fábrica de criminosos.

Depois, mais tranquilo, com a recuperação do controle sobre a investigação, dedicou-se a reclamar da comida, da poltrona, dos movimentos da aeronave e da língua enrolada das comissárias de bordo. Deixou o avião sob o olhar cerrado da tripulação, como se estivesse sendo marcado para vingança. No aeroporto, ao sair do desembarque, em plena noite lisboeta, teve a surpresa de encontrar o inspetor-chefe à sua espera.

— Como foi o voo, detetive?

— O de sempre — respondeu sem entusiasmo.

— Os voos são incômodos mesmo. Eu li seu e-mail falando da dificuldade de ser liberado e da consequente ausência de... financiamento oficial. Ficamos sensibilizados com seu desejo de colaborar com a investigação, mas não era necessário vir. Só o avisei por cortesia.

— O senhor ainda não me conhece por inteiro, inspetor-chefe. Não sou homem de deixar amigos à deriva em meio a uma investigação capital. Além disso, a nova vítima também é brasileira. Me perdoe a balbúrdia que meus compatriotas trouxeram a seu pacato pastoreio criminal. Prometo limpar a cidade o mais rápido possível.

Oliveira sorriu, dando a impressão de estar resignado com a presença do detetive.

— Preciso esclarecer-lhe que a embaixada não reiterou o pedido para o acompanhamento da investigação. Imagino que isso tenha sido motivado pelas manchetes dos jornais. São inclementes, acusando a polícia de incompetência e de aceitar a intromissão de países periféricos.

— Jornalistas e diplomatas não são seres vertebrados como nós. São da espécie que perdeu a coluna de tanto se vergar aos poderosos e ao populacho. Ficam corcundas antes de velhos.

Oliveira apontou o carro parado à entrada do aeroporto, com a inspetora Dora ao volante. Ao vê-la, a distância, a alegria tomou o detetive.

— Eu vim no voo refletindo. Por que não insistimos na ideia de que Vlad assassinou Lu e na ideia de que a quadrilha matou Vlad e essa Bernadete como queima de arquivo? Como diria o filósofo, o que é a verdade, afinal?

— Não há motivos para se supor que a Bernadete atuasse em conjunto com a senhora Lucicléia na rede de prostituição. E se fosse uma queima de arquivos, o senhor Antônio e a senhora Vanessa, os outros amigos, também já estaria mortos. Além disso, temos a tentativa do criminoso de esconder a gravidez da senhora Lucicléia. Esse é o crime original. São elementos claros de um crime passional.

— Então, como Vlad mataria Bernadete depois de morto?

O inspetor-chefe deu de ombros, sem resposta. Andrade aproveitou para insistir:

— Eu mesmo respondo. A quadrilha a que pertencia e o matou resolveu eliminar as pontas soltas.

— Não podemos provar nada disso. Nem mesmo sabemos se Vlad pertencia a uma quadrilha ou era independente — respondeu Oliveira.

A insistente recusa às suas afirmações irritou o detetive.

— Sabemos, sim. Teoricamente, por dedução lógica, como os físicos sabem das partículas fundamentais.

A porta do carro foi aberta sem que Oliveira refutasse a ideia. A inspetora Dora cumprimentou Andrade, que, imediatamente, abandonou a discussão, feliz com sua visão:

— De tudo isso, a única coisa boa é vê-la de novo, inspetora Dora — disse, em um galanteio.

— A inspetora Lurdes não veio, detetive?

— Alguém tinha que ficar para resolver os problemas de lá — devolveu o detetive, soltando uma gargalhada para enfatizar o disparate.

— Onde é que o senhor vai ficar? — perguntou ela.

— Ainda não pensei nisso. Estou aqui em caráter patriótico. Como um missionário.

Os policiais portugueses se entreolharam, sem graça. Depois de um momento de silêncio, Dora disse:

— Se ainda não arranjou hotel, eu tenho uma prima que aluga apartamentos através de um *site*.

Oliveira interveio:

— Vamos à Polícia Judiciária. Lá, atualizo-o sobre o estado atual da investigação e resolvemos o problema do seu alojamento.

— Já é tarde. Teremos tempo para atualizar o caso amanhã — recusou Andrade, torcendo os lábios de maneira desconjuntada para enfatizar sua decisão.

A sala do apartamento da prima de Dora era pequena. Um sofá de dois lugares, uma poltrona lateral, uma mesa de centro e uma mesa de jantar redonda de quatro lugares terminavam em uma cozinha americana apertada. A televisão ficava presa à parede. Um abajur de pé completava o mobiliário. O quarto era simples, com um bom armário.

Dora e Andrade sentaram-se à mesa de jantar.

— Minha prima aluga este apartamento e agora estava vago. Pedi a ela. O senhor só precisa pagar a taxa de limpeza — avisou Dora, sorrindo.

— Vou tentar deixá-lo limpo — disse Andrade para, a seguir, acrescentar, com um modo insinuante. — Uma curiosidade. Por que uma mulher bonita como você escolheu uma profissão tão difícil? Podia ter sido modelo... ou conseguido um bom casamento.

O detetive observava as mãos macias postas sobre a mesa. Ela as retirou, sem jeito.

— Por rebeldia, acho. Sou filha única e fui criada como uma boneca. Queria saber como era a vida fora da proteção familiar. Em segredo, comecei a estudar para o concurso e a treinar caratê. Quando souberam — ela deu um risinho —, a minha mãe chorou durante uma semana. Até hoje estão à espera de que eu desista e opte por fazer um bom casamento.

O olhar complacente do detetive a engolia.

— A burguesia gosta de fazer a guerra com o filho dos outros.

A frase crua deu um susto inicial na inspetora, mas, aos poucos, sinais de compreensão abrandaram sua expressão.

— É verdade, tem coisas necessárias que as pessoas preferem que sejam feitas pelos filhos dos outros. Mas, aqui em Lisboa, o dia a dia da polícia não é tão sangrento como no seu país, detetive.

— Com essa fila de brasileiros chegando, logo será — vaticinou Andrade, circunspecto.

Ato contínuo, suavizou os traços. Dora riu.

— O senhor muda do rude ao suave num ápice. Faz parte da sua técnica, não é? Andrade mastigou um chiclete imaginário.

— No Brasil, não temos recursos nem tempo para examinar cada possibilidade. Temos que decidir num olhar, quem é o culpado e, numa conversa, quais foram os motivos.

Ela fez cara de espanto. Subitamente levantou-se, um pouco perturbada.

— Tenho que ir.

Dora tirou um maço de papéis da bolsa e o colocou na mesa.

— Um relatório inicial da investigação sobre a morte da senhora Bernadete.

A saída intempestiva de Dora convenceu o detetive de que a sua masculinidade tinha mexido com a rapariga em flor. Andrade sabia que sua estampa não era de playboy afrancesado, seu charme era mais de lenhador solitário. Quando se deparava com uma mulher que não se submetia ao padrão estético imposto pela androginia em voga, sabia que tinha diante de si um sapato pronto para seu pé calçar.

Contente com as perspectivas do primeiro dia novamente em terras lisboetas, Andrade abriu um caderno para organizar as ideias sobre o caso. Pelo que haviam conversado no caminho até o apartamento, Bernadete havia sido esfaqueada com uma lâmina semelhante à que infligira os golpes em Lu. Depois de um tempo de reflexão infrutífera, ele largou o caderno e foi pegar algo na cozinha. Frustrado, verificou que as prateleiras e a geladeira estavam vazias. Pegou a chave e desceu para procurar um mercado.

O bairro em que ficava o prédio da prima da inspetora se chamava Anjos e, em uma primeira avaliação de Andrade, teria como sobrenome Decaídos, tal a modéstia das construções que viu. O metrô ficava a duas quadras do apartamento e Andrade andou em sua direção, supondo que o comércio se aglomerava no entorno. Chegou, feliz com sua perspicácia, a uma longa avenida, Almirante Reis, que se distendia na direção do rio, ladeada por uma fileira sem fim de lojas, àquela altura, quase todas fechadas.

Enfim, achou numa pequena vendinha aberta, com frutas espalhadas na entrada. Um rapaz barbudo, com um turbante encardido, veio atender.

— Preciso de uma garrafa de Coca-Cola e outra de água, um bom vinho local, queijo e pão fresco — disse rapidamente, com a respiração suspensa para evitar o cheiro pronunciado que pressentia emanar do vendedor.

O rapaz assentiu, mas não se moveu.

— Você precisa dar corda ou tem moto-próprio?

O sorriso indicou a segunda hipótese. Irritado pela inércia, o detetive foi procurar sozinho o que queria. Recolheu os mantimentos e largou sobre o balcão de entrada. O rapaz deu um novo sorriso gentil, fez as contas e deu o troco.

— Boa noite — resmungou Andrade, saindo com o saco de papel.

No apartamento, depois de dois sanduíches e com uma taça de vinho ao lado, o detetive voltou a analisar o caso. A morte de Bernadete acontecera num dia em que ela havia trabalhado para os três casais brasileiros. Segundo o relatório da inspetora, ela havia saído às seis da tarde e seu celular indicava ter seguido para a morte com uma parada de 30 minutos no meio do caminho até seu destino final, no Parque Monsanto, onde fora esfaqueada e estripada, nos moldes do

ocorrido com Lu. Ao contrário da primeira, seu bucho inchado só carregava banha. A investigação dos policiais portugueses provava que Bernadete não tinha usado seu cartão de transporte, ou seja, não pegara metrô ou ônibus após a ida para o trabalho. Os policiais já haviam interrogado os casais brasileiros sem descobrir nada. Ele teria que refazer as entrevistas, pois não confiava nem nos portugueses como investigadores, nem nos brasileiros como testemunhas. Segundo estes, Bernadete havia trabalhado e ido embora, como sempre. Não, pensou Andrade, não era suficiente ouvir dizer. Ele precisava estar com os suspeitos e balançar a macieira com as próprias mãos até que a verdade, como fruto maduro, caísse a seus pés.

O segredo do caso estava no primeiro assassinato. Talvez a amiga da onça, Vanessa, tivesse razão ao apontar o dedo duro para os antigos patrões da pistoleira mineira. Uma doméstica gostosinha e oferecida era uma tentação irresistível para homens de qualquer idade. Nunca os afastara da lista de suspeitos, apenas os mantivera na fila, logo atrás de Vlad, que, se não matou Lucicléia, foi apenas porque outro idiota fez o serviço antes. A vadiagem feminina era um ímã para criminosos de toda espécie: golpistas, cafetões, estupradores, ciumentos, assassinos de ocasião, políticos e demais sociopatas.

Andrade recostou-se melhor na cama e começou a tombar de cansaço. A morte de Bernadete tornava Vlad um suspeito mais improvável do homicídio de Lucicléia. Rei morto, rei posto. Logo que reiniciasse a investigação encontraria um novo suspeito para imputar os crimes. Sua experiência lhe dizia que nenhum caso passava da terceira imputação, muitos acabavam na segunda e uns poucos eram *hole in one*.

Adormeceu em estado de graça e acabou sonhando com a inspetora Dora. Ela caminhava por cima das águas de um lago plácido. Vinha da outra margem, em sua direção. Com gestos insinuantes, ia lançando os sapatos para fora e se despindo ao ritmo dos passos lentos. As roupas afundavam no lago, em borbulhas. Ao se aproximar, ele descobria que ela era toda formada por frutas, tendo peras ao invés de seios, bananas nanicas como dedos. E que ele ainda estava faminto.

Acordou de madrugada com uma ideia completa de tudo o que ocorrera. Anotou num rolo de papel higiênico que mantinha na cabeceira para cuspir e adormeceu com o rosto relaxado como um bebê.

LOGO PELA manhã, os três policiais se reuniram no apartamento emprestado. Com eloquência, Andrade apresentou a teoria que se consolidara em sua mente durante a noite. A discussão não foi longa, apesar da resistência inicial de Oliveira a voltar a incomodar os casais brasileiros antes de examinar detidamente as relações das vítimas com outras pessoas.

— Acho que o detetive tem razão, chefe — disse Dora, de maneira enfática.

— Oliveira, é o senhor mesmo quem insiste em dizer que os assassinatos de Lucicléia e Bernadete não são produto de uma quadrilha de dementes traficantes de escravas brancas. O fato de morarem juntas, serem como sal e gordura, não demonstra *modus operandi* de um *serial killer*. Só nos resta acreditar que as mortes foram engendradas por um psicopata normal, comandado pelos sete pecados capitais, como qualquer um de nós. O que significa dizer que os órgãos foram extraídos da cortesã mineira, de alcunha Lu, para esconder o responsável por sua gravidez. E a gorducha, Bernadete, foi morta porque devia saber a quem pertencia o filho da puta. Esses brasileiros não somente tinham relações próximas com as vítimas, como também são imigrantes ricos, ou seja, triplamente suspeitos.

Insatisfeito com a expressão de dúvida do inspetor-chefe, o detetive deu uma estocada fina:

— Por mim, se o senhor não quiser incomodar o assassino, pode pôr tudo na conta do Vlad e seus comparsas e fingir que os assassinatos são obra de uma quadrilha étnica romena. Um pouco de má publicidade pode ajudar as autoridades eleitas a conter a avalanche migratória.

Oliveira o encarou horrorizado.

— Nem pensar em deixar esse criminoso à solta.

— Pois bem — animou-se Andrade. — Vamos, então, soltar a língua dessa brava gente brasileira. Eles sabem mais do que dizem. Pode estar certo disso.

Conheço bem a lama da qual emergiram esses novos-ricos e a fonte em que se vitaminaram: o sangue ralo do contrterrâneo humilde.

— O senhor suspeita de alguém? — perguntou Dora, com grande expectativa.

— Não sou de jogar pedra na Geni, mas pode ser qualquer um com testosterona no sangue — disse, dando de ombros. — Melhor seria passarmos antes pela senzala. Como mostram os sociólogos, lá se sabe de tudo o que acontece na casa-grande. Alerto, porém, que só falam debaixo de vara.

— Está bem — concordou, afinal, o inspetor-chefe. — Vamos falar com os brasileiros.

— Mas, primeiro, passamos na ralé — insistiu Andrade.

O detetive não escondia o desprazer de estar de volta àquela casa. Nem tanto por Vanessa, ativa e provocante, apesar da fisionomia tensa. Era Tonho, o irmão de Bernadete, que o incomodava, com seus choramingos intermitentes. Mal conseguia concatenar duas palavras. Não era bem tristeza, avaliou Andrade. O homúnculo, encolhido no sofá, entregue aos braços de Vanessa, exalava um pavor pestilento.

— Vamos lá, senhor Antônio, que o cadáver da sua irmã já esfriou, mas queremos dar a ela a dignidade que não teve em vida. Sabemos da sua tristeza, pode dispensar o drama. O que sua irmã sabia da vida da lúbrica Lu que a levou a chamar a morte novamente a esta casa?

Os olhos úmidos do rapaz não baixavam do teto. A inspetora Dora sentou-se junto a ele no sofá, quando Vanessa se despregou para ir à cozinha dizendo:

— Eu vou buscar um café.

Tonho se aprumou. Andrade estava de pé, oscilando, impaciente, ao lado do inspetor-chefe.

— Eu não sei nada da Bernadete. Só sei que a minha irmã não fazia mal a ninguém.

— É importante, senhor Antônio. Lembra-se de alguma coisa estranha no comportamento da sua irmã nos últimos tempos? — indagou Oliveira.

— Ela era estranha — gemeu ele.

— Olha só, menino maluquinho. A pessoa que arrancou as tripas da bailarina má e deu um final trágico à história de vida patética da senhora sua irmã está vindo atrás do senhor. É nossa conclusão lógica — Andrade disse, virando-se para os companheiros, que evitaram corroborar a suposição cruzando seu olhar.

Ainda assim o detetive insistiu, em tom mais grave:

— O desfecho provável do seu comportamento é termos de colar sua figurinha no álbum de vítimas.

— Os senhores não podem me pôr no programa de proteção à testemunha?

Aquilo detonou a fúria do detetive:

— Você só é testemunha se souber de alguma coisa, idiota! E do jeito que as coisas estão você vai ser é a próxima vítima!

Tonho estrebuchou.

— Podemos avaliar, se o senhor souber de algo — disse Dora, pesarosa.

O detetive contestou imediatamente.

— Souber muito. Isso não é programa social para dar sobrevida a quem não vale nada — afirmou Andrade, desconcertando os policiais portugueses. — É um programa sério, para fazer o bagrinho covarde dedurar o tubarão sanguinário.

— Eu não sei de nada — repetiu Tonho.

Vanessa entrou com o bule de café numa bandeja de plástico. Andrade suspirou, imaginando que tomaria tempo extrair um pinga de decência do boneco mal articulado jogado ao sofá. Impaciente, o detetive se virou para Vanessa, que enchia as xícaras.

— A senhora sabe de algo além de coar café?

Ela o encarou, controlando a voz:

— Acho que a Bernadete estava estranha mesmo.

— Como? — perguntou Dora, afagando, sem notar, a mão de Tonho.

— Mais confiante, eu acho. Tinha um brilho nos olhos, não é Tonho?

Tonho se recompôs com a lembrança.

— É mesmo. Nunca tinha visto minha irmã assim. Até disse, um dia, que nossa vida ia mudar.

— E mudou, não é mesmo? De mal pra pior — respondeu Andrade, sarcástico.

A inspetora arregalou os olhos e tornou a tocar de leve a mão do jovem, que murchava com a velocidade de um balão furado.

— Voltando ao crime original — bradou Andrade. — Eu gostaria que vocês tentassem recordar alguma reclamação de Lu sobre algum cliente ou amigo que a estivesse importunando.

— Não entendi — disse Vanessa.

— Eu explico. Apesar da dificuldade da amiga de vocês em fechar as pernas, pode ter havido alguma ocasião em que ela quis descansar e desagradou o homem errado.

— Senhor Andrade! — Oliveira não se conteve diante da grosseria.

— A Lu não era dessas — protestou Vanessa, sem firmeza.

— De recusar homem? — duvidou o detetive, ignorando o inspetor-chefe e se inclinando sobre ela de maneira ameaçadora.

— Ela não era assim, de ir com todo mundo a toda hora — insistiu Vanessa, sem parecer convencida.

Num movimento brusco, o detetive iniciou um passeio circular pela sala. Ao se ver de frente a Vanessa novamente, disparou:

— Temos testemunho dos patrões dizendo que ela estava sempre na prateleira de promoções em matéria de sexo. Praticava o proxenetismo empresarial, adotava a lei do ventre livre e trocava saliva com um ciganopata.

A jovem empalideceu ao ouvir a menção a Vlad. E o detetive prosseguiu:

— Sua amiga era do tipo que sai no Carnaval fantasiada de direitos humanos para não ter que distinguir gênero, raça ou religião.

Andrade resfolegou iracundo. Por um momento, Vanessa e ele disputaram a simpatia da audiência. De repente, o detetive aproximou seu rosto do dela e piscou. Uma piscadela cúmplice. E disse, de maneira amigável:

— Eu sei muito bem como são essas coisas, uma amiga chega na outra e reclama que a noite foi chata, que o sujeito era abusado. Conta o que aconteceu, mas pede segredo. Desembucha logo alguma coisa pra gente pensar que vocês dois, os sobreviventes, merecem passar para a próxima rodada do “quem quer ser um miserável vivo?”.

Tonho se levantou de um salto e saiu correndo aos prantos. Vanessa se acomodou parecendo ter entendido a mensagem do detetive. Fechou os olhos com força e falou:

— Uma vez a Lu disse que tinha um rolo com um brasileiro e o carinha deu uma dura nela na boate. Ela não deu o nome dele não. Falou só que conhecia o cara de outras paradas, de fora do trabalho de dançarina. Quando ela falou comigo, não tava com medo dele não, até disse que ficou provocando pra ver o que ele fazia.

— Você precisa nos dizer o nome, senhora Vanessa — adiantou-se o inspetor-chefe.

— Não sei o nome, mas era brasileiro. E a Lu conhecia o homem de fora da boate.

Após mais um tempo de conversa que não servia à investigação, os policiais desistiram de continuar. Vanessa os acompanhou até a porta sozinha, já que Tonho ficara no quarto, abatido pela crise nervosa. Ficando para trás, ao ver que os policiais portugueses estavam distantes, o detetive pegou um papel na mesa e rabiscou algo rapidamente. Discretamente, entregou-o a Vanessa quando passava por ela.

Na rua, o inspetor-chefe deixou emergir todo seu desconforto com as atitudes de Andrade. Com um semblante alterado, explodiu:

— Neste país, senhor Andrade, é ilegal pressionar as testemunhas. Sei que é este o seu modo de levar uma investigação adiante, mas não posso continuar a aceitar esses métodos. Não me deixa alternativa que não seja pedir-lhe que se afaste das investigações.

O detetive, pego de surpresa pela afronta, demorou a responder. O lábio inferior cobriu o superior, numa máscara de duende zangado. Gastou certo tempo para escolher com cuidado as palavras que devia dizer àquele... àquele policial de opereta.

— Eu posso entender que as regras aqui são diferentes. Não é a primeira vez que protocolos sociais são usados para deixar criminosos terríveis à solta. Fique certo de que não sou homem de abandonar um colega à própria sorte, ainda que ele me abandone, inspetor. Imagino as forças ocultas que se levantaram contra a

minha investigação. Ainda assim, ao cabo desta semana deixarei o nome do assassino na porta da Polícia Judiciária. Por ora, agradeço a cooperação que me foi dada até aqui.

— O detetive talvez pudesse continuar como consultor eventual — negociou Dora, dirigindo-se ao inspetor-chefe.

— De modo algum. É visto que nosso colega faz do abuso seu método de trabalho — negou Oliveira.

— Podemos deixar o senhor no apartamento? — perguntou Dora, embaraçada.

— Não é necessário — respondeu Andrade, amuado. — Eu sei o caminho.

Assim que o carro partiu sem ele, Andrade percebeu que não sabia. A única coisa que sabia era que a estação de metrô de Anjos ficava perto do apartamento. E que bastaria perguntar a quem soubesse. Era assim que se avançava no mundo, ouvindo os que sabiam. Pena que os policiais portugueses não tirassem cera do ouvido no exame médico anual.

Pelo menos não fora expulso do apartamento, refletiu, ainda inconformado, enquanto colocava na geladeira as compras que fizera no mercadinho do indiano. Dessa vez, o rapaz se mostrara loquaz. Rajid era seu nome. O aroma de *curry* que ele exalava devia ser a razão de suas dificuldades sociais. Entraria no assunto com delicadeza na próxima conversa. Não via motivos para alguém estragar a vida por conta de hábitos alimentares herdados dos pais. Era triste de ver, mas o jovem conseguira escapar da Índia, mas não do seu cheiro.

O detetive avaliou sua despensa. Contava com bolachas, refrigerantes e vinhos para durar até o fim de sua estada. E ele tinha um caso para resolver antes disso. No jornal, havia uma longa matéria sobre os homicídios, mencionando a conexão entre Lu e Bernadete e sustentando que ambas estavam envolvidas com oferta de serviços sexuais à elite da cidade. O artigo mencionava ainda a crescente violência com que as quadrilhas centro-europeias resolviam suas disputas e puniam seus membros.

Andrade jogou o jornal no chão. A maior parte das pessoas na posição dele aceitaria com agrado as suposições que levariam a polícia a encher relatórios sobre o passado tenebroso de Vlad, esmiuçar suas relações com o submundo

para, enfim, arquivar os casos jogando a culpa no cigano morto e em uma suposta quadrilha. Mas ele sabia ter sido marcado pelo destino com a sina dos gigantes: propagar a justiça à custa de sacrifícios pessoais de toda ordem. O leve traço de arrogância que alguns notavam em suas atitudes nada mais era do que a manifestação externa de uma singular integridade interior, aquela fundada na vaidade pessoal legítima, portada apenas por aqueles cujo curso das ações era determinado por forças superiores. Tal como os missionários jesuítas, o detetive simplesmente não podia suportar a ideia de que alguém não se curvasse à sua vontade.

Cansado de filosofar em profundidade, Andrade jogou-se no sofá e ligou a TV. Passou por vários canais até chegar ao de vida animal que tanto apreciava no Brasil. Durante meia hora, seguiu o cotidiano de um grupo de leões dormindo, caçando, enfrentando inimigos e a seca. A campanha tocou quando as chuvas chegavam na savana. Desligou a TV e foi atender. Pelo intercomunicador, a pessoa se identificou e ele abriu a porta de entrada do prédio, dois andares abaixo.

Vanessa entrou no apartamento sem demonstrar embaraço. Com um movimento de ombro, indicou que desejava auxílio. Andrade a ajudou a tirar o casaco e o pendurou num gancho na entrada.

— O senhor mandou e estou aqui — disse, desinibida, agitando os ombros para expandir a cabeleira.

Vanessa se dirigiu ao sofá, mas o detetive tomou seu braço e a conduziu à mesa de jantar.

— Vamos sentar à mesa — indicou Andrade —, porque a conversa pode ser longa. É conversa oficial — acrescentou com rudeza.

— Eu só queria saber uma coisa.

— Não é o bastante para entender o mundo — ironizou o detetive.

Ela enfrentou seu olhar com desfaçatez.

— Eu aprendo rápido, detetive. Quem nasceu no meio do nada, foi com a mãe doente pra cidade grande e hoje vive na Europa tem que se garantir, não é?

O detetive assentiu, cativado pela segurança da jovem. Ali estava um espírito guerreiro, disposto a colaborar com a lei, mas sem deixar que esta lhe colocasse

uma coleira. Bicho de doma difícil e galope empolgante.

— Qual é a pergunta?

— A gente tá mesmo em perigo ou é conversa de meganha pra apavorar trouxa?

— Como você é minha informante, pode saber: não sabemos ainda. Quando soubermos, você vai saber. Por enquanto, a morte das suas amigas pode ter sido provocada por uma gravidez indesejada ou por uma queima de arquivos.

Ela levou um feixe de cabelos à boca, pensando, e soltou:

— O Vlad não tinha negócio com a Lu, não. Tinha só dengo. A Lu fez aquilo sozinha. O negócio dele era vender e exhibir mulher. O dela era de aluguel, não é? Complementar, mas diferente, não é?

— Podia até ajudar, reciclando o material usado e pegando os refugos — concordou Andrade.

— Isso. Então pra que ele ia acabar com ela?

— Pode ser. Se for assim, quem matou Bernadete matou-a porque achava que ela sabia demais. Você e aquele frasquinho de ansiedade são sérios candidatos a saber demais.

Um traço de preocupação cruzou a testa de Vanessa. O detetive animou-se, aumentando a pressão:

— Menina, o melhor caminho para ter segurança é me dizer o que sabe. Seria uma tristeza uma cabeça tão bonita ser separada de um corpo tão apetitoso. Não sou da polícia portuguesa e não vou usar o que ficar sabendo para encurtar sua permanência no país.

— Eu tenho visto de estudante.

— Estudante de quê?

— Cosmética. Vou abrir um salão, um dia. Sou boa mesmo no contato pessoal — completou com uma ponta de malícia.

Ela se quedou pensativa novamente. A decisão surgiu num suspiro curto.

— Tá bom, eu vou dizer tudo. O Tonho vai me matar se souber que falei da irmã dele. Ele tem adoração por ela, como se fosse mãe, avó e mulher. Por isso eu não quis dizer tudo na frente dele, mas a Bernadete não era santa, não. Dava uma de secretária da Lu, sabia dos negócios e até ganhava uma parte. Pequena,

porque a Lu não era fácil com grana. Quando mataram a Lu, a Bernadete achou que podia tirar umas casquinhas de leve alugando umas meninas que não tinham ligação com o Vlad. Só que as meninas não confiaram nela e a Bernadete teve que desistir de continuar o negócio da Lu.

— Glutona ambiciosa.

— Ei, não fala assim da minha amiga — protestou Vanessa, dando um peteleco de leve em Andrade.

— Continua — resmungou ele, sustentando o papel de durão, mas amaciado pelo gesto.

— Uns dias atrás ela me disse que tinha outro jeito para ganhar uma grana.

— Chantageando o assassino! — bradou o detetive, quase se pondo de pé. — A pobre imbecil, àquela altura, como todos, devia pensar que a morte de Lu era trabalho do Vlad e sua gangue e não atentou que ao tentar tirar dinheiro do pai da criança que Lu carregava no ventre estava chantageando o assassino.

O grito do detetive retraiu Vanessa.

— Não sei se era isso. Não sei mesmo. Mas que ela tava nervosa, isso tava. E com olho gordo em cima de alguém.

O detetive se ergueu, com a mente fervilhando de ideias. Sob as vistas da atarantada Vanessa, deu um cambaleante passeio pela sala, ora coçando as costas, ora o pescoço.

— Sua amiga, minha cara, tentou um salto maior que as perninhas tronchas e a barriguinha dilatada permitiam. Foi examinar a boca do leão atrás de restos, a abutre gordurosa, e terminou abocanhada.

— Não fala assim dela, que eu não quero — protestou Vanessa.

— O conhecimento dói, mas a ignorância mata — advertiu Andrade.

— Eu vou embora agora — ameaçou ela, furiosa, levantando-se.

— Eu vou acompanhar você até a sua casa.

— Não vai mesmo — respondeu Vanessa, arqueando os ombros e arfando pelos seios, como se o desafiasse a tentar.

O detetive segurou os braços dela, que lutou debilmente, balançando a cabeça como um bonequinho de automóvel.

— Meu dever é proteger os inocentes, mesmo os mal-agra-de-cidos — exclamou Andrade, sacudindo o corpo dela até que amolecesse, aconchegando-se em seu peito.

Lágrimas brotaram.

— Eu me garanto — ela gemeu, encarando o detetive com os olhos molhados.

— Eu sei disso — assegurou Andrade. — O problema é que o mal não sabe.

Com as mãos em concha, Vanessa pendurou-se ao pescoço de Andrade e os dois corpos se grudaram feito velcro. Os dedos gordos como salsichas invadiram as reentrâncias da morena, que ardia em fogo. Por um momento, pararam, com olhos nos olhos.

— A lei é dura e vai fundo, menina — disse o detetive.

Ela tornou a agarrar Andrade, dessa vez no baixo ventre.

— Deixa eu ver o cassetete do polícia.

Foi uma hora de malhação suada, com direito a alternância de poderes. Se ela não era fotogênica como a inspetora Dora, era putogênica como a quase namorada Suely.

Na portaria do prédio, Vanessa garantiu ao detetive que estaria segura no táxi. Andrade recomendou que comprasse um spray de pimenta e o carregasse na cintura. Com ar professoral garantiu que se ela não soubesse de nada, e não se metesse a besta de fingir que sabia, não teria problemas. Um beijo de conforto selou a mensagem tranquilizadora. Com o corpo saciado, ele não pôde deixar de pensar que não era bem assim. Tonho e ela eram pontas soltas que o assassino ataria na primeira oportunidade. Talvez esperasse apenas o detetive sair do país. Aliás, o criminoso bem poderia ser um dos que haviam pressionado os portugueses para que ele fosse afastado da investigação. A má sorte do homicida era ter esbarrado na determinação de um detetive nascido para enfrentar desafios.

AINDA SONOLENTO e de pernas trêmulas com as ousadias da noite, o detetive abriu a porta do apartamento para a inspetora Dora. Apesar da alegria que a invasão de seu campo visual por aquela cútis aveludada proporcionava, não cedeu ao impulso de cortejá-la.

— Espero que não esteja infringindo a lei do país vindo falar com um exilado — disse, com voz rouca, abrindo caminho para que ela entrasse.

— Talvez fosse melhor eu voltar noutra altura — disse Dora, perscrutando o ambiente, com garrafas de vinho esparramadas e almofadas largadas no chão.

Andrade acompanhou seu exame.

— A investigação solitária afeta os homens mais preparados.

— O senhor vai mesmo insistir em prosseguir com uma investigação paralela?

— Os inocentes reclamam justiça de seus túmulos. Como homem da lei, não posso ignorar um apelo do Além.

Uma expressão aliviada iluminou a inspetora. Andrade a convidou a sentar-se.

— Então, detetive, acho que posso compartilhar algumas novidades.

— O seu chefe sabe disso?

Ela pareceu indecisa.

— Por alto. Ele defende que há fugas de informação que se justificam se forem essenciais para o bem da investigação.

Os lábios do detetive se deslocaram em direções opostas. Ela continuou.

— Confirmamos os álibis de todos os empregadores de Bernadete. Estão limpos.

— Que tipo de testemunhos?

— Bem, o prédio não tem porteiro, nem câmeras, e era dia ainda quando Bernadete terminou o serviço no último apartamento. Tobias e Lorena disseram que ficaram em casa durante todo o dia, Carlos estava na televisão, como confirmamos com a secretária dele. Teresa estava em casa. Paulo, do duplex, em viagem pela África, só chegou no dia seguinte e a mulher, Amélia, não saiu

durante o dia. A empregada, Dandra, é testemunha. Para verificar os álibis montámos um mapa completo do tráfego dos telemóveis dos suspeitos e da vítima.

— Não confio em álibis caseiros.

— Os telemóveis...

— Minha cara inspetora, a tecnologia não é um instrumento de investigação, é uma arma usada pelos criminosos para forjar inocência. Nosso primeiro mandamento deve ser o de desconfiar de tudo o que os peritos nos trazem. Posso ver o mapa?

Dora o entregou. Detalhava, a cada cinco minutos, graficamente, o percurso dos celulares. Era confuso o suficiente para exasperar o detetive, que o devolveu. Ela recusou-o, indicando que o material podia ficar com ele.

— A autópsia...

— Essa não mente.

— A autópsia mostrou que Bernadete havia comido um cachorro no almoço.

— Autópsia rápida, hein?

— Este caso tem prioridade máxima.

Andrade lançou um olhar de espanto. Depois, desanuviou. Cachorro-quente, refletiu, imaginando a dona Redonda enfiando a salsicha inteira na boca.

— Havia ainda traços de avelã e farinha — acrescentou Dora.

— Isso diz mais do transtorno alimentar da vítima do que traz luz ao crime — resmungou Andrade.

— Mas trago uma última informação que acho que o senhor vai gostar — disse Dora, divertida. — Foram encontrados traços de narcóticos no sangue de Bernadete.

— Foi assim que o assassino a tirou do prédio! — afirmou Andrade, lançando o punho para o ar, como se comemorasse um gol.

Dora aguardou que se acalmasse.

— Pode ser mas, repito, todos os moradores têm álibis. Estamos tentando identificar o homem que discutiu com Lucicléia na boate. Ele pode ser o nosso homem. E estamos varrendo as ruas atrás de alguém que tenha visto Bernadete depois de sair do prédio. Sabemos que ela parou a meio do caminho entre o

prédio dos brasileiros e a cena do crime. E ali permaneceu durante pelo menos meia hora.

— Ela não pegou táxi — conjecturou o detetive, teimoso. — Deve ter sido sedada pelo assassino ainda no prédio e carregada de lá.

A fisionomia de Dora mostrou dúvidas.

— Ela pode ter sido sedada depois, já na cena do crime ou...

— O assassino deu uma anestesia antes de a matar? Que gentileza! Esse sujeito deve ser médico e monstro. Não, esqueça isso! O narcótico foi usado pelo assassino para poder tirá-la do prédio. Lembre-se que Bernadete não usou transporte público e, normalmente, é o que usaria. Você não conhece o pobre brasileiro como eu. Só entra em táxi para assaltar ou levar filho de madame ao colégio.

— Ela podia estar com pressa — ponderou Dora.

— Pressa de quê? O tempo deles não vale nada.

— Bem, é isso — resignou-se Dora.

O detetive animou-se.

— Pois tenho um pouco de fermento a adicionar ao bolo mirrado que estão cozinhando. Segundo informações de fonte fidedigna, Bernadete tinha enfiado o pescoço de batata onde não devia. Estava nervosa porque tinha a expectativa de conseguir dinheiro rápido extorquindo alguém.

— Chantagem?

— Para azar dela, contra um assassino impiedoso.

— Ela não me parecia uma pessoa desonesta — considerou Dora. — Falamos com os patrões, que nos garantiram que ela era um anjo.

— Ela não roubaria em casa de patrão, onde seria a principal suspeita. Ao contrário da amiga Lu, uma franguinha que ciscava em qualquer terreiro, essa Bernadete era um patinho feio, um urubu de estrada, que se alimentava dos restos da predadora. Ela sabia tudo da amiga e achou que chantagear o Papai Noel que dera um feto de Natal a Lu seria fácil.

— Como sabe essas coisas? — espantou-se Dora.

— Psicologia. Daquela que não se aprende nos livros, encontra-se nas ruas.

Após um minuto observando o convencimento irradiar-se por todo o corpo do detetive, Dora se levantou, sendo seguida por ele.

— O que pretende fazer agora?

— Invadir o covil da besta e ver se ela mostra os dentes.

Dora mostrou os seus, de uma forma que levou o detetive a sonhar com um banho de espuma. Por um triz, como mera retribuição ao sorriso, não lhe disse tudo o que Vanessa havia contado. Mas conteve-se pois, como bom mágico, sabia não haver aplausos para os que revelam os próprios truques.

Parado na esquina do covil brasileiro, o detetive examinou o prédio e seus arredores. Na praça em frente, um quiosque com cadeiras ao ar livre dominava o espaço. Um jovem, com aparência de proprietário, alimentava um pastor-alemão e distribuía tapinhas carinhosos em seu dorso. Andrade caminhou até os dois. O cachorro eriçou-se com sua aproximação.

— Desculpe, ele não costuma rosnar a ninguém. É muito dócil.

— É comum os cães reagirem assim quando encaram outro macho — comentou o detetive.

O rapaz, meio calvo e de barba bem aparada, afagou mais uma vez o cão e lançou uma bolinha para longe. O cachorro disparou atrás dela.

— O senhor é proprietário do barraco? — indagou o detetive.

— Do quê?

— Deste espaço de comercialização de comida de rua — traduziu Andrade, perdendo a paciência.

— Sou. Deseja alguma coisa?

— Sentar, para começo de conversa. E um café com bolinhos para acompanhar o resto da conversa.

O dono do quiosque foi para trás do balcão a fim de atender o pedido e o detetive acomodou-se. Divisórias à meia altura, removíveis, protegiam a clientela do vento frio. Um minuto depois, o rapaz trouxe o café.

— Eu sou detetive e estou investigando o assassinato de duas jovens que trabalharam nesse prédio em frente.

— Eu soube — disse o outro em tom mais baixo. — Foi uma tristeza. A primeira vítima eu não conhecia, já a segunda vinha muito aqui. Uma rapariga de bons modos, quieta. Comia um *hot dog* e um sumo, duas vezes por semana, na hora do almoço. O nome era Bernadete. Eu tive que perguntar, porque ela não falava muito.

— Ao contrário do senhor.

— É a parte divertida de ter um quiosque de bairro. Conhecer pessoas.

— Posso imaginar — disse Andrade, sem concordar. — E no dia em que ela morreu, ela veio almoçar aqui?

— Veio, eu já contei para a polícia. Perguntaram-me também se a vi sair do prédio, mas não, não vi. Há alturas em que isto aqui fica cheio. E eu, que estou sozinho, não tenho mãos a medir.

— E ela estava nervosa? Disse alguma coisa?

— Só disse: um cachorro-quente e um batido de banana.

O detetive remoeu o cérebro procurando lembrar-se de algo que ouvira havia pouco e sabia ser importante. Era algo ligado a esmiuçar o resultado da autópsia. Aflito, fez uma careta, enrugando os lábios e a testa, mas continuou sem encontrar o que procurava. O jovem quis ser gentil tentando resolver o problema que parecia incomodar o cliente.

— Não temos casa de banhos no quiosque, mas há um restaurante bem perto.

— Não seja inconveniente, rapaz. Vá lá fazer outro café, que preciso pensar. E, dessa vez, não esqueça os bolinhos.

— O senhor gostava de um bolinho de nozes para acompanhar o café?

A irritação foi convertida num arroubo alegre.

— É isso! Um bolinho! A tal Bernadete não pediu um bolinho de sobremesa?

O jovem sorriu.

— Não, nunca pedia nada além do *hot dog*. Já vinha com o dinheiro contado.

— Pedia cachorro-quente ou *hot dog*?

— Qual é a diferença?

— Saber se você é um jovem colonizado ou se ela era uma pobre pernóstica — grunhiu Andrade, levantando-se.

Tobias e Lorena estavam em casa e receberam Andrade com cortesia. Enquanto ele conduzia o detetive até a sala, ela ia à cozinha para fazer um café. De lá, Lorena saiu trazendo uma bandeja com os expressos e um pratinho com biscoitos de pacote.

— O senhor está em algum programa de intercâmbio com a polícia portuguesa?
— perguntou Tobias, curioso.

— Na verdade, eu estava na cidade representando o país num importante Seminário de Criminologia, quando a série de assassinatos começou. O homem certo, no lugar certo, na hora certa.

— A Bernadete, pobrezinha — disse Lorena. — Uma jovem sai do seu país para evitar a violência e é alcançada aqui. Quem poderia dizer....

— Eu — exclamou Andrade. — O infortúnio é parte do que se recebe numa chantagem.

— A Bernadete, chantagista? O senhor está brincando — duvidou Lorena.

— Sua ex-faxineira, a gorda, sabia o segredo da outra, a magra. Um segredo que tentou usar para chantagear o pai da criança.

— A Bernadete estava grávida? Eu pensei... — Lorena trocou um olhar divertido com o marido.

— Estou falando da magra — cortou Andrade. — A Lucicléia é que estava prenha. A Bernadete sabia o nome do pai da criança e morreram as duas por quererem faturar com isso.

— Acontece num país injusto como o nosso. As pessoas nascem sem oportunidades. — explicou Tobias.

— Engano seu. O Brasil é o país das oportunidades ilegais. Não precisavam emigrar para isso.

Os dois se entreolharam.

— O senhor é muito duro no julgamento das pessoas — avaliou Lorena.

— Sou eu que arranco a erva daninha dos jardins em que a elite passeia.

Tobias se ajeitou no sofá.

— O que o senhor precisa saber de nós?

— Como foi o último dia da Bernadete na casa de vocês?

A palavra foi tomada por Lorena.

— Um dia normal. Ela arrumou a casa e deixou uma comida pronta. Eu participei de um Skype com amigas no Brasil. Depois, Bernadete saiu para arrumar os apartamentos da Teresa e da Amélia.

— Ela comeu algo aqui?

— Não, ela almoça cedo, acho que num quiosque aí na praça, porque emenda o trabalho na casa da Amélia. Sabe que se chegar atrasada a Amélia a esgana — ela contou e deu uma risadinha.

Andrade abriu um sorriso de lábios cerrados, como uma esfinge impiedosa. Enquanto ponderava o que ia dizer, crescia a antipatia pela mulher. A escassa gordura era bem espalhada pelo corpo e seus cabelos eram curtos, um conjunto que ele associava a ambição desmedida e a falta de homem. O médico, seu marido, devia fazer ginástica em algum clube fino das redondezas, a bonomia da fala não ocultava a energia errática do desocupado precoce. Seria um candidato natural a buscar atrito na gostosinha mineira, como substituta doméstica das enfermeiras de que dispunha no Brasil para seu gozo.

— A senhora quer me dizer que aquele bolinho de carne humana não comia uns docinhos na sua casa? Difícil acreditar.

— Bem — refletiu Lorena —, quando tínhamos uma sobremesa que sobrasse, ela levava para casa.

— Lorena é mestre em tortas, detetive — Tobias disse e deu umas palmadinhas de congratulação na mão da esposa.

— Eu fiz uma torta de avelã, que Tobias ama, mas Bernadete não quis provar. Disse que estava indo almoçar.

Andrade arregalou os olhos, surpreso com a facilidade da confissão.

— Então, a senhora é uma especialista em tortas e seu marido é médico — pontuou o detetive, com a ironia caindo pelo canto da boca na forma de uma saliva espumante. — E me dizem que Bernadete, uma gorducha nacional, tinha hábitos franceses e não comia doce antes do salgado. Com certeza, para evitar sonolência no trabalho. Será que... talvez... ela não aceitasse uma provinha, ainda mais se a senhora pedisse a ela para passar por aqui antes de ir para casa? — provocou o detetive.

O casal acompanhou a digressão sem discordar nem responder. Lorena resolveu retomar o assunto do ponto em que parara.

— Eu tinha feito tortas menores, também de avelã, para Amélia e Teresa. Amélia veio pegar e a Bernadete fez o favor de entregar a de Teresa.

O detetive guardou o tema para futura reflexão e decidiu explorar outra abordagem para ver onde daria.

— Alguma vez as vítimas que trabalhavam aqui foram suspeitas do sumiço de alguma coisa na casa?

— Roubo?

— Em Portugal — Tobias bateu três vezes na madeira da mesa —, graças a Deus nunca fomos assaltados. E tanto a Lu quanto a Bernadete sempre foram moças corretas. De encontrar dinheiro em bolso e trazer para mostrar.

— Cães treinados também mordem — acentuou Andrade.

O casal pareceu desanimar diante da dificuldade de diálogo.

— Tobias foi roubado duas vezes no Brasil. A nossa clínica, outras tantas. Por isso decidimos ir embora — explicou Lorena.

— Que bom que puderam deixar o país entregue à própria sorte — reagiu Andrade, com desprezo.

— Se o senhor não precisa de mais nada — disse Lorena, levantando-se de cara amarrada.

Apesar de ser tocado para fora pelo movimento em cunha do casal, o detetive ainda conseguiu deixar a mensagem que precisava.

— Não se espantem se eu voltar aqui com meus colegas portugueses. Quem silenciou a Gorda sem graça, depois de matar a Magra engraçadinha mas ordinária, esqueceu de calar os últimos habitantes do pardieiro que coabitavam.

— O senhor pode se retirar. Por favor. Já! — explodiu Lorena, apontando a saída, com o rosto crispado.

— E vamos fazer os sobreviventes falarem o que sabem - gritou Andrade, antes da porta fechar na sua cara.

Depois de muito tocar a campainha do apartamento de Carlos e Teresa, o detetive desistiu. Com impaciência, esperou o elevador para fazer uma visita

surpresa aos moradores da cobertura, onde sabia haver gente durante o dia inteiro. Ao segundo toque, a porta foi aberta pela empregada africana, cujos modos suaves e seguros já tinham impressionado o detetive na primeira visita.

— Eu já estive aqui, conversando com os seus patrões. Sou o detetive Andrade e preciso dar uma palavrinha com eles.

Ela sorriu de modo quase imperceptível e com um leve movimento da cabeça, aquiesceu.

Ar de princesa africana, apreciou Andrade, ao ver o caminhar ereto da morena. Em poucos minutos ela retornou, para conduzir o detetive até a sala. Era mais formal do que a do andar de cima, deixando de lado a diplomacia do casual para esfregar na cara do visitante o que o dinheiro podia comprar: baixelas de prata, vasos chineses, tapetes persas, todo o arsenal de objetos que distinguiam o luxo do conforto.

Amélia surpreendeu Andrade fuxicando atrás de um quadro na tentativa de descobrir um cofre oculto porventura existente.

— O senhor gosta de pintura?

— Ah, desculpe. Pensei que tinha visto sinais de cupim na moldura.

Ela fez um gesto para que ele se sentasse.

— Meu marido está viajando. Em Angola.

— A passeio?

Ela lhe endereçou um sorriso de comiseração.

— Há melhores lugares, até mesmo na África, para passar dias agradáveis.

— Às vezes, surge a necessidade de um homem conhecer suas origens. O chamado biológico.

— Meu marido não é... qual o motivo da sua visita? — retrucou numa voz gélida, mas com olhos ardendo de raiva.

O duelo verbal foi interrompido pela empregada, que trazia uma bandeja de prata com potinhos carregados de *financiers* e variada doceria francesa, além de um estupendo bule de porcelana com café. A atenção do detetive foi atraída para a comida.

— O que veio fazer aqui? — repetiu a voz, uma oitava acima.

— Hã? Ah, suas ex-empregadas. Como a senhora deve saber, está havendo uma epidemia de mortes e o epicentro é o prédio construído por seu marido. A não ser que a Dandra tenha um cemitério vudu no cubículo dela para enterrar a concorrência, a polícia tem que considerar o óbvio.

O dedo fino, à semelhança de uma garra, limpou uma migalha que voara da boca do detetive, caindo caprichosamente na roupa de Amélia.

— Que seria... — ela perguntou.

— Além de serem amigas na vida mesquinha e sem graça, o denominador comum entre as vítimas é este prédio e o trabalho que aqui realizavam.

— O senhor não pode imaginar...

Um dedo roliço foi lançado na direção de Amélia, que se calou no susto.

— A Lucicléia estava grávida, a senhora sabia?

Ela se recompôs rapidamente.

— Era o gênero de moça que poderia ter engravidado em qualquer lugar — redarguiu, sem alterar a pose.

— Não posso discordar — assentiu Andrade, indeciso quanto ao rumo da conversa.

Sem encontrar um caminho, decidiu largar a isca imediatamente:

— Mas, além de aberta ao público, a moça era uma língua de trapo e acabou dividindo com as companheiras de cortiço a felicidade de ter um filho de um brasileiro sem ficha criminal. O CEP do “pailhaço” coincide com o deste prédio, não é interessante?

O olhar de ira desferido por Amélia convenceu Andrade de que o interrogatório caminhava para revelações cruciais.

— A senhora nega que a segunda vítima, Bernadete, comeu um bolo de avelã em sua casa antes de rumar para a morte?

— Não vejo relação nenhuma...

— Pode responder, por favor? — insistiu Andrade, peremptório.

— Eu peguei uma torta de avelã na casa da Lorena. Ela gentilmente fez, sabendo que meu marido adora.

— Ele não está viajando?

— Por isso a torta está esperando por ele, inteirinha, na geladeira. Não ia oferecê-la a uma empregada. Perdão, a uma empregada que não é de casa — corrigiu, apressada. — Era apenas uma arrumadeira eventual. O que a torta tem a ver com os assassinatos?

Naquele instante, apareceu na sala o filho de Amélia, para lembrá-la de um compromisso dos dois.

— O senhor estava em Lisboa no dia em que Bernadete subiu aos céus? — dardejou o detetive, enfurecido com a interrupção do rapaz.

— Quem é Bernadete?

— A faxineira que apareceu morta, Dudu — explicou a mãe, deixando escorrer mel das palavras.

Ele deu de ombros.

— Eu cheguei do Brasil ontem.

— Ponte aérea? — espicaçou Andrade.

— A mesma do senhor — replicou Amélia, em pronta defesa do filho.

Uma mirada dura de Andrade abarcou os dois suspeitos.

— Um alerta a vocês dois. Há gente ainda viva que, apesar de baixa escolaridade, sabe rezar o terço começando com o nome do pai. Em breve, quebraremos a resistência desta minha testemunha-chave e arrancaremos dela o nome do inominável filicida — concluiu como um lobo que espreita suas presas.

O detetive parou no meio da escada, entre os andares, para pôr as ideias em ordem. Na primeira casa havia descoberto que Lorena era mestre em tortas, portanto a pessoa ideal para ter drogado a empregada usando o sabor doce como disfarce para o narcótico. A faxineira balofa não tinha dinheiro nem disciplina para resistir a uma dose grátis de açúcar. A visita à cobertura, por sua vez, fora parca em novidades. O mais importante de tudo é que plantara em ambas as casas uma armadilha para o criminoso: a ideia de que havia testemunhas da paternidade infeliz que precisavam ser caladas.

Com cuidado, Andrade sentou-se num degrau, enquanto imaginava a fúria de um homem acostumado a trair a esposa, meticuloso como todo psicopata, ao saber que uma maria boleira o havia enganado como se ele tivesse o cérebro de

um jogador de futebol. Precisaria pedir o exame das camisinhas encontradas na bolsa da primeira vítima e, também, checar o álibi do marido de Amélia, Paulo. Vagarosamente, ergueu-se apoiado nos punhos e desceu o restante dos degraus para tentar de novo o apartamento dos ausentes. Tocou a campainha.

A porta foi aberta pela mulher de Carlos, Teresa, que deixou o detetive entrar após uma breve indecisão.

— Toquei várias vezes. Espero que não tenha interrompido uma celebração íntima. Sei o quanto a idade dificulta romper a inércia — disse Andrade, agressivo.

O comentário rude foi respondido por ela no mesmo tom:

— O peso também.

O desconcerto de Andrade permitiu que ela prosseguisse:

— Cheguei há pouco. Meu marido ainda está na emissora.

— O local onde a Lolita mineira estagiou — troçou o detetive, buscando retomar o controle da conversa.

A estocada ficou sem resposta. Uma estampa de desprezo havia se colado ao rosto dela.

— O que o senhor quer?

— Um pouco de honestidade entre dois compatriotas que honram o país no exterior com seu trabalho intelectual.

— Meu marido e eu...

— Estou falando de nós dois. A senhora é mulher, mas não tem o perfil de quem tolera sem-vergonhice na família.

Ela ruborizou.

— O senhor não imagina o quanto aquela moça era boa atriz. Podia ter feito sucesso se tivesse estudado arte.

— O crime é uma arte.

— Pode ser mesmo — concordou Teresa, comprimindo as pupilas num olhar mortífero. — Aqui dentro ela se portava como uma boa mineira, quieta de início, mas sempre prestativa, querendo trabalhar, aprender. Só soubemos da relação dela com minha filha quando já tinha virado dançarina. Letícia ficou devastada quando elas romperam. Foi aí que soubemos das duas...

A voz de Teresa sumiu, embargada. O detetive fingiu estar compungido. Um clima cordial vinha a calhar enquanto desembulhava a maçã para ser mordida.

— Eu compreendo a dificuldade de ver as duas pessoas amadas serem envenenadas por uma cascavel disfarçada de minhoca da terra. É uma atenuante irresistível para um tribunal. Vê-se que agiram em legítima defesa da honra familiar. Não acredito que parem um dia sequer na prisão. Com a fama que teriam como vingadores morais, até poderiam pensar numa carreira política em parceria com milicianos. Mas não vou ensinar padre-nosso ao vigário, vocês trabalham no ramo.

A surpresa acordou Teresa do transe.

— Do que o senhor está falando?

— Do triângulo trágico que envolveu pai e filha, arrastando a senhora no meio. Quantos mais tiverem participação no crime, mais claro se torna que foi em defesa da família. Quem sabe não poderiam pensar na criação de uma ONG em defesa da tradição, família e propriedade? Dessa vez, sem incluir os mineiros.

— O senhor está nos acusando? Eu entendi bem?

Andrade a encarou com desejo de sangue.

— O seu marido não esqueceu a boneca de dendê, a pimentinha ardida, e foi atrás dela na boate em que trabalhava. A filha avariada, o filho indesejado e o desejo maldito cegaram o casal. Um crime premeditado, mas compreensível e tolerado pela jurisprudência moderna. Vale lembrar que no direito “comércio-penal”, sendo a primeira a confessar, a senhora pode acumular outras vantagens.

O detetive esperou que sua oferta fizesse efeito. Um sorriso débil iluminou Teresa:

— Meu marido e eu somos adultos. Ele já me falou que ia àquela boate com clientes da emissora. Isso é comum nos negócios.

A resposta pegou Andrade de surpresa. Não esperava uma confissão tão pronta.

— Que o seu marido fazia compras no magazine Lu nós já sabíamos.

As faces de Teresa viraram pedra.

— O que o senhor quer saber? — ela despejou impaciente. — Já conversamos com a polícia portuguesa. No dia da morte de Bernadete, eu estava em casa o dia

inteiro, escrevendo. Carlos teve uma reunião fora. Estava com produtores portugueses, basta confirmar.

— Eu não vim aqui ouvir ramerrame, minha senhora. Eu sei por experiência própria que todo criminoso tem um álibi.

— O quê?

Algo pareceu romper-se e Teresa relaxou, dando espaço a que um sorriso aflorasse. Era uma mulher que Andrade não levaria a uma banheira, mas tinha encanto para uma ducha rápida.

— O senhor não se interessa por fatos numa investigação? — perguntou, curiosa.

— Fatos são as peças que usamos para montar um quebra-cabeça do qual já conhecemos a figura — consignou, imponente.

— Interessante — ela reagiu com ironia. — A questão é que meu marido e eu não poderíamos cometer o crime, já que estávamos em outro lugar.

— Pareciam estar. No momento, o que salta aos olhos é que seu marido era frequentador do circuito de carnes frescas da noite lisboeta. E que teve, por muito tempo, contato diário com o fruto mais cobiçado dessa macieira luxuriante.

— Meu marido não é um homem de apetites insaciáveis — revelou ela, com uma ponta de amargura.

— Talvez goste da fruta ainda verde — aguilhoou Andrade.

Ela abandonou o ar civilizado.

— Se o senhor não tem mais nada a perguntar, tenho que voltar ao trabalho — anunciou, insinuando levantar-se.

— Tenho, sim, ou não estaria aqui. O que foi feito do bolo de avelã que lhe foi dado pela vizinha?

A perplexidade tomou seu rosto.

— Bolo de avelã? O que tem isso a ver com o crime?

— A senhora tem o direito de permanecer calada — desafiou o detetive.

— Carlos comeu o bolo. Ele ama aquilo, não sei como — disse, mostrando não compartilhar do gosto do marido.

— Inteiro?

— Todo. Sozinho.

— E o prato, onde está?

— Foi lavado, é claro.

A chegada de Carlos interrompeu a sequência de perguntas.

— O que o senhor faz aqui? — questionou ele, furioso, ao ver Andrade.

— Esperava pelo senhor, conversando com a primeira-dama sobre a segunda-dama — atçou o detetive, pondo-se de pé.

O homem tinha fios pontudos nas sobrancelhas volumosas e não aparentava a sociabilidade cordial do primeiro encontro. Ignorou Andrade, postando-se na frente da mulher. Num tom doce, mas que não escondia a irritação, tomou o queixo da esposa numa mão, balançando-o suavemente, e disse:

— Teresa, eu conversei com a polícia portuguesa. Este aí não é um policial envolvido na investigação. É mais um brasileiro que não sabe o seu lugar — e, virando-se para Andrade, prometeu, vibrando o globo ocular: — Se o senhor não sair neste minuto, vou chamar a polícia e dar queixa de assédio.

Um drogadito da televisão, pensou Andrade, sem despregar os olhos de Carlos, cujas sobrancelhas tremiam. A revolta cegava o detetive ao responder:

— Eu posso não saber meu lugar no sistema judicial português, mas sei que o seu é atrás das grades. A doméstica sexual não contou seus segredos apenas para as orelhas grandes da amiga. Ouvidos mais dignos presenciaram a revelação do nome do pai do bastardo e breve terei a cabeça dele numa bandeja.

A noite caía cedo em Lisboa naquele início de inverno, antes mesmo das seis. Caminhando para casa, o detetive sentia o peso dela sobre os ombros. Não tinha muito tempo para conseguir que o casal confessasse o duplo homicídio. O melhor seria poder levá-los ao Brasil e lá submeter os dois a um interrogatório decente. Num país estrangeiro, com a autoridade tolhida pela polícia local, tinha de conduzir a investigação com dedos verdes, plantando armadilhas ao invés de arrancar o mato que escondia o criminoso. Ao menos a inspetora Dora havia demonstrado inteligência suficiente para reconhecer seu gênio. Através dela, poderia manipular o inspetor-chefe, homem cujo espírito turrão e invejoso,

tipicamente ibérico, era impermeável à evidência de que só havia um caminho para interromper o banho de sangue: seguir Andrade sem pestanejar.

O detetive estava certo de que sua ausência do território português dera coragem aos criminosos para tramar o assassinato de Bernadete. Não contavam com seu retorno e agora, vendo o cerco se fechar sob a batuta de seu tirocínio certo, deviam estar com a garganta seca, desesperados, à beira de um ataque de nervos. Ainda que amedrontados por sua presença intimidadora, teriam de morder a isca que deixara à tarde nas conversas com o círculo de brasileiros no qual fatalmente se encontrava o assassino. Precisaria avisar à inspetora Dora que Tonho ou Vanessa corriam perigo.

Com os pensamentos revoltos, Andrade desceu a longa Avenida Fontes Pereira de Melo apreciando as vitrines que começavam a se vestir para o Natal. Se bem recordava, a avenida terminaria na Praça Marquês de Pombal e dali, num tiro reto, chegaria ao Rossio, descendo a Avenida da Liberdade. Poderia tomar um café no restaurante em que trabalhava seu informante número um. Num rompante, mudou de ideia. Sacando o celular, para o qual havia comprado um chip português, marcou um encontro com a sua informante número dois.

Vanessa chegou apressada, exalando bom humor. Seus cabelos tinham novos cachos e o resto do corpo era escondido pelo casacão e o lenço volumoso. Entrou no apartamento sem fazer menção de roubar um beijo, frustrando Andrade.

— E então, como está a investigação? — perguntou ela.

— Avançando. Já tenho dois suspeitos sob escrutínio. Você não conseguiria mesmo reconhecer o sujeito que ameaçou a Lucicléia na boate?

Ela balançou a cabeça, com tristeza.

— Pode ser. O problema é que tava escuro demais no canto em que conversavam. Só via a mão dele pegando o queixo dela e balançando — ela olhou ao redor. — Tá frio aqui. Se não tem calefação, vou ter que aquecer num corpo amigo — disse, mordendo os lábios.

— O quê!? — Andrade adiantou-se sobre Vanessa com um olhar de louco.

Assustada, ela segurou a bolsa em posição de defesa.

— Não se faz de difícil que tu gostou foi muito da primeira vez. Safado! — gritou, empombada.

Andrade abanou as mãos freneticamente. Havia visto, poucas horas antes, Carlos balançar o queixo da mulher, Teresa. O mesmo gesto!

— Não é nada disso que você está pensando! Qual foi o gesto que o homem fez na boate? Repete!

Ao invés de repetir a frase, ela pegou o queixo de Andrade e o balançou, confirmando a impressão de que havia encontrado o homem que procurava. Vanessa o largou ao ver que as faces do detetive se transfiguravam numa máscara de maldade.

— Ai, que essa cara me dá é tesão! — ela o fitou, estremecendo de frio ou desejo.

O ambiente gélido, com a calefação desligada, não recomendava a confiança demonstrada pelo detetive ao abrir o cinto e se pôr de cuecas. Certo de que tinha o caso resolvido, decidiu dispensar a informante de suas funções originais e colocá-la a trabalhar em outras.

— Você tem que aquecer para ligar?

Ela lançou o casacão ao chão e foi tirando o pulôver e a camisa. Ficou de calça, com os peitos saltitando.

— Vem botar lenha na fogueira e depois vê se não arde — desafiou Vanessa, com a língua de cobra ciscando o ar, antes de correr para o quarto.

Por um brevíssimo instante, a imagem da quase namorada, Suely, cruzou sua mente, mas a atração da carne fresca falou mais alto.

Depois de uma rodada de travessuras pesadas, a língua extenuada do detetive ainda teve forças para puxar um diálogo:

— Eu vou precisar de um favor seu — disse a Vanessa, cuja cabeça pousava em sua pança.

— Já me pôs na boca do sapo. Agora é o quê?

— Quanto mais cedo acabarmos com isso, mais segura você fica.

— Tua mulher é braba? Também sou.

— Estou falando da investigação. Você precisa dizer tudo o que sabe...

— Já te falei tudo — protestou, chateada.

— Não mencionou para os portugueses o gesto que o condena.

Durante a madrugada, voltaram a falar do caso. Vanessa havia acordado com queixumes:

— Pobrezinha da Lu. Ela queria muito ter um filho. Mas só de um pai legal. Fez mais de três abortos, sabia? Dessa vez, não. Achava que o pai era um cara legal, que ia largar a mulher por ela, e acabou assim, estripada que nem uma galinha...

Vanessa socou de leve o braço de Andrade.

— Você tá me ouvindo?

— Claro — respondeu o detetive, agora atento. — É que você me tirou de um sonho...

— Que sonho?

— Nós dois, dançando um bolero, agarradinhos.

— Eu não sei dançar direito, não. Mas, falando da Lu...

Ele deixou as palavras de Vanessa continuarem a cair nos seus ouvidos enquanto se concentrava na ideia essencial de todo o falatório. Uma ideia que sempre estivera em seu inconsciente fazia tempo, maturando, e afluía agora com a força da verdade mais pura. A galinha estripada queria um filho de um galo de raça para atender à suprema ambição dos malnascidos: corrigir a origem indigente na geração seguinte. Não podia imaginar que seu desejo fosse um pesadelo intolerável para os bem-nascidos e que eles, tanto o pai da criança quanto a legítima esposa, fariam qualquer coisa para evitar um filho bastardo rondando a família.

Não estava caçando um lobo solitário, mas uma matilha de dois.

ÀS DEZ horas em ponto, a inspetora Dora apareceu na pastelaria. Andrade já a aguardava entre xícaras de café e pastéis de nata. Os cabelos castanhos haviam sido acomodados num rabo de cavalo, deixando seu pescoço elegante à mostra. A nuca, coberta por um cachecol de seda, só podia ser imaginada, e o detetive gastou um tempo fazendo isso.

— Tinha um outro caso em andamento — ela explicou, sentando-se.

Um garçom voou ao encontro dela, que pediu um chá.

— Como estão as investigações?

— Num beco sem saída. Não encontramos nenhuma testemunha, nem registro do caminho de Bernadete até o local onde morreu. Nem táxi...

— Ela foi carregada pelo assassino — afirmou Andrade, com convicção.

— Pode ser. Mas os casais brasileiros têm álibis sólidos. O motivo mais provável para o assassinato, ocultar o nome do pai da criança que Lucicléia carregava e calá-la, não nos levou a lugar algum. E um muro de silêncio parece cobrir tudo. Mesmo o gerente que está colaborando connosco, nega ter qualquer informação sobre a morte delas.

— A morte convida os covardes ao silêncio e deixa os bravos falando sozinhos.

— Acho que sim.

A expressão professoral nas feições do detetive indicava que ele tinha algo importante a revelar. Usando a modéstia como arma para destacar a relevância de seus feitos, falou:

— Talvez minhas atividades de ontem possam, quem sabe, ser de alguma ajuda. Eu estive com o informante que viu um homem ameaçando Lu na boate e registrou um tique particular do sujeito, que comprovei ser o *modus operandi* usado pelo brasileiro Carlos na intimidação das mulheres. E o bolo de avelã usado para disfarçar o gosto do narcótico só pode ter sido ingerido na casa em que Bernadete fez o último serviço, ou seja, na casa de Carlos.

— O senhor Carlos estava numa reunião fora. Nós confirmamos com duas testemunhas idôneas. E o trajeto do telefone prova que regressou à casa. Nós verificamos. Esse informador... está disposto a testemunhar?

— Vamos ver. Mas, voltando ao assunto, acho que a mulher, Teresa, poderia arrastar sozinha um corpo desacordado.

— Ela ficou em casa.

— O celular dela ficou — troçou Andrade.

— Também há registos de que fez compras de casa, pela internet, uma hora depois da saída de Bernadete.

— Internet... A tecnologia é uma faca de dois gumes. Na minha vasta experiência, se é que ela vale algo — ressaltou a modéstia —, vejo, cada vez mais, a tecnologia como um instrumento para criminosos criarem pistas falsas. Nunca se esqueça, inspetora, de que é o criminoso que planeja o crime e deixa as “pistas”.

Dora se calou, avaliando a afirmação.

— E como... — ela principiou, sendo cortada pela voz solene do detetive, uma voz que ganhava volume e autoridade aos primeiros sinais de concordância alheia.

— Esse é um crime de parceria. Um homem e uma mulher que dividem uma vida fantasiosa num ambiente cheio de ególatras, dominados por excessos imaginativos e poucos freios morais: a televisão. Um casal que já perdeu uma filha para o mundo multigênero, que advoga o sexo livre *pero* possessivo e rejeita ferozmente o bastardinho que vai nascer. O homem sai para sua reunião, enquanto a mulher engambela Bernadete, dizendo que aceita a chantagem dela e vai pagar por seu silêncio. Aproveitando a fraqueza por calorias da “Willy” domesticada, a entope de bolo narcotizado. Enquanto Bernadete dorme, Teresa, deixando o próprio celular em casa, leva o da vítima até um local no caminho da cena do crime, onde o larga, retornando para casa. O marido volta da reunião, pega o corpo desfalecido, bota no carro e o leva até a cena do crime, parando no caminho para pegar o celular da vítima. Teresa, nesse momento, está fazendo compras pela internet, para mostrar que está em casa.

A boca aberta demonstrava que a inspetora acompanhava o raciocínio do detetive com atenção. Ainda pasma com a história absurda que podia fazer sentido, ela assentiu com vagar.

— Pode ter sido assim — ponderou, ainda confusa.

— Foi assim. Uma busca na casa do casal “matador e matadora” e um interrogatório bem dirigido devem bastar para encerrar o caso.

Dois olhos faiscantes o miraram com silencioso respeito. Aos poucos, conforme os segundos passavam e ela ia refletindo sobre o assunto, Dora foi desanimando.

— Eu vou falar com o inspetor Oliveira, contudo sei que ele vai dizer que faltam indícios. Se pudermos contar com o testemunho do seu informador de que Carlos esteve na boate e discutiu com Lucicléia, aí, sim, acho que ele concordaria — concluiu, num tom cúmplice e sedutor.

Vendendo caro a anuência, que já tinha acertado com Vanessa, o detetive demorou a responder:

— Não vai ser fácil, mas prometo convencer meu informante a sair das sombras para a luz, desde que possamos dispor de uma vaga no programa de proteção a testemunhas portugueses.

Sem muito o que fazer além de aguardar o interrogatório de Vanessa pelos policiais portugueses, o detetive dedicou a tarde livre a um passeio pela orla do rio Tejo na direção da Torre de Belém. Uma ciclovía extensa e bem tratada percorria toda a distância até lá. Curioso e disposto a provar sua boa forma física, alugou uma bicicleta elétrica extragrande, cujos pneus ultragordos pareciam feitos para sustentar turistas de países com abundância de comida. Ao fim, havia adorado o passeio de duas horas, no qual cruzara com vários museus próximos ao rio e parara para admirar a Torre. Pelo caminho, o deslizar de sua figura semelhante a um urso de circo provocara tantos sobressaltos em turistas distraídos que Andrade se prometeu repetir a dose antes de deixar a cidade.

Ele retornou ao hotel mais leve, com gosto de infância na boca pelas horas de pura diversão e pelo sorvete de chocolate em palito. Refestelou-se no sofá da sala para ver TV e foi ali que a ligação da inspetora Dora o encontrou. Segundo

ela, Vanessa resistira muito a falar o que sabia. Por fim, acabara confessando ter presenciado a discussão entre um homem e Lu na boate. Dera detalhes, como o fato do homem segurar o queixo de Lu e o balançar. A confissão voluntária de que ela, Vanessa, tivera um breve relacionamento com Vlad, demonstrara sua honestidade de propósitos, dando prova suficiente de sua credibilidade.

Isso, somado à identificação, por Andrade, do gesto incriminador de Carlos e à sua hábil reconstituição de eventos, que abria uma brecha no álibi do casal, diminuiu a resistência do inspetor-chefe a chamar o brasileiro para um interrogatório e pedir um mandado de busca e apreensão em sua residência, conforme recomendara o detetive. Para Dora, agora, era uma questão de tempo até que seu indeciso chefe cedesse. A notícia ruim era que o inspetor-chefe continuava decidido a não contar com a ajuda do detetive em nenhum interrogatório.

Assim que desligou, Andrade entrou em contato com Lurdes, no Brasil.

— Como está tudo, inspetora?

— Chefe! — ele recebeu o grito, afastando o fone do ouvido. — Estou na rua atrás de um tal Marivaldo, que trabalhou na relojoaria e o dono acusou de roubo, lembra?

Pouco havia de bom na lembrança, pensou o detetive, franzindo os lábios.

— Espero que esteja aproveitando a experiência de liderar uma investigação importante como essa.

— Estou adorando, chefe! E como está o caso aí?

O entusiasmo dela provocou um sentimento de abandono ao qual ele reagiu de pronto.

— Em vias de terminar. Você me conhece, inspetora. Mesmo com os obstáculos criados pelo inspetor-chefe, continuo inabalável. Espero entregar os assassinos numa bandeja aos portugueses.

— E... — a reticência foi eloquente — ...o senhor tem visto a inspetora Dora?

— Hum, às vezes, por quê?

— Nada, não — a resposta foi tibia.

Sair do armário para os braços de uma policial de cinema seria um privilégio que Andrade não desejaria a uma filha, ainda que postiça, como Lurdes. Uma

aventura passional malsucedida, com uma mulher de pedestal como aquela, poderia deixar sua protegida encolhida para sempre num canto do armário. A inspetora Dora era mulher para ser traçada conforme o projeto divino, comida com garfo e faca e não sorvida com uma colher. Não era homem de preconceitos, mas se opunha a desperdícios.

Ao desligar, após uma declaração afetuosa de Lurdes, a solidão do estrangeiro abateu-se sobre o detetive. Não queria falar com Suely, receoso de que ela, por algum sexto sentido feminino, intuísse seu *affair* com Vanessa. Na noite em que estivera com a quase namorada, durante a curta estada no Rio de Janeiro, Suely encrencara com a voluptuosa cabeleireira durante a descrição que fizera do caso.

— Qual é a dessa amiga da morta? — perguntou Suely, cheirando interesse.

— Que amiga?

— Não se faz de bobo. Tô falando da cabeleireira beijuda de nariz empinado, de que tu me falou aí.

— Ah, a tal Vanessa — disse, sem graça. — Mulher de bandido, doçura. Se o cigano não morre ela ia em cana com ele.

Suely chispava.

— E tu só pensava em botar uma algema nela, né?

Andrade assentira, descuidado. O pulo de Suely o pegara desprevenido e ele teve trabalho para evitar suas unhas afiadas. Demorou um tempo para o fogo baixar a uma temperatura que desse para soltar a quase namorada e dar início a um chamego verbal.

O detetive ligou a TV num telejornal. O convívio com seu Osório, da padaria, lhe treinara o ouvido para o “dialeto” português. Logo, no entanto, o desfile de notícias insossas e a ausência de violência o fizeram trocar para um filme policial com carros em disparada e tiros matraqueando na tela. Vendo as imagens do cotidiano tão conhecido, a saudade bateu de novo.

Ao terminar o filme, decidiu tomar um banho e sair para comer no Centro Histórico. Era uma descida de pouco mais de um quilômetro, um caminho que percorreu pensativo, congratulando-se mais uma vez pela coragem moral de abandonar o sucesso fácil que alcançaria lançando a culpa sobre o cigano

peçonhento para avançar resolutamente pela árdua tarefa de justificar um membro da poderosa elite de expatriados brasileiros. Era a sina de defender a justiça que, aos fracos, dava uma sensação de âncora e a ele, detetive Andrade, a leveza dos pássaros.

Poucos minutos mais e chegava à Praça Martim Moniz, onde letreiros em ideogramas chineses mostravam que a área ia sendo tomada gradualmente das mãos dos africanos para as dos orientais. Da praça, o detetive seguiu para a Baixa de Lisboa, deparando-se com o universo efervescente do turismo de baixa renda. Brasileiros de todas as idades e jovens americanos e europeus se atropelavam. Ao se aproximar do Terreiro do Paço, à beira do Tejo, um negro encapuzado perguntou-lhe, de maneira delicada, se desejava heroína.

— Eu tenho cara de santo pra querer alucinar? Fora daqui! — urrou, com voz cavernosa.

O rapaz correu para longe, assustado.

Cansado da descida, Andrade foi buscar abrigo na Praça da Figueira, no café que servira a última refeição a Lucicléia. O garçom brasileiro, seu informante, Lourival, o atendeu. Ver um rosto familiar, que não podia protestar inocência, reanimou o detetive.

— Se o meu rei quer novidade, não tem, não. A pessoa da turma da Lu não ligou mais. Também, se eu mudei de telefone como é que ia ligar, né? Mas não apareceu ninguém e se aparecer digo logo que tenho contrato de exclusividade com a turma do senhor... como é mesmo a vossa graça?

— A minha graça vai ser a de ver a sua cara entupida de cimento se não cumprir o prometido. Eu preciso de informações sobre a turma da Lu. E se tiver de voltar aqui para conseguir isso vai ficar ruim pra sua graça.

Lourival deu um olhar preocupado para as redondezas e se curvou com jeito de quem ia contar um segredo.

— Eu soube que mataram outra menina brasileira. Uma amiga da Lu, a Bernadete.

— Que bom que aprendeu a ler. E pode ficar tranquilo que ainda não é caso de brasofobia. O pessoal aqui tem medo de árabe. Não sabe o mal que vocês podem fazer.

— Hi, o pessoal aqui adora brasileiro — contestou, alegre.

— Você conhecia a Bernadete?

— Não é bem conhecia. A Lu trouxe ela uma vez aqui. Mas a moça não era muito de conversar.

— E essa que veio aqui, a Bernadete, tinha a mesma voz da sócia que te ligou?

— Nem deu pra ouvir a voz da sócia direito no telefone. Tava disfarçando, nem dava pra saber se num era homem. E essa Bernadete, quando veio aqui, só falava com a Lu bem baixinho. Muito roda presa. Eu precisava levar ela pruma dança que tem em Lumiar, pra ela se soltar legal. Nesse lugar...

— Pode parar que só de pensar num frango de macumba soltando as penas num salão me dá engulhos. Você sabia que a Lu estava grávida?

Lourival apertou os lábios, indeciso.

— Num sabia, não.

O gesto deu a Andrade a sensação de que ele mentia.

— Mentira de pobre tá sempre na ponta da língua. Vai lá dentro e me traz um café, rapaz. Junta uns doces do que tiver de bom. E quando estiver lá, longe das minhas vistas, pensa no seguinte: eu quero o nome do pai do bezerro que tava pra sair pelo umbigo da vaca.

O rapaz saiu ressabiado. Quando voltou com o café e os doces tinha uma história pronta:

— Eu ouvi uma conversa no dia em que elas vieram aqui. Não ouvi nome, não, mas essa tal de Bernadete aumentou a voz, por isso ouvi, quando perguntou pra Lu: “Ele é o pai?”. A Lu fez que sim com a cabeça. O nome do cabra, mesmo, não sei, não.

Andrade coçou a barba por fazer que lhe acentuava o aspecto de sujeito afeito a barbaridades.

— Vou dar um dia para você substituir o fio que liga seus dois neurônios.

— Não sei o nome, meu rei. Juro por Xangô, meu protetor — invocou Lourival, empalmando as mãos, numa súplica.

O detetive torceu o pescoço com indiferença para, em seguida, enfiar um pastel de nata inteiro na boca, devorando-o com duas bocadas. Depois, deixou uma

nota sobre a mesa e se levantou. Um dedo lambuzado adiantou-se até o nariz do outro:

— Para sobreviver sem memória só tem um remédio.

— Qual?

— Costas quentes.

Andrade bateu nas costas dele e olhou para as mãos.

— As suas são frias — declarou, ameaçador.

De volta ao apartamento emprestado, de cuecas e camiseta regata, o detetive se deixava embalar por um fado de uma rádio local, soltando a voz para matar as saudades das aulas de canto que fazia no Brasil.

— ...tudo isto existe, tudo isto é triste, tudo isto é fado.

O telefone o interrompeu quando pegava o timbre da Amália Rodrigues.

— Quem é? — berrou, irritado.

— Inspetora Dora.

— Sou eu — devolveu, aturdido e suave. — O detetive Andrade.

— Eu sei porque estou a ligar — garantiu ela, soando irônica. — Tenho novidades.

Andrade fungou, contendo o ímpeto de retrucar.

— Como vai? Já conseguiram a confissão? — perguntou surpreso.

— Pois, de facto, há novidades. Trouxemos o suspeito, senhor Carlos, para um depoimento. Ele reafirmou o álibi anterior e...

— Eu já expliquei a mecânica do álibi dele e da mulher — cortou Andrade, impaciente.

— O problema é que a mulher, Teresa, não pode ter levado o telefone até o meio do caminho, onde o sinal dele ficou estacionado. Ela não sabe dirigir, não tem carteira e checamos táxis e transportes públicos.

Estupefato, o detetive trocou o celular de orelha.

— O quê?

— Ela não tem carta de condução. Nunca tirou. Além disso...

— Conversa-fiada. Ela podia ter ido a pé.

— ...além disso, as compras feitas na internet lhe dão um prazo muito apertado para ir e voltar a pé.

— Pouco tempo é suficiente com a adrenalina correndo na veia. Se eu estivesse aí, a esta altura teria uma confissão assinada — resmungou, indignado.

— Talvez, mas ainda vamos confirmar se eles não usaram aplicativos de carros. Caso não tenham utilizado, o inspetor-chefe pretende desconsiderá-los como suspeitos. De qualquer modo, tenciona cumprir o mandado de busca no apartamento deles, por segurança.

— Melhor assim. A família Monstro vai ser surpreendida quando invadirmos sua toca. E quem seu chefe tem como suspeito para substituir os dois?

— Não temos nenhum.

Andrade tomou um susto.

— Que tipo de polícia é essa que não tem um suspeito na mira?

— Ahn?

— Inspetora Dora, uma investigação só avança, como os cavalos, com chicote e cenoura. O chicote é para dar nas testemunhas, e a cenoura é o suspeito, para onde guiamos a investigação.

— Isto é... do manual brasileiro?

— Do seu também. Na Inquisição já era assim.

Andrade bufou, tentando se acalmar.

— Eu conversei com outro informante hoje e tenho certeza de que a direção que indiquei a vocês é a correta.

— O que seu informador contou?

— A Lu deu a Bernadete o nome do pai da criança.

— Quem é o pai? — indagou Dora, excitada.

— O informante não sabe... ainda. Deixei-o no ponto para recuperar a memória ou chorar.

— Então, os crimes estão mesmo ligados.

— Como eu já havia antecipado.

— Detetive... o inspetor-chefe Oliveira está... desesperado.

Um sorriso horrendo se derramou pelas faces de Andrade.

— Eu não entregaria os pontos com essa facilidade — afirmou com confiança.
— A toca dos brasileiros deve esconder muitos segredos. Não se esqueça do sucesso que tivemos na boate erótica. Sempre há galhos a balançar. De um deles, eu sei, cairá a fruta podre dessa árvore.

— O que podemos fazer mais?

— Eu preciso organizar meus pensamentos e elaborar uma agenda de ações. Vou precisar de ajuda. A Lurdes está no Brasil e preciso de alguém para servir de eco aos meus raciocínios.

— Eu posso ir para aí mais tarde se for de ajuda — ofereceu-se Dora.

Os olhos de Andrade sumiram nas órbitas.

— Seria bom demais.

— Ahn?

— Não precisa trazer nada, inspetora. Pode ser em uma hora?

— Vou precisar de mais tempo. Tenho um compromisso antes.

— A hora que vier começamos.

Enquanto falava, a malícia sulcava o rosto do detetive.

A inspetora Dora apertou a campainha muitas horas depois. Levava um vinho, toda a beleza que tinha e pupilas contraídas. A opacidade dos olhos, normalmente brilhantes, tresandava a álcool. Muitas mulheres precisavam da bebida para tomar coragem, pensou Andrade, satisfeito com a constatação de que ela chegava com más intenções. Cortês, ele se ofereceu para ajudá-la a tirar o casaco, pendurando-o no gancho da entrada. Na mesa da sala, arrastada para um canto, o detetive havia colocado talheres, pratos, vários queijos que o indiano tinha no estoque e os frios de ocasião. Tomara um banho duplo e um aroma adocicado do perfume dado pela quase namorada, Suely, pairava a seu redor. A calça, de veludo cotelê marrom, viera na mala, em busca de um momento especial como aquele.

Ele a avaliou com interesse, enquanto ela ajeitava a saia. Usava botas longas, pretas, uma camisa de seda fácil de abrir e um pequeno casaco felpudo, sem mangas.

— Não quer tirar o casaco também? — sugeriu Andrade.

Ela acenou com displicência.

— Não, estou bem — disse com voz lenta.

Andrade foi à mesa, seguido por ela, e serviu duas taças.

— Acho que não vou beber — ela disse, dando uma risada rouca. — Passei antes num bar para conversar com uma amiga e já bebi um pouco. Acho que dá para notar.

Ao dizer isso, Dora franziu o nariz, como uma garotinha, e o detetive derreteu-se, encantado. Ela continuou:

— Esquece, você não quer saber da minha vida, quer saber da investigação. Não temos nada. O senhor Carlos confessou que teve suas aventuras com a Lu, mas que tomava precauções. O álibi do casal é forte o suficiente para o inspetor-chefe. E ninguém viu Bernadete depois de ela ter terminado o último serviço.

Dora se aproximou mais do detetive, pestanejando os cílios longos.

— Você vai me dizer quem são seus outros informadores?

Andrade firmou os pés para aparar o encontro, que não ocorreu. Ela parou a uma distância pequena.

— Ao final da investigação, deixo-os como um presente. A você — soprou as palavras na direção dela, e pegou um prato.

Com um andar de passarela, Dora foi em direção ao sofá. O arrastar da saia contra as nádegas firmes e proeminentes provocou uma comichão no detetive, que a observou sentar-se e morder uma torrada com vagar, envolta num ar misterioso, agravado pelos olhos embaçados. O corpo oscilava docemente, como uma folha soprada pela brisa. De repente, ela pareceu lembrar algo e sorriu.

— Nós mantivemos a vigilância sobre os dois amigos das vítimas, como sugeriu. As iscas.

— E? — perguntou ele, caminhando até ela.

— A mulher, Vanessa, veio até um certo apartamento nos Anjos.

A surpresa torceu os lábios de Andrade.

— Ela passou a noite no apartamento — continuou Dora, sorrindo maliciosamente e estendendo as pernas de um jeito lânguido. — Deve ter contado uma longa história. Mas pode ficar tranquilo que sua intimidade não vai ser mais invadida. O inspetor-chefe cancelou a vigilância. Falta de pessoal.

O detetive deu um gole apressado no vinho para não se lançar sobre ela e arrancar o sorriso com um beijo guloso e molhado. Então, os policiais portugueses sabiam de sua aventura. Pensaria nisso mais tarde. Era hora de bancar James Bond. Soprar as chamas para o fogo subir. Com os olhos prometendo o prazer menos casto, fez o vinho girar na taça, examinando-o.

— No Brasil, tenho outros meios para amaciar os informantes. Aqui... — justificou-se, descendo o olhar para o próprio corpo.

Ela se sobressaltou ao seguir a direção do olhar até a virilha dele. Aprumou-se no sofá, cortando o clima.

— O senhor disse que queria minha ajuda para avaliar o caso.

Ele pousou o vinho, desconcertado com a mudança de tom. Aparentemente, as portuguesas eram mais pudicas, com o instinto animal entorpecido pela educação religiosa. Daria a ela um tratamento bipolar.

— Vamos fazer o seguinte, você descreve o que sabemos da investigação enquanto deixo minha mente fazer as associações que vão nos levar à solução de tudo.

Ela assentiu, tentando manter a concentração. Quando falou, a língua parecia enrolada:

— Em primeiro lugar, Luci... a que morreu primeiro, a primeira vítima. Era uma mulherzinha que se casou com um velhote para ficar no país. Foi mulher a dias, dançarina e depois empresária dessas coisas — mexeu as mãos... — sexuais, de sexo. Namorou durante um tempo o Vlad e morreu grávida. Ah, tiraram tudo de dentro dela...

— Um momento — um dedo roliço subiu. — Um traço importante dessa Lu é que ela já tinha feito abortos anteriormente, mas dessa vez queria manter o bebê. O que indica que o bastardo era de boa origem. Isso aponta na cara dos expatrões. Não era com a turma do Vlad que ela ia azular o sangue borrado da criança.

— Você não tinha falado desses abortos — reclamou Dora, balançando um dedo, graciosamente. — Esconde-me factos de mim. Não é justo.

Ele sorriu, cheio de si, levando a barriga ao peito.

— É que a noite com a informante foi longa — respondeu, grudando uma expressão cabotina sobre a pele quente de desejo.

Em meio às brumas que turvavam sua mente, Dora não conseguia afastar a imagem do encontro que tivera antes de chegar ao apartamento: a frieza com que Roberta, a artista plástica brasileira que ela namorava havia dois anos, revelara estar partindo para um novo relacionamento. Um adeus simples e seco. “Por quê?”, ela tivera forças para perguntar. “Você é muito careta”, fora a resposta displicente da outra.

Dora sorriu para o detetive, sentindo a agulhoada das palavras de Roberta ainda picando sua pele. Ali, diante dela, estava alguém cujos traços repugnantes saltavam à vista: olhos miúdos, pescoço taurino e peludo, expressões faciais assustadoras e corpanzil desconjuntado. Um homem sem atrativos, exceto pela assombrosa incontinência verbal e por uma imensa e irrestrita confiança em si mesmo. Elementos que faltavam a ela, apesar da beleza. De onde vinha essa *rempli de soi même*? De seus feitos profissionais, decerto, mas havia algo mais. Algo de misterioso e arriscado na figura. Bem no seu interior. Um calafrio de surpresa foi a resposta do consciente ao impulso de usar a situação para se vingar de Roberta, para provar a si mesma que podia transgredir. Roberta um dia voltaria se arrastando. Nunca teria alguém tão bonita quanto ela, que podia conquistar qualquer um.

Tornou a examinar o detetive, com a visão turva pelo álcool. Riu consigo mesma, envergonhada. Se a raiva despertada pelo encontro do começo da noite já tivesse amainado, jamais teria pensamentos desse tio com um... ser... tão... tão sem modos, sem beleza, avesso a convenções. Um ser reles, amoral, que devia ser espancado.

— Muito longa — reforçou Andrade.

— E produtiva — acrescentou Dora, pegando a taça e sorvendo o vinho todo em um gole, para em seguida levantar-se e servir-se de mais bebida.

Ele apreciou a manifestação indireta de ciúme que via revelada nas palavras da inspetora, enquanto ela retornava ao sofá trocando as pernas.

— Então, temos uma convicção. Lucicléia tinha duas ambições desvairadas: vencer na vida a todo custo e botar no mundo um filho de origem controlada.

— Um filho DOC — ela riu, levantando-se de novo, exatamente quando Andrade se sentava no assento ao lado.

Dora foi até a mesa e voltou trazendo a garrafa de vinho. Com dificuldade pousou-a na mesinha mas ficou de pé, meio bamba, encarando Andrade com os olhos semicerrados.

— Posso passar à segunda vítima?

Ele concordou, erguendo a taça para um brinde, sendo imitada por ela. O gesto a tonteou e buscou se equilibrar sentando-se no braço da poltrona transversal ao sofá onde se instalara o detetive.

— Bernadete era amiga de Lu... ciléia — ela se atrapalhou com o nome da primeira vítima. — Então, devia saber o nome do pai, do filho e do espírito santo — riu. — Era ousada. Ia mudar de vida — disse, entusiasmada. — E morreu — concluiu, triste.

O detetive armou-se de sabedoria.

— Na vida, ousado é aquele que vai além dos limites que colocaram pra ele. Idiota é o que vai além de suas capacidades. Bernadete foi uma idiota.

Dora ergueu a taça, num brinde silencioso, que o detetive agradeceu com um olhar lúbrico. Pela nuvem que embaralhava a clareza de seus pensamentos, a inspetora vislumbrou uma mensagem: só conheceria suas capacidades derrubando seus limites.

Andrade se ergueu e deu um passeio ao redor da sala, excitado.

— Foi idiota porque não percebeu que o assassino de Lu era o pai do filho dela. Àquela altura, tudo indicava que a morte de Lu era fruto de sua ligação com Vlad.

— É isso! — vibrou a inspetora, sentando-se no local onde antes estava Andrade, e o assento estava quente. — Mas que fazemos agora? Não há testemunhas, os suspeitos têm álibis.

— Álibis fabricados pela crença pueril de que assassinos não deixam pistas falsas. Ouça bem, Dora, a ciência ainda vai transformar o crime em um esporte da elite.

— De todo modo, são álibis que não conseguimos... — a palavra fugiu-lhe, sentia-se tonta.

— Eu confesso que o caso me surpreende. Nesta altura, sempre sei quem é o culpado e costumo estar recolhendo as provas. Mas temos culpados demais. Precisamos escolher um alvo e atacar com todas as forças. A questão é...

— É...

— Qual alvo?

Andrade parou em pé fazendo sombra sobre ela, que sorriu, ainda sentada. Ela agarrou a taça de vinho e emborcou o líquido. Depois, ergueu-se.

— O que fazemos agora?

— Hora de apertar os parafusos. Essa gente rica compra roupas caras e não gosta de jogar fora. Quem sabe o DNA das vítimas não aparece nelas?

Os olhos de Dora, meio embaçados, se fixaram no detetive.

— O que fazemos nós? — ela retificou a pergunta.

Com um puxão, Andrade a grudou ao corpo e grampeou seu pescoço até sentir que ela se largava em seus braços. Foi só o começo de mais uma noite longa.

— Eu sou meio lésbica — ela sussurrou, numa débil defesa.

— Eu endireito você.

A NECESSIDADE de repor a energia gasta na noite anterior mal permitia que Andrade fechasse a boca. Comia seu terceiro *croissant* coberto pela geleia vermelha sugerida por Rajid, sem que o sorriso pétreo desse uma pausa para a mastigação. A revelação da inspetora de que era adepta do sexo entre iguais apenas aumentara seu apetite erótico. Não era homem de fugir das responsabilidades e a maior delas era devolver uma ovelha desgarrada ao rebanho. Tinha consciência, depois da lição dada, de ter restaurado a crença da jovem no valor do pecado original. Pela manhã, como um cavalheiro, concordara em fingir que tudo fora um erro que jamais se repetiria. A cara de arrependimento de Dora era um tributo tardio à repressiva educação católica. Como bem determinavam os textos sagrados, só havia culpa no prazer.

A quase namorada Suely ocupou, por um instante, seus pensamentos. Ao contrário da portuguesa, suave e macia, era bicho de rodeio, pulava e gritava de um jeito que só exorcista amansava. Afogou a memória num sanduíche de frios variados, com uma porção de ovo mexido recobrimdo as fatias. O remorso que havia era pouco. A noite o ensinara mais de culinária que de sexo. Nada superava a boa e velha comida caseira. Entretanto, só comendo fora para valorizar a culinária doméstica.

A inspetora Dora havia partido antes do amanhecer, tonta e envergonhada, como uma fã diante do ídolo. Deixara, de rosto escondido, a promessa de arrancar do inspetor-chefe Oliveira um mandado imediato de busca e apreensão no prédio dos brasileiros.

— Se o juiz tiver dúvidas, vocês podem inventar que um colarzinho com o retrato da mãe, que Bernadete usava sempre, pode ter caído no prédio quando o assassino a carregou. Eu consigo que Vanessa testemunhe dizendo que a Bernadete não se separava do tal colarzinho — ensinou o detetive, com o lençol cobrindo a área genital e expondo o torso nu.

Ainda desnorteada pela loucura da noite, Dora concordara com tudo, dando olhadelas fugidias na direção do homem recostado na cama. Mal podia acreditar no que tinha feito. Só queria escapar daquele quarto. No movimento de se aprumar na cama para falar com ela, uma dobra no abdômen de Andrade partira como uma onda pela barriga avantajada. Uma visão dantesca. Dora cobrira o rosto, pensando em chorar.

— O recreio acabou, menina. Hora de voltar ao trabalho — disse Andrade, imaginando que tinha exigido demais da jovem na noite anterior. — Nós nos vemos na busca e apreensão no covil brasileiro, de onde sairemos com a prova das minhas deduções.

— Haaa! — ela deu um grito e correu para fora do quarto, com parte da roupa nas mãos.

Com um sorriso de contentamento, Andrade registrara a timidez pós-coito da inspetora. Não era um ser insensível e, apesar de não ter ficado encantado, pretendia dar à garota uma nova chance de pegar o ritmo latino, imbatível na esfregação e no arremate.

Na rua, aliviada com a distância, Dora prometera a si mesma abandonar a mistura de álcool e ansiolíticos para sempre. A vingança não era o melhor jeito de resolver nada. Havia sido um remédio desatinado, extremamente amargo e ineficaz. Por fim, jurara chamar Roberta para uma nova conversa, séria, adulta e, acima de tudo, prometera a si mesma esquecer para sempre a noite que tivera.

Com o café da manhã ainda pesando no estômago e imbuído do propósito de aproveitar o tempo até a invasão do covil brasileiro, Andrade deixou o apartamento para dar uma caminhada rumo ao metrô e dali seguir para o castelo de São Jorge. Ao chegar lá, algo em sua pequenez fez com que o detetive o associasse ao prédio onde viviam os brasileiros: parecia ser mais um esconderijo do que um bastião de resistência. Era uma raça curiosa, a portuguesa. Cada vez se convencia de que o espírito de aventura em Portugal fora menos estimulado pela bravura do que pelo desespero. Ao chegar ao cume da colina e pagar o ingresso para a visita ao castelo, o celular tocou. Ele atendeu e ouviu uma voz constrangida do outro lado da linha:

— É a inspetora Dora. O inspetor-chefe Oliveira solicitou-me que o informasse de que será bem-vindo para acompanhar a execução do mandado de busca e apreensão no apartamento do senhor Carlos, se puder aguardar fora do prédio.

— Se a inspetora puder me acompanhar, será um prazer — respondeu ele, esbanjando classe.

O silêncio perdurou um tempo.

— Acho que o inspetor-chefe vai precisar de mim lá dentro.

Em seguida, a inspetora lhe disse que o mandado seria cumprido à tarde. Andrade engoliu o desejo de mandar o invejoso inspetor-chefe para o Inferno. A presença dele, Andrade, no local poderia fazer a diferença entre o grandioso sucesso e o retumbante fracasso da operação. Mas em homenagem à noite iluminada pela estrela Dora, decidiu contemporizar:

— Está bem. Mas será importante me trazer notícias durante a ação. Posso ter observações cruciais a fazer, como no desbaratamento do tráfico de escravas brancas. Ah, e não se esqueçam de apreender as roupas da família.

— Deixá-los nus? — indagou ela, mal-humorada, antes de informar o horário em que o mandado seria executado.

Andrade usou o papel do ingresso para tirar uma gosma do canto da boca e o jogou no lixo. Embalado pela alegre sensação de que o caso caminhava para o seu final, misturou-se aos turistas para aproveitar o tempo escasso. Contornou as paredes do castelo e debruçou-se na amurada para ver a impressionante vista da cidade, abaixo. Um pouco além, o rio Tejo refletia o sol. Tirou algumas fotos, que enviou a Lurdes e Suely pelo celular. Enviou também a Dó, a empregada, que neste momento devia estar com sua “quadrília” de filhos e agregados esparramada no sofá da casa dele, fumando orgânicos e bebendo seu melhor uísque.

O quiosque da praça em frente ao prédio dos brasileiros parecia um local perfeito para se acompanhar o desenrolar da ação. O proprietário já havia questionado Andrade, ao ver que três carros de polícia haviam parado em fila dupla e outras tantas viaturas lhes davam cobertura.

— É o caso das mulheres a dias? — indagou o comerciante.

Andrade encarou o jovem e abanou a mão para afastá-lo. Fazia mais de duas horas que os agentes portugueses haviam entrado e a inspetora ainda não aparecera para receber orientações. Imaginava, aflito, os policiais dando cabeçadas uns nos outros, cheirando as roupas para sentir o sangue. Finalmente, viu surgir na entrada do prédio a inspetora Dora. Ela atravessou a rua e foi ter com ele.

— A operação está terminando. Não encontramos nada que pudesse estar relacionado com as vítimas. Estamos levando apenas os computadores para uma análise.

— E as roupas? Eu recomendei que levassem todas.

— O senhor sabe quanta roupa há naquelas famílias? — questionou Dora, irritada. — O inspetor-chefe Oliveira tratou-me como se eu fosse uma idiota quando mencionei sua recomendação. Disse que não tinha carrinhas para isso.

Andrade franziu o cenho, enquanto cutucava com a língua um lado da boca atrás de um resto de comida entocado.

— Pelo menos levem as camisas masculinas e os casacos. É onde grudam as evidências — ele clamou, exasperado.

Ela deu meia-volta sem responder e rumou de volta ao prédio.

Furioso com a desatenção da inspetora, a quem dera lustro e saliva na noite anterior, Andrade pediu a conta. Contou os centavos do troco e saiu bamboleando pela praça, no ar frio do fim da tarde. O maldito cinema americano tinha sua culpa ao inventar uma realidade policial inexistente. Não se chegava ao fim de uma investigação examinando pistas, ouvindo mentiras e acreditando em álibis. Não conduziam ao criminoso, já que as evidências haviam sido produzidas por ele. Mais do que ciência, a atividade de um investigador de elite era arte. Uma arte com regras. A primeira, e mais importante: identificar o criminoso de imediato, usando os instintos primários. Depois, sacudir tudo ao redor dele, até o muro de engodos ruir e a verdade ser revelada. Uma investigação policial sem um culpado em vista era conduzida pelo criminoso e só a ele atendia. Os portugueses pareciam não entender aspectos básicos de uma investigação. A escassez de crimes os privava da necessária experiência.

Contar apenas com o fervor religioso e a baixa autoestima da população para conter a criminalidade era um remédio ineficaz nesses tempos de redes sociais que promoviam o direito de qualquer um se tornar famoso. Infelizmente, Oliveira e Dora se defrontavam com um sociopata brasileiro, que amava a si mesmo acima de todas as coisas e não temia a Deus quando este contrariava seus interesses.

De volta ao apartamento, com o desalento e a frustração competindo por sua alma, Andrade se dedicou a assar um chouriço numa tigela própria que havia comprado com Rajid. Era feita de cerâmica e trespassada por tiras do mesmo material, onde o embutido crepitava à espera de saciar o apetite do detetive. Ele pegou na geladeira um resto de vinho, dois queijos e um saco de torradas, evitando o pensamento tenebroso de que graças à incompetência dos policiais portugueses os criminosos comemoravam a impunidade. Um fiapo de confiança resistia, na esperança de que o inspetor-chefe tivesse escutado seu clamor e levado as roupas de Carlos, onde podiam estar presentes restos de evidência.

Já havia aberto uma nova garrafa de vinho quando o celular tocou. A voz de Suely aqueceu mais seu corpo do que se tivesse abraçado a tigela do chouriço.

— Oi, ursão — ele ouviu a voz melada da quase namorada.

O sentimento era tão forte que podia drenar um litro de paixão e o corpo não se esvaziaria. Mas não pretendia deixar barato.

— Já se arrependeu das grossuras? — ele perguntou, de forma rude.

— Desculpa, bem. Foi ciúme bobo. Eu sei que tu não ia me trocar por quenga de bigode e tamanco. Mas tu falou que era brasileira, já pensei nessas daqui, que vão se oferecer no estrangeiro.

— Eu não preciso importar carne, tendo filé de primeira — ele disse, dando-se ar de injustiçado.

— Tu tá voltando? — perguntou Suely, dando um risinho satisfeito. — Tô roxa de saudade.

— Também, Su. A culpa da demora não é minha, é claro. A lógica portuguesa só funciona para fazer pão.

— Eles não têm teu tirocínio.

A palavra “tirocínio” saindo da boca de Suely fez o detetive sentir-se como um professor Higgins mais robusto e inteligente. Grandes homens, como ele, Andrade, eram capazes de inspirar belos hábitos. Ler, por exemplo.

— De onde você tirou essa palavra?

Ela riu.

— De um dicionário. Comprei um igual àquele teu. Tô dando umas conferidas nele.

Uma onda de orgulho tomou o peito de Andrade, marejando sua visão. Suely queria evoluir e almejava atingir sua estatura intelectual. Uma parceira à sua altura.

— Três palavras por dia e você vai ver o recheio que sua cabeça vai ganhar.

— Você lê três, é?

— Eu leio mais de cinco, mas estou acostumado. E faço umas frases com elas, mas isso eu não recomendo pra já.

O silêncio alertou Andrade.

— Você tá me ouvindo, Su?

O tom veio bravo.

— Tô, e não tô acreditando na tua metideza. Num tá com jeito de homem abandonado. Tá com cheiro de homem comprometido recebendo confiança de galinha ciscadeira.

A boa vontade de Andrade se foi.

— Você quer ler cinco por dia, pode ler — mandou ele, danado. — Mas vê se não embaralha tudo.

— Vai te catar, ursão! Pode farrear solto que tô cortando o laço — gritou Suely, desligando.

Com o celular queimando na mão, o primeiro impulso do detetive foi o de ligar para ela e dizer que não era agente secreto inglês para precisar de licença para sair matando a pau. Mas conteve o ânimo e relevou o incidente. No retorno, acertaria os ponteiros. Seria bom ela ter um tempo para avaliar o preço que ele pagava para manter a relação dos dois. Era um homem cobiçado, no ápice da carreira, na idade de ouro, internacional, com uma mente brilhante e um corpo

que alcançava todos os pontos de prazer da mulher ao mesmo tempo. Por ela, renunciava a um valor inestimável, a sua liberdade. E o que recebia em troca?

Com a alma serenada, olhou para a mesa. O chouriço parecia suculento, com a gordura brilhando nas bordas e um cheirinho de churrasco no ar. Pedia uma cerveja, pensou, indo de novo à geladeira. Na metade do chouriço, refletiu que merecia um prazer após tanta decepção. Ligou para Vanessa. Ela atendeu ao primeiro toque.

— O que é que você quer? — perguntou mal-humorada.

— Estou assando um chouriço sozinho e pensei logo na gente — disse, mordiscando a carne com jeito malandro.

— Você é muito de um safado — berrou Vanessa.

Ele se ajeitou no assento, surpreso.

— O assassino caiu na armadilha? Tentaram matar você?

— Matar o quê, cabra nojento? Um gordo aproveitador é o que você é. Eu fui me dando inteira e dou com mulher entrando no teu cafofo.

— Que história é essa?

— Eu tive aí de coração aberto. Fui levar uma torta ainda quentinha e dou com tua janela fazendo moldura pruma zinha. Alugou a morena aonde? Na loja da Lu?

— Ah, era uma inspetora portuguesa que veio aqui discutir o caso. Infelizmente não posso dar detalhes, já que você está envolvida — disse, com um riso amarelo.

— Eu vi vocês indo pro quarto, seu cafajeste! — gritou desligando.

A respiração acelerada pela injúria demorou a se normalizar. A invasão de sua privacidade era uma ofensa imperdoável, um crime hediondo pelo fato de atingir um agente da lei. Sua vida privada, como as entranhas da vítima, havia sido exposta. Indignado, comeu vorazmente o restante do chouriço, despertando de vez a fome. Foi se vestir para jantar com o pensamento acelerado. Homens como ele, com todas as células masculinas, eram animais raríssimos, em vias de extinção. A tentação de qualquer mulher era criar um bicho assim em cativeiro.

Confortado pela reflexão, terminou de se vestir e pegou a japonsa para sair. Era hora de abandonar as dores da vida privada para focar na investigação em curso.

Pelas maneiras ao telefone, podia considerar perdida a sua principal informante. A conexão com a polícia local também sofrera danos. Precisava recuperar o contato com eles, para que os assassinos pudessem ser levados à justiça por agentes incapazes, mas autorizados. O primeiro passo seria dar mais um telefonema, dessa vez para falar com a inspetora Lurdes.

Mais uma vez a inspetora se empolgou com a ligação e começou a discorrer sobre o andamento dos casos que ele tinha deixado em suas mãos. Já havia resolvido um roubo de um posto de gasolina, feito por um dos frentistas.

— Eu sei que a emoção de resolver um primeiro caso pode ser comparada ao primeiro orgasmo. Mas haverá outras oportunidades para gozar, inspetora. O que tenho aqui, no entanto, é matéria de exceção. A chefona de uma rede de serviços sexuais estripada em plena metrópole lisboeta. Querem assacar a culpa contra grupos marginais nômades, uma minoria vilipendiada por séculos como desordeira, suja e desonesta. As fronteiras abertas da Europa unida podem ser fechadas a qualquer momento para essa gente nômade. E a solução do mistério, que pode impedir que essa injustiça contra uma etnia de delinquentes inofensivos aconteça, está nas mãos de a Bela e a Besta. Preciso de você aqui, urgente. Pegue o primeiro voo amanhã mesmo. Por sua conta.

— Não posso, chefe. E os casos que o senhor deixou comigo?

— Estão sob efeito suspensivo a partir deste momento.

— E a passagem para Portugal vai sair uma fortuna.

— Não pense apenas em si mesma. Use seu cartão de crédito para algo em prol da sociedade portuguesa. Você deve a eles um passaporte. O reembolso virá no rastro do sucesso.

Andrade podia sentir que, apesar de dividida, Lurdes cairia para o seu lado do muro.

— É... tem um feriado e o fim de semana. Se eu ficar quatro dias aí...

— Lurdes — cortou o detetive —, onde você me viu demorar quatro dias para tirar um condenado de um balaio de suspeitos?

— O senhor já sabe quem foi? Já chegou ao final do caso?

— Estamos na semifinal. O placar é seis a zero.

Ao largar o celular na mesa do apartamento, sentiu que a autoconfiança havia sido recuperada. A comunidade brasileira no exterior era um depósito de celerados à espera de alguém que lhes pusesse as algemas. A dupla Carlos-Teresa não o decepcionaria. Enquanto os técnicos faziam a análise do material apreendido, investigaria mais a fundo as testemunhas e os suspeitos visando robustecer a futura acusação capital, caso a portuguesa falhasse na coleta de provas.

Antes de sair, pensou novamente em levar o celular, mas não o fez. Precisava relaxar sem ser interrompido por bobagens. Já trabalhara demais com o corpo, não precisava sobrecarregar também a mente.

UM PESADELO pôs Andrade de pé nas primeiras horas da manhã. Com o tormento das imagens ainda presentes, o detetive foi ao banheiro, ensopou uma toalha, passou-a pelo corpo e sentiu-se pronto para o dia. Prezava seus sonhos e pesadelos como fontes de *insights* que poderiam resolver uma investigação complexa. Os acontecimentos ainda estavam vívidos em sua memória. Freud e Einstein iam juntos fazer uma consulta com o mais afamado detetive da época, ele mesmo, Andrade. Um crime havia acontecido em Viena e os nazistas tentavam pôr a culpa nos dois. Uma freira grávida fora encontrada morta, num aparente suicídio, num convento próximo à residência em que os dois sábios dividiam um quarto. Ela era conhecida deles, por frequentar uma confraria literária formada apenas pelos três. Era histérica, dizia Freud, e irracional, completava Einstein. Andrade foi ao convento, onde a freira servia a uns padres mudos, para investigar a morte suspeita. O padre superior, cofiando um bigode nazista, indicou o lugar onde a freira fora assassinada. Era um quarto escuro. Assim que entrou, foi agarrado por dois padres tatuados com cruzeiros pelo corpo inteiro e preso a uma cama de pedra. Freud, Einstein e uma Eva seminua se aproximaram dele. Um serrote surgiu da mão feminina. Iam remover a fonte do pecado original.

Um sonho curioso, refletiu Andrade, saindo do banheiro para ir à cozinha buscar um copo de água. A interpretação lhe parecia evidente. Seu inconsciente resolvera passar uma mensagem usando personagens da sua estatura para lhe dizer que o culpado do crime sob investigação era o pai. Da forma dele, cifrada. O mais evidente era que a história toda girava em torno de pais. Pai da física moderna, pai da psicologia, pai do Reich e... a mãe vadia da criança. Muito similar ao caso das domésticas.

Com a mente reconciliada, voltou para a cama e tornou a dormir. Acordou novamente em torno do meio-dia. Um travo amargo na boca piorava o quadro

geral, de rosto moído, que via no espelho. Decidiu não se barbear, revoltado com a situação que vivia.

Desceu as escadas sinuosas e foi até a venda do indiano recolher informações. Pensou, com preocupação, em Rajid, deslocado de seus hábitos tribais, lançado numa sociedade que impunha talheres e respeito a mulheres. Tudo isso para apontar mercadorias a estrangeiros que o desprezavam. Uma pastelaria, duas quadras adiante, oferecia, segundo o jovem de turbante, bom café e bom gasto.

— Gasto do dinheiro bom. Pão grande e doce. Mel... — detalhou Rajid, fazendo um gesto de lambuzar-se que irritou o detetive.

Cruzara um oceano, agastou-se Andrade pensando em si próprio, para ser largado num bairro de segunda, diante de um emigrante de terceira. Merecia coisa melhor depois de tudo o que fizera por Portugal. Cansado da pantomima, acenou positivamente e deixou a mercearia para ter um dia só seu.

Num andar lento e meio trôpego desceu na direção da Praça Marquês de Pombal. Lera a história da reconstrução da cidade após os tsunamis e incêndios que se seguiram ao terremoto de 1755, sem poder evitar a suspeita de que o nobre marquês se aproveitara da natureza para redecorar a cidade a seu gosto. Como a Providência não o satisfizera por completo, o Nero lusitano terminara com fogo o que a terra e a água começaram. Infelizmente, a história do mundo era contada por acadêmicos pusilânimes, em vez de ser reconstituída por investigadores sagazes.

Ao chegar à praça, um gigantesco espaço circular, central, do qual partiam avenidas para todos os cantos da cidade, o detetive rumou direto para um pequeno quiosque vermelho. Procurava bilhetes para *sightseeings*. Escolheu um *tour* completo, que ocuparia toda a tarde, saindo depois do almoço. A ideia era deixar a noite livre e o corpo relaxado para acolher o inevitável arrependimento das suas pegadas portuguesas. Não guardava mágoa de nenhuma das duas e não achava justo privar nenhuma delas de sua companhia. Podia dar um pouco de si a elas sem trair Suely. Fidelidade era um conceito tão importante na sociedade quanto a força da gravidade. E, como tal, perdia valor com a distância.

Tinha muito tempo até a saída do ônibus e foi até a Praça da Figueira, a fim de ver se o seu informante tinha recuperado a memória ou se precisava de um

remédio mais potente. Sentou à uma mesa e chamou o garçom que passava, perguntando por Lourival. A informação de que o rapaz havia sumido sem avisar surpreendeu Andrade.

— Ele deve ter achado coisa melhor pra fazer — disse o garçom, mais um brasileiro.

— Você era amigo dele?

— Não era, não.

— Sabe onde ele mora?

— Não, e duvido que alguém saiba. O portuga aqui paga por dia e só pede o nome da gente.

O detetive se calou, avaliando o alcance da notícia. Podia ser uma reviravolta no caso. Se Lourival estivesse morto, isso talvez curvasse os policiais portugueses ao seu comando. No entanto, conhecendo a alma do brasileiro das ruas, o detetive sabia que a hipótese mais provável era a de que o rapaz não tivesse fibra suficiente para resistir à pressão e houvesse decidido fugir novamente para outro país. A conclusão inevitável era que, a essa altura, Lourival já estaria escondido em um casebre no interior nordestino esperando o medo ser ultrapassado pela fome, quando então partiria para um novo ciclo migratório. Não era privilégio dos ricos brasileiros a estratégia de não enfrentar os problemas que criavam. Examinou o garçom à sua frente, que substituíra seu agora ex-informante. Era parecido com Lourival: a mesma magreza e a mesma pele ruim, o mesmo cabelo escuro, meio encaracolado, e o mesmo sotaque nordestino.

— Você conhece uma moça chamada Lucicléia, também chamada de Lu?

— Não, senhor.

— Você não tem mulher no cardápio? — indagou Andrade, com ar de predador.

— Tá em falta desde que o Lourival foi embora.

Andrade bufou.

— Traz uma Imperial, rapaz. Vou deixar meu telefone e, se o Lourival aparecer, você me avisa e... pode contar com uma boa recompensa.

— Recompensa? — ele se animou. — Qual?

O detetive assentiu com um sorriso de desprezo. Sem vontade de continuar a conversa, deixou-o sem resposta, tomando o caminho para o ônibus em que passaria pela cidade. Durante o percurso decidiu compartilhar as informações com seus colegas. Pelo celular, falou com Dora:

— Inspetora, tenho um informante em fuga ou correndo perigo. Vou te passar os detalhes porque gostaria que a polícia portuguesa descobrisse o paradeiro dele. Vivo ou morto.

O ônibus de turismo não estava lotado, permitindo que Andrade se acomodasse em uma poltrona junto à janela, sem vizinhos. Algumas fileiras atrás, duas mulheres inglesas falavam sem parar, trazendo a ele recordações da infância no Méier suburbano, quando nenhum som se sobrepunha ao das conversas entre as pessoas. O bate-papo do povo humilde e sem instrução não era mais o som ambiente das cidades, substituído que fora pelo ruído do trânsito e pelos monólogos nos celulares. Nos dois primeiros bancos, uma família alemã, muito séria, ouvia atentamente a guia, que repetia as informações sobre a cidade em várias línguas. Era uma mulher de olhos murchos, que falava com movimentos assimétricos da boca. Tinha os cabelos maltratados, finos, mal cobrindo a nuca. A cabeça lembrava a da assistente, Lurdes, que estava a caminho de Lisboa, devendo chegar no dia seguinte, conforme combinado. O tom monocórdio da voz da guia começou a embalar Andrade, já entorpecido pelo almoço regado a vinho, concluído com três cálices de Porto. Ia escabeceando quando o celular tocou.

— Cá estou — atendeu Andrade, brincando.

— É você? — disse uma voz trêmula.

— Acho que sim. Quem mais seria?

— É a Vanessa. Eu acho que tô sendo seguida.

Andrade agitou-se na poltrona.

— Você reconheceu o perseguidor?

— É um homem, eu acho. Tá usando um casacão grande com capuz, não dá pra ver direito. Tem um jeito do cara da boate que eu vi com a Lu.

O detetive olhou para a rua. Não sabia onde estava. Não haveria reembolso se largasse o *tour* ali mesmo. Pensou em perguntar à guia, que, naquele instante, detalhava o período de construção da igreja pela qual passavam. Uma igreja! O passeio turístico passaria pelas igrejas mais famosas de Lisboa.

— Procure uma igreja famosa e fique lá até que eu possa ir encontrar você!

— Eu estou com medo...

— Ouça o que eu digo. O criminoso é de origem católica. Não vai matar você num local consagrado. Isso só acontece no cinema protestante americano.

Ele desligou para aguardar que ela encontrasse a igreja e tornasse a ligar. Desperto, o detetive aproveitou para apreciar a paisagem urbana, enquanto monitorava o trajeto pelo mapa do celular. Quando Vanessa desse o endereço da igreja e estivesse por perto, desceria do ônibus. Até lá, desfrutaria o passeio, que já estava pago.

Entretido pelos monumentos históricos, que se sucediam na voz melosa da guia, Andrade quase perdeu a noção de que estava diante da igreja em que Vanessa se escondera. Disparou pelo corredor, empunhando sua carteira policial e gritando:

— Parem este autocarro!

A freada o desequilibrou, lançando-o sobre a guia, que desatou a gritar, subitamente cheia de vida. Andrade agarrou-se ao pescoço dela para deter a queda, jogando-a contra um banco vazio. Ajeitando o corpanzil, que não chegou a tombar totalmente, empinou-se e tornou a berrar:

— O senhor abra esta porta antes que eu esqueça os bons modos e o trate como merece. Pela Virgem de Fátima!

O detetive desceu do veículo sentindo sobre ele o olhar revoltado do motorista e dos demais turistas. Afetando dignidade, atravessou a rua, parando a uma distância segura da igreja para avaliar o entorno. O criminoso podia estar de tocaia. Aguardou 15 minutos, examinando os transeuntes, até que o frio o deixou seguro de que o perseguidor desistira. Ou nem existia, fora apenas um ardil feminino para recuperar sua atenção.

Entrou na igreja sem se esquecer de fazer o sinal da cruz. Vanessa estava num dos últimos bancos, de resto vazios. As pessoas que entravam na igreja pareciam

turistas. Tiravam fotos e zanzavam de um lado a outro, dando rápidas miradas nos tetos e nas capelas laterais, antes de partir para novos lugares de visitação. Andrade sentou-se no banco seguinte ao dela, numa diagonal.

— Vanessa! — sibilou. — Finja que está rezando.

— Por que demorou tanto? Já rezei pra todos os santos.

— Fale baixo — sussurrou. — Você foi seguida até aqui?

Ela cruzou os dedos e inclinou a cabeça.

— Não sei. Acho que não. Entrei numa loja e saí pelos fundos — disse, nervosa. — Mas tinha alguém atrás de mim. Eu vi o cara.

— Você deve estar impressionada com aquela coisa de ser isca — ele cochichou.

— Você acha que querem me matar? — perguntou ela, em voz baixa e excitada.

O detetive desconversou, murmurando:

— Você vai sair daqui e andar pela cidade. Eu sigo você, bem de longe. Vá devagar, para que eu possa descobrir quem está atrás de você. Pare num café, tome um lanche, olhe as lojas, sempre aparentando estar tranquila. Quando a noite cair, vá para o meu apartamento e me encontre lá. A senha para abrir o portão do prédio é nove, seis, nove, um.

Andrade se levantou e caminhou para a saída. Do lado de fora, parou numa banca de jornal e examinou as publicações, mantendo um olho na igreja. Ao acabar de ler a matéria que havia lhe despertado interesse, sobre os salários dos policiais em Portugal, repôs o jornal à pilha, dizendo alto:

— Não tem nada para ler nesses jornais.

Ao invés de seguir Vanessa, buscou um táxi e foi para casa tirar uma soneca. A noite podia ser longa.

Vanessa foi surpreendida ao chegar ao apartamento de Andrade e deparar-se com ele de banho recém-tomado, ainda gotejando, com a toalha enrolada no corpo. Com raiva, agarrou o peito peludo do detetive pelos fios.

— Como você chegou antes de mim aqui, se estava me seguindo?

A mão de Andrade se fechou sobre o punho dela, fazendo com que soltasse os pelos.

— Ai! — ela reclamou dos modos brutos.

— Você não estava sendo seguida. Percebi em 15 minutos e vim tomar providências urgentes.

— Que providências?

— Não posso revelar sem colocar você em risco. Mas posso dizer que...

O toque da campainha o interrompeu, assustando Vanessa, que se agarrou ao detetive. Um leve empurrão a afastou:

— Duvido que seja o assassino querendo se entregar. Vai esquentando a cama, que vou ver quem é.

Pelo olho mágico, tomou um susto ao ver do outro lado o rosto familiar da inspetora Lurdes, sorridente e bem disposta. Estremeceu com a lembrança de que havia oferecido a ela, além da senha da portaria, o sofá-cama da sala para abrigar-se durante os poucos dias em que ficaria em Lisboa.

— Um momento, inspetora. Vou procurar a chave.

Correu até o quarto, com o coração aos pulos. A inspetora o perdoaria por muitos crimes, mas não por uma traição a Suely, de quem ficara amiguinha.

— Tenho que sair para falar com um informante que chegou — disparou para Vanessa. — Rápido, entre no banheiro e só saia quando ouvir a porta da frente bater.

Ela tentou protestar, porém ele a pegou pelo braço e arrastou-a contra a vontade. Ela tentou falar, mas um dedo roliço selou seus lábios:

— Depois que eu sair, espere cinco minutos e vá para casa direto. Não saia de lá até falar comigo. Não abra a porta para ninguém.

— E se ele...

— Faça como eu digo e estará segura. Faço isso porque esse informante... não seria bom que ele a visse aqui. Poderia pôr em risco sua vida. Informantes são fofoqueiros desprezíveis — falava, enquanto ia se vestindo.

Começou a fechar o cinto a caminho da sala. Diante da porta do apartamento, deu um longo suspiro e, depois, abriu-a dando de cara com Lurdes e um largo

sorriso. Tomou a mala da mão da inspetora e largou-a atrás de si, sem dar espaço para que ela entrasse. Num movimento rápido, fechou a porta.

— Vamos jantar fora — ordenou. — O trabalho desses dias foi insano, inspetora.

O burburinho do Bairro Alto, área boêmia da cidade, serviu para distrair Lurdes do tumulto da chegada.

— Espalhei na delegacia que ia ficar de tocaia, num caso importante. Ninguém ligou muito.

Andrade a parabenizou.

— São as vantagens da mediania. Não seria justo que você não pudesse ver o fim do caso.

— E o que o senhor descobriu?

— Mais algumas peças e o puzzle criminoso estará completo. Sabemos onde a besta se esconde, naquele prédio infestado de brasileiros; sabemos o motivo, uma paternidade roubada com um truque escuso e sabemos como as vítimas, Sodoma e Gomorra, foram atraídas para a morte. Falta saber quem, ou melhor, ter as provas que a burocracia judicial exige, pois já sei quem matou as miseráveis.

— Quem foi? — indagou Lurdes, curiosa.

— A família Monstro, Teresa e Carlos. Mas lancei minhas iscas no terreiro brasileiro, inspetora. Amanhã você vai seguir uma testemunha-chave que pode ser a próxima vítima dos açougueiros de Lisboa.

Com paciência, garfada a garfada, o detetive explicou minuciosamente as atividades que desenvolvera desde que voltara a Lisboa. Com o molho da suculenta vitela escorrendo pelos lábios, expôs a inépcia conjugada à inveja que pusera seus colegas portugueses em divergência com ele. Exortou Lurdes a que, apesar do sangue português, lutasse contra a covardia de quem depunha as armas contra o crime, fugia ao embate, mudava a Corte para o Brasil, trazendo nas caravelas o sopro da tibieza e da fadiga moral que haviam fundado a alma brasileira.

— Se não podemos resolver a investigação assediando os criminosos, chegaremos a eles pelas vítimas.

— Pelo passado delas?

— Não falo das vítimas que já foram, Lurdes, falo das que virão.

A noite terminou com Lurdes dormindo no sofá da sala, já que ele não se animara a acordá-la para converter o sofá em cama.

LOGO AO se levantar, Lurdes foi despachada de estômago vazio para fazer contato com a inspetora Dora e cumprir sua missão principal: seguir Vanessa. O detetive passou à assistente o endereço de trabalho da cabeleireira e recomendou à inspetora que fosse cuidadosa, já que o objetivo seria identificar o homem que estaria seguindo Vanessa. Um homem perigoso.

— O alvo não é ela, inspetora, é quem a estiver seguindo.

Insistiu também na necessidade de que Lurdes restaurasse a relação com a polícia portuguesa, ainda que à custa de métodos imorais.

— Como assim, chefe?

— As duas almas perdidas, Lu e Bernadete, remanescem no limbo à espera de que as libertemos para o Inferno, inspetora. São almas. Elas têm precedência sobre os nossos corpos. Por isso considere seu corpo como instrumento de trabalho. E, torno a repetir, você não vai seguir a cabeleireira e, sim, o homem que a está seguindo. É o nosso homem. Só volte aqui com o nome e o endereço dele. E tire fotos.

A inspetora cerrou os lábios, imbuída da missão. Assim que ela saiu, Andrade abriu um pacote de biscoitos cremosos para apaziguar o estômago e preparou um café. Com a barriga cheia, foi ao banho esvaziar os resíduos da véspera enquanto fazia uma ligação para motivar sua isca.

— Onde você está? — perguntou num tom seco.

— Indo trabalhar — disse Vanessa, apressada.

— Hoje você pode sair tranquila. Passeie bastante, na hora do almoço e depois do trabalho. Saia com as amigas, para relaxar.

— Vocês pegaram o assassino?

— Já o temos sob vigilância cerrada.

— Ah, benção, vamos comemorar, então. Você pode tudo.

— Tudo?

— Meu corpo hoje é sua casa. Pode entrar sem bater, pela frente e pelos fundos.

A risada maliciosa e convidativa de Vanessa só tornava o momento mais difícil. Mas a proposta tentadora não foi capaz de arranhar a determinação de seguir o plano que o levaria a pôr as mãos nos perversos celerados em flagrante delito.

— Nós não podemos mais nos ver. Eu sou comprometido no Brasil.

— E não era ontem? — surpreendeu-se Vanessa.

— Ontem foi nosso terceiro encontro. Toda mulher merece uma vez, poucas merecem a segunda, nenhuma merece a terceira. Console-se sabendo que você é das únicas. Considere um privilégio.

— Seu nojento! Sem-vergonha! Se eu te encontrar arranco teus olhos. Porco!

— É meu signo no horóscopo chinês — disse Andrade, desligando.

Como bom pescador, o detetive sabia como agitar uma isca para atrair peixe grande. Se deixasse Vanessa embalada em seus encantos, ela não se exporia pela cidade, ficaria encolhida em seus braços. Com o pé na bunda, ela sairia pelas ruas atrás de um braço forte que oferecesse a sensação de vingança tão cara à alma feminina, expondo-se ao criminoso e facilitando o trabalho de Lurdes. Nada daquilo o deixava feliz, era apenas mais um dos muitos sacrifícios pessoais que fazia. Com o corpo aquecido pelo dever cumprido, colocou a japona sem fechar os botões, levou ao pescoço, com displicência, o cachecol com o símbolo do Benfica e saiu do apartamento.

Antes de seguir para sua própria caçada, resolveu passar na pastelaria recomendada por Rajid no dia anterior. A proximidade do desfecho de um caso sempre lhe despertava a libido alimentar. Nesse momento, seu desejo era abocanhar um sonho que transbordasse o creme dourado pelas bordas. Comeu ali no balcão mesmo, com outra xícara de café, enquanto tamborilava os dedos, pensativo.

A área externa da Faculdade de Letras era um espaço enorme, mas Andrade supunha que localizaria seu alvo em meio a um grupo de meninas bonitas e fúteis, no exercício das matérias mais importantes de um curso de Letras: a futrica e a intriga. Sem surpresa, viu ao longe o rapaz franzino, travestido de

japonês de desenho animado, dando chiados no meio de uma galera predominantemente feminina. A simples aproximação do detetive foi como uma lufada siberiana sobre o grupo. Cada um que a percebia ia se calando como passageiro de um desastre iminente. Muitos pegaram suas mochilas do chão e se afastaram.

— Vai me apresentar aos coleguinhas? — guinchou Andrade, ao se pôr a um passo de Tonho.

A abordagem do detetive viera pela diagonal e o jovem só o pressentiu, nos olhares assustados das amigas, quando a mãozorra já caía sobre seu ombro. As colegas se puseram ao largo. Ficaram os dois sozinhos.

— Posso ver que a morte da irmãzola não o afastou do convívio social.

O rapaz estrebuchou como um peixe num anzol, mas o detetive o segurou firme.

— Eu vim aqui convocar o menino a honrar a memória da irmã.

Tonho olhou nervoso para os lados. Estar de conversa com um tipo como o detetive arruinaria sua reputação *cool*.

— Eu digo o que o senhor quiser, se for longe daqui.

— Em 20 minutos na pastelaria que fica na esquina da Polícia Judiciária.

— Eu tenho aula.

— Eu posso assistir junto.

A ameaça funcionou.

Tonho puxou uma cadeira e deu mais uma volta no cachecol para deixar apenas os olhos de fora. Não era pelo frio, era para manter-se incógnito.

— Vocês têm sido desonestos comigo desde o início desse caso. Não é exatamente uma surpresa, dada a precariedade moral que vige em seu meio.

— Minha família é pobre, mas decente — protestou Tonho.

— Uma combinação mortal para o futuro de alguém — cuspiu Andrade. — Mas não quero discutir sociologia da miséria. Para começar, como você consegue sobreviver?

— Minha tia, que criou a gente, morreu e deixou a casa pra nós. A Bernadete vendeu ela antes da gente vir pra Portugal. Não é muito, mas é um tanto. Tá satisfeito?

— E mesmo assim ela trabalhava de arrumadeira?

— Ela não queria mexer no dinheiro. Dizia que era para quando eu formasse e ela legalizasse o diploma de contadora.

O olhar condescendente do detetive tranquilizou o rapaz.

— Viu como a verdade sossega os ânimos? Uma família modesta, mas com a sorte de poder viver dentro da lei sem passar fome. E a que devemos o envolvimento da sua irmã na parceria com a Lucicléia e na chantagem do assassino?

— Minha irmã não era parceira daquela vigarista nem era chantagista.

— É, deve ter sido morta numa campanha de desproteção às baleias. Está chegando sua vez, aprendiz de mangá — anunciou, zangado.

Uma nódoa de pavor atravessou as faces de Tonho. Afastou uma mecha do cabelo liso que cruzava o rosto mostrando os olhos arregalados.

— Eu não consigo nem dormir, pensando nisso. Qualquer um que se aproxima de mim, eu grito. Estou um cadáver — disse, apontando para si mesmo, arrasado. — Será que esse monstro acha que eu sei alguma coisa?

— Pode ser que sim, pode ser que não. Mas, infelizmente, sua vida não vale uma reflexão séria sobre o assunto. Sua única esperança é me ajudar a pegar o assassino antes que ele passe a matar gente que não deve.

— O senhor acha que ele me vê como ameaça? — perguntou, com uma fisionomia desesperada.

— Eu acho que você está se superestimando, apesar do risco que corre.

Ele se agitou, destemperado.

— E o que é que eu posso fazer? Já disse tudo o que sabia.

— Eu pensei nisso e decidi que o melhor seria tentar um *brainstorming* investigativo. Uma técnica que, conduzida por mãos capazes, pode extrair algo que preste de quem tem pouco a dizer.

O rapaz foi até o interior da pastelaria e retornou com dois copos cheios de um líquido cor de bronze.

— Aguardente — explicou.

Andrade deu um gole no vinho que tinha à sua frente e empurrou na direção do outro o copo de aguardante que Tonho havia posto para ele.

— Você vai precisar dos dois. Vamos começar. Fale livremente de Lucicléia, a primeira vítima.

Tonho emborcou seu copo de aguardente e avançou no de Andrade.

— Uma vaca. Manipulava a gente para ajudar nos negócios dela. Era danada de sedutora quando queria. Fazia jeito de desprotegida, jeito de meiga, jeito de safada, jeito de piranha, o jeito que você quisesse — disse com rancor. — Mas minha irmã achava que ia levar as amigas pra cima. A Bernadete era contadora formada, sabia? Podia ajudar no negócio se a Lu subisse. E já ajudava. Só sei que era na parte legal.

— A parte legal de um negócio ilegal dá cadeia, meu jovem. Ela dizia algo sobre a ajuda que dava?

O rapaz baixou a cabeça, envergonhado.

— As duas sabiam esconder os segredinhos quando queriam. De vez em quando a Lu não aguentava e se exibia pra gente — e Tonho remedou a amiga da irmã: — “Hoje eu vou na embaixada fazer contatos.”

A referência ao antro de desajustados eletrizou Andrade. Ele agarrou o braço de Tonho, exigindo ferozmente que o jovem confirmasse a informação. Ao ver o irmão de Bernadete tinha segurança do que dizia, relaxou, dando dois tapinhas em seu rosto.

— Você pode espalhar por aí que hoje fez algo de útil para a sociedade.

De bom humor e sensibilizado pela colaboração obtida, resolveu dar corda à testemunha, que, afinal, podia estar prestes a virar vítima. Por meia hora, Tonho desaguou o pote de mágoas que tinha acumulado contra Lu, sempre botando aguardente na veia. Entremeava o rancor com melancólicos elogios ao esforço da irmã para que tivessem um futuro melhor. De Vanessa, afirmou ser uma espertalhona. Alguém que havia chegado de repente e se metido no grupo de amigas de infância.

— Essa é mais vadia que a Lu, só que disfarçada. Santa de pau oco — disse com nojo. — Mal a Lu largou o bandido, ela foi se oferecer. Queria ser a Lu, mas a Lu não deixava espaço, que não era boba. Eu? Eu ficava lá, querendo me formar para tirar minha irmã daquela vida.

Formado em Letras, avaliou Andrade, ia empobrecer mais a família do que faxinando. Com o cenho pesado, o detetive ouviu Tonho prosseguir mais uns minutos em suas diatribes contra o destino, caindo numa vala de tristeza na qual Andrade achou por bem deixá-lo. Não tinha muito, mas o rapaz lhe dera algo inestimável: um flanco novo por onde enfiar uma cunha e abrir mais uma fresta na investigação, caso o assassino houvesse abandonado a perseguição a Vanessa.

Com a paciência esgotada, o detetive cortou pelo meio uma frase do jovem:

— A sessão de análise acabou. Para continuar a lamentação tem um muro em Israel e os SOS telefônicos. Se quer um conselho, ou melhor, vários, posso dar: mude o estilo de roupa e o jeito de ser, largue a aba das mulheres e estude algo que preste. Pode ir.

Tonho se levantou aliviado e, sem se despedir, afastou-se com passos rápidos.

Com a alma mais leve por ter podido ajudar um ser humano sem desfalcas a carteira, Andrade rumou para o apartamento emprestado, onde pretendia esperar notícias de sua inspetora. Antes disso, passaria no Rajid, que confessara estar à espera de uma remessa de vinhos verdes de procedência duvidosa que teriam um desconto absurdo.

Depois de idas e vindas, trocando frases iradas com diversos funcionários, o detetive conseguiu marcar um encontro na embaixada para a manhã do dia seguinte. Exausto pelas atividades do dia, encheu uma taça de vinho, pôs os chouriços a queimar na tigela de barro e ligou a TV. Parou num programa que narrava o sofrimento passado por indivíduos do primeiro mundo cumprindo pena em penitenciárias do terceiro. Eram acusados de delitos que no Brasil eram julgados pela própria polícia e punidos com, no máximo, um tapa na cara. As prisões, supostamente terríveis para o público americano, pareciam colônias de férias quando comparadas ao padrão brasileiro. Morreu de rir, vendo os marginais reclamarem de celas em que sobrava espaço para os detentos abrirem os braços.

O barulho de porta abrindo o acordou em sobressalto. Ele acabara adormecendo no sofá. Ainda tonto, viu Lurdes entrando de mansinho.

— Que horas são essas, inspetora?

— Eu fiz minha obrigação — respondeu ela, com a voz encharcada de bebida.

A inspetora passou por ele, lançando um olhar zangado, e seguiu direto para o quarto. Depois de um momento de desconcerto, Andrade se apercebeu do perigo. Correu aos trambolhões, mas, ao chegar ao quarto, ela já estava estirada na cama, ainda vestida. Furioso, o detetive pensou em acordá-la, mas abandonou a ideia com o coração tomado de meiguice. Com os lençóis tirados do armário enfiados debaixo do braço, voltou à sala para armar o sofá-cama. Encontrou na TV um canal brasileiro que exibia um telejornal. Vagarosamente, a sucessão de misérias familiares foi afastando as preocupações com o estranho comportamento de Lurdes.

A PRESTEZA do “bom-dia” dado pelo detetive não pareceu comover a inspetora, que respondeu com um assentimento mudo, carregado de mágoa. A mesa do café estava posta com as compras que Lurdes havia feito antes que ele acordasse. O pão era fresco e o café ainda fumegava no bule. Manteiga, queijos e geleias convidavam a sentar-se. Apesar da fria recepção, o detetive não se fez de rogado e avançou sobre a comida.

— A senhora conseguiu o endereço do assassino? — perguntou com a boca cheia.

Ela pousou os olhos sobre ele e começou a relatar sem entusiasmo:

— Fiquei atrás daquela zinha no intervalo do almoço. Bateu perna em tudo o que foi loja. Loja de roupa, de bijuteria, de eletrônicos, está tudo no relatório, se o senhor quiser ver — ela mostrou o bloco de anotações e, com um gesto desatento, Andrade o afastou. — Deve ganhar bem pra caramba. Tem até um armário num desses lugares de guardar coisa velha.

— *Self storage* — murmurou Andrade, enrolando a língua para abrigar a pronúncia.

— Ahn?

— É o nome desses lugares de guardar coisa velha, em inglês.

— Tá...mas continuando, chefe, desse bate-perna ela saiu com uma porção de sacolas e, então, voltou para o trabalho. Depois do expediente foi biscatear em um bar que tinha até dança.

— E você viu alguém seguindo a jovem?

Lurdes negou com a cabeça. Andrade escrutinou o rosto da assistente.

— Ah, e a inspetora Dora pediu para informar o senhor das últimas novidades do caso. A primeira foi que a perícia não encontrou nada de importante nos computadores apreendidos na casa dos brasileiros. A segunda novidade é sobre o seu informante. A polícia descobriu para onde ele foi. A terceira podia até ser

uma pista boa: a equipe técnica encontrou um fio de cabelo de Bernadete no sobretudo do tal Carlos.

Ao ver que os olhos de Andrade brilhavam com as notícias, jogou um balde de água fria:

— Mas ela disse pro senhor não se animar porque o Lourival pegou um voo para o Brasil e o fio de cabelo, eles acham que caiu quando Bernadete foi guardar o sobretudo no armário do patrão.

— O destino do afrocovarde eu já imaginava. Mas quanto ao fio do cabelo...o pior cego é o que não quer ver. O fio é uma prova cabal, Lurdes, de que o sujeito arrastou Bernadete quando ela estava narcotizada.

— A inspetora Dora e o inspetor-chefe Oliveira não veem assim.

— Só vão ver quando eu desenhar a explicação.

Os dois ficaram em silêncio. Apenas o trabalho incessante das mandíbulas do detetive se fazia ouvir. Quando não havia mais o que mastigar, Andrade falou:

— Voltando à perseguição. O assassino não pode ter percebido que você seguia a testemunha?

Ela negou enfaticamente.

— Eu ia de longe, bem de longe. E, de noite, a inspetora Dora me ajudou na campana. Eu chamei ela para estreitar as relações com os portugueses, como o senhor disse. E que não tinha ninguém na cola da testemunha-chave isso eu posso garantir. A mulher passeou muito, deu bola pruns fuleiros num bar, mas dormiu em casa. Devia estar cansada da agitação dos dias anteriores — arrematou com maldade.

O tom de voz paralisou o detetive, ao imaginar que a policial portuguesa não havia conseguido manter a boca fechada. Para se mostrar, Dora, como todas as mulheres, devia ter se vangloriado da noite passada com ele. Uma noite insípida, que podia pôr tudo a perder com Suely. A retidão ética de Lurdes o torturaria com pleitos para que contasse a Suely, que não perdoaria, ou pior, teria uma arma eterna contra ele. Moeria seu pecadilho em finos pedregulhos e os lançaria pouco a pouco, na máquina do amor, emperrando seu funcionamento. O ciúme lascivo se tornaria cobrança amarga.

— Passar a noite com uma suspeita... Chefe, isso é inominável!

Diabo! Agora todas as mulheres que o cercavam haviam dado para ler dicionário. Ao menos a inspetora Dora não cedera à vaidade, mas ao ciúme e, em vez de denunciar a si mesma, denunciara Vanessa como a parceira sexual dele. Melhor assim, respirou fundo, aliviado pelo fato de que para essa acusação tinha uma defesa pronta.

— Abrigar uma testemunha sob risco de vida não só é obrigação de todo policial, como também de qualquer cidadão responsável. Esta senhora veio ter a mim como última instância, para escapar a um assassino impiedoso. Passei o dia seguinte dando segurança ostensiva à vida da senhorita Vanessa. Acho que isso afastou o criminoso do seu intuito maligno, salvando a vida dela. Satisfeita?

— Por isso o senhor pediu para eu seguir ela? — o tom era menos agressivo, já pincelado por um futuro remorso.

O sorriso de Andrade foi uma resposta eficaz.

— Desculpe, chefe. É que a inspetora Dora falou tanto que ela e o Oliveira tinham se arrependido de seguir as suas dicas... Disse que todos os suspeitos acusados têm álibis bons e que o senhor passou a noite com a testemunha. Estão pensando em reorientar a investigação para o Vlad e a quadrilha dele.

— Sempre atrasados. Eu abandonei essa linha de investigação e eles deveriam fazer o mesmo. O sucesso só atrai inveja e má vontade, nunca queira prová-lo, inspetora. Quanto à noite que a testemunha passou aqui, mal preguei o olho. Vigiar, é claro.

Preocupado em mudar o rumo da conversa, o detetive exclamou:

— Não podemos cair no erro capital de nossos colegas lusitanos. Eles têm o privilégio de viver numa sociedade com extrema tolerância ao crime.

— Mais que o Brasil?

— No Brasil a leniência resulta da desordem social. Aqui, é fruto da ordem.

Lurdes balançou a cabeça confortada pelo familiar estupor diante da profundidade dos pensamentos de seu mentor. Ia escrever aquilo no seu caderno e deixar para entender quando tivesse mais tempo.

— O que temos agora, chefe? Continuo a seguir a testemunha?

— Não. Infelizmente, minhas ações salvaram uma vida, mas alertaram o assassino. Ele já avaliou que não vale a pena o risco. Deixar a testemunha dormir

aqui foi uma faca de dois gumes. De qualquer forma, a conclusão dele deve ser a de que se ela sabia de algo já falou, e pouco resultaria tentar calar a testemunha Vanessa nesse momento.

Traços da mentira amesquinham suas faces.

— É melhor você insistir com a inspetora na importância do fio de cabelo. Convença a mulher. Use de todos os meios.

— Que meios são esses? O senhor pode dar um exemplo?

A pergunta direta embarçou Andrade.

— Só digo que a inspetora Dora tem a cabeça aberta e.. bem... se você acha que tem... talvez... deva abrir a sua também. Mas, antes disso, você vai me acompanhar numa ação investigatória fundada nos métodos tradicionais, diretos, que os policiais portugueses resolveram demonizar.

A perspectiva animou Lurdes.

— Vamos balançar macieiras? Quem sabe não damos sorte?

— Sorte é o que acontece quando um cérebro superior se alia a uma disposição tenaz e inventiva.

A inspetora assentiu, com gravidade.

O segundo-secretário estava repetindo a explicação de que o embaixador e o primeiro-secretário tinham compromissos oficiais previamente agendados. Particularmente, os superiores haviam dito que não receberiam “aquele sujeito desqualificado” que tinha sido alvo de tantas reclamações nem que “viesse com um Kennedy a tiracolo”.

— Acho difícil a população entender que tomar chá com déspotas africanos seja mais importante do que desvendar o macabro assassinato de compatriotas — desabafou Andrade.

O assombro de Lurdes diante da beleza da embaixada ainda não havia passado. Com a boca semiaberta e os olhos no teto, apreciava o esplendor dos entalhes dourados sem coragem de tocar as xícaras de café, de uma porcelana tão fina quanto uma casca de ovo.

Dando palmadas na mesa que os separava do segundo-secretário, o detetive insistiu:

— O assunto é sério, não é para ser tratado com punhos de renda. É necessário impor ao Estado português todo o peso político cultural do país, e não falo aqui de novelas.

— O que o senhor deseja, afinal?

— No campo diplomático, um acordo com o governo português que nos permita atuar livremente na investigação do estripador de brasucas.

Um sorriso que esmagaria qualquer sonho brotou no rosto afilado do secretário.

— Não deseja a paz no Oriente Médio também?

— Eu não quero me meter nas carnificinas criadas por vocês. No entanto, tenho uma denúncia e para ela não preciso de acordo com país estrangeiro. Isso aqui — olhou ao redor — é território brasileiro, não é?

— Sim, senhor — respondeu o jovem, agora sério.

— Pois ouse dizer que há algo cheirando a podre neste reino perfumado.

O secretário inspirou pelo nariz, em resposta à ofensa:

— O senhor não tem autorização legal para checar nossa contabilidade.

— Não se trata disso. Não vim aqui para tirar os trocados que vocês desviam para a maquiagem. Não me apraz, mas não me preocupa. Estou aqui para trazer à luz a escusa conexão entre as vítimas de tenebrosos homicídios e a vida escandalosa da diplomacia nacional.

A súbita palidez do secretário pareceu ser capaz de reduzir a iluminação do ambiente.

— Não sei a que o senhor se refere.

— Eu me refiro à relação espúria entre uma cafetina brasileira e essa embaixada. Seria melhor falar comigo do que ver a notícia boiando no oceano de lama digital.

O jovem levou a mão direita à testa.

— Isso tinha que acontecer no meu primeiro posto fora de países bárbaros— disse para si mesmo, com a voz sumida. — O senhor espere aqui, vou me informar sobre o assunto.

Meia hora e muitos cafés depois, a porta da sala foi aberta por um homem de meia-idade, de lábios tão finos que poderiam cortar a boca de alguém com um beijo. Tinha uma fronte encerada ou sudorese avançada, pensou Andrade, cada vez mais à vontade no ambiente. Talvez devesse requisitar um local ali mesmo para poder finalizar a investigação num espaço adequado. Com o pensamento enlevando-o, ergueu-se para receber o homem.

— Embaixador Braga — disse o diplomata, estendendo a mão com a cabeça levemente inclinada.

— Detetive Andrade e inspetora Lurdes — respondeu Andrade, com gesto semelhante.

— Por favor — o embaixador indicou as cadeiras e eles se sentaram. — Entendo que o oficial nos trouxe uma questão sobre uma proximidade inconveniente entre funcionários da embaixada e a infeliz vítima de um crime.

— Intimidade vexatória, eu diria. E diria mais. Vítimas, no plural — acentuou o detetive.

— O responsável pelos serviços de *conciergerie* da embaixada está no Brasil, em férias.

— Que bom. Espero que seja muito perto de uma delegacia, onde poderá prestar esclarecimentos.

O sorriso do embaixador foi gélido.

— Não creio que vá ser necessário. Antes de fornecer as informações de que o senhor precisa, gostaria de poder classificar nossa conversa de sigilosa. A bem do interesse público, é evidente.

— Secreta! — exclamou Lurdes.

— Podemos considerar assim — aquiesceu Andrade.

— Bem, de fato houve uma oferta não requisitada de serviços por parte de uma dessas jovens cujo infortúnio acompanhamos pela imprensa. Esclareço que não foi aceita pela embaixada.

— Nosso corpo diplomático esteve em contato carnal com a mais destacada cafetina brasileira de Lisboa — registrou o detetive, com acidez.

— Não houve... isso. Apenas recebemos uma compatriota a pedido de membros da comunidade brasileira em Lisboa.

— Comunidade brasileira? É assim que designam essa gente? Prefiro chamar a organização em que militam de Sexo sem Fronteiras.

O embaixador franziu os lábios, desorientado. Andrade o encarou com ar demente:

— Quem? — rosnou.

— Quem o quê?

— Quem indicou a cafetina mineira para os serviços diplomáticos?

Uma longa pausa foi necessária até que o diplomata pesasse as consequências.

— O senhor Carlos... — sussurrou, como se revelasse um segredo de Estado.

— Aquele famigerado narcoilusionista — bradou Andrade, identificando o acusado antes que o embaixador concluísse o nome.

O queixo do embaixador soergueu-se um milímetro, para evidenciar que fizera a denúncia sob protesto.

— É hora de partirem, senhores.

O detetive mastigou as palavras com cuidado, como se contivessem veneno.

— Está mesmo na hora. Já respiramos demais esse ar de intriga e devassidão. No entanto, vou exigir que a embaixada faça gestões diplomáticas no sentido de me reincorporarem à força-tarefa binacional que investiga os crimes do estripador de Lisboa. Com poderes para convocar testemunhas e promover interrogatórios. É o preço do meu silêncio.

— Vamos envidar esforços nesse sentido. Agora, o senhor há de convir, que, fora desta embaixada, não estamos mais em território brasileiro.

Um olhar descrente de Andrade selou o compromisso. O embaixador desviou o interesse para Lurdes, que parecia catatônica.

— Sua assistente necessita de serviços médicos? Temos um ambulatório que também serve ao programa de coleta de sangue...

— Nem pense em tirar o sangue da minha inspetora. Não basta o da população brasileira?

— A coleta de sangue é parte de um programa social do governo português — explicou o embaixador, ofendido.

Ao se ver fora dos muros polidos, o detetive repreendeu Lurdes, rispidamente:

— O que houve com você lá dentro, inspetora?

— Eu nunca tinha visto uma casa com tanta parede e tanto móvel bonito, chefe.

— Aquilo ali não é uma casa, Lurdes. É uma caverna de vampiros diplomados que sugam o povo brasileiro. E defendem a canalha nacional no exterior. Viu como o sujeito tentou ocultar o nome do criminoso? O assassinato de duas brasileiras insignificantes não demanda justiça aos olhos desta cambada de janotas. Mas o clamor foi ouvido por mim e isso fez toda a diferença.

Um táxi parou ao lado deles. Andrade empurrou Lurdes para dentro do veículo e fechou a porta, ficando do lado de fora.

— Você segue para a Polícia Judiciária, inspetora. Eu vou para o apartamento. Seu objetivo é relatar o que descobrimos e intermediar um acordo com o inspetor-chefe Oliveira para uma reunião de emergência, hoje à noite, na nossa sede. Melhor tentar uma abordagem indireta através da inspetora Dora. Apesar da beleza, ela tem alguns neurônios que se falam.

Com dois tapas na lataria, o detetive despachou o táxi com sua inspetora. A paisagem ao redor da embaixada era bucólica. Ele tirou o celular do bolso para se localizar melhor no mapa do aparelho. Tinha um zoológico perto. Com um sorriso de prazer antecipado, seguiu naquela direção.

Num andar deselegante, em que seus pés pareciam fugir ao peso do corpo, Andrade demorou 15 minutos para chegar ao portão de entrada do zoo. A argumentação de que estava em serviço oficial não o isentou do pagamento do ingresso. Ainda inconformado, atravessou a praça de alimentação, de onde partiam caminhos para diferentes grupos de animais. Logo acima de sua cabeça um teleférico fazia um trajeto sobre as jaulas e os cercados. Era uma novidade e decidiu experimentar. O passeio, como imaginava, era de embevecer, deslizando pelo ar, a poucos metros de distância dos animais. O detetive saiu de lá com a sensação de que Deus, ao chegar o momento de criar o homem, estava exausto. A inspiração fora toda gasta nos seres inferiores.

Um bom tempo depois, Andrade estava de volta à entrada do zoológico, onde tomou um táxi para o apartamento emprestado. Todo o mal-estar provocado pela exposição ao ambiente de dissimulação e perfídia da embaixada havia se

dissipado. Tinha a mente leve. Um campo fértil para plantar o golpe final contra o assassino. Que já tinha um rosto.

No apartamento, Lurdes já o aguardava, ansiosa.

— Eu falei com a inspetora Dora e ela disse que ia falar com o inspetor-chefe e, depois, me ligava.

— Temos que nos preparar para a reunião com eles.

A fisionomia de Lurdes transbordava de satisfação.

— Eu pensei nisso, chefe.

Foi até a mesa e trouxe o caderno escolar com Fernando Pessoa na capa que, aparentemente, substituíra o bloco de notas.

— Eu fiz um resumo do caso — disse, entregando ao detetive.

Com os lábios sobrepostos pela concentração, Andrade percorreu rapidamente algumas páginas e fechou o caderno.

— Parabéns, inspetora. Acho que seria melhor você mesma apresentar nossos argumentos. Sinto que minha senioridade os deixa desconfortáveis. E precisamos deles tão flexíveis quanto bonecos de pano.

— Para fazer tudo o que precisamos — riu Lurdes.

— É a única democracia que funciona, inspetora. Os mais brilhantes conduzindo os menos. Dada a nacionalidade das partes envolvidas, essa questão já devia ter sido esclarecida em tratados. Vamos almoçar.

Como Dora ligara confirmando o encontro, Lurdes retornou ao apartamento após o almoço para se preparar. Andrade, por sua vez, tinha outros planos:

— Eu vou dar um giro pelos informantes para me despedir.

Na verdade, ele não tinha muito o que fazer, já que um informante desaparecera para sempre e o outro se deixara levar por sonhos possessivos. Andrade, então, tomou a direção da Avenida Almirante Reis, atrás de quinquilharias para brindar a empregada Dó e sua trupe infantil. Entrou num *outlet* que prometia preços inferiores a qualquer outro e saiu indignado com os valores cobrados. Havia visto uma loja chinesa mais abaixo, na mesma rua, e rumou para ela. O comércio saudável do mundo repousava na política chinesa de espalhar seus concidadãos pelo planeta. Dessa vez saiu satisfeito, carregando uma sacola enorme.

Era começo da noite quando a inspetora e o detetive terminaram de se aprontar para a reunião com os colegas portugueses. Lurdes havia mudado o visual. Um vestido preto brilhoso, que lhe batia nas canelas, havia substituído as calças de brim. Sobre o vestido, jogara um casaco sem mangas de pele artificial. Nenhuma joia, além de um relógio de pulseira dourada bem larga, que fazia um barulho enervante a cada movimento.

— Como estou, chefe? — ela deu um rodopio coquete, que Andrade não teve palavras para descrever.

— Diferente — murmurou o detetive, evitando o termo “estranho”.

— Eu vi este casaco hoje, numa lojinha aqui perto, e não resisti. Foi barato — disse ela, ressaltando o que era evidente.

Barato e mal gasto, pensou com tristeza o detetive. Ainda bem que o trabalho policial prescindia de senso estético.

— A vaidade é uma arma que pode ser usada por seus inimigos — acrescentou Andrade, com intenção de minimizar a importância do belo em detrimento do funcional.

— Não me diga que o senhor não tem um pinga de vaidade — provocou Lurdes.

— Não sou perfeito, inspetora. Os elogios acabam encontrando pontos frágeis na mais espessa armadura de integridade. Mas a vaidade que tenho é infinitamente inferior à minha inteligência, o que me salva do engano bajulatório.

Lurdes parou de se exhibir e foi ver TV, enquanto esperava os convidados. Não esperou muito. Logo o inspetor-chefe Oliveira entrou na sala do apartamento sem esconder a tromba que carregava. A seu lado, a inspetora Dora, menos hostil, cumprimentou Lurdes com um abraço, sem se esquecer de fazer um elogio à sua roupa. Para o detetive, a portuguesa reservou um aceno discreto, mantendo um semblante sério.

As pessoas se excediam na tentativa de esconder relações impróprias, avaliou Andrade, com a sensação de que o tratamento recebido de Dora escondia mãos

úmidas e um coração aos pulos. Era uma fruta que o detetive sabia ter espremido até o sumo sair ralo. Sorriu, imponente.

— Melhor sentarmos — disse Andrade, apontando as cadeiras ao redor da mesa. — A inspetora Lurdes vai apresentar aos senhores argumentos irrefutáveis para que amanhã façamos a prisão do estripador de domésticas.

— Deixe-me esclarecer-lhe, detetive — interrompeu Oliveira. — Estamos aqui por cortesia com a embaixada de seu país, que solicitou que ouvíssemos as suas... ideias sobre a investigação. Voltamos a nos concentrar na hipótese original de que Vlad assassinou a senhora Lucicléia e sua quadrilha foi responsável pela morte dele e da senhora Bernadete, porque ambos sabiam demais. A Interpol vai nos ajudar, investigando as conexões fora de Portugal.

— Ah, esta solução, como sabem, foi elaborada por mim nos estágios iniciais da investigação, mas, como ser inteligente, evolui com os acontecimentos — interrompeu Andrade. — Vejam bem, nem sempre me desagrada uma solução arranjada, quando a justiça se vê mais bem servida do que com a verdade. Não é esse o caso. Há um lobo à solta que aprendeu a caçar estraçalhando as vítimas. E se foi a necessidade de ocultar uma gravidez indesejada que o levou inicialmente a esse comportamento psicopático, a desnecessária desfiguração da segunda vítima me indica que ele tomou gosto pela coisa e vai fazer da devastação de corpos seu esporte olímpico.

— Estamos com o dia cheio — observou Oliveira, impaciente.

— Só espero que tenham tido tempo de limpar os ouvidos da cera dos preconceitos — respondeu Andrade, disfarçando a contrariedade. — Temos alguns acepipes na mesa. Proponho sentarmos para ouvir a inspetora Lurdes. Ao terminar, recomendo que suspendam os gastos no exterior. A solução desse caso está aqui mesmo, em Lisboa.

Oliveira e Dora tomaram assentos opostos. Lurdes sentou-se entre eles, enquanto o detetive ficava de pé. Ele serviu as taças com o vinho comprado no mercadinho indiano.

— Eu fiz um resumo, que vou ler — disse Lurdes, em tom escolar.

Por 20 minutos, a inspetora brasileira expôs aos policiais portugueses a visão de Andrade sobre o caso. Lu fora morta por ter engravidado de quem não

aceitava um filho desclassificado. Para evitar a identificação do nome do pai, os órgãos da primeira vítima haviam sido extraídos junto com o feto. O assassinato de Bernadete era resultado de sua tentativa de chantagear o pai fantasma, Carlos, que ela ignorava ser o assassino de Lu. A irracional brutalidade do assassinato de Bernadete fora resultado de um prazer adquirido pelo assassino: a violência bestial. Um *serial killer* temporão, como ressaltou Andrade, numa intervenção solitária. As oportunidades para os crimes haviam sido demonstradas pelo detetive ao demolir a solidez do álibi do casal. A motivação saltava à vista: Carlos estava tão preso à teia da aranha mineira que a introduzira, junto com sua rede de prostitutas, nos salões diplomáticos brasileiros. A detecção de um fio de cabelo de Bernadete no sobretudo dele era prova incontestável de seu crime.

— Nós nos informamos com a senhora Teresa e o sobretudo foi retirado na lavanderia coreana na manhã do dia em que a senhora Bernadete foi assassinada. E foi ela mesma que o levantou.

— Ah... O que prova que o fio caiu durante as etapas operacionais do homicídio.

— Ou ocorreu, mais provavelmente, quando a senhora Bernadete guardava o sobretudo no armário — contrapôs Oliveira.

— Duvido — bufou Andrade. — E há que se verificar se os outros sobretudos do criminoso sofreram lavagem recente. Ele pode ter feito isso para obter um recibo fajuto — acrescentou, dramaticamente.

Lurdes aproveitou a pausa para continuar seu relato. Para exasperação do detetive, o inspetor-chefe, durante o restante da explanação, negaceava, desanimado. Apenas quando Lurdes mencionou a conexão diplomática, um brilho de vida relampejou. Andrade agarrou-se a essa tênue miragem.

— Cumpra às autoridades esclarecer essa ligação mais que suspeita entre o Estado e a libidinagem.

O inspetor-chefe Oliveira abandonou o silêncio:

— Desculpe, detetive, mas isso tudo não passa de um amontoado de tolices. O fio de cabelo deve ter caído no sobretudo do senhor Carlos quando a senhora Bernadete o colocou no *closet*. O restante... bem... são no máximo indícios vagos. Entretanto, como se trata de cidadãos brasileiros e, em consideração ao

vosso embaixador, que insistiu muito que o atendêssemos, vamos aceder ao pedido absurdo e interrogar mais uma vez a família do senhor Carlos.

— É isso! — bradou Andrade.

— Pois seja. Mas dentro dos marcos da civilização e na condição de consultores convidados, nada mais. E há ainda outra condição. É a última vez que se metem no caso. O senhor vai fazer as perguntas que quiser à testemunha, mantendo a educação e o respeito devidos e depois desaparece de Lisboa, com a promessa de só regressar num futuro longínquo, e a passeio. Daqui a dez anos, no mínimo.

Apesar de surpresa com a virulência inusitada, as palavras duras do chefe obtiveram o apoio imediato de Dora. Lurdes, dividida entre a razão e a emoção, encolheu-se. O detetive, que havia trincado os dentes aguardando um protesto das mulheres, desnorteou-se ao se ver sozinho na defesa de suas ideias. Pinduca velhaco, pensou Andrade, enquanto avaliava o xeque-mate. Era tudo ou nada, exasperou-se, vendo que as inspetoras aguardavam a resolução do impasse com expectativa.

— Estamos entre cavalheiros de diferentes estirpes, ainda assim, cavalheiros. O senhor tem minha palavra, desde que se comprometa a convocar uma coletiva de imprensa e reconhecer publicamente o meu mérito na elucidação do caso, quando a solução lhe for entregue por estas mãos — e, assim dizendo, o detetive as espalmou, e elas eram enormes, como duas patas de urso, com salsichões substituindo as garras.

A artimanha balançou Oliveira. A contraproposta abria espaço para que o detetive capturasse todos os louros de um improvável acerto. Afinal, tendo em mente que os riscos eram mínimos e a promessa, libertadora, aceitou:

— As senhoras são testemunhas deste nosso acordo.

Pouco depois, quando os policiais portugueses estavam saindo do apartamento, Andrade sentiu-se compelido a sussurrar no ouvido de Dora:

— Posso discutir os detalhes, em seu território, mais tarde.

A lembrança, ainda que turva, do corpo gelatinoso sobre o seu produziu um espasmo de horror na inspetora portuguesa. Tomada pelo pânico que a ideia

inspirava, ela passou correndo por Oliveira na direção do corredor, sumindo escada abaixo.

Lurdes e Oliveira fitaram Andrade, espantados. Este respondeu com um volteio e entrou no apartamento, deixando com a assistente a tarefa de fechar a porta.

— No que está pensando, chefe? — perguntou ela, ao entrar e vê-lo estirado no sofá.

— Na sabedoria de Freud, quando percebeu que a religião católica, ao sufocar os impulsos sexuais, produziria mais mulheres histéricas do que as guerras napoleônicas.

Disposto a ter uma noite relaxante, Andrade convenceu Lurdes a jantarem em mais uma tasca sugerida pelo amigo Osório. Depois, rumaram para um complexo de cinemas instalado numa gigantesca loja de departamentos e se deliciaram com um filme português. Divertiram-se com o impagável sotaque, retornando ao apartamento com a leveza que só o riso aberto e franco constrói. Antes de desabar no sono, o detetive teve tempo para planejar o assalto ao castelo de mentiras em que a morte residia.

OS QUATRO entraram no elevador do prédio dos brasileiros em silêncio sepulcral. Mal continham a ansiedade: Andrade, com a expectativa de arrancar a máscara dos assassinos; os portugueses, com a da derrocada final do truculento agente brasileiro. A percepção do ânimo hostil dos colegas ultramarinos dava energia a Andrade para enfrentar o desafio suicida que se impusera: desnudar a alma negra do animal impiedoso, sem outros recursos que não os da sua imaginação. Ao tocarem a campainha do apartamento, o detetive inflou majestosamente o peito, afinou a cintura e expirou. Carlos abriu a porta.

— Vamos entrando — disse, simpático.

Depois de se acomodarem na sala, já acompanhados de Teresa, os policiais se viraram para o detetive, indicando que ele deveria tomar a palavra. Andrade se ergueu como uma besta do Apocalipse, lançando fogo pela boca:

— O que nos traz aqui, senhor Carlos, não é a mais agradável das tarefas de um agente da lei. Confrontar um criminoso diante da família cúmplice, trazendo orfandade civil a uma filha já bastante desencaminhada...

O casal ficou lívido e a mão de Teresa conteve Carlos, quando ele ameaçou levantar-se. Os portugueses baixaram os olhos, embaraçados, enquanto Lurdes, atenta, vigiava as ações dos dois suspeitos. Andrade continuou:

— ...não é parte de um dia a dia normal. É momento de exceção, mesmo para aqueles entre nós que já viram de tudo no curso de uma vida dedicada a combater o mal. E digo, sem medo de errar, que mal como esse nunca se viu. Pois abrange vários crimes que abraçam, de uma vez só, os sete pecados capitais. Nasce num homem cuja preguiça o leva a aplacar sua lascívia dentro do próprio lar, quando tem no trabalho oferta abundante de moças com talento para desempenhar qualquer papel. Prospera com a inveja de um pai em relação à própria filha, desterrada para o Brasil de modo a afastar a competição pela doméstica assanhada. Avança pela luxúria, que leva o velho degenerado a buscar na caverna úmida da jovem empregada a satisfação de seus desejos bestiais. Mas

se materializa quando a vaidade o impele a repudiar o feto produzido no ventre bonitinho mas ordinário. Começa a ruir quando toma partido da gula de Bernadete, a roliça chantagista, para narcotizá-la com um bolo de avelã. E colapsa na avareza de não corromper a prostituta com uns trocados para o aborto que a permitissem viver do filho, pelo filho, sem o filho. Tudo junto faz...

— E a ira? — indagou Carlos, fulminando o detetive.

— O quê? — surpreendeu-se Andrade.

— A ira. O senhor esqueceu-se de um dos pecados, a ira — disse Oliveira, com satisfação mesquinha.

Os olhinhos de Andrade dançaram nas órbitas, crispados pelo conluio infame ao seu redor. Então, a polícia portuguesa se irmanava aos criminosos brasileiros.

— A ira divina é o final dessa história de horror. Cairá sobre os vermes desumanos que arrancam um feto da mãe ainda viva. E vem pelas mãos de um anjo vingador, este modesto policial brasileiro que desvendou a trama sinistra. As provas são fartas — continuou o detetive, transferindo o olhar para Teresa, de quem esperava a confissão final. — Vanessa, uma jovem amiga das vítimas, viu seu marido várias vezes na mundanidade noturna, aos tapas e beijos com a dissoluta Lu.

Uma expressão de revolta em ebulição tingiu o rosto de Teresa, para agrado de Andrade. Ela estava a caminho da revelação, pensou, tomando fôlego para continuar sem despregar o olho da mulher.

— Lucicléia, Lu para os amigos, era uma jovem brasileira, guerreira de cama e mesa, sonhadora, que carregava um temido segredo no seu ventre virginal. Algo que exporia o senhor e a sua família como a matriz das perversões — e nesse ponto estirou o dedo na cara de Teresa embora olhasse para Carlos — diante da sanha conservadora da retrógrada sociedade portuguesa. O desemprego e o ostracismo bateriam à sua porta com dedinhos bastardos e o afastaria do colo seco e familiar da esposa, a quem clamo, por respeito a Deus, que confesse. Não duvido que tenha sido induzida à cumplicidade por artimanhas que um bom advogado saberá esclarecer e um juiz, absolver.

— Isso é ridículo! — bradou Teresa prestes a avançar sobre o detetive, sendo sua vez de ser impedida pelo marido.

— Deixe esse energúmeno falar, Teresa. É a última vez que terá a oportunidade. Vamos sair daqui direto para o escritório de nosso advogado. Pretendo processar todos os presentes.

Os portugueses trocaram olhares nervosos. Sem dar espaço a novas interrupções, Andrade prosseguiu:

— Pois vamos às provas que levarão o senhor e seu advogado a conversar através de uma janela gradeada. Temos o testemunho de uma autoridade diplomática, portadora de fé pública, de que, por indicação sua, a famigerada Lu foi oferecer a prestação de serviços sexuais a brasileiros em visita ao país.

— Carlos!? — exclamou Teresa, ultrajada. — Desminta já essa calúnia.

Ao invés de desmentir, Carlos correu as mãos pelo rosto. Com um olhar envergonhado, fitou a mulher.

— Foi uma bobagem, querida. O George, nosso amigo, *concierge* da embaixada, disse que precisava de um serviço de confiança para atender aos pedidos de políticos que passavam pela cidade. Comentei com o Paulo e ele sugeriu o nome dela, da Lucicléia. Eu não imaginava que ela fazia essas coisas, mas você sabe que os negócios que ele faz na África às vezes precisam... de um molho.

Carlos fitou a mulher, embaraçado.

— E eu só a encontrei uma vez fora daqui, numa boate, e foi para falar... desse assunto. Eu juro! — completou Carlos.

— Então, foi por isso que a embaixada devolveu o George para o Brasil. Queriam se livrar do escândalo — disse Teresa.

— Temo uma queima de arquivo! — clamou Andrade, indignado.

Carlos, sentindo-se menos encurralado, reforçou sua defesa:

— Foi isso o que aconteceu. E parou por aí. Não tive outro contato com essa jovem fora daqui. Nunca frequentei a noite de Lisboa, ao contrário da afirmação mentirosa do senhor.

Andrade não passou recibo.

— Minhas fontes são genuínas e probas. E o pretenso álibi de vocês não resistiu à minha análise de tempo e espaço. Esta aí — apontou Teresa — teve tempo de sobra para correr...

— Correr?! Teresa tem uma severa restrição cardíaca. Não poderia correr dez metros sem ter um enfarte!

— O senhor pode provar o que diz? — perguntou Oliveira, animado.

— Claro! Nosso médico e qualquer outro atestariam.

Desconcertado com os argumentos que desmontavam sua teoria para o crime, o detetive viu sua segurança afundar num poço escuro e profundo. No desespero, seu cérebro agarrou uma alternativa: Paulo, o arrogante milionário que construía o prédio que servia de morada aos suspeitos. Fora ele que, através de Carlos, indicara a cafetina aos serviços diplomáticos. Tinha negócios na África que demandavam os lotes de carne fresca disponíveis no açougue de Lu e não era o tipo de homem que deixaria de desfrutar um jambinho apetitoso por causa da esposa-cadáver dormindo ao lado. E, melhor, não hesitaria em eliminar os problemas que surgissem dessa relação, usando africanos acostumados a cometer atrocidades a troco de uma visita a Lisboa.

Com um arranco imediatamente seguido por Lurdes, o detetive rumou para a porta, ignorando os clamores enraivecidos. Seguiu pelo corredor, dali para as escadas, marchando como um louco, para o apartamento de cobertura. Os policiais portugueses, apavorados com os desmandos, ficaram para trás, desmanchando-se em desculpas.

Na cobertura de Paulo e Amélia, nem mesmo a ferocidade com que Andrade teceu a acusação, retratada pela espuma que teimava em descer pelos cantos da boca, derrubou as defesas da família, ali reunida. Com soberba e desfaçatez, Paulo, esparramado no sofá, confessou utilizar os serviços de Lu para polir suas relações com autoridades africanas, nada mais do que isso. A apresentação da alpinista sexual ao corpo diplomático não passara da indicação de uma profissional talentosa. Um serviço à pátria, ousou dizer para o grupo de policiais, completo com a chegada dos portugueses. O mutismo de Amélia, que mantinha os olhos cravados num espaço para além das revelações aterradoras, sugeriam a Andrade que ela estava chapada e não seria tocada pelas emoções da denúncia. O desespero do detetive já lhe batia no queixo.

— O senhor não apenas traficava, como consumia o produto — berrou o detetive, de pé, dirigindo-se a Amélia, numa última tentativa de a converter numa aliada contra o marido. — Foi visto engolfado em beijos sedentos na boate dos desejos com a bela Lu nos braços.

A risada divertida de Paulo desconcertou Andrade.

— Nunca estive nessa tal boate. Mas não somos um casal de classe média, detetive. Podemos usufruir todas as experiências que o dinheiro pode comprar.

O sorriso vidrado da mulher não foi alterado pela afirmação do marido.

— Eu o acuso de participar do esquema criminoso da Messalina das Alterosas. De inventar um álibi em Angola...

— Álibi que vários ministros de Estado confirmariam — registrou Paulo.

— Ministros para quem fornecia mulheres objeto — o dedo de Andrade girava no ar, com vida própria. — Álibi forjado para encobrir um duplo assassinato motivado pelo desejo torpe de molhar o ganso numa poça quente e úmida, em vez de afogar o dito cujo num lago gelado.

E, buscando nos inatingíveis olhos de Amélia um clarão de afronta que não vinha, o detetive continuou:

— Tudo é permitido para a elite, qualquer depravação, mas mesmo os sem limites têm uma linha que não podem cruzar sem pôr em risco sua posição pinacular na pirâmide social. E essa linha, para os que têm tudo, é tudo para os que nada têm.

— A que linha o senhor se refere? — despertou Amélia do aparente transe em que vivia.

Surpreso pela interrupção e pela origem dela, Andrade atrapalhou-se:

— Que linha?!

— A linha que não podemos cruzar. Nem sabia que havia uma linha — disse Paulo, também intrigado e confuso, enquanto Amélia retornava a seu mundo.

A segunda interrupção ajudou o detetive a se reorientar.

— A geração de um filho indesejado num ventre indesejável. Parir um filho da puta ao invés de um filho da doida.

Paulo jogou o corpo para trás e estendeu os pés na mesinha de centro, com ar divertido. Lentamente, como se espreguiçasse, cruzou os dedos atrás da nuca.

— Eu fiz vasectomia.

— O quê?

— Vasectomia. Nunca quis ter filhos. E, a não ser que queira inventar outro motivo para o crime, o senhor pode ir entreter outra família que não possa pagar um advogado. Que, aliás, aconselho a todos os presentes constituir.

O impacto da revelação de Paulo atingiu o peito de Andrade como uma martelada. Arfando, caiu para trás sobre uma poltrona. O inspetor-chefe Oliveira, que suava profusamente, embora não fizesse calor, entrou em pânico. Tentou intervir, mas gaguejou, sem completar uma palavra. Dudu, o filho de Amélia, surgiu na entrada da sala, de onde assistira ao espetáculo por alguns minutos. Adentrou o recinto aplaudindo, risonho.

As atenções se voltaram para ele, que parou diante do detetive:

— Você é a coisa mais engraçada que eu já vi na vida.

Num resto de brio, o detetive o encarou, com os beiços protrusos. De súbito, seu rosto começou a ganhar vida com uma ideia. Da vida, passou a um desprezo contundente:

— Você não fez vasectomia, fez?

Na portaria do prédio dos brasileiros, o inspetor-chefe Oliveira se despediu de Andrade sem cordialidade. A inspetora Dora abraçou Lurdes, reafirmando o prazer de tê-la conhecido. Com o detetive, manteve o distanciamento que vinha demonstrando desde a noite trágica. Os dois portugueses se afastaram a passos largos.

— “Não, mas eu sou gay” — falou Lurdes, com raiva, imitando a frase e a rebolada irônica de Dudu ao responder a Andrade. — Chefe, quem podia dizer que aquele bonitão era boiola?

Um ar devastado engolira o pescoço do detetive. Parecia envelhecido, derrotado.

— Eu deveria saber, Lurdes. Jovens dessa beleza, com mães protetoras, são alvos naturais do furor hormonal dos colegas adolescentes. E a reconversão à masculinidade é um processo ainda não demonstrado na natureza.

— E agora, chefe? — indagou a inspetora, à beira das lágrimas com o desamparo do detetive.

— No fim de semana retornamos ao Brasil. Até lá, há muitos monumentos a ver na cidade e preciso cumprir uma promessa.

— Ir a Fátima — disse Lurdes, mantendo a continência que o momento exigia, apesar da excitação.

— Ir a Fátima — concordou ele, de cabeça baixa.

NO DIA seguinte, partiram bem cedinho para o Santuário de Fátima, num carro alugado por Lurdes. A inspetora ia esfuziante, elencando mentalmente os pedidos que faria a Virgem. No banco do carona, um circunspecto detetive revolia a memória em busca de um detalhe que resgatasse sua investigação. Após a noite de sono, havia recuperado o bom senso. Infelizmente, bom senso não sustentava um ego do seu tamanho. Depois de um tempo angustiante, agarrou-se a um pensamento que aliviava a dor. Um erro único, numa carreira repleta de êxitos, só demonstrava que toda regra tinha exceção. A sua regra profissional era a de obter sucesso onde todos os outros fracassariam.

Em respeito a Marta, sua falecida mulher, o detetive acompanhou Lurdes num longo passeio pela gigantesca praça da igreja e, depois, pelo caminho que os levava ao lugar em que os três pastorezinhos haviam se deparado com a Virgem no início do século XX.

Voltaram para Lisboa ainda pela manhã, apesar dos esforços da inspetora para injetar no superior ânimo suficiente para assistir a uma missa. Voto vencido, ela se resignou a acender uma última vela antes de partir. No apartamento, o detetive foi direto para o quarto e caiu num sono profundo. Ao acordar, no meio da tarde, viu o bilhete em que Lurdes dizia ter ido passear na Baixa, mas que voltaria para jantarem juntos.

Inquieto, decidiu ligar para a quase namorada Suely a fim de começar a pôr a vida em ordem, apagando a estada em Lisboa, pessoal e profissionalmente. O consolo que podia esperar de tudo era que se Lurdes se calasse, poucos no Brasil saberiam do fiasco.

— Su, sou eu.

— Eu sei, né — Suely respondeu, magoada. — Pensei que num ia mais ligar.

— Foi você que desligou, mas... desculpe se fui bruto.

— Bruto tu é, e aceito na boa. Mas bruto do bem. Não quero homem que quer pôr a companhia pra baixo. Quero homem para ser igual.

— A culpa foi dessa investigação, Su. Nunca me aconteceu isso de sair de um caso sem saber quem foi o criminoso. Já aconteceu de não prender ninguém, mas isso é outra coisa.

— Se não achou, ainda pode achar.

— Não dá mais.

— Você tá voltando?

— Tenho mais dois dias, e nada pra fazer. A polícia daqui rompeu covarde e unilateralmente o acordo de cooperação. Não posso pressionar os suspeitos.

— Não tem essa, ursão. Até Jesus errou, confiando em Judas. Mesmo assim foi até o final. Se te tiraram os suspeitos, fica no pé das testemunhas. Mas sem dar confiança...

— ...porque podem ser Judas — ele completou, sentindo-se o próprio traidor bíblico, pela relação com Vanessa, já que a noite com Dora, estava seguro, era coisa de colega de trabalho, não contava como traição.

Durante meia hora conversaram sobre a vida de cada um e sobre o que fariam para compensar os dias perdidos. A cada frase, Suely o elogiava, lembrava seus feitos, e cobrava seus brios, instigando-o a aproveitar o tempo restante para fazer o que mais sabia: torcer as testemunhas como roupa usada até que a sujeira entranhada escorresse. A firmeza dela, pouco a pouco, devolveu confiança e energia ao corpo cansado. Havia o círculo das vítimas, gente reles, para as quais não havia barreiras ao acesso, refletiu após desligar. Eram criaturas humildes, sujeitas ao poder da polícia, temerosas de tudo. Podia espremê-las sem o receio de que o poder público, cúmplice às elites, interviesse. Buscou sua japona e o cachecol decidido a mergulhar mais uma vez na investigação, agora, sem as amarras portuguesas, que castravam seu estilo único de investigação.

Tonho estava de saída da faculdade quando viu o mastodonte galopando em sua direção. Paralisou, inundado pelo horror que a figura lhe inspirava.

— Ainda bem que o peguei saindo da escola, senhor Antônio. É dia de gazeta?

— O que o senhor quer, agora?

Por 15 minutos obrigou o rapaz a relatar cada diálogo travado com Lu e com Bernadete no mês anterior, em busca de um detalhe que pudesse revelar o nome

do pai da criança.

— Esse filho podia ser de qualquer um. Vai ver até que a Lu ia tirar e morreu antes. Ela era a rainha do teatro.

— Sei.

— Falsa. Mas tinha jeito pra imitar os outros. Era engraçada quando dava pra botar no ridículo os patrões. Imitar o jeitinho amoroso deles. Era um lixo talentoso — concluiu com maldade.

— E você não passa de uma raposa que finge que a uva está verde — cuspiu Andrade, irritado com a falta de informações úteis na conversa do jovem.

Tonho olhou o relógio, nervoso.

— Ai, essa conversa já deu. Tô atrasadíssimo pra minha aula de dança.

— Ah, então a casa da mãe Joana tem mais um dançarino?

Tonho deu um risinho.

— Mais dois. A desgraçada da Vanessa dança é muito. Tem tudo de ruim, mas sabe erotizar uma pista.

— Você tá confundindo a viva com a morta?

— Nada. Tô falando da Vanessa. Um dia, numa festa, as duas tavam bebinhas, disputaram o salão e a Vanessa arrasou. A Lu ficou danada. Disse que a Van tava treinada naquela música.

— Treinada onde?

Tonho deu de ombros.

— Deve ter sido em Londres. Ihhh... tô indo.

A petulância verbal agitou Andrade.

— Calma que ainda não dispensei o boneco.

— Vai me desculpar, mas tive a conversa por causa da Bê. Aquela inspetora portuguesa me ligou para dizer que o senhor não ia mais incomodar a gente.

Acenando de leve, ele saiu apressado pelo pátio em passinhos miúdos. Cercado pela multidão de jovens que circulavam por ali, Andrade permaneceu parado, deixando que a cólera se dissipasse para voltar a raciocinar.

Ao abrir a porta do apartamento emprestado, o detetive surpreendeu Lurdes sentada na beirada da cama, olhando fixamente para duas cartolinas presas à

parede com fita durex. Nas cartolinas, as linhas mostravam as pistas do caso e as colunas descreviam as análises e suas conclusões.

— O que é isso, inspetora?

Ela se virou para Andrade. No rosto encovado, pulsava determinação:

— Eu ia passeando pela Baixa, numa boa, quando, de repente, bateu a dor de pensar que o senhor tava desistindo de um caso. Ia ser a primeira vez. Voltei pra cá, chefe. O senhor fala, eu escrevo, e a gente descobre o assassino.

— Eu ainda não virei Cristo para fazer milagre.

Lurdes fungou, inconformada, com os olhos marejados:

— Também não virou Judas para trair nosso juramento.

O apelo duro, esperançoso, calou a resposta que a audácia merecia. Gentilmente, o detetive foi sentar-se a seu lado.

— Eu fiz um último ataque aos muros da omissão e ele resistiu intacto.

— Falou com quem?

— Com o boneco japonês, irmão da vítima número dois. Depois de uma hora de sacrifício auricular, sabe o que descobri?

— O quê?

— Que ele quer ser igual a Lu e a Vanessa.

— Igual como, chefe?

— Dançar... tão bem quanto eles.

— Entrar no desvio que o senhor sempre fala, não é?

— É, Lurdes. Um jovem de dedos finos, que daria um bom digitador, até pianista, se não tivesse nascido na banda pobre da sociedade, e que agora vai se perder em artes que não compreende. Chegou a me afirmar que a colega de muquifo, a Vanessa, era uma dançarina maravilhosa. Bobagem, ela não dança nada. Ela mesmo confessou isso pra mim.

O rosto de Lurdes avermelhou-se, explodindo numa lacrimosa acusação:

— O senhor tentou dançar com a informante e me disse que só tinha cuidado da segurança dela. Ah, coitada da Suely!

Com a inconfidência ameaçando atear fogo à sua relação com Suely, o detetive correu a impedir que Lurdes soprasse as chamas:

— Pare com isso, inspetora! Eu não dancei com ninguém! Estamos numa encruzilhada mortal, enfrentando exus e pombagiras e a senhorita preocupada com besteiras?

Lurdes, ainda ultrajada com o comportamento do detetive, interrompeu-o com uma provocação ressentida:

— E a Vanessa passou no seu teste de dança colada?

— Já disse, Lurdes, não dancei com ela.

Um incômodo silêncio baixou sobre eles, até que Lurdes o quebrasse com um lamento:

— Como é que pode, chefe? Quanto mais eu olho, menos acredito. Nunca teve um caso com tantas provas...

— ...incriminando um inocente. Eu entendo você, Lurdes. Isso só poderia ser possível se ele fosse mesmo o culpado ou se as provas mentissem.

— Provas não mentem, chefe.

— Se forem inquestionáveis, não. Mas pessoas mentem, inspetora. Porque escondem coisas. Porque a verdade as denuncia. E são elas que produzem...

No meio da frase, Andrade calou-se e, por um breve instante, Lurdes juraria ter visto uma luz intensa envolvendo-o.

— O senhor descobriu o criminoso!

Com o dedo em riste, Lurdes apontava os vincos de escárnio nos cantos da boca do detetive, indícios que denunciavam mais uma iminente vitória contra o crime.

— Quase posso lhe garantir que sim, inspetora. Na verdade, acho que meu inconsciente sempre soube quem era. Só esperava descobrir o meio de provar seus crimes para trazer o nome à tona. Infelizmente, temo que meu saber não tenha o poder de convencer as autoridades portuguesas a me conceder um salvo-conduto para extrair uma confissão. Sem provas burocráticas, o inspetor-chefe vai lavar as mãos, como Pilatos. Apesar dos valores que comungamos, não sou como Cristo e não vou deixar Judas sair impune.

— O que fazemos, então?

— Eu explico, Lurdes. Ao longo de toda a investigação apresentei as deduções lógicas de cada indício, de cada evidência...

— ...e elas só meteram a gente em roubada, chefe.

Andrade não se deixou abater pelo comentário desairoso.

— Não sou artista de rua para viver de aplauso, inspetora. Tudo o que fiz foi para que chegássemos exatamente ao ponto em que chegamos. Provei, acima de qualquer dúvida, como apreciam os juristas anglo-saxões, que as evidências nos levavam a acusações indevidas. Provei, usando a mais temível das ferramentas matemáticas, a redução ao absurdo, que o culpado não é aquele que os indícios apontam e portanto...

— E portanto?

— ...as evidências mentem.

A afirmação enfática que contrariava toda a aprendizagem da inspetora foi recebida com enorme surpresa.

— Não é possível!

— Estude esse caso como uma pós-graduação no combate ao crime, Lurdes. Espero que nossos colegas portugueses também possam compreender o erro que é confiar totalmente nas pistas e provas técnicas.

— E como vamos prender o assassino, se as pistas incriminam outras pessoas?

— Seguindo as pistas até sua origem e tecendo uma teia da qual ele não possa escapar. Mãos à obra, inspetora! Vamos terminar de preencher sua cartolina tendo em mente que as provas foram plantadas por alguém que desejava incriminar um inocente e afastar as suspeitas do culpado.

A inspetora pôs-se a trabalhar. Ocasionalmente, ia até o banheiro do quarto de Andrade e consultava o detetive, mergulhado num relaxante banho de banheira destinado a aclarar suas ideias. Ao sair da água, vestir-se e ter com Lurdes, ele sabia que os procedimentos seguidos na investigação seriam matéria de estudo para as futuras gerações de agentes da lei. Talvez devesse descrever seu conjunto como Método Andrade de Resolução de Homicídios. Com vagar, examinou as cartolinas e, depois, começou a falar, ampliando os comentários que Lurdes anotara:

— Fio de cabelo de Bernadete. A principal evidência incriminatória. Havia a conclusão inicial de que ou teria caído durante o assassinato ou durante a arrumação do sobretudo. Podemos agora supor que o fio não caiu, foi posto lá

pelo assassino. Como a própria gorducha não se matou e a família de Carlos foi o objeto da ação incriminatória, a pista só pode ter sido plantada a partir do momento em que o sobretudo saiu da lavanderia.

— Conforme dona Teresa contou, Bernadete pegou o sobretudo na lavanderia pela manhã e, de noite, foi assassinada — esclareceu Lurdes.

O detetive acariciou o queixo:

— E no percurso até o apartamento o sobretudo estaria coberto com esses plásticos de lavanderia.

— Nenhum estranho visitou a família naquele dia — prosseguiu Lurdes.

— E a Bernadete não deixaria nenhum desconhecido colocar a mão no sobretudo do patrão.

— Foi um conhecido! — gritou a inspetora.

O detetive sorriu.

— Quando terminarmos aqui, você vai até a lavanderia para saber se alguém mais estava com a baleia extinta quando ela pegou o sobretudo.

Parado, com a mão atada ao queixo como um Cristóvão Colombo divisando uma nova descoberta, o detetive foi abraçado por sua protegida.

— Calma, inspetora. Temos outras pistas para examinar na sua cartolina. Por exemplo, se a perícia indica que o assassino das inconfidentes mineiras é destro, podemos supor que ele é canhoto. E se a morte de Vlad foi realizada com mão diversa, o que indicaria um assassino distinto, devemos imaginar que foi o mesmo.

A cabeça de Lurdes havia se inclinado como se todo o seu corpo fosse sendo amolecido pela energia criativa que irradiava de seu chefe. Não queria respirar para que nenhuma distração o atrapalhasse.

O DIA anterior à partida para o Brasil teve um início frenético. Lurdes, depois de arrumar as malas de ambos, foi enviada em uma nova missão de reconciliação com os policiais portugueses. Andrade almoçou sozinho, passou em algumas lojas e recolheu-se para um descanso, deixando um bilhete para a inspetora em que pedia para não ser incomodado. Assim que acordou, a inspetora o avisou, preocupada:

— O inspetor-chefe aceitou deixar a inspetora Dora de sobreaviso. Só fiquei com medo que seja para prender a gente, por obstrução de justiça.

O sorriso arreganhado e confiante do detetive a tranquilizou e foram descansar diante da TV. Quando a tarde acabou, ele tomou um banho e deu as últimas instruções à assistente.

O apartamento emprestado estava à meia-luz. Na mesa, uma garrafa de vinho aberta, duas taças e alguns queijos à mostra. Vanessa mordiscava um pedaço, com ar de soberana.

— O mocinho não aguentou a distância — cutucou, convencida, molhando os dedos na língua. — Só topei vir aqui porque você disse que tá indo embora. Três é o limite, não é? Então, não preciso ter medo de ser atacada.

— É só uma despedida de amigos. Participamos juntos de uma investigação e isso sempre cria laços — respondeu o detetive, aproximando-se.

Ela deu uma risada sapeca e fez um “três” com os dedos. Depois, estirou um deles para manter Andrade a distância.

— Melhor sentar — disse ela, mordendo os lábios.

— Melhor — concordou ele.

Os dois pegaram suas taças e foram para o sofá. Sentaram um em cada canto. Ela se virou para ele, pondo uma perna no assento.

— Eu ainda estou muito abalada com tudo. As minhas amigas...

— Onde foi que você conheceu Lu?

— Em Londres, benzinho, já te contei. Ela estava lá de férias e foi cortar o cabelo no salão em que eu trabalhava.

Andrade tentou, sem sucesso, colocar uma perna sobre o assento para encarar Vanessa de frente. Não conseguiu e se levantou, postando-se diante dela. Ao falar, a voz carregava um tom trágico:

— Nesse tempo, ela ainda era apenas uma arrumadeira lisboeta, não é? Ainda não dançava em pelo em colos lisboetas. O fato é que quando Lucicléia voltou de Londres estava cheia de ideias para subir na vida, imaginando que as noites podiam ser mais lucrativas se fizesse da safadeza eventual uma profissão. Uma ideia sugerida por uma amiga recente, moderninha, que conhecia os meandros da noite mais corrompida do mundo. Londres, capital financeira, onde o dinheiro circula deixando um rastro de degradação. Um ótimo lugar para esbarrar numa profissional experiente que lhe mostrasse como entrar no negócio mais antigo do mundo, levando o voluntarismo pessoal ao empreendedorismo.

Vanessa também se levantou, de queixo erguido, irritada.

— Que conversa é essa? — questionou, com ar decidido.

A boca do detetive se vergou numa expressão de desagrado amargo.

— É a história de uma experiente dançarina de boate, chamemos de V, que conhece uma mineira desinibida e ambiciosa, que vamos chamar de L. Interesse à primeira vista. V e L combinam de, juntas, desbravarem a noite de Lisboa. Planejam fazer isso aos poucos. Primeiro, a safadinha L vai mapear o mercado, indo dançar num *strip club* indicada pela mais rodada, a V. Depois, planejam começar, juntas, o negócio engendrado por V. Mas, nesse meio-tempo, uma boa sorte apaga as melhores intenções. Assim que se estabelece, a mineira L desperta a cobiça amorosa do dono da boate, fica espaçosa e parte para um voo solo, deixando a criadora do negócio de brocha na mão. É a pior espécie do reino animal: a amiga da onça.

À medida que ele desenvolvia sua tese, a fisionomia de Vanessa ia ganhando contornos sombrios. Os lábios, submersos na boca, não emitiam sons, mas dos olhos saíam faíscas.

— Conversa maluca — disse, enfurecida, indo para longe do detetive. — O que é que você tá inventando?

— Mostrei uma foto sua que tenho no celular para a garota da lavanderia coreana e ela reconheceu você, confirmando que a senhorita foi junto com outra moça pegar o sobretudo do senhor Carlos. Eu imagino que tenha aproveitado uma distração da Bernadete e plantado um fio de cabelo da balofa no sobretudo do pobre Carlos — disse ele, desabando novamente no sofá.

A inquietação dominou Vanessa. Seus dedos começaram a enrolar e desenrolar o cabelo.

— História inventada! — disse ela e, subitamente, a zanga pareceu desaparecer. Andou até Andrade e se ajoelhou diante dele, acariciando suas pernas. — Você tá indo embora e a gente brigando por bobagem. Só porque você não conseguiu prender aquela família de assassinos...

— Quem?

— Aquele ex-patrão da Lu que vivia no clube. É claro que ele matou a Lu.

— Falamos com ele ontem. Apesar da sordidez em que vive, o sujeito está inocente nesses crimes.

Ela tornou a se sentar no sofá. Dessa vez, grudada em Andrade. Agarrou a gola da camisa dele e puxou seu rosto até roçar pele com pele. Sussurrou em seu ouvido:

— Podemos repetir a série de três, começando do zero.

Andrade tomou seu queixo e o aproximou de sua boca.

— Foi uma surpresa descobrir sua competência para a dança, depois de negar à sua paixão um bolero grudado. Isso, somado aos meus profundos *insights* de criminologia aplicada, me permitiram identificar a mentira que cada evidência contava. Evidências criadas por você para comprometer um inocente.

— Isso tudo é uma besteirada.

— Agora mesmo seu apartamento está sendo revistado. E sabemos que você tem um box alugado num *self storage* aqui mesmo, em Lisboa. Quem sabe não encontraremos num desses lugares um celular específico, cujo número foi usado para contatar um agente distribuidor de Lu, de nome Lourival? E a polícia londrina já está investigando seu passado e as conexões que estabeleceu em terras britânicas. Certamente vai encontrar por lá suas pegadas sujas de lama.

Ela se livrou de Andrade num rompante, movendo-se para longe dele. Parou perto da mesa onde deixara a bolsa. Quando se voltou para ele, portava uma arma na mão esquerda.

— Canhota?

— Pensei que nunca ia perceber. Até isso planejei. Usei a mão direita para matar as duas, para afastar as suspeitas.

O rosto de Vanessa tinha abandonado os traços de lascívia e fora engolfado por um sadismo catártico.

— Gordo asqueroso — disse com as faces distorcidas por aguda repulsa. — Maldita a hora em que falou em dança. Menti porque fiquei com medo que isso despertasse suspeitas sobre meu passado. E o que você, um policial brasileiro, tinha que se meter no assunto? Era um acerto de contas entre a vagabunda da Lu e eu. Convenci o Vlad a me ajudar a dar uma prensa nela, dizendo que o filho podia ser do brasileiro, de quem ele já tinha ciúme. Queria o Vlad implicado no crime, para que não me denunciasse. Ele ia saber na hora que tinha sido eu.

— O Vlad não tomou parte no crime?

— Nada. Foi comigo para saber do filho. Pedi que ele ligasse para ela do meu celular secreto. A Lu confiava nele. Se fosse eu que chamasse para uma conversa tarde da noite, ela não ia de jeito nenhum. O idiota ainda era gamado naquela piranha, cabrita sem graça, vigarista. Você precisava ver a surpresa do cigano quando dei a primeira facada nela, pelas costas. Caiu chorando, o idiota. Depois, não teve jeito. Ou ele me ajudava a estripar a galinha ou o bebê lá dentro ia colocá-lo atrás das grades, por mais inocente que fosse. Todo mundo sabe a fama dos ciganos com arma branca.

— E, depois, você o matou.

— Eu conhecia a casinha onde ele se escondia, em Setúbal. Fui dar um alô e me ofereci para ajudar ele num relaxamento geral. Quando estava roncando, cravei a faca no coração e depois arranquei os sacos para dar cara de gangue. Tudo com a esquerda para fazer diferente na comparação com as outras mortes. Tudo perfeito. Coisa de gênio.

— Pena ter se deparado com um gênio maior.

— Pena pra você, não é? — disse ela, balançando a arma.

O detetive teve um momento de apreensão, para logo prosseguir:

— E onde entrava o brasileiro? Por que não deixou o Vlad pagar o pato em vez de tentar jogar tudo no colo do Carlos?

— Não queria os meganhas em cima do Vlad, porque podia respingar em mim. Eu tive um rolo com um primo dele em Londres e a gente se conhecia desde o tempo que eu dançava lá. Enquanto a gente ensacava as tripas da Lu, para botar no lixo de um restaurante, sugeri para ele, como se fosse sua salvação, o que já era meu plano desde o início: culpar o tal Carlos. O Vlad aceitou na hora, tinha raiva do cara, porque bimbava a Lu na maior cara dura.

— Eu teria escolhido o outro ex-patrão, Paulo, como bode expiatório. Mais forte, mais devasso, mais escuro e mais arrogante.

Vanessa mirou a arma no rosto do detetive, contrariada com a crítica:

— Cala a boca, idiota! Pensa, gordo otário! O Carlos era o bode expiatório ideal. Ele ia toda hora na boate e tinha um rolo antigo com a Lu. E aquele tique, de segurar o queixo das mulheres quando ficava irritado, era coisa de maluco estripador. Quando vi, na boate, ele segurando o queixo da Lu daquele jeito, sabia que era o pato perfeito para quando eu acabasse com a cachorra.

“Eu sabia!”, pensou Andrade, parabenizando-se, ao constatar que seu instinto não falhara: Carlos havia mentido ao negar seu envolvimento com Lu.

— Tava tudo perfeito. Se a polícia fosse inteligente prendia o Carlos, se fosse burra, eu matava o Vlad e ficava tudo na conta da gangue.

Andrade desdenhou da observação, com um murmúrio:

— Eu prefiro começar prendendo os cúmplices.

— Você nunca me pegaria se a Bernadete não tivesse o olho mais gordo do que aquela barriga imensa. A idiota queria ficar com o negócio da Lu e veio me dizer que eu podia trabalhar com ela. Imagina, eu, trabalhando pra ela?

— Uma baleia de cativeiro dando ordens para uma orca assassina? Nem pensar — ironizou ele.

Vanessa apontou a arma com raiva. Depois relaxou e deu continuidade a seu relato:

— Dei pinta que aceitava pra ter tempo de encomendar um paletó de madeira no tamanho dela, GG. Mas a porcalhona decidiu que ia dizer à polícia que o Vlad

era o pai do filho da Lu, porque devia isso a Lu, amiga de infância, blá, blá, blá. Eu não queria a polícia na cola do Vlad por causa disso, iam acabar fuxicando minha vida. Então, tive que me livrar dela mais cedo do que pensava. A cidade até ficou mais leve sem a gorducha, você não achou?

— Toda tragédia moderna não passa de gente ordinária copiando Shakespeare — filosofou o detetive, imperturbável. — Como se livrou dela?

Ela bateu de leve com o cano na própria testa.

— Eu tenho cabeça. Sabia que era o dia da Bernadete pegar o sobretudo do patrão na lavanderia e fiz de amigona, indo junto. Quando a tonta distraiu, tasquei o cabelo dela no bolso do casacão. A prova final, né, pra botar o tal Carlos no xilindró.

Um movimento contido, cerrando as mãos, foi a celebração de Andrade a mais um acerto seu. Como supunha, Vanessa havia plantado o fio de cabelo de Bernadete após as duas pegarem o paletó na lavanderia. Inflou o peito, orgulhoso por seu poder dedutivo, que não parecia ter fim.

— Só não contava com minha perspicácia de defender Carlos sugerindo que o fio podia ter sido transferido para o sobretudo quando ele foi colocado no armário pela Bernadete — mentiu descarada e gratuitamente Andrade.

— Como eu ia imaginar que alguém acreditaria numa idiotice dessas? O que seria mais provável? Cair um fio de cabelo quando Bernadete estivesse arrumando o sobretudo no armário ou quando Carlos a estivesse carregando desacordada?

— E como você a matou?

— De tarde, apareci de surpresa quando ela saía do prédio dos patrões e convidei ela pra passear. Paramos no meio do caminho, num jardim, para alimentar os pombos e comer uma bandejinha de doces que eu tinha levado pra fazer ela apagar. Depois que ela ficou meio zonza, foi só levar abraçadinha até o carro. Quando ela apagou de vez, dirigi até o lugar da desova, o Parque Monsanto. Lá, enfiei a faca e dei um trato no corpo pra ficar parecido com o da Lu.

— Exatamente como eu pensava: uma brutalidade sem sentido, para parecer necessária, só poderia ser desnecessária.

Ela se quedou, pensativa.

— Acho que exagerei a inteligência de vocês.

Ofendido, o detetive a questionou duramente:

— Acabou?

— Eu gosto do Tonho. Aquele jeitinho de medo de tudo me completa, sabe? Se, de repente, ele der de pensar em besteira, aí vou ter que me livrar dele. Até lá, vou deixar o menino por aqui mais um tempo. Então... acho que só acabou para você.

Com o cano da arma grudado à barriga dele, Vanessa empurrou Andrade para o sofá. Fez uma cara de desprezo, antes de indagar:

— Vocês, policiais, são mesmo idiotas. Por que não foram atrás do Carlos, depois que eu te dei a dica do que havia entre a Lu e ele? Era só perguntar por eles ao pessoal da boate. Iam descobrir o caso dos dois, deduzir que ele tinha esvaziado a Lu para esconder o filho e trucidado a Bernadete porque chantageava ele. Pronto, caso encerrado.

A descrição dela, que coincidia em todos os pontos com a teoria inicial de Andrade, deixou o detetive envergonhado por um momento. Um momento apenas, em que chegou a duvidar de si mesmo. Rapidamente, afastou a ideia absurda, recompondo-se. A teoria inicial fora apenas uma etapa do árduo caminho que o levava à verdade. Satisfeito com o restabelecimento de sua real estatura, o detetive sorriu:

— Para seu azar, a morte de Vlad selou a boca de todos ligados à boate. Não houve quem quisesse testemunhar nada. E Carlos tinha álibis fortes — completou, lembrando novamente que Carlos mentira sobre seu envolvimento com Lu. — Se tivessem provado a ligação dele com você, talvez... talvez seu plano tivesse funcionado.

— Bando de cagões — ela praguejou com ódio.

— Se isso a deixa mais feliz, fique sabendo que mesmo que todos cumprissem à risca seu plano, nem assim você não enganaria uma mente de exceção como a minha. Cedo percebi que as pistas, depois de deduções lógicas, levavam a becos sem saída. E isso, minha cara, a denunciava. Felizmente, para a lei, o raciocínio

utilizado por mim não é daqueles que se aprende em escola pública. Não se culpe por isso.

Com o rosto crispado, Vanessa pegou uma almofada e pressionou o cano da arma contra ela, num silenciador improvisado.

— Tenho medo da bala entalar na sua banha e não chegar onde deve — disse, rindo.

Um ruído de ar, vindo de trás, ainda fez com que Vanessa tentasse se virar, mas uma pancada em sua mão lançou a arma ao chão. Surpreendida, deparou-se com Lurdes em posição de luta. Com um grito, lançou-se sobre a inspetora, rolando com ela pelo chão. Mais pesada, conseguiu montá-la, resistindo, na loucura, às cuteladas desferidas pela policial. Andrade levantou-se do sofá e pegou o revólver, observando, divertido, a luta encarniçada. Vanessa havia agarrado a cabeça de Lurdes e tentava batê-la contra o piso. Afinal, a inspetora acertou o rosto da assassina, com um golpe lateral, derrubando-a. As duas se puseram de pé. Vanessa tornou a lançar-se contra Lurdes, mas recebeu um pontapé que a curvou, na posição ideal para que a inspetora lançasse o outro pé contra seus peitos. Ela desabou à frente do detetive.

— Exagerei, chefe? — indagou a inspetora, preocupada, ajoelhando-se para examinar a criminosa.

— Na dúvida, se recomenda o excesso, inspetora — rugiu o detetive.

O telefonema de Lurdes para Dora fez com que ela chegasse ao apartamento pouco tempo depois. Entregaram a mulher, desfigurada pelo ódio, à agente portuguesa. Estava imobilizada com uma algema peluda, comprada numa *sex shop* próxima durante a tarde. Junto com Vanessa, Lurdes entregou a Dora o vídeo que continha toda a confissão. Três câmeras disfarçadas haviam sido preparadas pelo detetive para capturar o diálogo entre Vanessa e ele de vários ângulos. Nesse momento, o celular da inspetora portuguesa tocou e ela conversou rapidamente com o interlocutor. Desligando, encarou o detetive:

— Falei com meus colegas. A viatura está lá embaixo, aguardando. Eu acho... eu devo-lhe um pedido de desculpas. Por... tudo.

De sua voz emanava um apelo sincero. Andrade, magnânimo, concedeu o perdão que aqueles lindos olhos pareciam implorar.

— Não foi culpa sua. As parcas evidências me obrigaram a manobras diversionistas que enganassem a criminosa. Andei sobre o abismo para coligir provas que muitos julgariam impossíveis de obter. O descrédito, a senhorita vai descobrir com a experiência de vida que hoje lhe falta, persegue aqueles que não se curvam aos ditames da conveniência. Jamais receie abraçar métodos que dão resultados... ou corpos que dão prazer — acrescentou com um sorriso maroto.

Ela rompeu o embaraço com um convite:

— Talvez o senhor pudesse preparar uma comunicação sobre sua metodologia de investigação no próximo Congresso Lusófono de Investigação Criminal.

O detetive respondeu com outro:

— Se um dia quiser conhecer o resultado das aventuras portuguesas cruzando o Atlântico, de tudo o que foi perdido e conquistado, será bem-vinda ao Rio de Janeiro. Terá lá a minha proteção pessoal. Como deve saber, o país acabou com os índios, mas continua habitado por selvagens.

Uma pausa longa marcou a importância do que ele tinha a acrescentar.

— E quanto à minha palestra, minha cara inspetora Dora, já tenho um título: A Ciência Forense como Instrumento da Impunidade Criminal.

Ela aprovou o título com um sorriso cortês. Não havia propriamente afeto na expressão, mas, sim, respeito pelas conquistas do policial brasileiro.

— Ah, o inspetor-chefe Oliveira me pediu que o convidasse para jantar amanhã, na morada dele.

Andrade esgarçou a boca, envaidecido.

— Estarei lá, apesar da agenda cheia que prevejo para os últimos momentos na cidade luz.

— Não é Paris, chefe? - corrigiu Lurdes, dando um risinho.

Sem responder, ele girou o corpanzil e pisou firme na direção da saída.

O INSPETOR-CHEFE Oliveira aguardava a chegada dos policiais brasileiros com crescente inquietação. Apesar dos apelos da mulher, Leonor, uma simpática e assertiva companheira, incansável na tentativa de livrá-lo das agruras da profissão, não conseguia se afastar da porta por muito tempo. No instante em que a campainha tocou, a sensação de que convidava o desastre para dentro de casa o tomou de vez.

Com a porta aberta, tinha diante dele a figura que tanto dissabor lhe causara em toda a investigação. O detetive Andrade, trajado como um montanhês: botas acolchoadas, japona escura, camisa de flanela e boné com protetores de ouvido, o saudou com um grunhido satisfeito, seguido pela risonha inspetora Lurdes. Como alguém tão contente podia se submeter à gestão rude e mesquinha de um chefe como aquele, era o que se perguntava, enquanto os conduzia para dentro da sala ampla, na direção do conjunto de sofá e poltronas, separadas por uma mesa de centro. Numa das laterais da sala social, se divisava a sala de jantar, por onde entrou Leonor, carregando uma bandeja com quatro cálices de ginjinha. Andrade se adiantou, assumindo a bandeja, com delicadeza.

— Obrigada — disse Leonor, encantada com a gentileza.

Entregando a bandeja a Lurdes, o detetive inclinou-se, tomando a mão de Leonor:

— Um prazer genuíno, senhora — disse, beijando a mão dela. — Muito obrigado pelo convite.

Incomodado com a acolhida aos rapapés do detetive, Oliveira interveio:

— Leonor, apresento o detetive Andrade e sua assistente, senhora Lurdes.

Em resposta a um estalar de dedos de Andrade, ensaiado várias vezes, Lurdes lhe passou um buquê de rosas que entregou à esposa de Oliveira.

— Oh, tamanha gentileza! Muito obrigado a vocês e parabéns pelo belo trabalho policial. Vamos, por favor, sentarmos.

Os três atenderam a seu comando e ela ergueu um cálice, seguida pelos demais:

— Ao merecido sucesso de vocês!

Os outros ergueram seus cálices e beberam.

— Mas, se me dão licença um momento, a cozinha precisa de mim.

Lurdes se levantou, animada.

— Eu vou ajudá-la.

A sós com Oliveira, O detetive passeou o olhar pela sala social. O exame terminou com o lábio superior cedendo nos cantos enquanto o inferior inflava, em efusiva admiração.

— Belo espaço tem aqui. No Brasil, um policial tem que escolher entre a defesa da sociedade e a do próprio bolso. A não ser que seja herança de família.

— De fato, essa casa foi dos pais de Leonor — revelou constrangido.

— No meu caso, Marta, minha mulher, era alta funcionária pública. Na área jurídica — concluiu como se explicasse tudo.

— Pena que ela não tenha vindo consigo.

— Ela descansa em paz. Não seria bom incomodá-la — a tentativa de humor embarçou Oliveira.

— Sinto muito.

— Não seja por isso. Já foi há muito tempo.

— Como ela morreu, se me permite?

— Atropelada por um jovem bêbado que, depois, conseguiu fugir para a Europa. Deve voltar para a herança dos pais quando o crime estiver prescrito.

— A impunidade é revoltante — compadeceu-se Oliveira.

— O que me consola é que ela era devota de Nossa Senhora de Fátima e deve ter morrido pensando no paraíso.

— O senhor é religioso?

— Se “acreditar que o mal existe” conta para isso...

Oliveira olhou de relance na direção da cozinha, desejando ardentemente que as mulheres retornassem.

— Bem, de todo modo, em nome da justiça portuguesa, me cabe registrar um agradecimento a seu trabalho.

Andrade pareceu sair do transe a que as memórias da mulher falecida o haviam remetido. Seus olhos ganharam vivacidade e uma certa dureza.

— Compreendo o remorso que deve estar sentindo, Oliveira. Mas fique tranquilo, não guardo rancor pela maneira como fui tratado. Toda investigação que conduzo esbarra na incompreensão dos meus métodos e nas forças que buscam manter a verdade amordaçada.

— Desculpe, mas creio que não me fiz entender. Continuo a defender frontalmente as leis e os direitos humanos. Não se pode tratar as pessoas da forma que o senhor faz, intimidando-as... especialmente as pessoas mais humildes.

Um ar de troça cruzou a fisionomia de Andrade.

— Bobagem. Pobre é intimidado até como cliente de shopping center, por que não seria como suspeito de um crime. E rico precisa ser intimidado porque está acostumado a pensar que a lei é só para os pobres. Meu caro Oliveira, ou você aprende a lição que o destino lhe ofereceu com a minha presença ou...

Os dois foram interrompidos pelo barulhento retorno de Lurdes e Leonor, trazendo o bacalhau e os acompanhamentos. Vinham rindo, com um ar de felicidade que imediatamente tomou conta da conversa. Durante o jantar foram elas a dominar a mesa. Lurdes, pela primeira vez, viu-se ao lado do detetive, como centro de atenções. Com o incentivo dado pelo silêncio de Andrade, descreveu as várias etapas da investigação, sem esconder os erros e maus-passos. Leonor queria saber de tudo, já que, em geral, seu marido dificilmente partilhava com ela os detalhes de um processo investigatório. Seguiu-se um momento de nostalgia, quando a inspetora brasileira recordou sua avó portuguesa. Compararam a forma com que foram educadas, como se os homens não estivessem presentes. Oliveira e Andrade acompanharam a formação daquela amizade como meros observadores.

Para acompanhar os doces, uma sucessão de licores, trazidos pelo inspetor-chefe de um armário baixo escondido num canto da sala.

Por fim, Oliveira os levou à porta. Quando os brasileiros partiam, ele deteve Andrade com um toque no ombro e o encarou taciturno:

— Ou?

Andrade sorriu complacente.

— Ou deixamos tudo como está.

— Como?

— As ovelhas sendo devoradas por lobos.

Após um breve silêncio, formou-se no olhar de Oliveira um sinal de entendimento. Ele estendeu a mão ao detetive. Apertaram ambos com vigor, se não como expressão de identidade de pensamento, ao menos com o respeito que diferentes convicções merecem.

A REPERCUSSÃO do caso na imprensa brasileira e na portuguesa fora explosiva. Telejornais haviam obtido trechos do vídeo, vazados por exigência de Andrade, fazendo valer o compromisso assumido pelo inspetor-chefe Oliveira, de lhe dar o devido crédito pela solução do caso.

A turma do shopping que estava reunida para ouvir suas explicações tinha sentimentos diversos. Dirceu, o subsíndico, estava tão entusiasmado quanto na véspera da Copa de 50; Walberto, o porteiro-chefe, roía as unhas, aflito; e Janete, sua mulher, amaldiçoava o destino que concedera ao policial paquidérmico mais um imerecido sucesso. “Policial brasileiro, em conjunto com a Polícia Judiciária, desbarata rede de escravas sexuais e desvenda os crimes do estripador lisboeta”. Esse era o subtítulo da manchete do jornal sensacionalista português que o detetive, de pé, esfregava na cara dos três, repetindo o gesto com outro jornal. Neste outro diário, uma foto de meia página mostrava Vanessa caída aos pés de Andrade, com a legenda: “Estripadora brasileira cai por terra diante do famoso investigador”.

Um exemplar de cada jornal havia sido gentilmente colocado nos assentos das cadeiras de plástico da sala da administração do shopping Princesinha do Mar. Dirceu não escondia a euforia:

— O nome do Brasil está de pé novamente, depois dos fiascos das Copas em território nacional. Graças ao senhor, detetive Andrade. Não sentia tamanho orgulho cívico desde a época em que lecionava História no Pedro II e começava as aulas ao som do Hino Nacional.

Sem se entregar à falsa modéstia, o detetive concordou com serenidade olímpica. O presidente da República havia ligado pela manhã para agradecer, em nome do país.

— Me desculpem o atraso. Estava atendendo o presidente da República.

— Imagine — protestou Dirceu, empolgado —, o presidente da República ligar para o nosso amigo aqui é uma honra para o bairro, a cidade... o continente

inteiro — exclamou, empolgado. — Mas precisamos saber dos detalhes.

— A furadora de gente enfeitiçava só de olhar? — perguntou Walberto.

— Enfeitiçou um bandido cigano, me perdoe o pleonasmo. Mas errou feio ao tentar manipular um investigador com a minha estatura. A cada conversa, melhor dizendo, a cada assédio com que buscava me lançar na direção de falsas conclusões, eu respondia com uma nova descoberta que a incriminava. Lentamente, com o cuidado que me caracteriza, eu tecia a teia com que, magistralmente, a envolvi. Enrolava a corda com que, sabiamente, a enforquei... — parou, tomando ar para continuar.

— Diz no jornal que uns brasileiros processaram a polícia portuguesa por falsa acusação — cortou Janete, incomodada com a cena.

De fôlego renovado, o detetive respondeu com franco sarcasmo:

— Um comerciante de serviços de escravas brancas, casado com uma drogada, educando um transviado, beneficiados pela política de imigração sem filtros adotada pelo país coirmão. Este e outros compatriotas de vocês fizeram tudo para criar obstáculos à produção de provas contra a criminosa. A própria vida deles boiava no mar de lama onde a crocodila nadava de braçadas. Não pense a senhora Janete que a sordidez é privilégio dos estratos inferiores da população.

Um sorriso condescendente substituiu a expressão dura e Andrade disse ainda:

— Desculpe pela digressão complicada, mas o relato que vou fazer guarda funda semelhança com a obra Otelo, do bardo de Stratford. É uma história de perfídia, ciúme, sangue e traição que foge do original inglês ao inverter o sexo de personagens e transferir o drama para uma ordinária comunidade brasileira de Lisboa.

Com uma girada pela plateia de três, o detetive pôs em relevo a importância do que diria. Continuou:

— Prestem atenção. Ao contrário da trama simples do inglês, feita para o entendimento das camadas mais obtusas da sociedade, esta é intrincada, formada pelo cruzamento de vidas mesquinhas, pessoas dilaceradas e desejos impossíveis, remoídos por mentes torpes que, para ser compreendida, tomou de minha mente privilegiada mais...

— A história vai andar? — reclamou Janete, cortando a fala do detetive. — Tá parecendo novela.

Dirceu arregalou os olhos, temendo o pior. Andrade mastigou os lábios, sentindo a saliva amarga escoar pela garganta.

— Vou atender a senhora. Espero que, ao final do relato, aprenda a conter suas vontades dentro do limite de suas capacidades — respondeu, estreitando dois dedos, para mostrar um espaço mínimo.

Janete foi segurada pelo marido, de um lado, e Dirceu, de outro. Enquanto se debatia, o detetive prosseguiu:

— Veja só o que pode acontecer quando não se percebe a magnitude do adversário que se tem pela frente — disse, fixando o cenho franzido em Janete. — Para engano da assassina, apenas fingi embarcar na ideia de que um brasileiro havia matado Lucicléia por causa do filho bastardo que levava no ventre. Se esse fosse um motivo para homicídios, a taxa de natalidade brasileira estaria em níveis civilizados. Não, espalhar seu pólen contaminado em belas flores de jardins baldios é comum no brasileiro abonado. Usando a razão inconsciente, a freudiana, deduzi, de imediato, que Vlad, o dono da boate onde Lu iniciara sua carreira como dama do loteação, era um vagabundo cruel, mas tribal, como manda a genética cigana. Assim, jamais privaria o planeta do legado insignificante oriundo de sua semente reles. Dediquei-me, então, à primeira etapa: desbaratar a quadrilha de Vlad, o cúmplice shakespeariano da verdadeira assassina, e dar por findo seu reino de terror para as jovens “sexorientadas” por aspirações artísticas infundadas. Antes que o pegássemos, no entanto, a assassina deu cabo de sua vida.

— Tá no fim? — perguntou Janete, segura por um braço, enquanto beliscava Walberto com o outro.

— A primeira parte, sim. Minha missão estava cumprida. A vítima fora vingada com a eliminação de um cúmplice do seu assassinato. A verdade, confesso, é que, apesar de saber que estava deixando em liberdade o assassino principal, havia dois pontos a considerar. A vítima não valia grande coisa e a sociedade tinha para com o assassino uma dívida de honra: ter afastado o cigano Vlad do

nosso convívio. Premido pela necessidade de manter os níveis de selvageria da nossa cidade abaixo do nível africano, retornei ao Brasil.

— Como? — questionou Dirceu. — Uma assassina precisa ser julgada.

— O senhor está esquecendo a figura para-legal do “justiçamento premiado”, professor. Uma extensão, no universo policial, do instituto jurídico da delação premiada. Foi com base nela que dei por finalizado o caso de Lu e retornei ao Brasil. A assassina voltou a matar e com isso, perdeu o benefício que eu lhe outorgara. A segunda vítima, Bernadete, a herdeira das faxinas da Lu, era, a despeito da mediocridade, um elemento social positivo, dedicado a uma atividade menor, mas complementar à da polícia: cuidar das residências, assim como cuidamos das ruas. Eu jamais deixaria uma assassina impune de um crime contra um ser humano decente. Com a polícia portuguesa perdida, tive que retornar a Lisboa e terminar a tarefa.

— Ela matou a gorducha para tirar a concorrência da praça? — perguntou Walberto.

— Não. Matou a boluda porque Bernadete sabia que o filho que Lu carregava era de Vlad e não do brasileiro, Carlos, como ela queria que eu pensasse. Uma morte necessária, que obrigou a assassina a intensificar sua ação para incriminar o brasileiro, plantando provas e agindo junto a este que vos fala para conduzir as investigações na direção errada. Foi seu erro fatal.

— Maldita! — bradou Walberto, largando Janete.

— Isso não acaba? — reclamou Janete.

— Já podia ter acabado, se a barraqueira não atrapalhasse — reagiu o detetive, fuzilando a mulher do porteiro com os olhos. — O que se seguiu foram novas tentativas desesperadas da criminosa de desviar a lei de seu caminho, usando todos os métodos de sedução do arsenal crimínofeminista.

— Teve "fuck fuck"? — animou-se Walberto, para retrair-se em seguida, ao sentir as unhas de Janete perfurando sua pele.

O ar cafajeste de Andrade não deixou espaço a dúvidas.

Dirceu ergueu, resoluto, uma taça ausente.

— Um brinde a um brasileiro que tem o mundo a seus pés. Um Santos Dumont da criminologia.

— Obrigado, bom amigo. De fato, chegou à minha mesa um convite para uma reunião na Secretaria de Segurança. O interlocutor é nada mais nada menos que a Interpol.

— Será um convite? — preocupou-se Dirceu. — O país não pode perdê-lo.

— Jamais renunciaria à minha nacionalidade. Mas não seria justo me furtar a dar a mão a um mundo em dificuldades.

— O senhor está certo — concordou Dirceu, envergonhado do próprio egoísmo. De súbito, ergueu-se da cadeira para um brinde. — Viva o detetive Andrade, ponta de lança brasileiro no escrete mundial de combate ao crime.

Janete revirou os olhos, enojada e simulou vomitar.

A noite foi dedicada à reconciliação com Suely. Os olhos verdes artificiais cintilavam de vontade. Não deu tempo para ela levar a sacola com compras à cozinha e se atracaram na sala mesmo. Depois de consumado o ato duas vezes, viram, agarradinhos, o último capítulo da novela e partiram para um jantar regado a vinho português requintado, que o embaixador em Lisboa havia enviado ao detetive, em agradecimento pela ausência de menção dos serviços diplomáticos no relatório final da investigação.

— Um brinde à minha amada. Única carne que não canso de consumir. E que me consome se faltar.

Ergueram um brinde. Contudo, a secura de Suely exigiu uma nova rodada de amassos, antes de terminarem a segunda garrafa. No fim dos trabalhos, comovido pelas declarações da quase namorada, o detetive confessou:

— Você me ajudou muito.

— Como, ursão?

— Quando disse que Jesus também tinha errado. Eu tinha pensado nisso antes também. Foi, como dizem os físicos e os filósofos, uma sincronicidade.

— É quando dois é quase um — confirmou Suely, esfregando o pescoço em Andrade.

— Mais ou menos. Mas percebi que só podia me enganar se uma mão de Judas estivesse induzindo meu cérebro na direção errada. Uma máquina tão poderosa

quanto essa — indicou a própria cabeça — nunca erraria sozinha. E tinha que ser a mão de alguém muito próximo.

Suely levantou a cara da barriga dele e fitou Andrade. Um olhar perigoso toldou a expressão de contentamento que antes a coloria.

— E tu era tão próximo assim daquela vadia?



Licenciado em regime de Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada (CC BY-NC-SA 3.0). Os leitores são livres para compartilhar, desde que creditem os autores e a fonte original e que não usem para fins comerciais.

Revisão Carla Monteiro
Preparação de texto Kathia Ferreira

A morte visita Lisboa : Fernando Perdigão – Rio de Janeiro : Livros de Criação : Íma editorial, 2019

ISBN 978-95-54946-15-9

1. Romance Brasileiro. I. Título

CDD B869.93
CDD B821.134.3(81)-3



Íma Editorial | Livros de Criação
www.imaeditorial.com



Licenciado em regime de Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada (CC BY-NC-SA 3.0). Os leitores são livres para compartilhar, desde que creditem os autores e a fonte original e que não usem para fins comerciais.

Revisão Carla Monteiro
Preparação de texto Kathia Ferreira

A morte visita Lisboa : Fernando Perdigão – Rio de Janeiro : Livros de Criação : Ímã editorial, 2019

ISBN 978-85-54946-15-9

1. Romance Brasileiro. I. Título

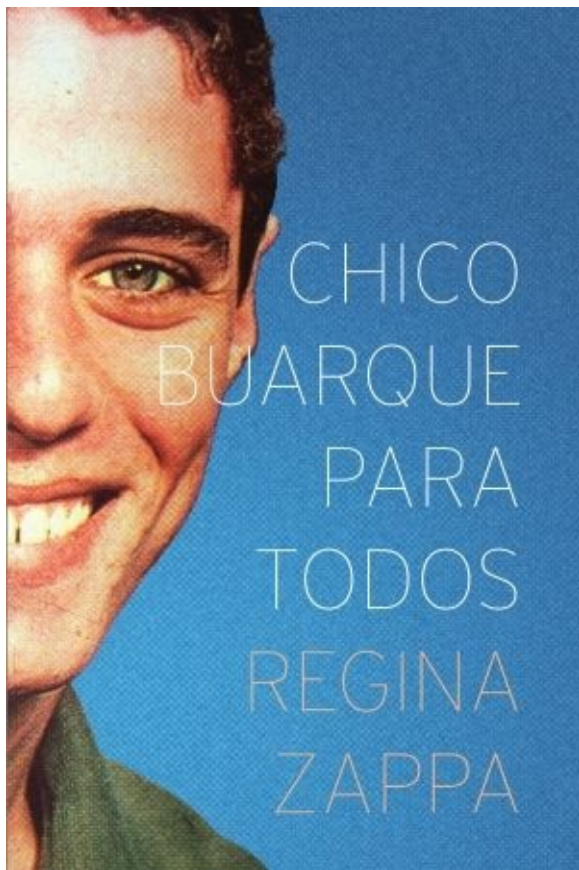
CDD B869.93
CDD B821.134.3(81)-3



Ímã Editorial | Livros de Criação
www.imaeditorial.com

Sumário

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [Créditos](#)



Chico Buarque Para Todos

Zappa, Regina

9788561012717

216 páginas

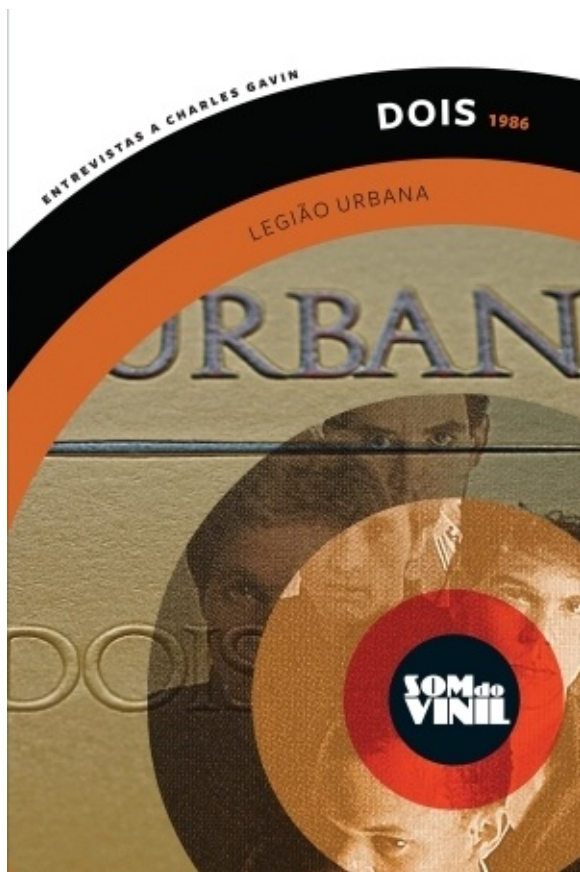
[Compre agora e leia](#)

O primeiro perfil biográfico de um dos maiores criadores brasileiros.

"Era a primeira vez, em 1999, que Chico Buarque concordava em

falar longamente sobre sua vida e sua carreira com a finalidade de publicar em livro a sua história. Foram muitas horas de conversas, caminhadas, idas aos bastidores dos shows, ao campo de futebol, encontros com amigos, parceiros, familiares. Das conversas surgiu um Chico humano, moleque, inteligente, cercado pelo mistério da criação. O menino travesso e o jovem romântico. O adulto em seus momentos de criação e turbulência. Mas é, sobretudo, o Chico artista, cantor e compositor, que está retratado neste perfil. Um Chico admirado e idolatrado que permanecia, até então, misterioso."

[Compre agora e leia](#)



Legião Urbana, Dois

Gavin, Charles

9788561012649

100 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antigos fantasmas permaneciam encastelados em Brasília. Em meados dos anos 1980, vivíamos sob a ameaça de uma distopia que se

eguia com autoridade... Naquele ambiente, poucas bandas do BRock tiveram uma visão tão lúcida quanto a Legião Urbana. Corajosa, poética e visceral, sua música capturou com precisão os anseios e contradições daquela geração — e das que viriam depois. Lançado em julho de 1986, o segundo LP, intitulado simplesmente "Dois", invadiu as rádios do país e foi totalmente abraçado pelo público. Era, porém, um sucesso diferente, onde canções íntimas se revezavam com a verbe politizada da Legião. Dois tornaria-se um dos discos mais relevantes da história do rock brasileiro. — Charles Gavin

[Compre agora e leia](#)



Lô Borges e Milton Nascimento, Clube da Esquina

Gavin, Charles

9788564528680

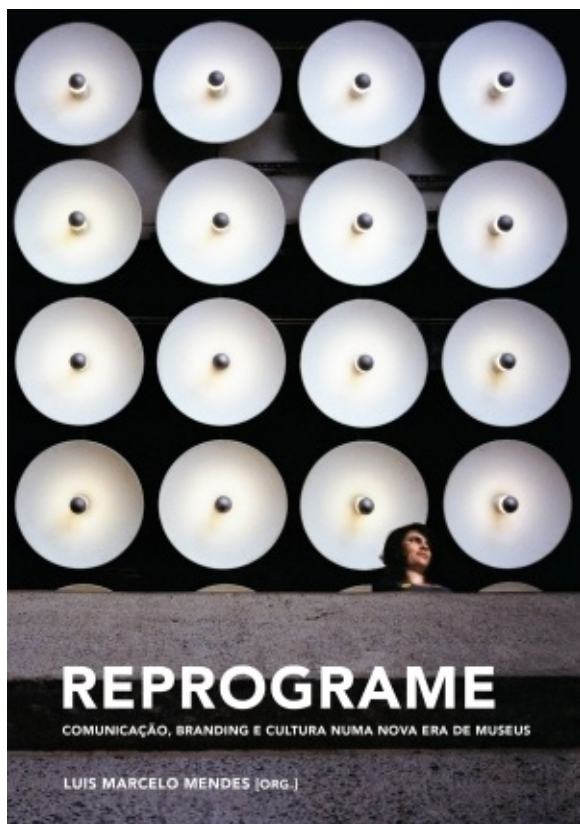
96 páginas

[Compre agora e leia](#)

A íntegra das entrevistas de Lô Borges e Milton Nascimento para

Charles Gavin, do Som do Vinil, sobre suas carreiras e um dos mais emblemáticos discos brasileiros: Clube da Esquina (EMI, 1972). "A proposta deixou o departamento artístico da Odeon desnorteado: a realização de um disco de um grande astro de seu cast com um jovem desconhecido, de apenas 17 anos, chamado Lô Borges. Felizmente o projeto foi adiante... Produzido por Milton Nascimento e Ronaldo Bastos e gravado artesanalmente nos estúdios da Odeon, no Rio de Janeiro, por um super time (Milton, Lô, Beto Guedes, Toninho Horta, Wagner Tiso, Nelson Ângelo, Tavito, Luiz Alves, Robertinho Silva, Rubinho, Paulinho Braga, Alaíde Costa, Gonzaguinha, Paulo Moura e Eumir Deodato), o álbum Clube da Esquina é uma das obras mais consistentes, atemporais e determinantes da música brasileira. Permanece como marco cultural e artístico, tendo influenciando roqueiros, jazzistas e mpbistas desde seu lançamento, em 1972, até hoje." Charles Gavin

[Compre agora e leia](#)



Reprograme

Stolarski, André

9788564528499

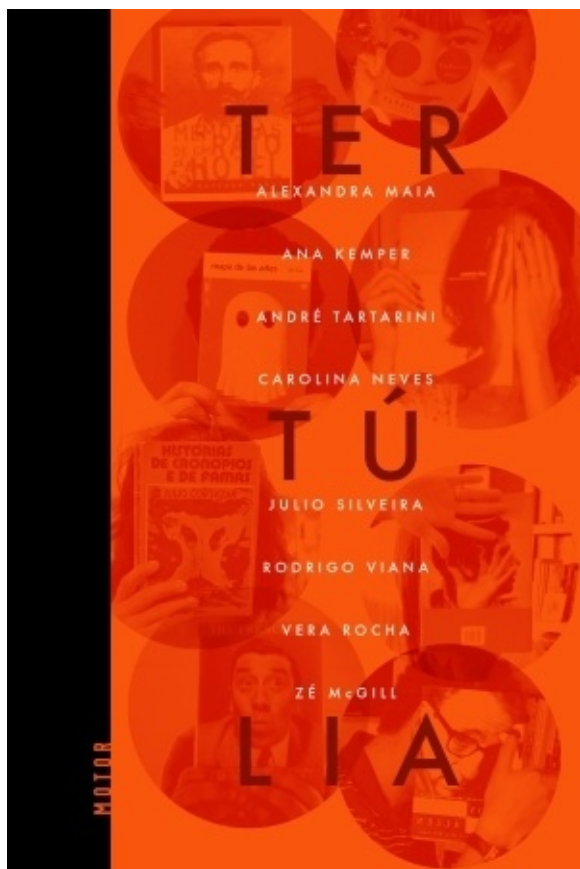
240 páginas

[Compre agora e leia](#)

REPROGRAME apresenta uma seleção dos mais interessantes artigos, entrevistas e palestras sobre práticas de excelência na comunicação de museus nos últimos anos, incluindo textos de Adriana

Costa, André Stolarski, Elizabeth Merritt, Lori Byrd Phillips, Marcus Faustini, Nina Simon e Robert Jones, entre outros. Um convite aos profissionais para reprogramarem sua formação e refletirem sobre o futuro dos museus.

[Compre agora e leia](#)



Tertúlia

Silveira, Julio

9788564528154

180 páginas

[Compre agora e leia](#)

Desde 2009, um grupo de escritores se reúne para conversar sobre os prazeres da narrativa e celebrar a amizade. As melhores histórias,

compartilhadas nessas tertúlias, foram reunidas pelo grupo nesta edição. "Penso que esta reunião de momentos-escritos é uma dessas celebrações, onde as urgências, as amizades, as permutas, são aqui entregues em formato de livro." — Ondjaki.

[Compre agora e leia](#)